



Aquela noite **no HOTEL**

Rebecca B. 💜



AQUELA NOITE NO HOTEL

Rebecca B.

Copyright © 2023 Rebecca B.

All rights reserved

The characters and events portrayed in this book are fictitious. Any similarity to real persons, living or dead, is coincidental and not intended by the author.

No part of this book may be reproduced, or stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without express written permission of the publisher.

PRÓLOGO

- Você precisa de ajuda?

Essas foram as primeiras palavras que ele me disse. Eu estava na calçada tirando minhas malas de um táxi e ele estava terminando de atravessar a rua e vindo na minha direção. À primeira vista, eu não pensei nada sobre a sua aparência. Ele era apenas alguns centímetros mais alto do que eu, seus olhos eram escuros e seu cabelo mais ainda. No geral, ele não era o tipo de cara que você imediatamente descreveria como bonito, mas qualquer um poderia ver que ele era charmoso.

Ele também parecia ter mais ou menos a minha idade e seu sorriso era amigável. Era o mesmo sorriso que me faria sorrir nos próximos meses, mas eu não sabia disso naquele momento, é claro.

Eu estava em Londres para um estágio em um laboratório de pesquisa no Instituto de Pesquisa de Câncer, mas originalmente eu morava em Toronto com os meus pais e onde eu estava me formando em bioquímica. Eu precisava apenas de mais um estágio para completar a minha carga horária e resolvi me aventurar fora do país por um tempo. Acabei conseguindo esse estágio de 1 ano em Londres, então me mudei sem hesitar. O único problema era o valor do aluguel. Eu não fazia ideia de como eu conseguiria arranjar um apartamento minimamente decente que não exigisse que eu ficasse 2 horas por dia no metrô e que também não exigisse que eu vendesse meus órgãos para pagar o aluguel.

Felizmente, para mim, a filha de um amigo dos meus pais deveria ter se mudado para Londres após se formar na universidade, mas isso não aconteceu. Pelo que eu fiquei sabendo, ela conheceu um cara e fugiu com ele - eu nem sabia que as pessoas ainda faziam isso. Por isso, o apartamento que esse amigo dos meus pais comprou estava vazio e ele concordou em cobrar um aluguel bem mais sensato para mim. Se não fosse por isso, eu provavelmente teria que me contentar com algo na Zona 4 ou 5. Mas esse era um apartamento bem agradável em *Holborn* e decorado de maneira

moderna em tons de branco e cinza com alguns detalhes coloridos aqui e ali.

Então lá estava eu na calçada aceitando ajuda de um estranho que se tornaria não apenas meu vizinho, mas também meu amigo. E depois disso tudo eu me apaixonaria por ele.

Se você me dissesse naquela época que eu me apaixonaria pelo James, eu não teria acreditado. O principal motivo sendo que ele definitivamente não era o meu tipo. Ele era popular demais, barulhento demais, extrovertido demais e bebia demais para o meu gosto. Ele era completamente diferente de todos os caras por quem eu me costumava me sentir atraída. Se bem que, considerando meu histórico amoroso, talvez esse fosse um ponto positivo.

Meu último “relacionamento” havia sido com um cara que eu conheci no começo daquele ano na universidade. Eu acho que estava me sentindo solitária na época porque ele era muito entediante. Todas as nossas conversas de algum jeito sempre se tornavam sobre ele no final. Nós poderíamos estar conversando sobre vacas e quando eu percebia, nós já estávamos falando sobre ele, sobre como o trabalho dele era legal (não era), quantas celebridades ele conhecia (umas 2, mas ele falava tanto que pareciam 52), o quanto o chefe dele gostava dele (eu duvidava disso) e etc. Eu não sei como eu aguentei, mas eventualmente me cansei e terminei com ele. Então acho que esse “relacionamento” fracassado foi culpa minha. Eu assumo responsabilidade por ter me envolvido em algo que estava fadado ao fracasso desde o começo.

Pensando bem, acho que foi exatamente essa situação que me deixou vulnerável ao James. Ele apareceu com aquele jeito doce, carinhoso, atencioso, inteligente e engraçado e facilmente me envolveu. Ele nunca se vangloriava sobre como ele era incrível ou sobre o quanto ele ganhava. Ele fazia perguntas e se interessava pela minha vida também. Claro, olhando para trás agora tudo isso faz sentido, mas, como eu disse, na época eu não fazia ideia. Além disso, eu me considerava esperta demais para me apaixonar pelo cara charmoso e atencioso. Porém, pelo jeito, James era mais esperto ainda.

Ele era inteligente, engraçado e afetuoso de verdade, mas ele também sabia ser muito egoísta e insensível. Naturalmente, não deu certo. Nós nunca tivemos um relacionamento de fato. Não foi nada disso. Para

mim foi muito mais. Eu acho que esse foi o motivo por que eu tive tanta dificuldade para superar o fim. Como você supera algo que nunca foi seu?

De qualquer forma, se eu aprendi alguma coisa com essa história toda foi o seguinte: não se apaixone por um amigo. Se você se encontrar indo nessa direção, dê meia volta e corra o mais rápido que conseguir sem olhar para trás.

Ou talvez eu devesse dizer: se você se apaixonar por um amigo, primeiro tenha certeza de que ele é seu amigo mesmo.

1.

Aeroporto Heathrow, Londres, Inglaterra

- Passageiros do voo Air Canada 859 com destino a Toronto, seu embarque é imediato.

O som da voz profunda ecoando no alto falante me faz abrir os olhos.

Eu pego minha bolsa e meu casaco e me levanto. Dezenas de pessoas estão se organizando numa fila e eu encontro o meu lugar atrás de uma mulher que parece ter a minha idade. A diferença é que ela parece ter trazido seu guarda-roupas inteiro com todas as bolsas e sacolas que está carregando. Enquanto esperamos nossa vez, ela tenta se ajeitar com a alça da bolsa no ombro, uma mochila nas costas e uma sacola amarela da *Selfridges* numa mão, e eu tento não rir.

Quando chega a vez dela, ela entrega o passaporte e a passagem, mas a atendente diz:

- Sinto muito, mas você não pode embarcar com mais de uma bagagem de mão.

- Mas quando fiz o *check in*, me disseram que não teria problema - a passageira responde.

- Sinto muito - a funcionária diz de novo com educação. - Você precisa despachar uma das suas bagagens.

- Não posso! Meu computador está na mochila e não cabe na bolsa e o que está na sacola é um presente.

- Você pode tentar transferir os itens da bolsa para a sacola - a atendente sugere.

- Não posso. Não cabe - a passageira diz, já soando irritada. - O atendente do *check in* me garantiu que eu conseguiria embarcar. A culpa não é minha e eu não tenho como juntar tudo em apenas uma bagagem de mão.

Eu percebo que aquela discussão pode demorar, então antes que a atendente consiga responder, eu decido me intrometer.

- Com licença - eu digo com cautela.

As duas mulheres se viram para mim e eu encontro o olhar da passageira. Suas bochechas estão levemente coradas e ela está respirando com força.

- Eu estou com apenas uma bolsa e nenhuma bagagem de mão. Eu posso doar minha bagagem de mão para ela? - eu ofereço.

A atendente está balançando a cabeça antes mesmo que eu consiga terminar de falar, mas a passageira se vira para ela com esperança.

- Não é assim que funciona - a atendente diz, ainda soando educada. Em contraste com a sua aparente tranquilidade, eu já estou ouvindo burburinhos e suspiros irritados dos passageiros atrás de mim

- Então eu pego uma das bagagens dela e finjo que é minha. Com licença... - eu acrescento para a passageira e pego a sacola da *Selfridges* da mão dela. Ela sorri de maneira triunfante e me entrega a sacola.

A atendente fica em silêncio por um tempo, claramente incomodada com a situação, mas ela olha para trás de mim - para a fila de passageiros irritados com a demora - e depois olha para nós de novo com um sorriso profissional.

- Tudo bem.

A passageira sorri para mim de novo antes de se virar para atendente e entregar a passagem para ela. Dessa vez, quando ela estica a mão com a passagem eu noto um anel brilhante no seu dedo anelar - uma aliança de noivado, obviamente. Eu contenho um suspiro de derrota. Para todo lugar que eu olho as pessoas estão se ajeitando. Exceto, é claro, eu, que estou constantemente presa em relacionamentos insignificantes. Nessa altura da vida eu já sei que a culpa deve ser minha. Eu apenas não sei exatamente como e não é agora que eu vou tentar descobrir. Não posso pensar nisso porque se me descuidar vou voltar a chorar e eu não aguento mais. Por hoje foi o suficiente.

Chega a minha vez, eu entrego minha passagem, a atendente a escaneia e me deixa passar.

A passageira está me esperando logo na entrada do portão. Ela sorri quando eu me aproximo.

- Obrigada...? - ela diz.

- Olívia - eu digo e entrego a sacola para ela.

- Muito obrigada, Olívia. Meu nome é Melanie - ela continua enquanto nós andamos até o avião. - De verdade, eu não sou esse tipo de

pessoa sem noção na hora de viajar, mas aconteceu um imprevisto hoje e eu precisei fazer as malas com pressa e ficou essa bagunça.

- Não se preocupe. Todos nós já passamos por isso - eu a asseguro. - Voltar para casa depois de um tempo pode ser complicado.

- É verdade, mas eu fiquei em Londres por apenas alguns dias acompanhando meu namorado... quer dizer, meu noivo. - Ela diz e eu posso ouvir o prazer em sua voz quando ela se corrige.

- Quanto tempo você ficou em Londres? - Melanie me pergunta antes que eu possa falar de novo.

- Um ano - eu respondo. - Eu estava estagiando em um laboratório no Instituto de Pesquisa de Câncer.

- Que coincidência! Eu também sou da pesquisa - ela diz, animada. - Você trabalha com o quê?

- Com cultivo de células animais, e você?

- Eu trabalho com cultivo de bactérias para produzir medicamentos biológicos.

- É mesmo? Eu quase fui para essa área, mas não sou boa na parte molecular.

- Eu não era muito boa também. Aprendi na prática - ela confessa quando nós paramos na porta do avião para esperar enquanto os passageiros na nossa frente se acomodam nos seus assentos. - Não sei se alguém entende de biologia molecular de verdade - ela acrescenta com um sussurro e nós damos risada.

- É verdade.

Nós ficamos em silêncio por um instante e eu olho para ela com mais atenção dessa vez. Seu cabelo é muito parecido com o meu, embora seja mais escuro. Na verdade, olhando melhor, nós somos muito parecidas e não só na escolha de profissão. Por um instante parece até que eu estou me olhando num espelho de “como a minha vida deveria ter sido se eu não fosse tão eu.

- Eu estou no 25F - ela diz quando nós entramos no avião.

- Eu estou do outro lado. 27A.

- Bem, então obrigada mais uma vez, Olívia. Boa viagem e boa sorte na sua pesquisa - ela diz com um sorriso. - Eu não sei com o que você está trabalhando no momento, mas na pesquisa nós sempre precisamos de um pouco de sorte.

- Você está certa. Boa sorte para você também.

- Estou precisando. Obrigada - ela diz e nós sorrimos em despedida antes de nos separarmos nos corredores do avião.

Eu vou até o meu assento e o senhor sentado no banco do corredor me dá espaço para passar. Eu me sento no meu lugar na janela e respiro fundo. Para ser sincera, eu ainda não consegui absorver a ideia de que eu estou voltando para casa. Parece que eu só estou indo viajar por alguns dias e daqui a pouco estarei em Londres de novo ouvindo James assistindo TV no apartamento ao lado.

Pensar no James me lembra do postal que ele me deu quando eu estava saindo de casa hoje mais cedo e que eu ainda não li. Então, abro minha bolsa e encontro o postal.

Eu observo o desenho artístico em preto e branco da *Tower Bridge* e sou levada novamente àquele dia quando nós estávamos andando pela *Portobello Road* e encontramos uma senhora desenhando postais de Londres. Esse da *Tower Bridge* era o meu favorito e James o comprou para mim. Eu falei - brincando - que não se presenteia postal sem escrever algo atrás e ele disse que escreveria depois. Semanas se passaram e eu achei que ele havia se esquecido disso. Eu mesma esqueci.

Fui lembrada de novo apenas essa manhã quando estava fechando minha última mala e James entrou no meu quarto segurando o postal. Ele me entregou apenas dizendo “eu escrevi uma coisa atrás” e eu o guardei na bolsa sem prestar muita atenção porque sabia que ele teria escrito algo bem genérico do tipo “eu gosto de você e vou sentir saudades”, então é isso que eu estou esperando ler quando viro o postal.

Mas o que eu vejo são linhas e linhas de palavras. Meu coração acelera e eu preciso engolir o nó que se forma na minha garganta. Eu não estou preparada para o que quer que ele tenha escrito.

Oli, nesse momento você está do outro lado da parede no seu quarto dormindo e eu estou aqui pensando em como vai ser ruim e estranho não ter mais você na porta ao lado. Esse corredor vai ficar vazio demais sem você (e bem mais silencioso também). Aliás, já sinto saudades de ouvir sua batida na minha porta, de passar horas só conversando, da sua risada, do seu abraço... de você.

Eu amo você,
James.

Eu leio o postal quatro vezes porque acho que estou imaginando coisas, mas continuo lendo as mesmas palavras todas as vezes. Eu não estava esperando que James repentinamente abrisse seu coração para mim assim porque ele nunca fez isso antes. Por que agora?

Quer dizer, é típico de homens, não é? Eles empurram você para escanteio quando você está por perto e, de repente, você não está mais e eles magicamente descobrem que te “amam.” Eu deveria ter previsto isso.

Além disso, é do James que eu estou falando. Quando você acha que já conhece todos os truques dele, quando você acha que está preparada para qualquer coisa que ele possa jogar na sua direção, ele encontra outra maneira de fazer você perder o equilíbrio.

Mesmo assim, mesmo sabendo de tudo isso, eu não consigo engolir o nó na minha garganta. Na última vez que leio o postal eu já nem estou mais enxergando as palavras porque as lágrimas estão embaçando a minha visão. Eu deixo que elas escapem e me viro para a janela para ninguém testemunhar meu momento dramático.

Depois de tudo que eu já chorei hoje, não achei que ainda existisse algo guardado, mas em poucos segundos as lágrimas estão rolando pelas minhas bochechas de novo e eu não consigo contê-las.

Eventualmente, o piloto anuncia a decolagem. Eu guardo o postal na bolsa e me ajeito no meu assento, ainda chorando um pouco. O banco ao meu lado está vazio - ainda bem - mas o senhor que está sentado no assento do corredor me lança alguns olhares curiosos quando me ouve fungar. Eu finjo que não percebo.

Então, eu apoio a cabeça no encosto e fecho os olhos para me acalmar. Na minha memória, eu vejo aquele dia que conheci o James na calçada na frente do prédio. Eu me lembro dele me ajudando a levar minhas malas até o nosso andar, da nossa conversa na escada, de como ela fluiu como se nos conhecêssemos há anos... eu me lembro de tudo e sinto saudades de quando ele era apenas um desconhecido me ajudando. Eu nunca teria imaginado...

O avião acelera e quando eu sinto que ele decolou, abro os olhos e vejo Londres ficando cada vez menor pela janela. Enquanto observo, me pego desejando ter sido possível deixar todos os meus sentimentos e minhas memórias com James lá embaixo. Assim eu poderia observar tudo isso ficando cada vez menor também até não conseguir mais enxergar nada e tudo ficaria bem. Mas, é claro, a vida não é tão simples assim. Londres vai

ficar para trás e daqui a pouco não vou mais conseguir ver nada dela, mas tudo que eu vivi nesse último ano está aqui dentro do avião comigo e me seguirá para onde eu for.

Pensar nisso me deixa um pouco preocupada e eu não estou preparada para lidar com isso ainda, então quando o avião passa por dentro de uma nuvem, eu me viro para frente, fecho os olhos de novo e tento pensar em outras coisas.

2.

Um ano antes - Londres, Inglaterra

Algumas das memórias desse último ano são mais vívidas e completas do que outras. Esse é o caso dos primeiros dias que eu conheci James. Lembro que tudo começou de maneira bem inocente - para mim pelo menos. Nós conversávamos tranquilamente e não era difícil manter o assunto fluindo. Em pouco tempo James já estava me incluindo no grupo de amigos dele e nós saíamos juntos quase todo final de semana. Dentre esses primeiros dias, o que eu mais lembro é a primeira sexta-feira.

Eu cheguei tarde e exausta em casa depois de ter passado a semana inteira aprendendo a mexer em equipamentos e entendendo a dinâmica do laboratório. Assim que eu destranquei a minha porta, a porta do apartamento ao lado do meu se abriu.

- Oi, Oli - James me cumprimentou com um bom humor que eu já sabia que era típico dele.

- Oi, James. Alguma coisa está cheirando bem - eu comentei quando uma brisa trouxe um cheiro de comida delicioso do apartamento dele.

- É meu jantar - ele disse. - Você já comeu?

- Não. Eu planejava comer agora.

- Então você está convidada. Eu tenho o suficiente para duas pessoas - ele disse com um sorriso amigável.

- Ah, eu não quero incomodar.

- Você não vai incomodar. Já está tudo pronto. Eu coloco mais um prato - James me assegurou. - Eu só vou descer para pegar uma correspondência e já subo.

Eu hesitei na porta do meu apartamento, mas decidi aceitar o convite porque estava morrendo de fome e não estava com energia para cozinhar. Além disso, James parecia tão convidativo e sincero que seria grosseria não aceitar.

- Nesse caso, tudo bem então. Obrigada - eu disse e tranquei minha porta de novo.

- Sinta-se em casa. Eu já volto.

Eu entrei no apartamento dele e a minha primeira impressão foi que era mais organizado do que eu esperava - mais organizado do que o meu inclusive. No quesito de ambiente, nossos apartamentos eram iguais. A entrada era um corredor com uma meia parede à direita (no caso do meu era à esquerda) que fazia comunicação com a cozinha. A porta do quarto ficava no final do corredor e ao lado direito havia uma sala com televisão, sofá e uma mesa com cadeiras separadas da cozinha por uma bancada.

Porém, a organização do apartamento do James não foi o que mais me surpreendeu. O que me intrigou foi que eu não encontrei sinal algum da namorada dele por perto. Eu sabia que ele tinha uma porque o *status* do *Facebook* dele dizia que sim, assim como várias fotos do *Instagram*.

Mesmo assim, não havia uma única foto com ela no apartamento e nem objetos que poderiam ser femininos ou que acusavam a presença frequente de uma mulher. Talvez eles fossem um casal muito independente e discreto. Ou talvez as evidências da presença dela estivessem no quarto. De qualquer forma, eu me senti segura me aproximando do James justamente porque ele tinha uma namorada. Eu achei que por estar comprometido, ele não teria outras intenções comigo. Se ele fosse solteiro, as coisas teriam sido diferentes. Eu teria entendido as intenções dele logo no começo e teria me protegido muito mais.

Eu estava distraída absorvendo os detalhes do apartamento dele e não o ouvi chegando. Só me dei conta que ele já havia voltado quando ele perguntou:

- Encontrou alguma coisa interessante?

Eu me assustei e me virei. James estava pegando pratos de um armário.

- Desculpa - eu disse e senti minhas bochechas corando de vergonha por ter sido pega em flagrante. Por sorte, quando eu me virei vi uma foto da família dele perto da TV. - É o seu irmão naquela foto?

- É sim - ele respondeu enquanto colocava os pratos na mesa. - Entrou na adolescência agora e está dando dor de cabeça para os meus pais.

- Ah, claro - eu concordei quando nos sentamos à mesa. - Como todos nós nessa fase.

- Nem tanto. Eu não fui esse adolescente chato que ele está se tornando - James se defendeu e me serviu de um pouco de peixe.

- Eu também olho para os adolescentes de hoje e não quero acreditar que fui assim um dia, mas a verdade é que eu provavelmente fui - eu disse e James deu risada.

- Talvez - ele concordou. - Mas meus pais estão planejando vir me visitar com ele para ver se eu consigo fazer alguma coisa. Então quando vocês se conhecerem você me conta se você foi daquele jeito - ele brinca, mas no fundo deu para ouvir o quanto ele estava grato por ter a família dele por perto. A primeira coisa que eu aprendi sobre o James foi que ele era muito ligado à família e que era muito difícil morar longe deles.

- Pode deixar - eu disse e comi uma garfada do peixe, que estava surpreendentemente maravilhoso. - Eu não sabia que você sabia cozinhar.

James sorriu, satisfeito.

- Meus pais sempre cozinham muito, então mesmo que eu não quisesse aprender eu teria aprendido. Que bom que você gostou.

- Eu adorei.

- Ou talvez você esteja com muita fome. Você chegou tarde hoje. O dia foi corrido?

- A semana inteira foi. Eu tive que me adaptar ao laboratório e aprender a mexer em alguns equipamentos que eu não conhecia ainda.

James abriu a boca para responder, mas seu celular vibrou na mesa. Ele checou a tela rapidamente e ignorou a ligação sem demonstrar qualquer reação.

- Com o que você trabalha mesmo? - ele perguntou. - Eu lembro que você me explicou um dia e que tem a ver com câncer e células?

- Sim. O laboratório está avaliando o potencial de uma molécula em controlar o crescimento de células cancerosas e, eventualmente, de um novo tratamento para câncer.

De novo, antes que pudesse responder, James foi interrompido pelo celular vibrando, mas dessa vez ele apenas virou a tela para baixo e ignorou a ligação.

- Se você precisar atender, fique à vontade - eu disse. - Eu não quero incomodar.

- Não preciso atender. Não se preocupe - ele respondeu com um sorriso, então eu acreditei nele. - E como exatamente essa molécula pode

controlar o crescimento de uma célula? É isso que você falou que ela faz, certo?

Já que ele queria ignorar o assunto do celular, quem era eu para não ignorar? Então nós passamos o resto do jantar conversando sobre o que eu faço. O celular dele não nos interrompeu mais e a conversa fluiu como sempre. Não parecia forçada e nunca era desajeitada. Nós passávamos de um assunto para o outro sem problemas. James era muito bom em engatar os assuntos.

Eu o ajudei a lavar a louça no final e nesse momento nós já havíamos voltando ao assunto da adolescência do irmão dele e, por isso, estávamos compartilhando histórias das nossas adolescências e discutindo se as pessoas eram capazes de mudar durante a vida. Eu achava que não, mas James achava que sim. Ele era um idealista e talvez até um romântico. Eu fiquei surpresa quando me dei conta disso.

- Nós não fazemos as mesmas coisas que fazíamos quando adolescentes - ele argumentou.

- Mas isso é diferente. Amadurecer é diferente de mudar. Você pode não ser mais inconsequente, mas o motivo pelo qual você faz o que faz continua o mesmo. Eu fiz muita coisa quando adolescente que hoje em dia eu com certeza não faria, mas não porque eu mudei...

- Como o quê? - ele me interrompeu, parecendo interessado.

- Eu não vou contar - eu disse, tentando soar ofendida, mas acabei soando envergonhada mesmo, e isso só fez o interesse dele crescer.

- Não podem ser tão ruins assim - ele tentou negociar. - E eu compartilhei algumas que não foram meus melhores momentos.

Eu olhei para baixo, para o copo que eu estava secando, e o enxuguei por mais tempo do que o necessário para evitar o olhar do James, mas quando olhei para cima de novo, ele ainda estava me olhando.

- Outro dia então - eu decidi. - Eu vou pensar numa boa.

Ele sorriu.

- Ótimo. Eu vou cobrar.

- Eu tenho certeza que sim.

Nós sorrimos e ficamos em silêncio por alguns segundos, então foi possível ouvir o celular dele vibrando na mesa de novo. James suspirou e foi até lá.

- Está tudo bem? - eu resolvi perguntar quando vi que a expressão tranquila e amigável no rosto dele se tornou preocupada enquanto ele

olhava o celular.

- Sim - ele disse e colocou o celular virado para baixo na mesa de novo. - É a minha namorada. Bem, ex-namorada.

- Ah - eu murmurei, apenas para preencher o silêncio e coloquei a toalha de louça com cuidado sobre a bancada da pia. Aparentemente eu havia entrado num assunto complicado, mas também não sabia o que fazer.

Parte de mim queria fugir do assunto, mas a outra parte estava curiosa não só porque eu queria respostas para a ausência de fotos da namorada dele pelo apartamento, mas também porque ele parecia muito incomodado enquanto checava o celular.

- Mas eu não sei por que ela ligaria agora. Nós não conversamos há semanas - ele continuou.

- Eu não vou me meter - eu decidi ser diplomática. - Mas se você acha que já acabou e ela ainda quer conversar, então talvez o término não tenha sido tão claro quanto você imagina.

James me olhou por um momento, mas eu não entendi a expressão no rosto dele.

- Talvez - ele concordou por fim.

Eu tinha um milhão de perguntas para fazer naquele momento, mas achei melhor não me meter mesmo. Nós nem éramos próximos o suficiente para esse assunto.

- Acho que já abusei da minha estadia - eu disse. - Preciso tomar banho e você pelo jeito precisa resolver... algo.

- É - ele disse, mas depois mais animado acrescentou: - Obrigado pela companhia. Considere-se sempre convidada.

- Combinado - eu respondi com um sorriso, que mesmo naquele momento já parecia leve e natural só por estar perto do James.

3.

Aeroporto Internacional Pearson - Toronto, Canadá

Eu acordo com alguém gentilmente balançando meu ombro, e quando abro os olhos percebo que é o senhor sentado no assento do corredor.

- A senhora pode colocar seu assento na posição vertical, por favor? - uma voz feminina pede e eu fico confusa por um instante até olhar para cima e encontrar uma aeromoça olhando para mim. - Nós iremos aterrissar em alguns instantes.

- Ah, claro - eu respondo com a voz um pouco rouca e ajusto o banco, embora me sinta um pouco perdida.

Eu dormi durante o voo inteiro? Como isso foi possível?

Mas mais importante do que isso: eu perdi o jantar?

Eu estava com fome. Como eu posso ter adormecido com fome? Nós estamos realmente aterrissando em Toronto?

Eu abro a janela para conferir e de fato as luzes da cidade à noite são familiares. Eu realmente dormi por 8 horas seguidas em um avião. Acho que isso explica por que meus músculos parecem um pouco rígidos.

Eu me espreguiço o máximo que consigo no espaço limitado e observo a cidade se aproximando pela janela. Enquanto observo, espero sentir alguma coisa, qualquer coisa, mas nada vem. Deve ser o torpor resultante de tanto choro seguido por 8 horas ininterruptas de sono apertada nesse assento.

Tanto é verdade que eu só percebo que o avião pousou porque sinto o leve impacto de quando ele toca o chão. Eu estava olhando pela janela o tempo todo, mas não estava processando nada pelo jeito. É esse impacto do pouso que me traz à realidade de novo.

Quando o avião finalmente para, os passageiros já começam a se levantar e formar a fila no corredor para desembarcar. Eu não gosto desse tumulto e, sinceramente, ainda vai demorar um pouco para sairmos, então não adianta levantar assim que o avião para.

Enquanto isso, pego meu celular para conferir o que aconteceu nas últimas 8 horas, mas as únicas mensagens importantes são da minha mãe - ela quer saber se eu já cheguei - e do meu pai avisando que está procurando uma vaga no estacionamento e, por isso, pode ser que demore. Eu tento responder meus pais sem olhar para a mensagem logo abaixo. É uma mensagem do James composta de dois corações vermelhos. Homens...

Quando finalmente consigo desembarcar, caminho sem pressa para a saída. Diferente de mim, vejo Melanie com suas várias bagagens correndo e desviando das pessoas no caminho. Quando ela chega na escada rolante é impedida de continuar pelas pessoas paradas ali em uma fila. Ela olha para trás, ansiosa, e quando encontra meu olhar sorri e acena. Eu sorrio também e no segundo seguinte ela encontra um espaço na escada rolante e começa a subir com pressa até que eu não consigo mais vê-la.

Depois de passar pela imigração eu pego minhas malas e quando saio pelo portão desembarque não encontro meu pai.

Ele deve estar chegando, então eu encontro um banco e me sento para esperar. Pego meu celular para responder as outras mensagens e para me atualizar sobre o que aconteceu no mundo enquanto eu estava dormindo em um avião.

Meu *Facebook* é um compilado de algumas notícias sensacionalistas, vídeos de cachorros, piadas ruins, fotos de bebês, fotos de alguém que noivou, fotos de alguém que foi para a Tailândia, receitas supostamente saudáveis, mas que no fundo não são... Eu não perdi nada de importante pelo jeito.

Eu não tenho certeza de como aconteceu, mas de repente eu me encontro olhando para a foto do perfil da ex-namorada do James. Aliviada, eu percebo que James não é um amigo em comum, o que significa que eles ainda não reataram. Quer dizer, eu sei que eles não estão juntos. Eu era vizinha dele até algumas horas atrás e as nossas paredes não eram tão grossas assim - infelizmente - mas hoje em dia nunca se sabe.

Porém, eu admito que no fundo estou um pouco decepcionada. Se eles estivessem juntos de novo as coisas seriam muito mais fáceis para mim. James me deixaria em paz e eu poderia arrancar minhas expectativas e meus sentimentos pela raiz. Claro, nada com o James é fácil. Ele faz questão disso. Mesmo assim eu ainda espero que um dia seja.

Eu perco noção do tempo e quando me dou conta, estou olhando para uma foto deles de 2012 que ela provavelmente se esqueceu de apagar. Eu

fico horrorizada comigo mesma e guardo o celular rapidamente. O que eu estou fazendo? Já passou. Não preciso nem devo mais ficar olhando essas coisas.

Um dos motivos é porque eu lembro que as bandeiras vermelhas estavam ali o tempo todo e eu não vi. Eu me lembro daquela primeira vez que nós jantamos no apartamento dele quando ele ignorou as ligações dela e, meu Deus, como foi que eu não saí correndo naquela hora? Como eu pude ter sido tão ingênua? Eu fui aquela personagem de filme de desastre que fica igual uma idiota imóvel só observando o terremoto/furacão/tsunami chegar ao invés de fugir. Bem feito para mim.

Pior: eu sinto falta dele. Eu sabia que seria difícil voltar, mas não imaginei que seria assim. Eu mal cheguei em Toronto e a ausência do James já é muito gritante. O torpor de antes está lentamente se desfazendo e a primeira coisa que eu estou sentindo é uma falta tremenda do James.

Mas agora não adianta mais me arrepender, adianta? Então para me distrair da minha ingenuidade passada e não me envergonhar mais, decido observar a vida das pessoas ao meu redor.

Sentado na minha frente está um homem, talvez com seus cinquenta anos, lendo um livro, mas eu não consigo ver a capa para saber qual é. Atrás dele, um adolescente tenta conectar o carregador do celular na tomada, e ao lado dele há duas crianças: uma menina e um menino. Eles estão se beliscando e enquanto observo, uma mulher se aproxima deles carregando uma lata de refrigerante e manda os dois se comportarem. Eles obedecem no mesmo instante.

Dois assentos à minha direita, uma mulher fala no celular numa língua que eu não reconheço. Na frente dela há um casal jovem que parece feliz. Ele mostra algo para ela no celular e os dois dão risada. Ela apoia a cabeça no ombro dele e fecha os olhos enquanto ele continua no celular. Eles parecem felizes.

Então sinto meu celular vibrar e o pego de dentro da bolsa: é uma mensagem do James. É claro que é.

Eu reviro os olhos e suspiro. Não é como se eu o meu exercício de distração estivesse funcionando, mas é como se James possuísse um radar. Toda vez que ele sente que eu estou quase o tirando da cabeça, ele reaparece.

Como foi seu voo? Ontem foi o pior dia de todos.

Mal consegui dormir porque você não está aqui. Tudo me lembra você. Que saudade, Oli!

Eu realmente não reconheço esse James demonstrando seus sentimentos o tempo todo, mas acho que essa é a prova de que eu me apaixonei por esse tipo de homem: o tipo que só nota sua presença quando você vai embora. Eu achei que era mais esperta do que isso.

Foi tranquilo. Dormi o voo inteiro.

Eu envio a mensagem, mas antes que consiga me controlar, já estou digitando outra e enviando também.

Eu estou com saudades desde que saí de casa.

Quase instantaneamente, James responde com um *emoji* de um coração partido e logo em seguida:

Eu não sabia que seria tão difícil assim.

O nó na minha garganta volta e meus olhos são tomados por lágrimas, mas acho que não aguento mais chorar, então respiro fundo para elas voltarem ao lugar de onde vieram e respondo:

**Eu também não. A propósito, eu adorei o postal.
Obrigada.**

Ele responde logo em seguida:

Tudo que eu escrevi foi de coração e você sabe disso. Como você está?

Eu me controlo para não responder “não, eu não sei. Tudo isso é novidade para mim” porque não é o momento e porque sei que isso vai iniciar uma discussão e eu já aprendi que o James nunca me deixa ganhar. Ele está sempre certo e eu sempre errada. Então quando respondo, me contento em responder apenas o que ele perguntou e, felizmente, vejo meu

pai chegando naquele momento, então digo para o James que estou bem, mas que estou indo para casa e que depois nós conversamos.

Eu nunca fui muito próxima do meu pai, então nosso abraço é um pouco desajeitado, mas não há dúvidas de que ele é sincero.

- Você quer passar em algum lugar antes de ir para casa? - meu pai pergunta enquanto pega minhas malas para me ajudar.

- Eu preciso comer - eu digo. - Eu estou morrendo de fome porque dormi o voo inteiro e perdi o jantar.

- Tudo bem. Algum lugar em especial?

- Acho que não. No caminho eu decido - eu digo.

Seguimos para o estacionamento em silêncio, como é de praxe para nós, e no caminho para casa eu descubro que estou com muita vontade de comer carne. A Inglaterra no geral não é o melhor lugar do mundo para comer carne - e se for para ser bem sincera, eu fiquei muito decepcionada com a culinária inglesa. Se não fosse pelo James, minha alimentação não teria sido tão rica quanto foi e eu provavelmente teria passado fome em alguns dias de tanto comer a mesma coisa porque minhas habilidades culinárias não são tão boas quanto as dele. Pensar no James dessa forma coloca um nó na minha garganta de novo, mas eu seguro o choro porque não aguento mais chorar e porque agora estou no carro com o meu pai.

Acho que todos nós quando “terminamos” um relacionamento tentamos focar nos pontos negativos da outra pessoa, no quanto ela foi injusta e em como ela nem era tão legal quanto imaginávamos. Eu entendo isso. É natural, é fácil. Porém, raras são as pessoas que são apenas ruins. Normalmente todos nós somos uma mistura de qualidades de defeitos.

James não é uma exceção a essa regra. Ele foi muito bom comigo. Ele me incluiu no grupos de amigos dele, ele me trazia comida mesmo quando eu não pedia - e quando descobriu o quanto eu comia, ele deixava pratos prontos para mim quando eu voltava para casa e tudo que eu precisava fazer era esquentar no micro-ondas - ele me mostrou o caminho das pedras em Londres me dando dicas e me alertando para as possíveis dificuldades, o que me poupou muito estresse e dinheiro, e sempre esteve por perto quando eu precisei.

Então quando eu me lembro por que eu me apeguei a ele, quando lembro que ele é uma pessoa boa e generosa, fica difícil me convencer que o melhor é me afastar e tudo que eu quero é enviar uma mensagem para ele falando tudo que eu sinto.

Mas eu me controlo. Por mais que as memórias ruins estejam um pouco ofuscadas pelas boas, eu sei que elas estão lá e isso é o suficiente para me convencer a manter distância do James.

Então eu respiro fundo e tento me manter no presente.

Aproveito o jantar com o meu pai. Nós conversamos um pouco, eu conto algumas histórias de Londres, mas estou faminta demais para manter uma conversa de verdade.

Em casa, apesar das minhas várias horas de sono no avião, eu estou cansada demais para desfazer as malas, então apenas tomo banho, escovo os dentes e vou para a cama.

E quando fecho os olhos deixo que a minha memória me leve para onde ela quiser.

4.

Londres, Inglaterra

Hoje eu sei que por mais que para mim o começo da nossa amizade tenha sido muito inocente, para o James não foi. E acho que por mais eu esteja muito inclinada a me culpar e me acusar de ter sido muito ingênua, como é que eu iria imaginar que o cara com namorada me tinha como próximo alvo? E como eu disse, James não parecia ser esse tipo de homem. Na verdade, ele parecia o extremo oposto disso.

Hoje é muito fácil juntar todos os pontos, mas é só porque agora eu conheço todos os pontos. Quando você está vivendo a situação, conhecendo a pessoa e vendo e ouvindo apenas o que ela quer que você veja e saiba é bem mais difícil ter uma visão completa do cenário e, portanto, de ligar todos os pontos e entender o que está acontecendo. Porém, para futura referência: fuja de homem que terminou relacionamento recentemente - ou está nesse processo. Essa é a bandeira vermelha. Você não precisa de mais nenhum sinal para sair correndo.

Mas acho que preciso considerar outro fator para eu não ter previsto nada disso: eu não estava interessada no James. Então por que importaria se ele estava interessado em mim? Por que eu deveria me importar com o estado civil dele se eu mesma não estava interessada?

Depois daquele primeiro dia que nós jantamos juntos, nós criamos esse hábito. Eu jantava com ele quase todo dia e na maioria das vezes era no apartamento dele porque ele cozinhava muito melhor do que eu. Eu lavava a louça depois e nós conversávamos sobre tudo o tempo todo: nossas vidas, nossas famílias, nossos empregos, nossos interesses... tudo. Não existiam limites e a conversa sempre fluía muito bem. Nada parecia forçado, mas acho que isso era mais mérito do James porque ele é muito habilidoso nessa área. Talvez porque ele trabalhasse no departamento de compra e venda de uma multinacional que eu constantemente esquecia o

nome e a vida dele literalmente dependesse da sua capacidade de envolver as pessoas. Fato é que ele era um conversador nato.

Mesmo assim, as verdadeiras intenções dele estavam bem escondidas ou eu que não notei mesmo. A não ser que você seja um dos céticos que acredita que homens e mulheres não possam ser apenas amigos ou tenha uma auto estima tão alta que faz você achar que qualquer um que se aproxima de você só pode ser porque quer algo a mais. Eu não sou nenhuma dessas pessoas, então para mim nós éramos apenas vizinhos e amigos.

Foi assim até um dia que nós estávamos no metrô voltando para casa e ele me perguntou sobre a minha vida amorosa pela primeira vez. Eu fiz um breve histórico e ele comentou que eu parecia bem seletiva.

Eu dei risada e respondi:

- É, só seleciono os piores.

Ele riu também, mas logo se virou para mim de maneira séria e disse:

- Não pode ser tão ruim assim. Você deve estar procurando no lugar errado. Olhe para você!

- Você não faz ideia - eu respondi, ignorando o último comentário dele, mas foi naquele momento que percebi que ele me via não só como uma vizinha e/ou amiga. Então foi também naquele momento que eu deveria ter determinado um limite e fugido, mas não fiz isso e nem sei por quê. Apenas ignorei o comentário.

- Me conte, então - James pediu e automaticamente eu comecei a falar como se não houvesse amanhã. Ele ouvia com atenção, dando risada se fazendo de chocado e enojado nos momentos certos.

Quando nós chegamos em casa eu estava falando sobre um ex-namorado da adolescência que me traiu e quando eu questionei, ele respondeu que eu tinha entendido tudo errado porque ele não gostava de mim daquele jeito.

- Quanto tempo vocês ficaram juntos? - James perguntou enquanto segurava a porta do prédio para mim.

- Quase um ano.

- Que cara idiota - James disse e nós começamos a subir os degraus. - E o que você respondeu?

- Disse para ele ir tomar naquele lugar, virei as costas e fui embora.

James deu risada.

- O que mais eu iria dizer? - eu me defendi. - Não é possível discutir com alguém assim.

- Você está certa. Ele mereceu. Eu só estou rindo porque deveria ter imaginado que você diria algo assim. Você é bem direta.

- Acho que sou. Aliás, o nome dele era James também - eu comentei, por mais que não soubesse exatamente por quê.

James suspirou e balançou a cabeça, fingindo decepção.

- Sempre existe um para estragar o nome, mas nem todos somos assim. Não se preocupe.

- Assim espero.

- Não dá para entender. Se eu fosse tão sortudo quanto ele eu jamais faria uma coisa dessas - James comentou naturalmente. Eu até achei que havia imaginado esse comentário, mas foi real. (Aliás, *spoiler*: ele estava falando a verdade. Ele não fez uma coisa daquelas. Ele fez pior.)

Eu parei no segundo degrau do lance de escadas do nosso andar. Meus instintos estavam em alerta naquele momento. Aquele comentário era fora dos limites e vinha carregado de segundas intenções.

James subiu mais dois degraus até perceber que eu não estava mais do lado dele e parou também.

- O que foi? - ele se virou para mim e perguntou de maneira bem inocente.

- Você não tem uma namorada? - eu perguntei

- Não. Nós terminamos. Você sabe disso.

- Mas no seu *Facebook* ainda diz que vocês estão namorando.

Eu sabia disso porque no dia anterior à essa conversa minha mãe queria saber quem era meu vizinho e eu enviei o perfil do *Facebook* do James para ela e eu lembrava perfeitamente que lá ainda dizia “em um relacionamento sério.” Eu estranhei a princípio porque me lembrava daquele dia no apartamento dele quando ele ignorou todas aquelas chamadas dela, mas imaginei que eles haviam se acertado.

James ficou em silêncio por um instante e depois suspirou.

- Eu não mudei ainda porque não quero explicar para a minha família. Eles vão ficar no meu pé.

Eu subi os dois degraus até ele para ficar na mesma altura que ele e olhar nos seus olhos e decidir o que eu pensava sobre isso. Parecia uma desculpa muito da esfarrapada, mas eu não tinha como saber, tinha? O que eu sabia era que eu nunca havia visto a suposta namorada dele por ali e que

ela nunca mais ligou para ele - pelo menos não quando eu estava por perto, o que era a maior parte do tempo naquela época. Então ele poderia estar falando a verdade. Poderia mesmo ser apenas uma questão de não querer se explicar para a família.

- Hmm - eu murmurei enquanto procurava por algo esquisito no olhar dele que o entregasse, mas a verdade é que eu não tinha motivo para desconfiar dele. Até então ele não havia demonstrado ser do tipo mentiroso e manipulador.

- Então posso perguntar por que vocês terminaram? - eu resolvi perguntar e voltei a subir os degraus.

- Ah, um relacionamento à distância pode ser muito cansativo - ele explicou. - Cobrança o tempo todo, briga se eu não respondo em 2 minutos, depois mais discussão quando tento explicar que não fico com o celular o tempo todo. Não dava mais.

- Hm - eu murmurei de novo, mas apenas para não ficar em silêncio. Eu não sabia o que pensar do que ele estava me contando. Até porque eu também não sabia que a namorada dele não morava em Londres.

Ele poderia estar falando a verdade, mas também poderia ter sido apenas uma desculpa para terminar o relacionamento que ele não queria mais. De qualquer forma, não era da minha conta julgar os motivos dele. O que me interessava naquele momento era apenas se ele realmente havia terminado o relacionamento e eu só saberia disso com certeza quando checasse o *Facebook* dela.

- Espero que você esteja se sentindo melhor agora, então - eu disse com sinceridade.

Apesar de tudo, eu reconhecia que isso não deveria ter sido fácil para ele. De acordo com as redes sociais, eles estavam juntos há pelo menos 3 anos. Eu espero viver o suficiente para ver o *Facebook* morrer, mas ao mesmo tempo tenho que reconhecer que ele é uma ferramenta excelente. É muito fácil e conveniente conseguir informações importantes por lá sem precisar invadir a privacidade da pessoa e nem parecer interessada demais fazendo mil perguntas.

- Não no começo, mas passa - James disse com um sorriso fácil. - Você vem jantar hoje?

- Hoje não consigo. Preciso ler um artigo para uma reunião amanhã e eu nem comecei - eu menti. Quer dizer, eu precisava mesmo ler o artigo, mas ele era simples e não me ocuparia muito tempo. O que eu queria fazer

mesmo era ver o *Facebook* da suposta ex-namorada do James e consultar Geórgia, minha amiga, sobre tudo isso.

- Eu guardo um pouco para você, então - ele ofereceu.

- Obrigada.

- Boa noite, Oli.

- Boa noite, James.

Eu entrei no meu apartamento e escutei James fechando a porta do dele. Enquanto ia até o meu quarto, peguei o celular da bolsa e procurei pelo *Facebook* da suposta ex do James. Para a minha surpresa, ela havia mesmo trocado seu *status* para “solteira.” Para ter mais certeza, eu chequei o *Instagram* também, mas o perfil dela era privado, então eu não sabia se ela havia apagado as fotos lá. Hoje em dia um relacionamento só está realmente finalizado se as fotos do *Instagram* forem excluídas. Porém, se ela havia mudado o *status* do *Facebook*, então as chances eram de que eles realmente haviam terminado e que James estava solteiro mesmo. Eu não sabia o que eu pensava sobre isso.

Mas decidi esperar até ele entrar no banho para ligar para a Geórgia. Nossas paredes não eram muito grossas e às vezes eu ouvia a televisão do James ou até sua voz quando ele estava no telefone. Ele falava mais alto do que eu e talvez ele não conseguisse ouvir a minha conversa, mas eu não queria arriscar.

Eu consegui comer, tomar banho e ler meu artigo e James ainda não havia ido tomar banho. Ele nunca tomava banho tão tarde assim. Parecia até que ele estava fazendo de propósito.

Finalmente, quando eu estava quase desistindo e contando tudo para a Geórgia por mensagem mesmo, eu ouvi o chuveiro dele e corri para pegar meu celular. Se ele seguisse o padrão diário dele, eu tinha em torno de 10 a 15 minutos para contar tudo para a Geórgia.

Eu conheci Geórgia Rose logo no primeiro período da faculdade e nos tornamos amigas no mesmo instante. Ela era a minha amiga mais próxima no começo da faculdade e continua sendo até hoje. Por isso, ela foi a primeira pessoa que eu quis consultar sobre o James. Nós conversávamos quase todo dia, então não parecia que eu estava longe.

Ela atendeu no terceiro toque toda animada e curiosa. Eu a atualizei sobre a conversa que eu tive na escada com James e sobre o *Facebook* dele e da ex.

- Hmm - Geórgia murmurou vagamente no final, obviamente desconfiada também. - Eu não estou gostando disso.

- Eu também não, até porque eu contei que ele vive viajando por causa do trabalho, certo? Nessas viagens nós continuamos conversando normalmente todo dia, então por que ele acharia um fardo responder a própria namorada?

- Talvez ele tenha usado isso só como desculpa para terminar com ela.

- Foi o que eu pensei. Que bom que você concorda comigo.

- Mas seja sincera, Oli. Você está pensando em se envolver com ele?

- Talvez - eu admiti e fiquei surpresa com a minha resposta. - Quer dizer, não é como se eu gostasse dele nem nada porque eu mal o conheço e nem estou atrás de um relacionamento, mas alguma coisa mudou agora que eu sei que ele está solteiro. Se ele der o primeiro passo, talvez eu não o rejeite, entendeu?

- Entendi, mas se eu fosse você, eu tomaria cuidado. O que me incomoda é que ele pode ter algo mal resolvido com a namorada e acabar respingando em você. Talvez seja bom esperar um pouco até a poeira abaixar nesse sentido.

- Eu penso nisso também porque...

Eu fui interrompida por uma batida na porta e logo em seguida James chamou meu nome. Eu pulei de susto no sofá porque nem havia percebido que ele já havia saído do banho.

- Espera um pouco, Geórgia. James está aqui - eu sussurrei com medo que ele ouvisse.

Enquanto eu ia até a porta fiquei me perguntando se ele havia ouvido alguma coisa. Quando foi que ele saiu do banho? Por que eu não prestei atenção?

Eu abri a porta e James estava ali de cabelo meio molhado, de shorts e sem camisa segurando uma travessa.

- Eu fiz aquele peixe que você gosta, então trouxe um pouco.

Sinceramente, meu coração derreteu um pouco naquele momento. E eu não sei se era porque eu havia recém descoberto que ele estava solteiro, mas ele parecia tão vulnerável e amoroso naquele momento que eu tive certeza de que se ele desse o primeiro passo eu deixaria que ele se aproximasse.

- Obrigada. Que cheiroso - eu comentei quando ele me passou a travessa.

- Obrigado, mas o peixe também está cheirando bem - ele brincou.

Eu revirei os olhos, mas dei risada - até para disfarçar porque era verdade. Eu já havia notado que o perfume e o shampoo dele era bons.

- Amanhã o jantar fica por minha conta, então. Ok? - eu disse.

- Combinado - ele sorriu.

Eu esperei até ele fechar a porta do apartamento dele para voltar a falar com a Geórgia.

- Você ouviu isso?

- Ele trouxe comida para você?

- E não é a primeira vez que ele faz isso - eu disse enquanto colocava a travessa na geladeira. Aquele seria meu almoço do dia seguinte e eu tenho que admitir que foi graças ao James que eu me alimentei tão bem durante aquele ano. Às vezes eu voltava tarde do laboratório e ele havia deixado um prato pronto para mim. Eu só precisava esquentar. Nem na casa dos meus pais em Toronto eu possuía esse luxo.

- Oli, isso não é só amizade. Ele tem segundas intenções com toda a certeza.

- Pode ser, mas eu percebi que ele é naturalmente atencioso e afetuoso. Eu conheci uma amiga e um amigo dele alguns dias atrás e ele é assim com eles também, então não sou eu. É o jeito dele.

- Entendi, mas ainda acho melhor você tomar cuidado e esperar um pouco.

Eu suspirei. Geórgia estava certa.

- É verdade. Isso pode ficar muito enrolado. E ele é meu vizinho. Se algo der errado eu ainda vou precisar olhar para ele todos os dias.

- Sim. Isso seria um problema. Não vai ser um ex que você nunca mais ver depois. Ele estará aí todos os dias.

Eu suspirei.

- Você está certa. Eu não vou me envolver com ele.



Em minha defesa, quando eu falei isso eu estava determinada e confiante de que seria capaz de manter a minha decisão. Porém, poucos dias depois essa determinação virou pó e a culpa é tanto minha quanto do James (e de todos os meus ex que me deixaram numa posição de estar vulnerável a alguém como o James.)

Saber que ele estava solteiro e suspeitar que ele pudesse estar interessado em mim mudou tudo. De repente eu estava olhando para ele de um jeito totalmente novo. Eu não sabia se era a forma como ele andava, como ele se posicionava ou se era a voz ou a risada dele, ou a forma como ele via o mundo que era ao mesmo tempo muito objetiva e romântica, mas ele tinha alguma coisa que chamava a minha atenção. Então de vez em quando eu me pegava pensando nele de outro jeito e quando isso começou foi impossível parar. Eu tentei, mas James estava lá todo dia. Mesmo quando eu não o via, eu o ouvia pelo apartamento, ou ele me mandava alguma mensagem durante o dia. Ele era essa presença constante na minha vida, então acho que foi natural que ele tenha se tornado uma presença constante nos meus pensamentos também.

Nessa época, no entanto, James começou a viajar muito por causa do trabalho, então no máximo eu cruzava com ele no corredor ou apenas o ouvia chegando em casa de madrugada. Nossas interações eram basicamente por mensagens de texto. Para mim parecia tortura porque eu estava muito curiosa para saber o que iria acontecer quando nós conseguíssemos ficar sozinhos - se é que algo iria acontecer mesmo.

Foram quase duas semanas conversando basicamente apenas por mensagens e eu estava quase explodindo de curiosidade. Inclusive, acho que meu interesse inicial pelo James era nada mais do que pura curiosidade, uma vez que, como eu já disse, ele era totalmente diferente do tipo de cara por quem eu normalmente me interessava. Essa era a explicação racional, mas eu também me sentia muito bem perto dele de uma maneira inexplicável. Eu nunca havia me sentido tão à vontade e tranquila perto de alguém daquele jeito. Talvez fosse mérito do talento dele de fazer todos ao seu redor se sentirem confortáveis, mas no meu caso eu acho que era mais do que isso.

Então eu resolvi me arriscar. Eu não sabia o que esperar, mas a verdade é que a única expectativa que eu tinha era de me divertir. Para mim, a forma como eu me sentia perto do James era o suficiente. Eu não queria mais nada.

Eu estava me sentindo empolgada sobre alguém pela primeira vez em... bem, muito tempo. Não vou tentar determinar quanto tempo exatamente para não me deprimir.

Um dia quando ele estava em Manchester eu resolvi testar o terreno e no final de uma mensagem eu acrescentei um *emoji* de coração. Sempre

achei o coração vermelho muito sério, então usei o lilás. James respondeu na mesma hora com o mesmo *emoji* e depois daquele dia ele se tornou a marca registrada das nossas conversas. Obrigada à tecnologia por tornar esse tipo de comunicação muito mais simples.

E quando James percebeu que eu estava dando corda para as investidas dele, nossas conversas se tornaram cada vez mais diretas. Entenda do jeito que você quiser. Eu não vou explicar.

Por causa disso, eu estava agitada e ansiosa e quando ele estava em Edimburgo eu precisei colocar minha energia em alguma coisa. Achei que pintar a parede atrás da minha cama era uma boa ideia. Ela era branca demais e sem graça. Meu quarto precisava de cor, então comprei a tinta e aproveitei que não havia previsão de chuva para sábado e pinteí a parede.

Quando terminei, dei alguns passos para trás para avaliar meu próprio trabalho e ouvi meu celular vibrando na escrivaninha. Era James.

Você vai estar livre quando eu voltar na quarta?

Eu sorri de orelha até orelha e sem hesitar respondi:

Acho que agora não estou mais.

Ele respondeu com o nosso coração lilás, então eu sabia que nós estávamos na mesma página.

Eu mal consegui dormir naquela noite, mas acho que o maior culpado foi o cheiro da tinta que invadiu o apartamento inteiro e eu não estava livre dele nem na sala, mesmo depois que eu abri todas as janelas. A única coisa que isso fez foi deixar o apartamento gelado e eu precisei dormir com 3 cobertores. Eu não acreditei que não havia considerado o cheiro da tinta. Então no dia seguinte pinteí a segunda camada e fui para um hotel. Já que eu havia começado a besteira, eu precisava terminar.

Escolhi um hotel na *Baker Street* e paguei duas diárias para garantir que quando eu voltasse para casa o cheiro teria se dissipado totalmente. Durante todos esses dias, James e eu conversávamos quase o dia inteiro, exceto no final do dia da segunda-feira quando ele parou de responder por algumas horas, mas eu supus que ele estivesse ocupado e que me responderia quando pudesse.

Eu saí do laboratório naquele dia e passei no mercado para comprar comida antes de ir para o hotel. Liguei a TV e me sentei na cama para comer. Eu estava tentando entender aquela novela *EastEnders* e quase desistindo quando meu celular vibrou. Era James.

Oli, estou em Londres.

Eu me endireitei na cama, alarmada e animada. Meus dedos se moviam rapidamente pelo teclado.

Como assim? Eu achei que você voltava na quarta.

Mudança de planos. Acabei de pousar no Stansted.

Que bom!!!

Eu acrescentei várias carinhas felizes no final e me arrependi na mesma hora. Eu não queria parecer muito animada. Meu coração até batia mais rápido e era ridículo. Felizmente, James não pareceu notar nem se importar. Ele respondeu normalmente.

Você já jantou? A gente poderia sair hoje.

Eu acabei de comer um pouco, mas posso jantar. Só que eu não estou em casa. Estou num hotel.

Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Nada de mais. Eu resolvi pintar meu quarto e o cheiro da tinta estava me enlouquecendo.

Por que você não me avisou?

Eu teria deixado a minha chave com você.

Eu sorri com a oferta e a preocupação dele.

Eu não planejei. Foi uma decisão impulsiva.

Não se preocupe.

Eu vi que ele estava digitando, mas não queria que ele pensasse que eu não queria vê-lo imediatamente, então digitei rapidamente:

Mas eu ainda estou com fome.

Assim que eu enviei, a mensagem dele chegou:

Mas você ainda quer jantar?

Eu sorri por causa da nossa sincronia e respondi:

Quero.

**Então eu vou passar em casa primeiro e depois vou para aí.
Pode ser?**

Meu sorriso ficou maior ainda.

Claro.

Eu mandei o endereço para ele e fui tomar banho. Depois organizei o quarto um pouco e fiquei assistindo TV enquanto esperava. Minha curiosidade estava tão intensa que eu nem estava ouvindo a TV. Nem sei o que estava passando.

Eu estava impaciente também. Mesmo sabendo quão longe o aeroporto de *Stansted* era, eu checava meu celular a cada minuto esperando que James dissesse que estava chegando.

Então quando meu celular finalmente vibrou, eu quase nem acreditei.

Acabei de descer na Baker Street.

E poucos minutos depois dessa mensagem veio a tão esperada batida na porta. James estava vestindo uma camisa rosa salmão e jeans. Havia um sorriso discreto no seu rosto, mas seus olhos estavam queimando nos meus.

- Oi - ele disse e me abraçou.

- Oi - eu sussurrei e senti sua respiração no meu pescoço. Eu gostei daquilo mais do que eu esperava. - Como foi a viagem? - eu perguntei quando ele entrou no quarto.

- Longa - ele respondeu e olhou em volta, analisando o quarto.

Após um momento de silêncio, eu percebi que aquela era a única resposta que eu teria. Seus pensamentos pareciam estar em outro lugar e eu senti meu coração acelerar quando imaginei no que ele poderia estar pensando.

- Tem um restaurante bom aqui perto, mas eu ainda não consegui ver se está aberto hoje - ele quebrou o silêncio de repente.

Eu havia até esquecido que nós havíamos combinado de jantar porque assim que eu o vi, a sensação de fome não era mais a minha prioridade.

- Nós podemos ir lá se estiver aberto - ele continuou.

- Claro - eu concordei e peguei meu celular para pesquisar o restaurante e ter algo para fazer com as minhas mãos porque elas queriam encostar no James a qualquer custo. - Qual é o nome?

- Não consigo lembrar - ele disse após um instante, também parecendo ter dificuldade em se manter focado no objetivo de sair para jantar. - Quero ver - ele disse gentilmente e esticou a mão para pegar meu celular.

Nós estávamos tão próximos um do outro que eu conseguia sentir o calor do corpo dele...

Relutante, eu entreguei meu celular para ele. Minhas mãos estavam quase coçando de tanto que eu queria esticá-las e encostar nele... em qualquer lugar.

Observei James digitar no meu celular, o que só piorou a minha vontade de me atirar em cima dele. Não existe nada mais atraente do que as mãos masculinas.

- Não achei. Deve ter fechado - ele disse por fim e eu fiquei aliviada porque não queria mais saber de sair para comer. Eu queria ficar naquele quarto com ele.

Quando James ergueu o olhar e encontrou o meu, nós dois sabíamos que o jantar ficaria para depois. Ainda bem.

Ele colocou meu celular na mesa ao nosso lado e, então, finalmente, ele estava me beijando. Todas as células do meu corpo pareceram acordar naquele instante.

Sem interromper o beijo, James deu alguns passos para trás até a cama e se sentou, me puxando gentilmente pelo quadril. Eu me sentei no seu colo e quando seus lábios desceram para o meu pescoço, eu mal conseguia respirar.

Como se as nossas mentes estivessem em sincronia, ele se moveu embaixo de mim enquanto eu me deitei na cama. O tempo todo seus olhos não deixaram os meus. Quando eu estava deitada, eu o puxei para beijá-lo de novo enquanto suas mãos já estavam levantando a minha blusa e a nossa dança sincronizada continuou.

Eu me lembro daquela noite no hotel perfeitamente, mas o mais memorável foi o que eu senti. Era a primeira vez que eu estava me envolvendo daquele jeito com alguém que eu mal conhecia e mesmo assim parecia mais certo e confortável do que qualquer outro momento da minha vida.

Na hora eu não sabia o que existia ali entre nós, mas era algo intenso e devastador. Pelo olhar do James, ele estava sentindo também.

Eu me lembro de ficar deitada na cama conversando com ele e dando risada quando Alex, um amigo dele, mandou uma mensagem o convidando para ir a um *pub* e nós dois achamos que era mais prudente que ele mentisse sobre onde ele estava. Eu não sei explicar, mas aquele momento se tornou mais especial ainda porque ninguém sabia o que estava acontecendo. Éramos apenas eu e ele. Ninguém mais poderia entrar naquela bolha.

Eventualmente, a fome falou mais alto e nós saímos para procurar algo para comer. Sem nem hesitar, James pegou a minha mão assim que saímos na rua. Na minha cabeça, aquela cena de nós dois andando de mãos dadas por Londres à noite parecia saída direto de um filme. As ruas estavam um pouco vazias já, então parecia que realmente éramos apenas eu e ele com aquela cidade inteira para nós.

Eu não sabia o que esperar daquela noite, mas com certeza absoluta não era o que havia acontecido. Eu também não sabia o que iria acontecer dali para frente, mas eu não me importava porque pela primeira vez na vida estar naquele momento presente era o suficiente. Eu não estava pensando no depois. Talvez eu devesse ter pensando um pouquinho no depois, mas isso parecia irrelevante. Eu queria apenas continuar ali naquela noite no hotel com o James. O depois ficaria para depois.

5.

Toronto, Canadá

- Oli, querida? - a voz suave da minha mãe se intromete nos meus pensamentos.

Eu me viro para a porta e foco no rosto familiar e amoroso da minha mãe.

- Oi, mãe.

- Estou atrapalhando? Você parecia concentrada.

- Não. Eu só estava pensando em outra coisa - eu digo com um sorriso.

- Ah, tudo bem. Eu estou saindo e queria saber se você já está indo também.

- Ainda não - eu respondo. - Tenho alguns minutos.

- Ok. Tenha um bom dia, então.

- Obrigada, mãe. Para você também.

Ela sai com um sorriso e fecha a minha porta.

Eu respiro fundo e balanço a cabeça para tentar me trazer totalmente ao momento presente. Isso tem acontecido muito ultimamente. Faz uma semana que eu voltei e ainda parece que eu estou em Londres porque sou constantemente atacada por memórias do James e elas parecem tão reais, tão recentes, que eu sou facilmente atraída por elas e me esqueço do mundo ao meu redor. Não é a primeira vez que alguém precisa chamar a minha atenção mais de uma vez para que eu responda.

Mas a culpa não é só minha. James não tem cooperado comigo. Esses últimos 7 dias foram um conjunto de *flashbacks* - principalmente sobre aquela noite no hotel - e como se isso não fosse distração suficiente, James me enche de mensagens sentimentais todos os dias. Todas elas são sobre o quanto ele sente a minha falta, mas a pior de todas foi a de dois dias atrás quando ele mandou:

Fui até o seu apartamento para conversar e parei com a mão na maçaneta quando lembrei que você não estava mais lá. Fiquei tanto tempo parado pensando nisso que a luz do corredor até apagou. É muito ruim sem você aqui.

Meu coração se despedaçou naquele momento. Eu realmente acredito que ele esteja sentindo minha falta. Talvez seja pelos motivos errados. Talvez seja uma saudade egoísta resultante da solidão, mas essa mensagem acertou meu coração em cheio. Tem sido difícil para mim também.

Às vezes quando meu pai ou a minha mãe abre a porta do meu quarto, eu acho que é ele. Quando acordo e ouço a TV em algum cômodo da casa parece que eu estou no meu quarto em Londres de novo e a TV é a do James. Às vezes no meio do dia eu sinto uma vontade absurda de simplesmente abraçá-lo como eu costumava fazer. Eu sinto falta de chamá-lo no corredor a qualquer hora do dia e também de ouvi-lo me chamando. Eu sinto falta dos nossos almoços e jantares, das nossas conversas na cama no meio da noite até estarmos tão cansados que não conseguimos mais ficar de olho aberto. Eu sinto falta de tudo e está sendo pior do que eu havia imaginado.

Para piorar, meus pais me perguntam sobre ele com frequência. Eles o conheceram quando passaram o fim de ano comigo em Londres e, naturalmente, eles o adoraram. Eu não fiquei surpresa porque James encanta todos que conhece. É um talento.

É claro que meus pais não sabem do meu envolvimento com ele. Até onde eles sabem nós somos apenas amigos. Talvez minha mãe suspeite de algo porque é mãe e eu vi que ela notou como James e eu nos comportávamos juntos, mas ela nunca vai me perguntar e eu nunca vou contar. Primeiro porque ela adora o James e eu não conseguiria destruir a imagem que ela tem dele. E segundo porque não há motivos para contar. Nunca foi grande coisa mesmo.

Meu pai provavelmente não sabe de nada. Eu acho que ele nem suspeita de nada.

Então quando não é a minha memória nem meus pais querendo saber como James está, é o próprio James me mandando mensagens. Como agora. Eu estou me arrumando para sair, ouço meu celular na minha mesa e, obviamente, é uma mensagem dele.

Acabei de ouvir barulhos no seu apartamento e podia jurar que era você. Eu queria muito que fosse você, mas era só alguém da imobiliária mostrando o apartamento para um casal. Foi horrível.

Eu suspiro e me pergunto por quanto tempo ele ainda vai jogar esse jogo. O que eu quero responder de verdade é: Se você não quer nada comigo, por que você não me deixa em paz?

Para ser sincera, eu sempre achei que nessa altura ele já teria me esquecido. Eu confiava nisso. Por dentro eu desisti de tentar resolver meus problemas com ele porque eu sabia que assim que voltasse para o Canadá, ele iria me esquecer e tudo estaria resolvido, mas por enquanto isso ainda não aconteceu.

Meus sentimentos por ele ficaram muito confusos dos últimos meses para cá. Ao mesmo tempo que eu tenho certeza absoluta de que gosto dele, eu quero que ele fique longe porque eu sei do que ele é capaz e o que eu significo para ele. Eu até desejo que ele fique longe porque a minha sanidade mental depende disso. Afinal, como é que eu ainda posso sentir algo por alguém que deixou claro inúmeras vezes que não gosta de mim? É tudo muito confuso.

Mas como eu já mencionei antes, não adianta discutir com ele. No final ele vai estar certo e eu errada. É sempre assim. Eu tentei mantê-lo longe, eu tentei pedir - quase implorei na verdade - para que ele me desse um tempo e espaço, mas ele me ignorou em todas as vezes. Então o que me restou foi deixá-lo fazer o que ele quiser até ele cansar - porque um dia eu tenho certeza de que ele vai cansar. Por isso, eu apenas vou na onda dele.

**Quem está no meu apartamento?
Diga para eles cuidarem dele!**

James responde quase instantaneamente:

Vou repassar a mensagem. Eles falam alto demais.

Agora você sabe como é morar do seu lado...

Ha-ha. Eu não falo tão alto assim.

Eu estou digitando uma resposta quando percebo que estou com um sorriso idiota no rosto. Esse é o problema e o maior perigo para mim. Eu posso até começar respondendo as mensagens dele sem vontade e apenas para satisfazer os seus desejos, mas no fundo eu também gosto de conversar com ele. É claro que gosto. Eu não me tornei amiga dele por nada.

Porém, preciso confessar que parte disso é porque é bom vê-lo finalmente sentindo alguma coisa por mim. Eu estaria mentindo se dissesse que não gosto de saber que ele está sentindo a minha falta. É bom que sinta mesmo. É o mínimo que eu mereço que ele sinta.

Eu apenas preciso lembrar que tudo que ele sente é resultado do egoísmo dele, então não posso me envolver. Preciso me lembrar daquela distância segura que eu levei meses para encontrar.

Então, controlo meu sorriso besta e decido que essa conversa é o suficiente por hoje. James já teve o que queria e eu também.

Talvez não fale mesmo. James, eu preciso resolver várias coisas hoje, então não vou poder conversar muito.

Ele não demora para responder:

**É verdade. Você está organizando sua formatura, não é?
Me conte depois. Beijos, Oli. Saudades.**

Eu me contenho e não respondo. É o suficiente por hoje.

Aliás, eu sei que a ex-namorada dele está voltando para Londres, então é só uma questão de tempo até eles reatarem e James me esquecer de uma vez por todas porque o que ele sente por mim não é genuíno. Ele pode não ter me esquecido até agora como eu imaginei porque não tem no que prestar atenção, mas assim que a ex-namorada voltar, ele vai se distrair com ela e me esquecer. Eu tenho certeza disso.

Fecho minha conversa com o James e noto o horário na tela. Droga. Eu já deveria ter saído de casa.

Essa pequena conversa me custou mais minutos do que deveria e agora eu estou atrasada.

Como James mencionou, eu estou responsável por organizar a formatura da minha turma e hoje eu preciso resolver um problema que talvez eu mesma tenha causado. Eu reservei um auditório para a cerimônia,

mas ontem um colega me disse que existe outro evento na data que eu marquei, então eu fui conferir e marcaram a nossa data para outro dia. Eu tentei resolver a confusão por telefone, mas como não surtiu efeito, resolvi ir lá pessoalmente.

Além de muito James, esses últimos dias têm sido esquisitos em outro sentido também. Às vezes eu chego nos lugares sem saber como cheguei lá. Às vezes durante o banho eu esqueço há quanto tempo estou lá e se já lavei o cabelo ou não. Isso se tornou tão frequente que eu precisei criar um sistema para saber o que eu já havia feito no banho. Por exemplo, quando uso o shampoo deixo o frasco com o rótulo principal virado para a parede. Assim se eu esquecer se já passei o shampoo é só checar o frasco.

Nos dois primeiros dias eu associei minha falta de memória de curto prazo ao *jetlag*, mas 1 semana depois não deve mais ser por causa disso, certo?

Falando nisso, eu não sei que caminho fiz para chegar no auditório, mas de alguma forma já estou sentada na recepção esperando o atendente trazer seu chefe para conversar comigo.

Não sei quanto tempo espero, mas eventualmente o atendente volta seguido de uma mulher de uns 50 anos bem vestida.

- Olívia? - ela pergunta com um sorriso profissional.

- Sim.

- Nós verificamos o histórico de reservas e não existe possibilidade de você ter pedido a reserva para o dia de 16 de setembro porque esse dia já estava fechado quando você ligou.

- Mas é impossível. Eu tenho anotado na minha agenda dia 16 de setembro - eu digo e pego a agenda da bolsa para provar. - Por que eu anotaria dia 16 na agenda e marcaria para o dia 18?

- Eu não consigo pensar em um motivo também, mas o que eu posso dizer é isso. A reserva do dia 16 foi feita antes da sua ligação, então se você tivesse pedido essa data já seria informada de que ela não estava disponível.

- Pois é, mas olhe aqui... - eu começo a dizer quando chego na folha certa da agenda, mas paro.

Isso não pode estar certo. Eu encontro a anotação “Formatura”, mas ela está no dia 18 de setembro e não no dia 16. Por um instante eu chego até a achar que alguém pegou minha agenda e trocou as datas, mas é a minha caligrafia. Eu mesma escrevi isso. Então, meu Deus, fui eu que errei. Eu marquei para o dia 18.

Eu olho para o atendente e para a gerente e sinto minhas bochechas queimando de constrangimento. Discretamente eu fecho a agenda para eles não verem que eu estava errada, mas não sei como sair dessa. Será que eu posso me levantar e ir embora como se nada tivesse acontecido? Ou será que eu continuo insistindo no dia 16 e depois finjo que estou muito decepcionada com eles e peço para cancelar? Ou será que eu posso fingir que aceito o dia 18 para manter a minha dignidade intacta?

Mas eu não posso aceitar o dia 18. Todo o resto está marcado para o dia 16...

Quer dizer, agora eu não tenho mais certeza. Quando for para casa vou precisar conferir tudo.

- Bem, me parece que nós tivemos um grande problema de comunicação aqui - eu começo, tentando soar digna e confiante. - Mas eu preciso do dia 16, então, por favor, desmarque o dia 18.

Pela maneira como os dois me olham eu tenho certeza de que eles sabem que fui eu que fiz merda, mas não vão comprar briga. Ainda bem.

- Tudo bem - o atendente diz e digita rapidamente no computador. - Resolvido. Sua reserva foi cancelada.

- Obrigada - eu respondo com o que sobrou da minha dignidade e me levanto para ir embora.

Meu Deus, que vergonha. Pelo menos nunca mais vou precisar ver esse atendente e essa gerente na vida. Por outro lado, eu preciso encontrar outro auditório logo.

Quando saio na rua já começo a pensar em outros locais possíveis. Abro minha bolsa para pegar a chave do carro, mas não a encontro. Eu ando até o carro estacionado no final da rua procurando a chave na bolsa, mas continuo com a mão vazia. Tateio meus bolsos procurando a chave, mas ela não está em lugar algum.

Eu suspiro, irritada. Era só o que me faltava agora. Eu perdi a chave do carro.

Eu olho em volta, como se isso fosse me ajudar em alguma coisa, e quando olho para meu carro de novo, noto um reflexo próximo do volante, na região da ignição.

Não pode ser. Eu não posso ter sido tão estúpida e distraída assim...

Mesmo sem acreditar, eu testo a porta do carro e, para a minha total incredulidade, ela abre.

O carro não estava trancado, mas acho que isso não é o pior. Eu entro, me sento no banco do motorista e, é claro, a chave está ali na ignição. Meu chaveiro da bandeira do Reino Unido está refletindo a luz do sol que está incidindo perfeitamente sobre ele.

Por algum tempo - pode ser alguns segundos ou até minutos - eu fico sentada apenas contemplando minha própria estupidez e a minha sorte de ninguém mal intencionado ter passado perto do meu carro.

Volto à realidade quando sinto meu celular vibrar no bolso. Eu o pego e é claro que é uma mensagem do James.

**Acabei de ver o casal que vai alugar o apartamento.
Eles não são nada bonitos se comparados à antiga moradora.**

Eu definitivamente não estou com o humor certo para conversar com o James, então para mantê-lo feliz, mas ao mesmo tempo terminar a conversa, eu respondo:

Eu não esperava que fossem.

No final eu acrescento um emoji piscando e um coração rosa para ele ficar feliz e não me questionar para saber se há algo errado. Eu até poderia bloquear o número dele e também suas redes sociais para eliminar o nosso contato porque o que ele faria? Ele viria até aqui e me questionar? Claro que não. Isso é algo que ele jamais faria.

Mas no fundo eu sei que ainda preciso desse contato também. Não é tão simples assim cortar contato com alguém que esteve tão presente na sua vida. Quer dizer, para algumas pessoas é, mas para pessoas como eu não é.

Meu celular vibra de novo na minha mão, mas, para o meu alívio, dessa vez é uma mensagem da Geórgia. Nós combinamos de almoçar no restaurante da minha mãe e ela já está a caminho, então eu deveria estar também. Tento afastar James da minha cabeça e dessa vez sei exatamente qual caminho eu pego para chegar no restaurante.

Minha mãe tem esse restaurante desde que eu era criança e em todas as minhas férias da escola eu trabalhei no caixa. Dessa forma, ela conseguia dar férias para os funcionários, economizava porque não precisava pagar substitutos e ainda me mantinha por perto. E isso me lembra que semana

que vem eu vou treinar um funcionário novo. Minha mãe me pediu ajuda enquanto eu procuro um emprego.

Geórgia ainda não chegou, então eu pego uma mesa ao lado da janela onde eu costumava fazer minhas lições de casa quando minha mãe me buscava na escola e precisava voltar para trabalhar ainda.

Quando me sento sinto meu celular vibrar e dessa vez é o James de novo.

É mesmo.

É difícil alguém ser mais bonita do que a antiga moradora.

Eu reviro os olhos. Esse é um daqueles momentos em que eu só queria gritar “o que você quer de mim?!”, mas eu sei que não adianta nada porque eu já tentei. Por isso, decido responder apenas com um *emoji* sorrindo e pronto. Até guardo o celular para não ficar tentada a conversar mais.

Eu peço um suco para um dos garçons enquanto espero.

Minha mente começa a vagar e sem a minha autorização ela volta para aquela noite com James no hotel. Tudo sobre aquele momento pareceu tão especial, tão natural. James e eu estávamos tão sincronizados que eu fiquei até surpresa porque nunca havia me sentido assim com alguém. Nunca havia sido tão natural e livre. Eu me lembro depois quando nós finalmente saímos para jantar e ficamos andando de mãos dadas pelas ruas de Londres conversando e dando risada. Naquele momento as coisas estavam perfeitas.

Com essa cena na minha cabeça e ouvindo nossa risada na minha memória é até difícil de acreditar que aquilo não durou muito, que em poucos dias...

- Oli! - uma voz discreta e familiar chama meu nome e me puxa para o presente de novo.

Eu me viro na direção do som e vejo Geórgia caminhando na minha direção. Ela está com a aparência de sempre. Jeans de cintura alta, camiseta de alguma banda que eu não conheço, coturnos, batom escuro e cabelo comprido ondulado e escuro.

- Oi, Geórgia - eu digo quando me levanto e a abraço.

- Eu senti tanta saudade. Você está do mesmo jeito de sempre. Que alívio - ela comenta.

Eu dou risada.

- Eu estava pensando o mesmo de você.

- Eu percebi que você estava um pouco distraída quando eu cheguei - ela diz quando nos sentamos.

- Ah, deve ser o *jetlag* - eu minto porque não posso contar para ela que eu estava pensando no James de novo. Não depois das horas infinitas que ela aguentou me ouvindo falar dele.

Aliás, por quanto tempo essa desculpa do *jetlag* ainda vai colar? Eu preciso pensar em outra.

- Então, o que você queria me contar? - eu pergunto para mudar o assunto e porque estou curiosa desde que ela me contou que tinha uma novidade.

Geórgia suspira antes de responder.

- Eu pedi demissão essa semana. Vou ficar nesse laboratório até a formatura e depois.... não sei.

- Eu achei que você gostasse desse laboratório. Você está lá há 2 anos. O que aconteceu?

- Eu gostava, mas acho que não o suficiente para o resto da minha vida, sabe? Acho que cansei de trabalhar na bancada.

- Entendi. E você já sabe para onde quer ir?

- Nem ideia - ela dá de ombros. - Você já decidiu o que vai fazer?

- Mais ou menos. Eu atualizei meu currículo essa semana e pesquisei algumas vagas. Eu estava pensando no Instituto de Bioquímica e Biologia Celular. Eles têm alguns projetos interessantes sobre câncer e eu queria ficar nessa área.

- Eu pensei no IBB também, mas eu já ouvi tanta coisa ruim de lá, que é todo mundo muito competitivo e que o tempo todo tentam puxar seu tapete. Fiquei preocupada.

- Eu também ouvi isso - eu admito. - Mas acho que todo lugar de pesquisa acaba sendo assim. Então acho que deve ser mais sobre encontrar as pessoas certas.

- Pode ser - ela concorda, mas sem muita confiança. - Então sem planos para voltar para Londres?

- Jamais - eu respondo sem hesitar. - Quer dizer, por Londres eu não teria nem voltado para cá, mas depois que a minha chefe foi para as Bahamas sem avisar e depois me largou com aquela técnica que eu tinha

que treinar e que acabou estragando todos os meus experimentos, eu só queria ir embora. Talvez num futuro eu pense em voltar, mas não agora.

- Hm... acho bom - Geórgia diz, forjando um tom sério e, mas depois ela sorri. - Eu senti a sua falta.

- Eu também senti a sua falta. Você não faz ideia.

Nós somos brevemente interrompidas pelo garçom e fazemos nossos pedidos. Assim que ele sai, Geórgia respira fundo e pergunta:

- E o James? Ele dá sinal de vida ainda ou finalmente aprendeu a deixar de ser egoísta?

- Que nada. Fala comigo todos os dias. Hoje inclusive me disse que ouviu um casal no meu apartamento e achou que fosse eu. E alguns dias atrás ele disse que foi até a minha porta antes de perceber o que estava fazendo. Eu me senti mal por ele.

- Eu não duvido que ele sinta sua falta. Na verdade, eu tenho certeza de que ele sente sua falta - ela diz. - Mas você sabe o que eu penso sobre ele. É melhor agora que vocês estão longe.

- Eu também acho. Por mais que eu sinta muita falta dele, eu sei que ele não é bom para mim. Mas mesmo que ele não aprenda a pensar nos outros, a ex-namorada dele volta daqui alguns dias e eles provavelmente vão voltar e eu estarei livre, então é só uma questão de tempo até ele me esquecer.

Para ser sincera, eu não entendo muito bem o que eu estou sentindo sobre isso. Ao mesmo tempo que nos meus sonhos mais malucos eu desejo que o James magicamente crie sentimentos por mim eu também torço para que ele volte com a ex e me deixe em paz. É muito confuso.

- Você acha que ela voltaria com ele? - Geórgia pergunta.

- Não sei. Eu nem a conheço, mas eles nunca pararam de se falar de verdade, então eu acho que é bem possível.

Geórgia balança a cabeça em desaprovação

- Eu nunca entendi esse cara e acho que nunca vou entender - ela admite.

- Eu também não e até já desisti de tentar. Então, vamos falar de outra coisa?

6.

Londres, Inglaterra

Ao contrário do que os filmes clichês românticos fazem você acreditar, eu não me apaixonei pelo James naquela primeira noite. Eu sabia que aquele clique instantâneo que nós tivemos não passava de atração física.

Também não foi nos dias seguintes que eu comecei a ver fogos de artifício toda vez que ele sorria ou que eu me sentia como se fosse explodir quando ele encostava em mim. Eu ainda me sentia como uma mulher de 24 anos sã em controle da situação.

Nós passamos outras noites - e também manhãs - juntos e todas foram ótimas com a mesma leveza e naturalidade da noite no hotel, mas não contamos para ninguém na época. Nós também concordamos que não estávamos procurando um relacionamento sério no momento. Então a melhor estratégia pareceu mesmo manter tudo aquilo apenas entre nós. E para ser sincera, era mais divertido e proveitoso assim.

Quando saíamos em grupo com os amigos dele, mantínhamos uma distância segura e eu não me preocupava com o que ele estava fazendo quando ele desaparecia de vista. Eu estava tranquila. Foram algumas semanas disso e para mim estava tudo bem. Eu não queria mudar nada sobre nós, mas a vida não se importa com o que nós queremos e a minha atmosfera de alegria e paz não durou muito.

Eu adorava sair sozinha andando por Londres sem rumo para descobrir lugares novos e não turísticos. Às vezes eu acabava me perdendo um pouco, mas era assim que eu sabia que o passeio havia sido proveitoso. Eu nunca fazia esses passeios com o James porque eu os fazia geralmente nos finais de semana e como ele saía muito mais do que eu, ele praticamente acordava apenas para o almoço nesses dias. Às vezes eu passeava apenas pela manhã, mas em outras vezes eu passava o dia inteiro fora.

Numa dessas vezes, eu lembro que estava meio perdida e entrei em um café para descansar e tentar entender onde eu estava. Quando peguei meu celular, havia uma mensagem do James:

Onde você está?

Eu sabia que ele estava fora também com o seu amigo Alex e não conseguia imaginar por que ele queria saber onde eu estava, mas fui sincera quando respondi.

Só Deus sabe. Estou em um café agora tentando descobrir.

Hahaha.

Você poderia estar aqui.

Eu continuei sem entender aonde ele queria chegar com aquela conversa. Eu não sabia se ele estava me convidando para ir até onde ele estava ou se era apenas um fato: você poderia estar aqui.

Não entendi, mas gostei de saber que ele estava pensando em mim, então perguntei onde eles estavam e ele me mandou a localização, mas era muito longe. Eu havia andado muito mais do que eu imaginava. Então combinamos de nos encontrarmos em casa mesmo.

Depois disso, um dia nós saímos - em grupo, como sempre - e eu estava na minha como sempre e mantendo distância. Não porque eu queria, mas porque era o que nós fazíamos.

Eu peguei meu celular em um determinado momento e vi que James havia me mandando uma mensagem há alguns minutos. Ela dizia simplesmente:

Vem ficar aqui perto.

Eu me lembro de sorrir e de olhar em volta para saber onde ele estava e por que ele estava me chamando. Numa dessa alguma coisa havia acontecido e ele precisava da minha ajuda, mas se esse fosse o caso, por que não enviar uma mensagem dizendo “preciso da sua ajuda?” Não. Ele escolheu aquelas palavras de propósito.

Quando eu o encontrei, ele estava em uma roda com os amigos dele e estranhei que ele quisesse que eu me aproximasse, então fiz com cuidado. Assim que eu cheguei, minha insegurança demonstrou ser infundada porque ele sorriu assim que me viu.

Então, considerando essas mensagens e aquele sorriso, eu imaginei que ele me quisesse por perto e fiz o que qualquer um faria: fiquei por perto.

Por isso, dali para frente quanto saíamos, eu não me preocupei mais em manter a minha distância e em casa eu também não me privei de nada. James era naturalmente uma pessoa muito carinhosa e eu também, então quando ele me deu essa abertura, eu aproveitei.

Porém, alguns dias depois ele me deixou confusa pela primeira vez. Ele passou o dia um pouco distante e me dando respostas monossilábicas, mas me convidou para sair à noite mesmo assim. Por isso, achei que aquela frieza havia sido apenas um mau humor temporário, mas assim que eu fiquei pronta, ele nem olhava para mim direito.

- James - eu o chamei quando estávamos prestes a descer as escadas.

Ele se virou em silêncio, mas seu rosto estava amigável.

- Aconteceu alguma coisa? Você está bravo comigo por algum motivo? - eu perguntei.

- Não. Por quê?

- Porque você está um pouco diferente comigo. Meio distante.

- Ah. Não é nada de mais. Eu não estou bravo com você - e para provar que estava falando a verdade, ele sorriu.

- Se não é nada de mais, por que você está agindo como se eu tivesse feito algo errado?

Ele respirou fundo antes de responder e eu não sabia o que esperar.

- Eu só acho que nós estamos passando tempo demais juntos.

Eu pisquei algumas vezes, confusa. Era ele que me chamava para sair. Era ele que me enviava mensagens me chamando para ficar mais perto e querendo saber onde eu estava. Claro, eu também ia no apartamento dele, chamava para ir no meu, sugeria passarmos tempo junto, mas porque eu achei que eu era bem vinda. Eu não teria feito nada daquilo se ele não tivesse me dado abertura.

Mesmo assim, ali estava ele basicamente me dizendo que ele estava de saco cheio de mim. Quer dizer, isso poderia ter acontecido, mas por que ele havia me convidado para sair naquela noite? Se esse fosse o caso,

bastava ele não me convidar. Eu não iria ficar magoada, até porque eu só aceitava os convites porque achava que eles eram sinceros. Eu nem gosto de sair tanto assim.

Por isso não soube como responder naquela hora. Eu tinha muita coisa para dizer e nem sabia por onde começar.

Foi ele que falou de novo.

- E eu falei para você que eu não queria nada sério. Então eu só achei que era melhor nós não passarmos mais tanto tempo juntos.

- Eu também falei para você que eu não queria um relacionamento - eu respondi rapidamente. Ele não iria virar o jogo e fazer parecer que eu era a desesperada. - Mas então você quer dizer que quando você me chama para sair ou para ficar por perto é para eu recusar? Você me convida só por educação?

Ele suspirou.

- Eu convido porque quero convidar.

- Mas no fundo esperando que eu recuse o convite?

Naquela época eu ainda não sabia que era inútil discutir com ele, então insisti. Hoje em dia eu diria um simples “ok” e seguiria em frente. Na verdade, eu nem começaria a discussão.

- Claro que não, Oli. Da onde você está tirando isso?

- Você acabou de dizer que nós temos passado muito tempo juntos, mas continua me convidando para passar tempo com você. Não faz sentido.

Ele suspirou de novo antes de responder.

- Eu não sei o que dizer para você.

Percebiam que em nenhum momento ele disse que me convidava porque queria que eu fosse junto. Por isso eu respondi:

- Eu vou ficar em casa hoje. Não sabia que aceitar seus convites para sair significava que eu queria namorar com você - eu não resisti ao sarcasmo no final.

- Oli - James pediu quando eu me virei para a minha porta.

- Eu estou cansada, James. Não tenho seu ritmo e não quero atrapalhar, que é obviamente o que eu estou fazendo.

- Oli, não faça isso - ele pediu, mas dessa vez ele soava mais irritado do que outra coisa.

- Boa noite, James - eu disse e entrei no meu apartamento.

Durante a conversa eu parecia controlada e como se não estivesse afetada por descobrir que ele estava de saco cheio de mim, mas assim que

entrei em casa a onda de mágoa me acertou em cheio. Nunca é legal ouvir que alguém não quer mais você por perto, mas para mim é ainda pior porque por algum motivo esse é o meu maior medo. Eu tenho pavor de forçar a minha presença na vida de alguém sem perceber que ela me quer longe dali. Por isso eu apenas me aproximei do James quando ele me deu abertura. Eu jamais teria feito isso sem a aprovação dele. Eu não sou o tipo de pessoa que se convida para as coisas e fica em cima das pessoas assim que as conhece e que não sabe a hora de ficar quieta e de ir embora.

Mesmo assim, aparentemente eu havia entendido errado os sinais que James havia me dado. Então para garantir que eu não iria cometer o mesmo erro, eu passei a tomar mais cuidado com quanto tempo eu passava perto dele.

E depois daquela conversa foi quando eu descobri que o James simplesmente não resolvia nada nunca. Conversar uma vez era o suficiente, mesmo que o assunto não fosse resolvido.

Por exemplo, eu não o ouvi chegar em casa naquela noite, mas na manhã seguinte ele agiu como se nada tivesse acontecido. Foi ao meu apartamento me dar bom dia e conversou normalmente comigo. Eu achei tudo muito esquisito, mas, como eu disse, para não correr riscos, eu deixei que ele ditasse o ritmo das coisas. Se ele estivesse confortável com aquilo, então eu também estava.

Aos poucos a mágoa e o medo de não ser bem vinda na vida dele foram se dissipando, mas não totalmente. Inconscientemente, eu continuei calculando todo o tempo que eu passava perto dele para não errar de novo. Até para sair de casa eu primeiro ouvia pela porta para saber se ele estava em casa ou se eu corria o risco de cruzar com ele no corredor. Isso rapidamente se tornou um hábito. Acho que foi por isso que eu me acostumei tanto com os barulhos no apartamento ao lado. Eu precisava estar atenta a eles.

Então por mais que eu estivesse insegura, eu me adaptei. Deixei que ele sempre desse o primeiro passo. Deixei que ele iniciasse as coisas entre nós e apenas segui o ritmo que ele ditava.

E por que eu me coloquei nessa posição? Porque eu pensei também que todo mundo que começa qualquer tipo de relacionamento tem o direito de discutir pelo menos uma vez, não tem? As coisas não começam já perfeitas. Então eu achei que aquela discussão havia sido apenas nós

ditando os limites, o que é algo totalmente natural - e saudável - de se fazer em qualquer tipo de relacionamento.

E também porque era muito difícil não ir na onda do James. Por exemplo, alguns dias depois daquela conversa, eu peguei uma gripe. Por causa disso, eu passei a madrugada tossindo e com febre, então mal dormi. Lá pelas 3 da manhã, James me mandou uma mensagem:

Você está bem? Eu já ouvi você tossir várias vezes.

Eu deveria ter suspeitado que ele ouviria. Nossos quartos dividiam uma parede e ela não era tão grossa assim.

**Acho que estou ficando gripada, mas já tomei um remédio.
Desculpa se eu te acordei.**

**Não se preocupe com isso.
Se você precisar de algo me avise.**

Obrigada!

Eu acrescentei o nosso coração lilás no final da mensagem e ele respondeu com o mesmo coração.

Eu não sei quanto tempo se passou, mas eventualmente o remédio fez efeito e eu consegui dormir um pouco. O que me acordou depois foi uma mão suave acariciando meu rosto e uma voz familiar baixa chamando meu nome.

- Oli?

Eu abri meus olhos e vi James sentado ao meu lado. Eu conseguia ver o seu rosto sob a iluminação fraca que vinha da sala. Ele estava me olhando com preocupação e carinho.

- Desculpa acordar você - ele disse num sussurro - mas eu estou saindo para trabalhar e queria saber se você precisava de alguma coisa. Não quis fazer você se levantar para abrir a porta, então eu usei a chave que você me deu. Você se importa?

- Não. A chave é justamente para isso - eu respondi e consegui sorrir um pouco, embora não me sentisse muito bem.

- Você está com fome? Quer que eu faça algo para você? - ele ofereceu.

Só de pensar em comida eu senti meu estômago embrulhar.

- Acho que não. Pelo menos por enquanto.

- Tudo bem. Alguma outra coisa então?

- Se não for pedir muito, você pode passar na farmácia na volta e comprar um analgésico para mim? Eu tomei o último de madrugada. Pode pegar dinheiro na minha carteira que está...

- Não se preocupe. Você me paga depois - ele me interrompeu gentilmente. - Mais alguma coisa?

- Só isso.

- Ok. Eu vou indo então - ele disse e deu um beijo suave na minha testa. - Qualquer coisa me avise. Eu estou com o meu celular.

- Obrigada.

Eu o observei se levantar e sair do meu quarto e me lembro de me sentir grata por ele naquele momento. Ele não tinha obrigação alguma de cuidar de mim daquele jeito. Talvez se ele não fosse naturalmente carinhoso e atencioso a preocupação dele seria limitada a uma mensagem me perguntando se eu estava bem. De qualquer forma, eu sabia que ele havia dado um passo além do que seria o esperado e eu estava grata por isso.

Meu despertador tocou naquele momento, me lembrando das minhas responsabilidades, mas eu não estava em condições de sair da cama. Então, enviei uma mensagem para a minha chefe avisando que eu não poderia ir trabalhar e pedi para um colega meu, William, checar meu experimento para mim. Assim que tudo isso estava resolvido, eu me virei para o outro lado na cama e adormeci sem dificuldade.

Quando acordei de novo, a luz que vinha da sala parecia menos brilhante, então imaginei que já seria o final do dia. Peguei meu celular da cabeceira e, realmente, já eram 5:30 da tarde. James havia me mandado uma mensagem no início da tarde perguntando como eu estava. Respondi rapidamente dizendo que eu havia acabado de acordar e estava um pouco melhor.

E eu estava mesmo. Ainda um pouco fraca, mas com muita fome. Então juntei toda a força que eu tinha e consegui me levantar e ir até a cozinha.

Separei o que eu tinha para fazer uma sopa porque não queria forçar com nada pesado. Como eu não estava 100% bem ainda, tive que cozinhar

sentada. Era assim que eu estava quando James chegou.

- Oi, Oli! Que bom que você saiu da cama - ele comentou. - Quer que eu termine de cozinhar para você?

Eu pensei em recusar, mas a verdade é que eu estava cansada já, então aceitei a oferta. James deixou uma sacola no balcão enquanto vinha até o fogão pegar meu lugar.

- Eu trouxe o remédio para você - ele disse.

- Obrigada - eu disse com sinceridade e dei um beijo na nuca dele. Eu não sabia se isso era permitido, dada a nossa situação, mas ele me deu um beijo na testa naquela manhã, então achei que eu poderia me arriscar.

Ele não reagiu, o que era um bom sinal porque significava que ele não havia estranhado minha demonstração de carinho.

Aliás, embora nós já tivéssemos passado várias outras noites juntos, James nunca falava sobre o assunto. Não que eu quisesse ter longas conversas sobre isso, mas ele parecia outra pessoa na manhã seguinte. Era quase como se nada tivesse acontecido e eu achava um pouco estranho. Para ser bem sincera, eu até cheguei a achar que ele havia se arrependido, mas depois nós ficamos juntos de novo e de novo... Ele não podia ter se arrependido todas as vezes, podia?

Então comecei a achar que ele estava com medo de me dar a ideia errada porque não queria nada sério. Eu também não queria e, por isso, também não falava sobre o assunto e nem demonstrava nada. Eu apenas seguia o ritmo dele. Como eu disse, para mim estava bom daquele jeito mesmo, mas às vezes eu queria apenas um reconhecimento da parte dele do que havia acontecido. Seria bom ter certeza que eu não enchia o saco dele.

- Como foi o seu dia? - eu perguntei enquanto pegava um copo de água para tomar o remédio.

- Foi bom - ele respondeu empolgado. - Eu recebi uma oferta de emprego. Quer dizer, na verdade foi para mudar de departamento.

- Que bom! - eu disse com animação sincera e fui me sentar no sofá. Peguei a manta para me cobrir e encontrei uma posição confortável. - Para qual departamento querem que você vá?

- Para o financeiro - ele disse, mas sem a empolgação inicial.

- Eu achei que você tinha ficado feliz com a oferta.

- Eu fiquei, mas eu não tenho certeza se é o meu lugar. Eu gosto do que eu faço. Nunca me imaginei trabalhando no financeiro.

- Por que não?

- Não sei. Acho que é porque eu trabalharia mais sozinho. Eu gosto do contato com outras pessoas.

- Ah, entendi. E você pode tentar e voltar para o seu cargo original se não gostar?

- Acho que sim.

James desligou o fogão e pegou uma tigela do meu armário e uma colher da gaveta. Eu só o observei se virar na minha cozinha com naturalidade, como se fosse dele. Eu gostei daquilo.

- Então eu acho que você deveria tentar. Você se adapta fácil - eu sugeri.

- Você acha?

- Sim. O que disseram do salário?

- Eu receberia um aumento - ele disse enquanto vinha até o sofá com a sopa para mim.

- Isso é interessante - eu disse.

- É sim. Eu poderia investir o dinheiro extra num isolamento acústico para o meu quarto - ele piscou para mim e me entregou a sopa.

Eu dei risada.

- É uma ótima ideia.

- A propósito, quem é Geórgia? - ele perguntou casualmente e se sentou do meu lado no sofá.

Eu parei com a colher da sopa no ar.

- Você me ouviu no telefone ontem?

- Sim - ele disse, ainda com aquele tom natural. Eu sabia que ele estava me provocando.

- Talvez você devesse investir num isolamento acústico mesmo. Antes que você ouça o que eu falo de você - eu o provoquei também, mas no fundo eu estava genuinamente preocupada que ele houvesse mesmo ouvido algo que eu falei dele para a Geórgia. Eu esperava que não.

- O que importa é que você fala de mim - ele disse com um sorriso orgulhoso.

Eu revirei os olhos e dei risada de novo. Ele riu também e o som me fez sorrir.

- Bem, eu vou tomar um banho enquanto você come - ele disse e se levantou.

- Claro. Muito obrigada, James. De verdade. Você não precisava fazer tudo isso.

- Sem problemas - ele disse com um sorriso. - Você parece um pouco melhor, mas você quer que eu durma com você hoje caso você precise de alguma coisa à noite?

Por alguns segundos eu não consegui falar. A oferta ia além de tudo que eu poderia imaginar que alguém poderia fazer numa situação daquela, mas ele fez parecer tão normal. Talvez fosse normal para alguém como ele, o que me fez pensar se ele estava fazendo tudo aquilo simplesmente porque era da natureza dele ou se era porque era eu.

Calculei também se eu já havia excedido o tempo que eu passava perto dele naquela semana, mas achei que se ele estava confortável em oferecer aquilo, então estava tudo bem. E não é como se fosse um esforço enorme dormir com ele. Eu adorava. Era confortável e aconchegante.

- Pode ser - eu me ouvi dizendo por fim. - Se você não se incomodar.

- Claro que não - ele disse com sinceridade. - Depois eu volto então.

- Obrigada.

Eu terminei de comer ouvindo James se movendo pelo apartamento ao lado. Era incrível como aqueles sons já eram tão familiares para mim. Tão familiares que era até um pouco assustador porque fazia apenas um pouco mais de um mês que eu o conhecia. Antes disso eu não fazia nem ideia de que ele existia, mas agora, apesar das inseguranças sobre o quanto ele realmente me queria por perto, ouvi-lo no apartamento ao lado era o que estar em casa significava para mim.

Rigorosamente falando, eu não precisei dele naquela noite, mas com certeza foi mais cômodo lidar com a febre de madrugada com ele ali para me fazer companhia. Ele me ajudou a voltar a dormir e quando acordei de manhã ele já estava de pé e prestes a sair. Ele parecia cansado, provavelmente por causa do sono interrompido por minha culpa, mas quando eu tentei me desculpar e agradecer, ele me interrompeu dizendo que não era nada e me deu um sorriso leve e genuíno antes de sair para trabalhar. Esse era o tipo de pessoa que ele era. Como que eu poderia imaginar que em pouco tempo tudo isso iria mudar? Pior: mudar para o extremo oposto disso? Talvez a culpa tenha sido mesmo minha.



O que eu sabia é que eu já estava me sentindo melhor e fui trabalhar depois do almoço. Eu havia pedido para o William checar meu experimento no dia anterior e pelas fotos que ele me mandou as coisas não estavam caminhando do jeito que deveriam, então eu pedi para ele descongelar outras células para mim. Por isso eu precisava ir para o laboratório pelo menos à tarde para ver como elas estavam e decidir o que eu ia fazer com aquele experimento.

Eu ainda não estava me sentindo totalmente recuperada, mas assim que eu me sentei na frente do microscópio para ver as células nada mais importava. Quando eu entro no laboratório é como se eu entrasse numa bolha de felicidade e nada do mundo externo entra comigo. Eu não penso em mais nada além do que eu estou fazendo no momento.

Por isso eu nem vi o tempo passar naquela tarde. Eu troquei o meio de cultivo das células recém descongeladas para elas se recuperarem bem, descartei meu experimento antigo porque as células do controle estavam morrendo sem motivo aparente e preparei reagentes dos quais eu iria precisar e programei os próximos dias para refazer esse experimento. Só percebi que já eram 6 da tarde quando William se aproximou da minha bancada para se despedir.

Diferente do James, William era muito alto e eu precisava inclinar a cabeça para trás para conseguir olhar no seu rosto. Porém, assim como o James, William era muito doce e amigável. Não foi à toa que ele foi o meu primeiro amigo no laboratório. Eu o conheci logo no primeiro dia e eu gostava muito dele, mas ele namorava na época e não era um relacionamento muito saudável, então ele não passava muito tempo com outras pessoas, incluindo eu. Por isso, nossas interações eram estritamente no laboratório.

Depois que ele foi embora naquela tarde, eu ainda fiquei mais um pouco finalizando as minhas anotações. Quando terminei, eu desliguei todas as luzes e estava fechando a porta quando vi Thomas, um cara do laboratório de bactérias, vindo na minha direção. Eu não sabia se ele fazia mestrado, doutorado ou pós-doutorado porque as únicas vezes que conversei com ele foram por motivos profissionais. Quem o conhecia era o William, mas eu gostava dele. Ele sempre foi muito simpático comigo.

- Oi, Olívia - ele me cumprimentou com a simpatia de praxe. -Que bom que você ainda está aqui.

- Oi, Thomas. Eu estou indo embora agora. Você precisa de alguma coisa?

- Não. Eu queria só falar com você. O William me contou que você esteve gripada - ele disse - Você está melhor?

- Sim. Bem melhor - eu respondi com um sorriso.

- Que bom! - ele disse, soando sincero.

- Era isso que você queria falar comigo? - eu perguntei quando ele não pareceu que iria continuar falando.

- Não - ele respondeu e respirou fundo, parecendo nervoso, e eu fiquei curiosa. - Eu sei que nós não conversamos muito, mas eu estava pensando se talvez alguma dia nós pudéssemos sair juntos.

Nem em um milhão de anos eu iria adivinhar que ele diria algo assim, mas dei o meu melhor para não demonstrar que estava surpresa.

- Não precisa ser nada grandioso ou chique - ele continuou quando eu não respondi de imediato. - Nós podemos ir a um *pub*, beber algo e conversar. Ou pode ser algo mais chique se você preferir - ele acrescentou, provavelmente interpretando meu silêncio equivocadamente.

- Thomas, eu... Obrigada, mas eu não sei - eu decidi ser sincera.

Eu sabia que James e eu não tínhamos nada sério, mas era a minha primeira vez fazendo algo daquele tipo, então eu não sabia como lidar com a situação. Eu não sabia o que era permitido e o que não era.

E mais do que isso, eu também não sabia se queria sair com o Thomas. Quer dizer, ele era bonito e parecia ser uma pessoa legal e interessante, mas eu também fui pega de surpresa. Eu precisava de um tempo porque nunca havia pensado nele daquele jeito.

- Eu posso responder depois? - eu me ouvi dizendo.

Thomas piscou duas vezes, parecendo confuso também. Ele com certeza não esperava essa resposta, mas para ser sincera, nem eu.

- Acho que sim - ele respondeu um pouco incerto.

- Eu preciso ir agora, mas amanhã conversamos - eu disse com um sorriso.

Ele sorriu também, mas não disse nada e eu não posso culpá-lo por isso. Acho que no lugar dele eu também não saberia como reagir a minha resposta.

Eu tranquei o laboratório e desci, mas eu estava tão mergulhada nos meus próprios pensamentos que só percebi que já estava saindo pela porta da frente do prédio dos laboratórios quando o vento frio me acertou no rosto

e no peito. Eu fechei a minha jaqueta e cruzei os braços para me manter aquecida. Era início de outubro e os finais de dia já estavam ficando mais gelados.

Normalmente, eu andaria até em casa porque era uma caminhada de 20 minutos e eu gostava de andar por Londres, mas eu precisava me sentar e pensar, então o metrô seria perfeito para isso.

Durante todo o trajeto para casa eu pensei se eu deveria consultar o James sobre o que havia acontecido. No fundo eu achava que não, mas eu também tinha receio de estragar as coisas por simplesmente não abrir o jogo. Não queria pegá-lo de surpresa e arriscar um desentendimento. Nós havíamos concordado em sermos muito casuais sobre a nossa situação, mas as pessoas têm expectativas diferentes sobre uma mesma coisa. Então pelo bem da nossa convivência, considerando que nós éramos vizinhos, eu achei melhor colocar todas as cartas na mesa.

Com isso decidido, eu resolvi pensar sobre o que eu achava de tudo isso, se o meu receio em sair com o Thomas era puramente pelo bem da minha convivência com o James ou se era porque eu já estava investida nesse “relacionamento” e não queria me arriscar com outra pessoa.

Eu queria ter um relacionamento com o James?

Eu tentei me imaginar apresentando-o para os meus pais como meu namorado e não tinha certeza do que eu pensava sobre isso.

Depois tentei imaginar o que o James diria e não consegui. Eu não fazia ideia do que ele pensava ou do que ele queria.

Pior: eu não conseguia descobrir o que eu queria que ele dissesse.

Quando saí do metrô e virei na nossa rua eu o vi na porta do prédio recebendo um pacote de um entregador.

Ele checou a caixa, assinou, sorriu para o homem e me viu quando estava prestes a entrar no prédio de novo. No fundo eu estava desejando que ele não me visse porque eu havia passado os últimos minutos pensando nele e tive medo de que ele pudesse ler isso no meu rosto se me visse.

Ele me deu aquele sorriso amigável de sempre e eu acenei.

- Oi, Oli. Que bom que você está melhor - ele disse enquanto mantinha a porta do prédio aberta para mim.

- Sim. Bem melhor. O que você tem aí? - eu perguntei com curiosidade.

- Um fone de ouvido novo.

- Ah, você finalmente decidiu comprar um ao invés de pegar o meu emprestado - eu brinquei quando começamos a subir as escadas.

Ele deu risada e estava prestes a responder quando seu celular tocou. Ele sorriu enquanto checava a tela e colocou a caixa do fone embaixo do braço para usar as duas mãos e digitar com mais facilidade.

Enquanto isso eu me peguei tentando enxergar a tela do celular dele para ver quem havia mandado mensagem para ele e por que ele parecia tão contente.

Mas me controlei e olhei para frente. Qual era o meu problema? Eu nunca me importei com quem mandava mensagem para ele. Por que eu estava tão preocupada de repente?

De canto de olho eu o vi guardando o celular no bolso e percebi que ele começou a me contar alguma coisa, mas não consegui prestar atenção. Eu estava pensando em como trazer o assunto do Thomas à tona e quando eu deveria fazer isso.

Naquele momento? Mais tarde? No dia seguinte? Na semana seguinte? No mês seguinte?

Nunca?

Eu gostava da última opção, mas quando chegamos no nosso andar, decidi acabar logo com isso.

- James?

- Sim?

- Posso perguntar uma coisa?

- Claro.

Seu rosto estava calmo e aberto, como sempre.

- Eu estava pensando... - eu pigarreei antes de continuar. - Eu sei que nós não temos nada sério, mas eu não tenho certeza se sei os limites disso. Um conhecido me convidou para sair e eu não sabia o que dizer porque eu não sei o que eu e você estamos fazendo - eu engoli em seco e lambi os lábios, repentinamente nervosa.

- Você quer saber se pode sair com o cara?

Sempre confie em homens para serem diretos.

- Acho que sim.

Havia sido mais fácil do que eu esperava e eu comecei a relaxar, mas olhando para o rosto dele eu não conseguia nem imaginar quais seriam suas próximas palavras, então fiquei nervosa de novo.

- É claro que pode. A vida é sua. Você nem precisava perguntar - ele disse com facilidade. - Se você quiser sair com ele, então vá. Eu estou surpreso por você ter perguntado.

- Ah - eu murmurei vagamente porque não sabia o que dizer. Foi quando eu entendi o que o Thomas deve ter sentido mais cedo.

- Você estava esperando que eu dissesse outra coisa, não estava? - ele adivinhou.

- Para ser bem sincera, eu não sabia o que eu esperava que você dissesse - eu admiti.

- Oli, eu gosto de você e a gente se diverte, então é claro que eu não gosto que você saia com outro. É óbvio que eu tenho ciúmes e com certeza não vou querer saber dos detalhes - ele disse e não havia dúvida de que ele estava sendo sincero. - E eu tenho certeza que ele não é o primeiro a convidar você para sair, mas pelo jeito é o único convite que você considerou aceitar porque veio me consultar, então isso quer dizer que você achou o convite interessante. Por isso, se você quiser sair com ele, quem sou eu para negar?

Aquele foi o maior discurso que eu ouvi o James fazer. Ele nunca falou tanto de uma vez só e eu tenho que admitir que ele soou muito sensato. Eu estava surpresa.

Porém, que porra tudo aquilo queria dizer? E como assim "com certeza ele não é o primeiro a convidar você para sair?" Era isso que ele pensava de mim?

- Certo - eu disse, embora não estivesse entendendo nada. - Eu só queria garantir que nós estávamos na mesma página para evitar problemas futuros.

James estava me olhando de uma forma estranha. Os cantos dos seus lábios estavam puxados para baixo e seus olhos... Era como se ele tivesse algo para dizer, mas ele não iria se atrever a dizer, embora estivesse o incomodando.

Ou talvez ele só estivesse decepcionado. Agora, se a decepção estava dirigida a mim ou a ele próprio eu não sabia.

Ou talvez ele estivesse chateado pelo fim do sexo fácil. Talvez ele estivesse pensando "Eu sabia que ela iria querer algo mais sério. Eu não deveria ter me envolvido com ela. Agora ela não vai me deixar em paz!"

Enfim. Eu não queria pensar muito nisso.

- Então tudo bem. Que bom que nós definimos isso - eu disse, tentando manter minha expressão vazia para que ele não visse o turbilhão de emoções que estava acontecendo dentro de mim. - Até depois, James... ou não - eu acrescentei de impulso porque não queria que ele pensasse que eu estava forçando alguma coisa.

Ele obviamente estranhou a minha reação porque franziu o rosto ligeiramente.

- Até depois, Oli. Que bom que você está melhor, mas se precisar de algo é só me chamar - ele me deu um sorriso pequeno e eu não consegui dar outro em resposta, então eu só me virei e fui para a minha porta.

Assim que entrei no meu apartamento, fechei a porta e respirei fundo para recuperar o fôlego, como se tivesse corrido uma maratona.

Eu não sabia o que concluir de tudo que James havia dito. Ele pareceu e soou tão sensato e desapegado.

E isso só podia significar uma coisa: ele não deveria sentir absolutamente nada por mim. Eu sabia que eu não tinha sentimentos profundos por ele, mas é claro que algo eu sentia. Não é possível passar tanto tempo assim com alguém e não sentir absolutamente nada. Ou é?

Eu fui para o meu quarto tentando organizar meus pensamentos, mas continuei sem entender nada. Então, agora já irritada, peguei meu celular e procurei o número do Thomas.

Bem, se James não se importava comigo desse jeito, então eu obviamente não tinha nada a perder.

Eu digitei uma mensagem para o Thomas e enviei:

Onde nós vamos?

7.

Toronto, Canadá

Eu nem acredito que já faz quase um mês que eu voltei de Londres. Eu não vi os dias passarem e continuo não vendo. Minha noção de tempo é inexistente e eu nem posso mais culpar o jetlag por essa confusão mental. Então a culpa deve ser minha mesmo.

Pelo lado bom, eu me formo daqui uma semana e consegui terminar de organizar as coisas sem nenhum outro fiasco como aquele do auditório. Quase cometi o mesmo erro quando marquei a data com os fotógrafos, mas por sorte percebi logo em seguida e corrigi. Um desastre evitado.

O que continua igual, obviamente, é o James. Pelo menos uma vez por semana ele faz questão de me dizer o quanto sente a minha falta e o quanto sente por mim. Eu sei que isso tudo é resultado da solidão dele, então não são sentimentos genuínos. Por isso, eu tenho que me cuidar para não ser sugada para esse buraco de novo. Eu respondo apenas o necessário, por mais que por dentro eu esteja quase explodindo de vontade de dizer para ele o quanto eu também sinto por ele.

Alguns dias atrás, na tentativa de diminuir a quantidade de James no meu dia a dia, eu bloqueei o perfil dele no *Instagram*, mas no final daquele mesmo dia ele me mandou uma mensagem perguntando onde estava o meu perfil porque ele tentou me marcar num *post* e não conseguiu. Eu disfarcei e me fiz de desentendida, mas ele não caiu nessa e me perguntou diretamente “você me bloqueou, não é?” Eu não vi motivo para continuar mentindo e disse que sim. Ele só respondeu com o *emoji* revirando os olhos e não falou mais nada, mas no dia seguinte já estava conversando comigo normalmente de novo. Vai entender.

Porém, hoje faz 2 dias que ele não me manda nada. Ele está em silêncio completo. É um recorde. Quer dizer, recorde desde que eu voltei porque em Londres nós já ficamos mais de uma semana sem olhar na cara do outro - por culpa dele, obviamente. Parte de mim está grata porque era

isso que eu queria: tempo e espaço. A outra parte, a mais romântica - portanto, mais trouxa - está chateada e me implorando para ir falar com ele, mas eu não vou. Eu me recuso.

Além disso tudo, eu ainda estou desempregada. Por causa disso, eu tenho acordado às 3 da manhã quase toda madrugada com o coração acelerado e pensando que eu vou depender dos meus pais para sempre e nunca vou conseguir um emprego. Então eu fico acordada refletindo sobre a minha vida tentando imaginar um futuro otimista até que eu consigo voltar a dormir lá pelas 5 da manhã. Porém, o despertador toca às 6:30, então não é como se eu estivesse tendo boas noites de sono também, o que só piora todo o resto. É um ciclo vicioso.

Semana passada eu enviei meu currículo para um laboratório do Instituto de Bioquímica e Biologia Celular, como eu havia comentado com a Geórgia, para uma vaga de mestrado e me responderam marcando uma entrevista para hoje e anexaram dois artigos no e-mail. Não falaram nada sobre eles, mas eu imaginei que era para eu ler para ver de qual linha de pesquisa eu gostava mais, já que um deles era sobre CRISPR e câncer e o outro sobre nanopartículas, o que eu acho meio entediante. Então eu li os dois artigos por cima apenas para me inteirar no assunto porque é óbvio que eu gosto mais do estudo de câncer.

Confesso que eu estou um pouquinho nervosa. Achei que estaria mais, mas acho que a confusão mental tem me deixado incapaz de processar meus sentimentos de maneira adequada também, o que nesse caso é perfeito.

Eu me arrumo para a entrevista, mas ainda está um pouco cedo, então eu me sento no sofá da sala com o meu celular para passar o tempo. Eu abro o *Instagram* e começo a rolar pela linha do tempo sem muito interesse até que vejo que o James postou algo. Meu coração acelera enquanto eu observo a foto e entendo o que está acontecendo.

É uma foto dele com alguns amigos em um *pub*. Eles estão sentados em uma mesa, sendo que James está numa das pontas. Ao lado dele está sua ex-namorada. Quer dizer, talvez agora eu deva me referir a ela como namorada atual porque ele está com um braço ao redor dos ombros dela e ela está com uma mão apoiada em uma das pernas dele.

Ela voltou para Londres e eles estão juntos de novo. A realização me acerta como um soco no estômago e eu fico até sem ar por um instante. Eu

sabia que isso poderia acontecer. Eu até desejava que isso acontecesse, mas agora que aconteceu tudo parece mais real e eu quero chorar.

Algumas vezes eu cheguei a achar que a culpa havia sido toda minha, que quando eu perguntei para o James sobre o Thomas, ele pode ter achado que eu é que estava o rejeitando e isso desencadeou todo o desastre. Fui eu que tirei o pino da granada naquele momento.

Mas agora isso não faz mais sentido, até porque eu dei a opção para o James dizer que não queria que eu saísse com o Thomas. Eu perguntei e ele disse que estava tudo bem. Foi ele que escolheu isso. Não fui eu. E faz sentido porque essa foto aqui é prova de que o objetivo final dele sempre foi a ex-namorada. Eles sempre estiveram juntos como eu suspeitava. Eu fui apenas uma distração para ele passar o tempo enquanto estava sozinho. No fundo eu sempre soube disso, mas ter isso estampado na minha cara é diferente.

E isso explica por que ele não fala comigo há 2 dias. Eu estava certa sobre isso também. Assim que ele voltasse com a namorada ele me deixaria em paz. É bom estar certa pelos menos uma vez porque em 1 ano eu nunca consegui prever os passos do James, mas nesse caso é um pouco humilhante também.

Eu engulo as lágrimas que começam a embaçar a minha visão porque tenho uma entrevista daqui a pouco e porque já chega. Guardo o celular e vou para o carro. Não me importo em chegar cedo demais. Eu preciso me concentrar e deixar o James para lá porque agora eu finalmente terei essa oportunidade sem a interferência dele.

O trânsito está leve também, então eu chego ao IBB em poucos minutos. A fachada do prédio é inteira de janelas e chega até a ser impressionante. Eu até me sinto mais otimista. É disso eu gosto. Nada como um laboratório para me distrair do mundo.

Quando eu chego na recepção e digo que estou lá para a entrevista do laboratório de células humanas, a secretária me manda seguir para o terceiro andar.

Eu ainda estou otimista e animada até a porta do elevador abrir no terceiro andar. Eu dou de cara com pelo menos outras 10 pessoas sentadas em cadeiras esperando. Elas não devem estar aqui para a mesma entrevista, certo?

Eu noto uma mulher com uma prancheta que parece estar organizando os candidatos e vou até ela.

- Bom dia - eu digo tentando soar confiante.
- Bom dia, querida. Você está aqui para a entrevista?
- Sim.
- Qual o seu nome, por favor?
- Olívia Jade Harrison.

Ela checa o papel na prancheta por alguns instantes e depois olha para mim de novo.

- Há duas pessoas na sua frente ainda. Se você puder se sentar e esperar.

- Claro. Obrigada.

Eu encontro uma das poucas cadeiras que ainda está vazia e tento respirar com calma. E daí que mais pessoas estão competindo por uma vaga? Não é assim que a vida funciona? E se é uma vaga concorrida é porque é boa. Se fosse ruim ninguém iria querer.

Para me distrair, eu olho em volta para os vários corredores de portas com placas com os nomes dos pesquisadores de cada laboratório. A porta do laboratório de células humanas abre e uma mulher que parece um pouco mais velha do que eu sai de lá. Eu tento ler a expressão dela para tentar descobrir se a entrevista foi boa, mas ela não deixa transparecer nada. Ela entra no elevador e vai embora.

A secretária avisa que um tal de Eduardo pode entrar e um menino - digo menino porque ele com certeza não tem mais de 22 anos - se levanta e entra na sala.

A entrevista dele não demora muito. Não contei o tempo, mas não pode ter sido mais de 10 minutos. Ele sai de lá parecendo até meio bravo. A próxima candidata entra e dessa vez eu cronometro. 20 minutos depois o meu nome é chamado e eu me levanto.

Tentando parecer confiante ainda eu vou até a porta e quando a abro vejo 3 pessoas sentadas me esperando. Um homem e duas mulheres. Na frente deles há uma cadeira vazia esperando por mim.

Isso parece mais um tribunal e eu tenho a impressão de que é o meu QI que será julgado. O problema é que eu não vim preparada para isso.

Eu fico parada por tanto tempo que a pesquisadora de cabelo preto diz:

- Olívia, por favor, venha se sentar aqui - ela aponta para a cadeira vazia na frente deles.

Por um milésimo de segundo eu considero sair correndo. Eu não vim preparada para ter o meu QI julgado por 3 pesquisadores. Eu achei que seria uma entrevista normal com apenas um pesquisador. Meu Deus, eu vou ser massacrada. Agora eu entendi por que o tal do Eduardo saiu daquele jeito. Ele também foi massacrado.

Eventualmente, eu encontro minha coragem e ando até a cadeira vazia e me sento. Eu queria parecer confiante, mas acho que agora me pareço mais com uma criança assustada. Eu acho inclusive que meus olhos estão ligeiramente arregalados e eu não consigo fazê-los voltar ao normal.

- Então, Olívia. Bom dia. Tudo bem? - o homem que eu sei que se chama Luca diz. Foi com ele que eu conversei nos e-mails porque foi pela pesquisa dele que eu me interessei.

- Bom dia. Tudo bem - eu respondo com um sorriso profissional, pelo menos eu acho que é assim que ele parece.

Ele sorri e se vira para o computador dele. A tela está um pouco inclinada, então eu só consigo ver que ele abriu algum documento diferente, que eu acho que é o meu currículo.

- Você está cursando bioquímica na Universidade de Toronto, certo? - ele pergunta.

- Isso. Eu me formo na semana que vem.

- Ótimo. E eu vi aqui no seu currículo que você passou por alguns laboratórios diferentes durante a graduação. O que foi que atraiu você para a pesquisa com câncer?

- Nos últimos meses de faculdade eu ajudei uma colega minha que trabalhava com cultivo de células e eu acabei gostando. Câncer sempre foi um interesse meu, tanto que quando eu trabalhei no laboratório de imunologia eu auxiliei num projeto com câncer, então eu juntei as duas coisas e descobri que o meu interesse mesmo era estudar células cancerosas.

Ele assente, concordando, e eu posso ver que ele gostou da minha resposta. Isso me ajuda a relaxar um pouco.

- Você tem bastante experiência em laboratórios - a pesquisadora que ainda não havia falado comenta. - Nesses anos todos, qual foi a coisa mais frustrante que já aconteceu com você no laboratório e como você lidou?

Essa pergunta é clichê e ao mesmo tempo sacana. Eu não sei o quão honesta eu posso ser, então eu penso por um momento antes de responder.

- Bem, acho que foi nesse meu último estágio - eu digo por fim, decidindo pelo acontecimento mais recente. - Eu estava responsável por treinar a pessoa que entraria no meu lugar no laboratório e ela tinha os próprios cultivos para cuidar. Eu pedi para ela cuidar apenas dos dela e deixar os meus, mas num dia que eu não fui para o laboratório ela mexeu nos meus também e contaminou tudo. Eu estava expandindo aqueles cultivos e perdi milhões de células por causa disso. Precisei fazer tudo de novo.

Quando eu termino de contar eu noto a expressão de simpatia dos 3 e respiro aliviada.

- Imagino como deve ter sido estressante - a pesquisadora que eu não sei o nome diz. Eles nem se apresentaram para mim. Isso é um bom sinal?

- Mas isso mostra que você já sabe que a ciência é frustrante e que a característica mais importante que você precisa ter é resiliência. Nada como meses de trabalho jogados fora para nos ensinar sobre resiliência - ela continua.

Os outros dois pesquisadores sorriem e assentem.

- Olívia, - Luca fala e eu me viro para ele de novo - você viu que eu enviei dois artigos para você no e-mail, certo?

- Sim.

Então, para a minha surpresa, ele tira dois artigos impressos de uma gaveta e coloca na mesa na minha frente.

- De qual você gostou mais? - ele pergunta.

Sem hesitar e totalmente confiante porque eu previ essa pergunta, eu aponto para o artigo do câncer.

- Desse.

- Claro. Depois de conversar com você é uma pergunta óbvia - ele diz e sorri. - Então eu quero que você escolha uma das figuras dos resultados e explique o que foi feito, por que foi feito e quais conclusões puderam ser tiradas desse experimento.

O quê?!

Mas eu nem li esse artigo direito. Eu só li por cima. Eu mal olhei para as figuras. Meu Deus, por que eu não li com atenção?

Tentando esconder a minha mão trêmula, eu pego o artigo. Quando faço isso noto o nome dos autores. O último é esse Luca. O artigo é dele. Se eu tivesse lido com atenção eu teria percebido isso antes.

E agora? Eu não vou poder nem enrolar. Ele sabe o que está no artigo.

É isso. Esse é o fim dessa entrevista. Eu vou estragar tudo porque não li o maldito artigo. Que estúpida!

Ainda tentando disfarçar meu nervosismo, que agora já chegou no nível do desespero, eu folheio o artigo procurando por alguma figura familiar. Por favor, que eles tenham usado alguma técnica que eu conheço bem. Por favor...

- Leve o tempo que você precisar para se lembrar do artigo. Sem pressão - Luca diz com a voz mais calma do mundo.

Pelo amor de Deus, só uma figura. Eu devo conhecer pelo menos uma técnica...

Finalmente, meus olhos brilham quando reconhecem a espectrometria de massas. De repente, as gavetas da minha memória se abrem e eu lembro vagamente do motivo desse experimento nesse artigo e começo a explicar. Eu começo um pouco insegura e confusa, mas conforme vou falando minha memória vai se tornando mais clara e eu aproveito para fazer uma leitura dinâmica da legenda da figura e resumir com as minhas próprias palavras.

Finalmente, eu consigo fazer os 3 pesquisadores assentirem satisfeitos ao mesmo tempo. Eu fico tão aliviada que até sinto meus ombros relaxando. Talvez essa entrevista não seja tão ruim assim.

- Eu gostei muito de como você resumiu o artigo - a pesquisadora da pergunta clichê diz.

- Obrigada.

Eles me fazem mais algumas perguntas sobre o meu currículo e sobre as minhas intenções na ciência e, por fim, a pesquisadora de cabelo escuro que me convidou para sentar, mas que ficou em silêncio quase a entrevista inteira finalmente pergunta:

- Eu tenho apenas uma dúvida. Você parece gostar mesmo da área e seu estágio em Londres foi sobre testar drogas contra o câncer, então eu estou me perguntando o que você está fazendo aqui atrás de pesquisa básica de mecanismos de câncer?

Que tipo de pergunta é essa? Eu tento organizar minhas palavras para não soar grosseira, mas antes que eu consiga me controlar, eu me ouço dizendo:

- Pesquisa de câncer não é básica. Se fosse, nós já teríamos resultados muito melhores.

E para piorar eu ainda gesticulo em direção ao artigo que eu acabei de explicar. O artigo do pesquisador que está sentado na minha frente e agora

está cruzando os braços e olhando para mim com um sorriso estranho no rosto.

Meu Deus. Não foi isso que eu quis dizer. Eu não quis dizer que o artigo dele era ruim. Eu não consigo nem olhar para ele mais, então eu foco nas duas pesquisadoras, mas elas também perceberam o que eu falei e estão mais sérias do que antes.

E eu aqui achando que havia salvado a entrevista com o meu resumo brilhante do artigo.

- Quer dizer, não que os resultados que nós temos não sejam bons e relevantes, mas eu quis dizer que... - eu tento me corrigir, mas a expressão de nenhum dos 3 muda. Eu não estou olhando diretamente para o Luca porque estou envergonhada demais para isso, mas de canto de olho eu percebo que a postura dele continua a mesma.

- Eu quis dizer que se fosse algo simples seria muito fácil, mas não é - eu termino de dizer, mas não sei se adiantou alguma coisa.

- Tudo bem - a pesquisadora que não é a de cabelo escuro diz finalmente. - Eu já estou satisfeita com as minhas perguntas. E vocês?

Luca assente e a pesquisadora de cabelo escuro também.

Ah meu Deus. Eu estraguei tudo.

- Falta apenas a sua carta de referência. Você trouxe? - Luca diz.

- Sim - eu digo, tentando não demonstrar que estou destruída por dentro, e pego a carta de dentro da minha bolsa.

Eu entrego para ele ainda evitando seu olhar, mas ao mesmo tempo querendo gritar “Desculpa! Eu não quis xingar seu trabalho. Foi só uma pergunta muito da infeliz e inútil.”

- Obrigado - ele diz quando eu entrego a carta. - Amanhã nós daremos uma resposta.

- Ok. Obrigada - eu digo e sorrio, mas não sei como ele sai porque eu quero chorar.

Eu saio da sala e nem olho para as pessoas que estão esperando. Vou direto para o elevador e, felizmente, ele está esperando por mim. Eu aperto o botão do primeiro andar e quando as portas se fecham eu pego meu celular e mando uma mensagem para a Geórgia dizendo que eu estraguei tudo. Eu nem acredito. Por que eu tive que falar aquilo e ainda apontar para o artigo na mesa? Foi sem querer. Eu não quis fazer isso.

Quando as portas do elevador abrem no térreo eu quase saio correndo para o estacionamento. Eu não vou chorar em público. Dentro do carro tudo

bem, mas não no caminho até lá.

Eu tiro a chave da bolsa e sinto meu celular vibrando. Achando que é a Geórgia eu pego o celular com esperança. Falar com ela sempre me ajuda, mas quando vejo a tela tenho vontade de gritar.

É o James.

Oli! Que saudades. Cadê você que sumiu?

Não é possível. Eu cantei vitória cedo demais.

8.

Londres, Inglaterra

Eu combinei de sair com o Thomas no final daquela semana e estava um pouco nervosa. Eu nunca fui do tipo de sair com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Minha vida amorosa estava muito longe de ser um sucesso, mas meus relacionamentos sempre foram apenas duas entre pessoas. Até onde eu sabia pelo menos.

Então aquela situação com o James era completamente nova para mim. Eu não sabia o que eu podia e não podia fazer, mas o James com certeza era mais experiente do que eu e ele havia me dado permissão para sair com outra pessoa, então acho que eu não estava fazendo nada de errado.

Mesmo assim, era estranho para mim.

Eu estava me olhando no espelho do quarto no final daquela sexta-feira decidindo se iria usar uma saia ou um vestido quando ouvi uma batida na porta da frente. Em seguida, a porta se abriu.

- Oli? - a voz do James viajou pelo apartamento até mim.

- No quarto! - eu respondi, me virando de um lado para o outro analisando todos os ângulos da saia.

- Eu preciso contar... - James parou de falar quando chegou na porta do quarto e me viu. - Você vai sair?

- Sim - eu disse, ainda olhando para o espelho.

Uma das minhas características favoritas do James era o fato de que ele nunca deixava as coisas ficarem estranhas. Ele superava tudo rapidamente e assim que tirava um problema do caminho, ele nunca mais o mencionava.

Por exemplo, eu achei que após a nossa conversa desastrosa daquele dia sobre o Thomas nós teríamos vários encontros estranhos no corredor e conversaríamos sobre o clima por dias até que tudo voltasse ao normal, mas não foi isso que aconteceu. Na manhã seguinte ele já estava conversando

comigo normalmente. Ele tinha essa habilidade de fazer você se sentir confortável, por mais que ele tivesse rejeitado você nas entrelinhas apenas algumas horas antes.

As coisas entre nós não ficaram estranhas nem por um segundo, mas eu não ousei dizer que sairia com o Thomas. Eu só iria... sair. James poderia ligar os pontos se ele quisesse.

- Você está linda - ele disse e se sentou na minha cama.

- Obrigada - eu sorri para ele pelo espelho. - O que você queria me contar?

- Eu decidi aceitar a transferência para o financeiro - ele anunciou e eu me virei para ele.

- Sério?

- Sim.

- Que ótimo! Você está feliz em ter decidido isso?

- Por incrível que pareça sim. Eu estava no escritório até agora em treinamento - ele respondeu soando animado, então eu estava animada também.

- Então eu estou feliz por você e eu acho que você vai se dar muito bem - eu o encorajei e dei um beijo no topo da sua cabeça quando passei por ele para ir até o banheiro.

- Você só precisa me ajudar a escolher o que vestir para a minha primeira reunião com um cliente porque eu não tenho nem ideia.

- É claro que eu ajudo.

Eu segurei meu cabelo no alto e encarei meu rosto no espelho, decidindo se deixava preso ou solto.

- Deixe solto - James disse.

Eu soltei o cabelo e percebi que James estava certo, então dei uma escovada rápida e ajeitei algumas mechas teimosas que não queriam ficar no lugar.

- Onde vai ser a reunião? - eu perguntei.

- No *The Shard*.

- Uau. Eu sempre quis ir lá - eu comentei e logo em seguida o interfone tocou.

- Eu vou para casa então. Só queria contar a novidade - James disse e se levantou. - Se divirta - ele acrescentou sem demonstrar qualquer emoção.

Eu sorri porque gostava do fato de ter sido a primeira pessoa para quem ele queria contar sua novidade, mas também não sabia o que concluir

da última frase fria e distante.

Eu atendi o interfone e disse para o Thomas que já estava descendo. Vesti a minha bota e desci sem saber muito bem o que sentir. Eu sabia que se fosse o James me esperando lá embaixo eu estaria empolgada, mas afastei esse pensamento para não estragar a noite. E quem sabe? Numa dessa era o Thomas quem iria tirar o James da minha cabeça. Eu precisava pelo menos dar essa chance para ele. E para mim também.

Nós fomos andando até *Covent Garden* onde Thomas escolheu um bar que eu não conhecia, mas gostei. Era a mistura perfeita entre o casual e o chique. Não era assim tão perto de casa, mas a noite ainda estava agradável e nós fomos conversando o caminho inteiro. Eu até finalmente descobri o que ele realmente fazia. Ele estava no final do doutorado e ainda foi aluno do meu sub chefe.

- Ele foi o meu orientador no primeiro ano do mestrado, mas eu não aguentei. Pedi para trocar.

- Eu não julgo você. Eu já preciso respirar fundo para lidar com ele sendo que mal o vejo. Nem imagino como deva ser tê-lo como orientador.

- Ele é uma pessoa bem difícil. O que ele já fez com você?

- Ele insiste em que estime morte celular contando as células manualmente sendo que existem diversos outros métodos para fazer isso. Métodos mais confiáveis e rápidos.

- Ele adora contar célula. É ridículo - Thomas concordou. - E eu vou adivinhar. Você tentou convencê-lo a fazer de outro jeito, mas ele insiste que você faça do jeito dele.

- Exatamente. E para piorar ele ainda diz que eu faço errado, então semana após semana eu faço o mesmo experimento porque ele não gosta dos resultados e diz que eu estou contando errado.

- Foi por isso que eu desisti do meu mestrado com ele. Passei quase um ano fazendo o mesmo experimento porque ele não queria aceitar que existia outro método melhor. Você já tentou confrontá-lo?

- Hoje inclusive - eu admiti. - Ele apareceu no laboratório enquanto eu estava no microscópio contando as células e me perguntou se dessa vez eu estava fazendo certo.

- Ele é um idiota - Thomas comentou.

- Muito - eu concordei. - Então eu respondi “não sei, mas já que você está aqui, por que você não me mostra como é para fazer?” e ele disse que

não tinha tempo para isso e foi embora, sendo que havia chegado há 2 minutos.

- Você fez bem.

- Você acha? Porque a minha chefe estava ali na hora e me deu uma bronca sobre como eu não deveria falar com ele assim porque ele sabe muito e é super importante e sei lá mais o que, mas do que adianta o cara saber um muito se não sabe nem reconhecer quando a técnica é uma porcaria e não sabe transmitir o que ele sabe para os outros?

- Fez sim. Sua orientadora puxa muito o saco dele, mas você vai ver que daqui para frente ele vai te deixar em paz. Eu se fosse você nem faria mais esse experimento. Guarde os resultados que você já tem e siga em frente.

Era bom desabafar sobre isso com alguém. Eu conversava com o James e ele era um bom ouvinte, mas era diferente ter alguém que realmente conhecia a situação. E Thomas parecia muito sensato e realista. Eu gostei disso.

Claro que nós não conversamos apenas sobre trabalho. Eu até dei bastante risada durante a noite. Foi uma noite boa, mas no fundo eu sabia que estava faltando alguma coisa... alguma coisa crucial e que eu sabia que eu tinha com o James.

Imaginei que fosse aquele clique, aquela conexão que você não consegue colocar em palavras e que ou existe ou não existe. Você não pode forçar e ela também não aparece com o tempo. É uma coisa de energia.

No final, Thomas caminhou comigo para casa de novo e a atmosfera tranquila e divertida continuava ali, mas era só isso. Nada de mais.

Conforme fomos chegando mais perto de casa foi ficando mais claro que eu sentia algo a mais pelo James e que eu precisava decidir o que faria sobre isso.

- Obrigada pela noite e por voltar comigo - eu disse para o Thomas quando chegamos na porta do meu prédio. - Eu me diverti muito.

- Eu também - ele concordou e sorriu.

Então ele se inclinou na minha direção e me beijou. Foi bom, mas de novo, nada de mais. Não chegou nem perto de ser tão divertido e empolgante quanto era com o James. Inclusive, assim que nós chegamos perto do prédio, a primeira coisa que eu fiz foi olhar para a janela do James para saber se ele ainda estava acordado. Eu nem decidi fazer isso. Quando

me dei conta já estava pensando “a luz do quarto dele está acesa, então ainda está acordado.”

Eu não sabia se o Thomas esperava que o convidasse para subir porque ele não deixou transparecer nada quando eu disse boa noite e entrei no prédio.

Enquanto eu subia as escadas me dei conta de que as únicas coisas que eu sabia eram: 1) eu gostava mais do James do que eu imaginava, 2) eu precisava fazer algo sobre isso porque ele deixou bem claro que não queria nada comigo.

Entreí no meu apartamento, fui para o quarto, troquei a roupa pelo pijama, tirei minha maquiagem e quando me olhei no espelho do banheiro percebi que a atitude correta seria terminar tudo com o James. Era o que eu deveria fazer para me proteger.

Então voltei para o quarto, peguei meu celular e mandei uma mensagem para ele:

Ocupado?

Ele respondeu quase instantaneamente:

Não.

Posso ir aí?

Claro.

Fui até o apartamento dele e respirei fundo antes de abrir a porta. Eu conseguia ouvir o som baixo da TV vindo do quarto e andei lentamente enquanto montava um discurso na minha cabeça.

- Oi - ele disse quando me viu na porta. - A noite foi boa?

Ele estava sentado na cama com o *laptop* no colo e vestia só uma calça de moletom. Seu cabelo ainda estava meio molhado de um banho recente.

- Oi. Foi boa - eu disse e fui até a cama.

Eu me sentei ao lado dele, incerta.

Eu não sabia se conseguia fazer isso. No fundo, eu sabia que não queria, mas conscientemente eu sabia que precisava. No entanto, as palavras não saíam da minha boca, por mais que eu tentasse.

Então eu fui para o colo dele e ele colocou o computador de lado. Eu me ajeitei no seu peito e o abracei. Ele me abraçou também.

- O que foi? - ele perguntou.

De novo, não consegui falar.

Eu respirei fundo e senti aquele cheiro já familiar dele e o abracei com mais força.

- Você está amortecendo o golpe? - ele murmurou de maneira brincalhona, mas eu consegui ouvir um tom de preocupação na sua voz. Ele sabia o que estava prestes a acontecer.

Talvez ele estivesse esperando por isso.

Talvez ele até desejasse isso.

Finalmente, eu encontrei a minha voz, mas as palavras erradas saíram.

- Não aconteceu nada. Eu só queria ver você - eu percebi como as minhas palavras soaram e me xinguei internamente.

- Tem certeza de que é só isso? - ele perguntou desconfiado.

- Não, mas não é nada para você se preocupar - eu menti.

Ele aceitou a minha mentira, ou porque não se importava o suficiente ou porque realmente acreditou em mim.

De qualquer forma, ele começou a acariciar meu cabelo e nós ficamos deitados ali em silêncio. Eu fechei os olhos para aproveitar melhor o momento. Eu sentia apenas o toque gentil dele no meu cabelo. A respiração dele parecia tão tranquila quanto a minha. E foi então que eu percebi o quanto eu queria aquilo, o quanto eu queria o James.

E aí eu soube que estava ferrada.

9.

Toronto, Canadá

Eu abro os olhos assustada com o som do meu despertador porque eu havia acabado de conseguir voltar a dormir. Sem levantar a cabeça do travesseiro e com preguiça eu estico a mão até a cabeceira e toco na tela do celular várias vezes até acertar o lugar correto para desligar o alarme.

Já é terça-feira e eu estou esperando uma resposta da entrevista desde sexta. Eu esperei o final de semana e o dia inteiro de segunda, até que antes de dormir eu mandei um e-mail pedindo uma resposta. Claro, com tanta demora assim eu já imagino que eu não tenha sido escolhida, mas eu preciso da confirmação para fechar essa porta e tentar outra.

Eu me sento na cama e pego meu celular para checar o que aconteceu durante a noite. Para a minha surpresa o pesquisador respondeu meu e-mail de ontem à noite. É uma mensagem pequena e eu leio pela notificação mesmo. Ele diz que ainda vai entrevistar uma candidata amanhã e me pede para esperar até lá. Tudo bem, então. Pelo menos não é um não definitivo... ainda.

- Oli, querida - a voz da minha mãe chama da porta. - Eu vou indo e encontro você no restaurante, tudo bem?

- Claro, mãe. Até daqui a pouco.

Nas últimas semanas minha mãe precisou demitir a caixa do restaurante, então como eu estou disponível - leia-se desempregada - eu tenho ajudado como caixa substituta até ela conseguir contratar outra pessoa. É bom porque ocupa a minha cabeça e o meu tempo e eu passo mais tempo com a minha mãe também.

Então eu tomo café da manhã, me arrumo e vou para o restaurante. Nós só abrimos para o almoço, mas a manhã inteira é uma correria para que isso aconteça no horário certo. Então, ironicamente, eu só consigo me sentar no caixa e ter um tempo quando chega a hora de abrir.

Aproveito o momento para responder o e-mail do pesquisador para não parecer mal agradecida. Ele poderia ter me ignorado como a maioria dos recrutadores, mas ele me respondeu. Então eu acho que preciso retribuir a gentileza.

Pego o meu celular e tento ignorar uma mensagem do James. Desde que ele voltou com a namorada ele tem falado menos comigo, mas o tom das conversas ainda é o mesmo: o quanto ele sente a minha falta, as coisas que ele lembra que nós fizemos e dos momentos que passamos juntos, sendo que na época que tudo aconteceu ele fingia que nada acontecia. Pelo que eu me lembro, ele comentou apenas uma vez de uma noite que passamos juntos. O resto parece que nem aconteceu. Até agora.

Aparentemente, ele teve amnésia durante um ano inteiro e agora está recuperando toda a memória. Que bom para ele. Para mim nem tanto...

Vou direto para o aplicativo do meu e-mail e como a última coisa que eu fiz foi mandar aquele e-mail ontem à noite, a minha conversa com o pesquisador é a que está aberta, então eu já clico em responder e digito: *Ok, muito obrigada. Aguardo seu contato.*

Eu envio e fico olhando para a tela do celular. Alguma coisa chama a minha atenção e eu percebo que esse e-mail dele está longo demais. Eu havia lido pela notificação hoje cedo, então ele não era tão grande assim...

Eu começo a ler algumas palavras e finalmente me dou conta do que esse e-mail é.

- AH! - eu dou um grito que é um misto de alegria com constrangimento e terror quando eu percebo o que eu fiz.

Todos os funcionários e os poucos clientes que já chegaram me olham. Alguns curiosos, alguns preocupados e outros apenas assustados, mas não penso muito nisso porque eu passei na entrevista!

Meu Deus! Meu aplicativo imbecil não me notificou do e-mail novo e o Luca mandou um todo educado e elegante dizendo que eu fui escolhida e me oferecendo ajuda para estudar para a prova e eu respondi basicamente com "tá, valeu."

Meu Deus, por que eu sou assim?

Mas então eu entendo qual foi o problema também. Eu li o e-mail dele hoje, mas ele o enviou ontem à noite, então quando ele disse que ainda iria entrevistar alguém "amanhã", o "amanhã" era hoje! Eu não acredito que não me dei conta disso.

Rapidamente, eu mando outro e-mail para ele pedindo desculpa e agradecendo de maneira mais profissional e educada, mas tenho que digitar cada palavra pelo menos duas vezes porque eu estou tão empolgada que meus dedos esbarram em várias letras ao mesmo tempo.

Depois que envio o novo e-mail eu corro até a cozinha para contar a novidade para a minha mãe, mas eu a encontro no meio do caminho.

- Mãe! - eu digo ofegante de tão empolgada.

Ela olha para mim parcialmente preocupada. Eu não a culpo. Acho que eu nunca me senti tão empolgada com algo assim antes.

- Eu consegui! Eu passei na entrevista! - minha voz sai mais alta do que o normal e todo mundo que está em volta se vira para nós para saber o que está acontecendo, mas eu não me importo de estar chamando atenção.

- Que notícia maravilhosa, Oli! - minha mãe sorri e me abraça com força.

Eu não sabia o quanto eu queria isso até agora. Meu coração está mais leve e eu tenho certeza de que vou dormir mais tranquilamente essa noite. E pelo abraço apertado da minha mãe, acho que ela vai ficar mais tranquila agora também. Nós achamos que conseguimos esconder nossas angústias dos nossos pais, mas a verdade é que eles sempre sabem - principalmente as mães - e normalmente sofrem conosco também. Então agora eu estou feliz por mim e pela minha mãe. Meu pai vai ficar aliviado quando souber também.

- E agora? Qual o próximo passo? - ela quer saber.

- Agora eu preciso fazer uma prova - eu digo e me lembro desse pequeno detalhe. De nada adianta ser selecionada na entrevista se eu não passar na prova.

Meu Deus, eu preciso começar a estudar.

- Quando vai ser? - minha mãe pergunta.

- Dia 6 de novembro - eu respondo, agora um pouco menos empolgada e mais nervosa. Eu realmente preciso estudar.

- Bem, você tem quase dois meses. Se você se organizar direitinho vai ser o suficiente - ela sorri de maneira encorajadora. - Parabéns - ela me dá um beijo na bochecha e me abraça de novo.

- Obrigada, mãe.

Eu poderia ficar ali naquele abraço por horas - afinal, nada melhor do que abraço de mãe nesses momentos - mas atrás dela eu vejo uma família se aproximando do caixa.

- Acho melhor eu voltar para o meu posto antes que reclamem de mim para a minha chefe.

Minha mãe dá risada.

- É melhor prevenir mesmo - ela concorda.

Eu sorrio para ela e corro para o caixa de novo. Depois dessa notícia é muito mais fácil ser simpática com os clientes, até porque agora eu acho que o sorriso no meu rosto é permanente.

Quando tenho um tempo livre de novo entre os clientes, até decido que consigo enfrentar a mensagem do James que eu estou ignorando há algumas horas. Não que a mensagem seja ruim. Muito pelo contrário. É mais uma das clássicas dele de “queria que você estivesse aqui”.

O problema é que cada vez que ele manda algo assim eu preciso convencer meu lado romântico e ingênuo que essas palavras não querem dizer nada - até porque agora ele está namorando de novo - e para isso eu preciso de um tempo.

Além disso, agora eu tenho algo para dizer para não precisar admitir que eu também queria que ele estivesse aqui, então posso responder tranquilamente. Respondo rapidamente enquanto vejo um casal se aproximando do caixa. Quando eles chegam eu já deixei o celular de lado e assim que eles vão embora, eu recebo a resposta do James.

Eu sabia que você ia conseguir! Você é demais, Oli! Parabéns. Aproveitando o clima, eu também tenho uma boa notícia.

**Obrigada! Hoje é o dia das boas notícias pelo jeito.
Qual é a sua?**

Dessa vez ele leva um pouco mais de tempo para responder, mas quando a mensagem dele chega toda a minha tranquilidade e empolgação são substituídas por nervosismo e ansiedade.

Eu vou tirar férias em janeiro e meus amigos me convidaram para ir até Nova York. Você vai ter um casamento lá nessa época, não vai? Nós podemos nos ver!!!!

Eu já desejei ver o James de novo muitas vezes, mas eu nunca achei que isso fosse possível, até porque no fundo eu sei que isso não vai ser bom para mim. Inclusive porque na minha imaginação esses reencontros são sobre James descobrir que quer ficar comigo e tudo termina bem - eu sei, eu não me orgulho da minha imaginação às vezes também - mas ele voltou com a namorada dele, então essas fantasias não fazem mais sentido nenhum.

Mas sendo bem realista, até lá James provavelmente vai ter se esquecido disso tudo, então eu vou na onda dele, imitando seu entusiasmo, porque sei que esse reencontro não vai acontecer. Eu não vou precisar me preocupar com isso.

**Que bom!!! O casamento é dia 7 de janeiro.
Se você estiver por lá eu posso ficar mais uns dias ou até
ir antes ☺**

Eu não estou sendo falsa. Eu apenas aprendi que com o James é mais fácil sempre concordar com ele do que discutir e, como eu disse, até janeiro ele vai se esquecer disso.

Às vezes vocês podem até se perguntar por que eu ainda gosto dele sendo que parece que eu estou sempre destacando os defeitos dele, mas eu não posso me dar ao luxo de ficar presa às qualidades dele. Eu já sou um caso perdido. Não preciso me lembrar de como eu me sentia com ele ou do quão carinhoso, atencioso e engraçado ele é. O que eu preciso é lembrar que eu nunca fui nada de mais para ele, mesmo que essas mensagens de agora façam parecer o contrário.

Aliás, antes que eu me esqueça disso, preciso me concentrar nessas memórias. Elas ainda estão um pouco ofuscadas, mas nos últimos dias eu tenho me esforçado para que elas tomem o protagonismo.

10.

Londres, Inglaterra

Eu não sabia o que iria acontecer depois que eu saí com o Thomas, tanto em se tratando dele quanto do James. Eu até tentei terminar tudo com o James, mas descobri que era incapaz de fazer isso naquela mesma noite. Então conforme os dias seguintes foram se desenrolando eu apenas segui com o fluxo. James agiu naturalmente, então eu também. Quando Thomas me mandou uma mensagem sugerindo que nós saíssemos de novo eu nem sabia o que iria responder. Descobri conforme fui digitando.

E eu acabei respondendo que não achava uma boa ideia porque eu não iria ficar com ele só para provar para mim mesma que conseguiria ter um relacionamento aberto ou apenas para torturar o James. Não era justo com o Thomas. Eu achei que fui educada na minha mensagem, mas ele não me respondeu mais, então não sei o que aconteceu ali.

Na segunda-feira quando eu fui para o laboratório até fiquei um pouco nervosa em pensar que poderia cruzar com ele, mas a manhã inteira passou e eu não o vi, então à tarde eu já estava mais tranquila.

- Oli, você está ocupada? - Will me chamou enquanto eu estava no computador escrevendo um relatório do último experimento.

Eu me virei e o vi tirando o jaleco.

- Não. Eu estou esperando as minhas células que deixei incubando com os anticorpos.

- Quanto tempo você ainda tem?

- Uns 20 minutos.

- Você quer descer para tomar um café? Eu deixei uma PCR correndo agora e não parei o dia inteiro ainda.

- Quero sim.

Eu me levantei e tirei meu jaleco enquanto Will checava seu celular.

- Ah, antes que eu me esqueça - ele disse de repente. - Você saiu com o Tom na sexta-feira?

- Sim. Como você sabe?

- Eu o convidei para irmos num *pub*, mas ele disse que já tinha planos com você.

- Ah - eu murmurei. Felizmente, homens não querem saber dos detalhes como as mulheres. Quer dizer, eu adoro ouvir os detalhes das histórias das minhas amigas e de contar os meus para elas também, mas naquele momento eu não estava com vontade de conversar sobre aquele assunto porque nem eu sabia direito o que estava acontecendo. Então eu fiquei feliz quando Will se distraiu com o seu celular de novo enquanto nós andávamos pelo corredor até a cafeteria do instituto.

Na escada, porém, nós cruzamos com o Thomas. É sempre assim. Quando você está preparada nada acontece, mas é só você abaixar a guarda...

- Oi, Tom - Will o cumprimentou.

- Oi - eu disse logo em seguida.

- Oi, Will - Thomas respondeu sem nem olhar para mim

Ele seguiu seu caminho e Will se virou para mim, curioso.

- Não foi um bom encontro pelo jeito? - ele perguntou.

- Pelo jeito não.

Por mais que eu quisesse acusar o Thomas de ser imaturo ou coisa parecida, eu decidi que ele merecia um tempo. Por mais educada que uma rejeição seja, ainda é uma rejeição. Eu bem que sei. Então tudo bem se ele quisesse me ignorar um pouco. Talvez no lugar dele eu agisse da mesma forma.

Enquanto esperávamos pelo nosso café na pequena fila, Will tentou discretamente coletar mais detalhes do que havia acontecido na sexta-feira, então eu decidi contar a história inteira para ele de uma vez.

Will sabia um pouco da minha história com o James também porque eles se conheceram uma vez que nos encontramos num shopping. Assim como qualquer um, ele notou os contatos físicos frequentes entre mim e o James, fossem em abraços ou toques no cabelo, no braço, na mão ou qualquer outra demonstração de afeto, e perguntou se nós estávamos juntos. Então eu expliquei a situação para ele.

E naquela hora ali na fila pegando nosso café eu o atualizei do que estava acontecendo, mas omiti o fato de que eu consultei James sobre sair com o Thomas. Não importava que James estivesse agindo como se nada

tivesse acontecido, eu ainda estava me sentindo um pouco humilhada e não estava pronta para compartilhar isso com as pessoas.

- E ele ainda mantém o status como “namorando” no *Facebook*? - Will perguntou quando eu terminei de atualizá-lo dos detalhes.

- Acho que sim - eu respondi. - Faz tempo que eu não vejo.

Repentinamente curiosa, eu resolvi pegar meu celular e checar aquela informação naquele momento. Abri o aplicativo do *Facebook*, procurei pelo perfil do James, esperei carregar e quando vi o status precisei piscar algumas vezes porque achei que estava enxergando mal...

- O que foi? - Will perguntou.

- Ele mudou - minha voz saiu quase num sussurro.

- Ele trocou para solteiro?

- Sim.

Eu não sabia o que pensar, então mal consegui reagir. Eu fiquei ali apenas encarando a tela do celular sem me mover.

Por que eu não checo o *Facebook* com mais frequência? Se eu soubesse quando o James havia mudado o *status* eu poderia pelo menos ligar os pontos e ter uma pista sobre o que ele estava pensando ou sentindo.

Eu imaginei que ele estivesse de acordo comigo saindo com o Thomas porque ele ainda estava apegado à ex, afinal todos nós sabemos que homem nunca dá um passo sem ter certeza de que vai pisar em terra firme. James jamais viraria as costas completamente para a ex sem antes ter certeza de que eu era garantida. Ao mesmo tempo, ele nunca se comprometeria comigo sem antes garantir que a ex estava realmente no passado.

Mas ali estava ele não demonstrando nenhum apego por mim, mas se desapegando da ex também.

Não fazia sentido.

A não ser que existisse outra pessoa.

- O que isso significa para vocês dois? - Will me perguntou, me trazendo de volta à realidade.

- Eu acho que não muda nada - eu disse. - Nós nunca conversamos sobre isso.

Quer dizer, nós conversamos sobre isso indiretamente quando eu perguntei do Thomas, mas eu queria guardar essa parte da história para mim.

- Eu ainda acho que vocês vão virar um casal.

- Nossa, claro que não.

Eu me forcei para soar incrédula, mas no fundo percebi que estava me agarrando a uma esperança de que o Will houvesse notado alguma coisa que eu não havia notado ainda. Então eu senti a necessidade de acrescentar.

- Nós somos apenas amigos e vizinhos.

- E daí? - Will disse - Eu conheço a minha vizinha há anos, mas ela nunca passou uma noite comigo porque eu estava doente.

- Então nós somos mais próximos do que você e a sua vizinha, mas isso não quer dizer nada.

Will ergueu as mãos no ar em rendição

- Se você diz - ele disse. - Mas o fato é que ele finalmente mudou o *status*, o que significa que ele está mostrando para todo mundo que está pronto para seguir em frente.

Will tinha razão nesse ponto, mas eu sabia que o que quer que James estivesse planejando não tinha nada a ver comigo.

- Pode ser, mas então, que PCR é essa que você está fazendo hoje? - eu mudei logo de assunto para não ficar tentando imaginar o que poderia estar se passando na cabeça do James.

Nós terminamos nossos cafés e Will continuou me atualizando dos experimentos dele enquanto nós voltávamos para o laboratório. Eu nem estava mais pensando no James. Estava feliz em ouvir sobre as ideias do Will. Depois eu mergulhei no meu experimento e quando vi eu já estava me arrumando para ir embora.

No caminho para casa eu parei em um caixa eletrônico para pegar dinheiro. Eu precisei lavar roupa naquele final de semana, mas estava sem trocado para as máquinas e James me emprestou, então por mais que ele parecesse não fazer questão que eu o pagasse de novo, eu não gostava de ficar devendo, por menor que fosse a quantia. E também lembrei que acabei esquecendo de pagar pelo remédio que ele comprou para mim naquele dia que eu estava doente, então aproveitei e tirei mais dinheiro.

Quando cheguei, fui primeiro no apartamento dele. Ele não havia chegado ainda, então eu usei a chave que ele me deu e fui até o quarto dele. Conte o dinheiro e deixei na mesa. Havia vários papéis espalhados e eu estava com medo de que o dinheiro se perdesse ali no meio, então comecei a procurar por um clipe de papel. Não encontrei nenhum sobre a mesa e abri a primeira gaveta.

Eu congelei quando encontrei uma foto que eu nunca havia visto antes me encarando. Era uma foto do James com a ex-namorada. Eles estavam lado a lado no que parecia ser um casamento ou uma formatura. Ele vestia um terno e ela um vestido doutorado brilhante. Os dois estavam sorrindo e julgando pelo comprimento do cabelo do James era uma foto bem antiga.

Olhar para a foto me lembrou de que eu estava com a suspeita de que James tinha outra pessoa além de mim e da ex-namorada. Fazia sentido e explicava o comportamento dele.

Mas eu era a vizinha dele e as nossas paredes eram finas, então eu tinha certeza de que ele não havia levado ninguém para casa desde que eu havia chegado. Claro, ele poderia estar com outra pessoa e ainda não a ter levado para casa. Afinal, eu não sabia o que ele fazia 24 horas por dia. O fato de eu ser sua vizinha só tornava mais difícil acreditar que ele estava com outra pessoa, mas não impossível.

E por que ele deixava aquela foto ali, num lugar onde ele constantemente mexia? Se ele tinha tanta certeza de que o namoro havia acabado, por que não guardar a foto em um lugar que ele não usava muito?

De repente eu ouvi uma porta batendo e com culpa fechei a gaveta rapidamente. Só então percebi que o barulho havia vindo do andar de cima. James não estava em casa. Ele não iria me pegar xeretando as coisas dele.

Quando meus batimentos cardíacos voltaram ao normal, eu percebi que estava perdendo meu tempo.

E daí que ele tinha essa foto na gaveta? E daí que ele estava com outra pessoa? Eu não concordei com essa possibilidade quando percebi que era incapaz de terminar com ele? Se existisse algo que eu devesse saber ele me contaria. Ou eu poderia perguntar também. Eu não precisava ficar me torturando tentando imaginar o que estava se passando na cabeça dele.

Respirando fundo, eu abri a gaveta de novo e encontrei um clipe. Peguei o dinheiro e preendi as notas com o clipe. Rasguei também um pedacinho de um papel que não parecia importante, desenhei um coração e deixei em cima do dinheiro para ele saber que eu havia devolvido a quantia certa.

Pronto. Eu fiz o que tinha que fazer.

Desliguei as luzes e fui para casa.



Eu sabia que algo estava acontecendo na vida particular do James e eu nunca iria saber o que era porque não era da minha conta, mas isso não significava que eu não estivesse curiosa e insegura. Eu tentei disfarçar o máximo que pude, mas eu não sou uma atriz tão boa, então ele notou que havia algo diferente. Ele até me questionou algumas vezes sobre por que eu estava estranha, mas eu dizia que era apenas impressão dele. Mesmo desconfortável eu não fiz nada para mudar isso porque... sinceramente eu também não sei por quê.

No final da semana nós saímos com os amigos dele para comemorar o novo cargo dele. Dentre todos os amigos, eu gostava mais do Alex, estudante de medicina, magro, muito alto, com uma risada contagiante e sempre animado, e da Júlia, engenheira, sempre otimista e que apesar da pouca altura tinha uma voz de comando que deixava até o Alex com seus quase 1,90 de altura intimidado. E até onde eu percebi, os dois ou já tinham alguma história ou teriam uma em um futuro muito próximo.

Daquela noite eu me lembro de que teve muita risada, muita caminhada por Londres, muitos conhecidos que James encontrava na rua e acho que me lembro de um policial gritando comigo em algum momento. Eu acho que estávamos na *Tower of London* e James iria tirar uma foto minha, mas eu me aproximei demais e um policial apareceu do nada gritando “SE AFASTE DA GRADE!” ou algo assim. Eu me assustei e achei que estávamos sendo assaltados, então gritei e joguei minha jaqueta e comecei a correr até que percebi que o James estava dando risada. Eu não sei por que eu joguei minha jaqueta no homem que possivelmente iria nos assaltar, mas eu fiz o que pude.

A questão com os policiais londrinos é que eles realmente aparecem do nada, até mesmo de madrugada. Você acha que está sozinho e de repente eles se materializam na sua frente gritando porque você está fazendo algo que nem sabia que não podia fazer. Felizmente, o policial nos liberou com apenas uma cara feia e um aviso.

Eu também lembro que acabei adormecendo no *Night Bus* na volta para casa e nós acabamos no último ponto do outro lado de Londres. Em minha defesa, James disse que ficaria acordado. Obviamente, ele não ficou e o motorista precisou nos acordar.

Porém, o que eu mais me lembro daquela noite foi que de repente eu estava ciente de onde James estava o tempo todo. No começo quando nós

saíamos juntos eu não me importava com o que ele fazia ou deixava fazer nem com quem ele conversava ou deixava de conversar, mas agora mesmo num *pub* lotado a única pessoa que eu via era ele. A voz que se sobressaía no meu ouvido era a dele, a presença que eu sentia mais era a dele e quando não sentia, imediatamente eu queria saber onde ele estava.

A pior parte é que se eu o visse conversando com outra mulher eu ficava com ciúme. Então foi naquela noite que eu tive certeza de que eu havia entrado numa rua sem saída e só iria ficar pior dali para frente.

Por isso, eu sabia que precisava fazer algo e até tentei quando voltamos para casa, mas mais uma vez eu não consegui me forçar a dizer as palavras e nós acabamos transando, então dá para dizer que eu fui fazer uma coisa e saí depois de fazer o completo oposto daquilo.

Eu não estava arrependida, mas sabia que eu havia piorado tudo. E, como sempre, no dia seguinte ele agiu como se nada tivesse acontecido. Ele até perguntou se o jantar era no meu apartamento ou no dele. Era a minha vez de cozinhar, então ficou combinado que seria no meu e eu passei o dia planejando meu discurso para finalmente terminar com ele naquele dia. A palavra “terminar” parecia errada naquele contexto, mas qual mais eu poderia usar?

Meu discurso mental estava quase pronto quando eu o ouvi chegar em casa. Eu sabia que eu ainda tinha pelo menos uns 15 minutos até ele tomar banho e me concentrei na tarefa de lavar os vegetais enquanto recitava meu discurso em silêncio e procurava as últimas palavras.

Porém, meus pensamentos foram interrompidos porque menos de 2 minutos depois que eu ouvi James chegando em casa, eu o ouvi saindo de novo e logo em seguida a minha porta se abriu.

- Oi, Oli - ele disse animado.

Na verdade, o sorriso dele parecia mais provocador do que feliz e eu não entendi.

- Oi. Eu achei que você iria tomar banho antes. Eu ainda não terminei.

- Eu vou tomar banho - ele disse e veio até mim na pia. - Mas eu queria mostrar uma coisa para você antes.

Eu não fazia ideia do que poderia ser, mas ele estava perto demais e eu reconhecia aquele olhar cheio de desejo e segundas intenções.

Ele levantou a manga da camiseta e me mostrou um arranhão num ombro e depois fez a mesma coisa com a outra manga. Ele tinha arranhões

nos dois ombros e eu continuei confusa por um instante até juntar todos os pontos.

- Fui eu que fiz isso? - eu perguntei sem acreditar.

James fez que sim com a cabeça e ele parecia muito orgulhoso dele mesmo.

- Eu não me lembro de fazer isso.

- Não importa - ele disse, ainda sem perder o sorriso provocador. - Isso aqui é prova de que foi muito bom.

Bem, disse eu me lembrava. Eu senti minhas bochechas corando de vergonha, o que era ridículo.

- Não precisa ficar com vergonha - James disse e me abraçou por trás. Meu coração acelerou um pouco. - Foi bom mesmo - ele acrescentou num sussurro.

Eu ainda estava um pouco envergonhada, mas era a primeira vez que James reconhecia que algo havia acontecido entre nós e eu não sabia o quanto eu precisava que ele fizesse isso até aquele momento. Eu comecei a sorrir por causa as memórias da noite anterior que agora estavam passeando livremente pela minha mente. James estava certo. Foi muito bom e, embora eu não lembre exatamente, eu acho que consigo imaginar em qual momento esses arranhões podem ter acontecido.

Mas eu não precisava de mais motivos para mergulhar mais fundo nessa história. Aliás, eu precisava terminar com ele.

Então eu me controlei, parei de sorrir e me desvencilhei do abraço dele - contra a minha vontade, obviamente.

- Vá tomar banho de uma vez que eu estou quase terminando - eu disse, tentando soar assertiva, mas James notou que eu estava apenas fingindo.

Ele deu uma risada suave e me deu um beijo na bochecha.

- Está bem. Já estou indo e já volto.

Quando ele saiu eu tentei voltar a recitar o meu discurso, mas as memórias da noite anterior ainda estavam ocupando a maior parte dos meus pensamentos e eu esqueci tudo que iria falar. Tudo culpa do James, como sempre.

Mas eu poderia falar simplesmente: James, nós não podemos mais fazer isso. Era simples, direto, fácil e dizia tudo que eu precisava dizer. Então ao invés de tentar explicar tudo eu poderia falar só isso. Ele iria entender.

Terminei de preparar nosso jantar repetindo essa frase na minha cabeça como se fosse um CD riscado

James, nós não podemos mais fazer isso.

Depois que eu repeti esse mantra 5 vezes, James chegou e me ajudou a arrumar a mesa.

Nós compartilhamos alguns detalhes do nosso dia durante o jantar, mas fora isso nós ficamos quase em total silêncio. Para mim foi porque eu estava me concentrando no “James, nós não podemos mais fazer isso”, mas para ele eu não sei. Ele parecia concentrado em alguma coisa também.

Quando eu terminei de comer eu achei que era bom um momento para recitar meu mantra em voz alta. Eu olhei para ele e como ele estava usando uma regata dava para ver parte dos arranhões nos seus ombros. Eu contive um sorriso e me concentrei.

- James - eu disse.

Ele olhou para mim, mas eu não continuei. Ao invés disso, eu analisei as feições dele que agora já eram tão familiares para mim e me perguntei como era possível que em apenas 2 meses eu havia me apegado tanto a ele. Como era possível que eu olhava para essa pessoa que era quase um total estranho ainda e me sentia como se eu o conhecesse a vida toda?

- Oli? - James disse e eu me concentrei no meu objetivo de novo.

Certo. James, nós não podemos mais fazer isso.

- James, nós... - as palavras engataram na minha garganta de novo e eu desviei o olhar para o lado e vi os arranhões no ombro dele de novo. - Desculpa pelos arranhões. Deve ter doído - eu me ouvi dizendo.

- Você não precisa se desculpar por isso - ele disse sem hesitar. - Eu nem senti. Eu estava concentrado em outra coisa - ele sorriu e piscou para mim. Eu sorri também, mas senti minhas bochechas corando de novo.

- Por que você está com vergonha? - ele perguntou.

- Não sei - eu admiti.

- Não tenha - ele disse gentilmente. - Não tem nada de errado. Até porque se você não lembra é porque você estava muito absorvida no momento e você é geralmente tão fechada comigo. É bom saber que você se abriu comigo pelo menos por um momento.

- Eu sou fechada com você?

De onde ele tirou isso? Eu sempre fui muito honesta com ele.

- Talvez fechada seja a palavra errada, mas você muda quando eu estou por perto e eu sinto que você está escondendo algo de mim.

- Como assim? - eu tentei não soar preocupada, mas eu estava. O que ele esteve observando sobre mim sem eu saber?

- Não sei explicar direito, mas parece que você está tranquila e animada e quando eu chego você muda completamente. Você fica mais pensativa e até um pouco ríspida. E outras pessoas notaram também, então não é coisa da minha cabeça.

Meu Deus. Já era ruim o suficiente ele ter percebido uma mudança de comportamento que eu achei que eu escondia bem, mas outras pessoas terem notado também piorava tudo. Isso era ruim. Isso era muito ruim para mim.

Mas é claro que ele havia percebido. Ele não era burro. Ele provavelmente apenas não sabia o motivo. Eu não conseguia imaginar o que ele achava que induzia minha mudança de comportamento ao redor dele, mas eu esperava que fosse algo bem longe da verdade.

Eu não sabia o que responder, então para enrolar um pouco, eu peguei nossos pratos e levei para a pia.

- Por que você está tão preocupada? - ele perguntou.

- Não estou - eu respondi, mas fui rápida demais. Droga.

- Você é tão mentirosa - ele disse e eu não consegui entender se ele estava bravo ou frustrado.

Eu me virei e o encarei por um instante tentando descobrir. Eu estava começando a ficar incomodada, para ser sincera. Como é que ele já conseguia ver através de mim e eu não conseguia nem fazer sentido das palavras que ele dizia? Muito menos era capaz de saber quando ele estava mentindo ou falando a verdade. Eu costumava ser boa nisso, mas eu não conseguia, por nada nesse mundo, ler o James.

Ele era barulhento demais e adorava ter pessoas ao seu redor, mas em se tratando dos seus sentimentos e questões pessoais ele era tão fechado que nem seus olhos o traíam.

- Eu não estou mentindo - eu menti, ofendida, mas eu não sabia se estava ofendida por ele ter me chamado de mentirosa ou por ele conseguir identificar as minhas mentiras.

- Relaxe, Oli - ele disse com a voz suave e se levantou. - Se você não quiser falar sobre isso tudo bem, mas se quiser conversar você sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe?

- Sei.

- Que bom. E pode deixar que eu lavo tudo isso já que foi você que cozinhou - ele disse e veio até mim na pia.

- Obrigada.

Eu peguei uma toalha e fui secando o que ele foi lavando. Nós conversamos um pouco sobre nossos projetos atuais e o clima entre nós foi voltando ao normal. Eu não estava mais tão preocupada e acho que ele notou porque de repente ele mudou de assunto e disse:

- Sabe do que eu me lembrei agora?

- O quê?

- Que você está me devendo uma história sobre a sua adolescência.

- Nossa, é verdade.

Eu fiquei em silêncio por um momento pensando sobre qual história eu poderia contar.

- Então? Qual vai ser? - ele perguntou depois que eu fiquei em silêncio por tempo demais.

- Calma. Eu estou pensando.

- São tantas que você está em dúvida sobre qual contar? - ele brincou.

- Mais ou menos isso - eu disse e nós demos risada. - Mas acho que já sei qual. Eu tinha 14 anos e estava jogando aquele jogo da garrafa na escola. Eu tive que beijar um menino que estava com pedaço de feijão no dente da frente. Eu não tive coragem de falar para ele e fiquei até brava que ninguém falou nada para ele. Nem os amigos dele falaram, mas eu também não queria que ele ficasse envergonhado. Eu sabia que o que quer que eu fizesse naquele momento ficaria marcado na memória dele para sempre. Eu precisava ter cuidado, então acabei o beijando mesmo.

James deu uma risada alta.

- Mas essa história não vale. Não foi vergonhosa para você - ele disse.

- Por que não?

- Foi vergonhosa para ele com certeza, mas para você só prova que você tem um bom coração.

Eu nem soube o que responder para esse comentário dele. Ninguém nunca havia me dito que eu tinha um bom coração. Muito pelo contrário, eu já fui acusada de não ter um coração, o que foi totalmente injusto.

Como você termina com a pessoa que foi a primeira que disse que você tem um bom coração? É necessário um para reconhecer outro, não é? Então conforme a nossa conversa seguiu fluindo naturalmente como sempre

eu fui vendo a minha determinação de terminar com ele se dissipando até desaparecer completamente.

11.

Toronto, Canadá

A vida não muda muito depois que você se forma. A única grande diferença é que agora que você não é mais estudante, e se torna apenas mais um desempregado. Porém, confesso que a sensação de alívio muitas vezes neutraliza o desespero do desemprego, pelo menos no começo.

Já faz duas semanas que eu me formei e a minha rotina tem sido apenas estudar para a prova do mestrado. Então, o meu visual dos dias tem sido pijama, coque e pantufa e a minha companhia mais constante é uma garrafa de água.

O maior problema com essa prova é que o único direcionamento que deram foi sobre o livro base pelo qual devemos estudar, mas não especificaram os capítulos. São 20 capítulos em um livro de mais de 1000 páginas, então eu preciso ser realista e selecionar apenas os que eu acho que vou conseguir absorver em menos de 2 meses. É humanamente impossível estudar tudo, então eu priorizei. Se dará certo é outra questão, mas é o que eu posso fazer.

Estudar assim pode ser solitário, mas meu pai tem trabalhado bastante em casa nas últimas semanas, então eu tenho compartilhado a nossa mesa grande da sala com ele. Minha relação com o meu pai nunca foi a mais próxima nem a mais fácil e eu até acho que às vezes ele fica mais tempo na mesa “trabalhando” para passar mais tempo comigo, mesmo que nós dois estejamos em silêncio. Às vezes eu o pego olhando disfarçadamente para o meu livro e minhas anotações para saber o que eu estou fazendo (ao invés de me perguntar como uma pessoa normal faria), então eu acabo fazendo um resumo para ele, o que também me ajuda a estudar.

No geral eu estou tranquila, mas apenas se eu não pensar muito no assunto. Quando eu paro para pensar que vou competir com pessoas que estudaram biologia celular de verdade - eu estudei a bioquímica da biologia celular, o que em muitos casos é quase a mesma coisa, mas há muito sobre

o assunto que eu nunca estudei - eu entro um pouco em desespero porque quais são as minhas chances contra quem realmente estudou o assunto? É verdade que eu também já trabalhei com biologia celular, mas trabalhar é diferente de estudar e fazer provas. Então em alguns dias eu choro em cima do livro por alguns minutos antes de começar a estudar.

Além dos meus pais, meus maiores apoiadores e incentivadores têm sido Geórgia, Will e, obviamente, James. Assim que eu contei para ele o que eu estava fazendo, ele se animou e me mandou uma mensagem enorme dizendo o quanto eu sou inteligente e capaz. Eu até fiquei um pouco desconcertada porque não sabia que ele tinha essa imagem de mim.

Nós não conversamos mais todos os dias e eu atribuo isso a ele ter reatado o namoro com a ex, mas ele ainda me manda muitas mensagens sentimentais. Outro dia ele me mandou uma foto usando uma xícara minha que eu deixei em Londres porque não cabia mais nas minhas malas. Parte de mim ficou irritada com a foto e a achou desnecessária, mas a outra parte deixou meu coração amolecer. Às vezes é bom saber que ele sente a minha falta. Eu me sinto um pouco vingada por tudo que ele fez comigo.

Falando nele quando eu faço meu intervalo de estudo, checo o meu celular e, com certeza, há uma mensagem dele.

Oli, marquei minha passagem para Nova York para o dia 6 de janeiro. Você vai que dia?

Eu não acredito que ele ainda está falando sobre isso. Eu achei que ele já teria se esquecido disso, principalmente agora com a namorada. Então agora ao invés de só ir na onda dele, eu tento me esquivar da situação. Até porque já imaginou se eu tenho que passar o dia em Nova York com ele e a namorada? Além de ser esquisito e desconfortável é muito errado. Eu aposto que ela nem sabe quem eu sou porque James jamais contaria, mas eu não me sentiria bem nessa situação.

Eu vou dia 6 à noite e volto dia 8 de manhã, então não sei se vou ter tempo para fazer algo além do casamento.

Ele não demora para responder e eu dou uma risada alta quando leio a mensagem dele. James é realmente algo de outro mundo.

**Ah não, Oli. Você já comprou a passagem?
Tenta remarcar para dia 6 de manhã pelo menos.**

Por que ele está insistindo tanto nisso? Morou 1 ano do meu lado e só me rejeitou e agora quer que eu reorganize a minha vida inteira para nos vermos?

Eu estou pensando em como responder quando ele manda outra mensagem. É a foto de uma página de uma companhia aérea com diversos voos saindo de Toronto para Nova York.

**Olha, encontrei vários voos bons de manhã cedo no dia 6.
Se você remarcar com antecedência nem vai precisar pagar nada.**

- Por que você é assim? - eu pergunto em voz alta, como se ele fosse ouvir.

Eu respiro fundo antes de responder para ter coragem de digitar as palavras:

Vou dar uma olhada.

Claro, eu não tenho intenção alguma de dar uma olhada nas passagens. É uma questão de auto preservação, mas no fundo eu me sinto um pouco mal por ter mentido. Eu estou prestes a mandar outra mensagem, quando ele responde de novo:

O Alex e a Júlia vão comigo.

Hm. Isso é interessante. Seria bom e não seria mais apenas sobre o James, seria? Ele não falou nada sobre a namorada, embora eu suponha que ela também vá junto, mas se mais pessoas forem não vai ser esquisito, vai? Talvez essa não seja uma ideia ruim afinal de contas.

E no fundo eu sei que o James não vai sossegar até conseguir o que ele quer. Ele é muito bom nisso.

Então a minha próxima mensagem é honesta:

Que bom!!!

Eu vou terminar de estudar hoje e vou ver as passagens que você mandou.

Isso. Depois você me conta o que você decidir.

Eu deixo meu celular de lado e volto para o meu posto ao lado do meu pai na mesa da sala para estudar. As horas passam sem eu notar e quando me dou conta meu pai já está me perguntando se eu quero que ele peça uma pizza para o jantar.

- Claro, pai - eu digo e alongo meus braços. Eu já estou exausta e ainda nem cheguei na metade do livro. Quero ver por quanto tempo minha disciplina e motivação vão sobreviver.

- O que mais você precisa estudar? - ele pergunta enquanto procura pelo número da pizzeria no celular dele.

- Praticamente esse livro inteiro e 5 dias antes da prova vou receber 3 artigos para ler para fazer a prova de artigo.

- Prova de artigo?

- É. Eles disseram que precisam saber se os candidatos sabem ler e interpretar um artigo científico.

- Parece difícil - ele comenta.

- Dependendo dos artigos que eles escolherem vai ser mesmo - eu concordo e tento não pensar nisso. Eu vou deixar para me preocupar com esses artigos quando eles chegarem. Se eu ficar ansiosa agora não vai adiantar nada.

Enquanto meu pai pede a nossa pizza, eu subo para o meu quarto e tomo um banho. Agora que eu não estou mais concentrada na biologia celular, percebo uma voz no fundo da minha mente me dizendo que essa situação com o James agora é exatamente como na época em que eu tentava terminar com ele e não conseguia. Eu sei que o melhor que eu posso fazer é me afastar. Eu até sei que é só disso que eu preciso para conseguir dar o primeiro passo para longe dessa história, mas alguma coisa me mantém exatamente onde eu sempre estive. Eu tento me lembrar de tudo que James fez e disse, mas de alguma forma no meio do caminho eu acabo voltando para as memórias boas.

E assim como quando eu tentei terminar com ele e não consegui, eu sei que existe algo me esperando lá na frente que vai tornar tudo muito pior se eu não der esse passo agora, mas mesmo assim eu não consigo. Eu sei

que vou acabar indo para Nova York antes como ele quer porque é isso que eu quero também.

Durante o banho eu sou basicamente atacada por um aglomerado de memórias com o James. As vezes que nós ficávamos deitados na cama conversando até tarde, nossos almoços e jantares, os abraços, cada toque, cada beijo...

Mas por que eu não consigo focar no que foi ruim e seguir em frente? Por que é tão difícil?

Talvez seja um processo. Você não pode simplesmente apagar tudo que passou com alguém e tudo que você sente por ela só porque é o certo a se fazer. Acho que ninguém consegue fazer isso de um dia para outro. Talvez algumas pessoas consigam, mas eu não.

Então enquanto eu seco meu cabelo eu decido parar de me martirizar por não conseguir superar o James logo. Eu preciso de tempo.

Eu termino com o meu cabelo e pego meu celular. Naturalmente, James me enviou uma mensagem alguns minutos atrás. Ele pesquisou passagens de volta para mim para o dia 12 de janeiro para que eu fique mais dias com eles lá. Eu vou me permitir um processo, mas não tão lento assim. Dois dias inteiros com ele eu acho demais. Então eu pesquiso um pouco e decido remarcar minha passagem para a manhã do dia 6. Isso é o suficiente. Eu o atualizo da novidade e para os próximos dias eu vou me permitir lembrar do que eu quiser.

12.

Londres, Inglaterra

Eu fracassei totalmente em terminar com o James pelo menos duas vezes, então por alguns dias eu desisti disso. Decidi não mexer no que não estava ruim. Não estava ótimo, mas acho que às vezes você precisa se contentar apenas com “não está ruim.” Eu abaixei a minha guarda e me permiti aproveitar aqueles dias, até porque eu estava atolada de trabalho no laboratório e não precisava ficar me preocupando com mais uma coisa.

Meus experimentos não estavam dando certo e, para piorar, minha orientadora - Alice - não intervinha quando meu sub chefe - Gabriel - me obrigava a refazer aqueles experimentos inúteis de morte celular do jeito dele. Eu testei a técnica do Thomas de apenas seguir em frente com outro experimento, mas quando eles perceberam o que eu havia feito me obrigaram a refazer aquele experimento mais uma vez. Eu até tentei mostrar de vários jeitos como aquele método não funcionava, mas fui ignorada. Então só me restava fazer o mesmo experimento dia após dia e fingir surpresa quando o resultado continuava ruim.

- É impossível ser apenas 25% de morte celular, Olívia - ele me dizia.

- Mas eu já refiz esse experimento 10 vezes e nunca passou disso, então o resultado é esse - eu respondia.

- Quando eu fazia, eu sempre conseguia acima de 40%. Você deve estar fazendo errado. Faça de novo.

E eu me segurava para não dizer “então faça você” porque não queria ouvir outro sermão da minha chefe sobre como eu não podia ser grosseira com ele.

É verdade o que dizem sobre um chefe ruim estragar até o melhor dos funcionários. Eu adorava o que eu fazia, mas toda vez que esse Gabriel aparecia no laboratório eu queria jogar tudo para o alto e nunca mais voltar. Os dias bons - quando eu conseguia ficar na minha bolha de felicidade -

eram os que ele não estava por perto, o que, felizmente, acabavam sendo a maioria dos dias.

Naquela semana ele apareceu no laboratório apenas uma vez, então na sexta-feira meu bom humor já estava totalmente restaurado. Fui jantar no apartamento do James com Alex e Júlia e estava tudo bem até que eu comecei a ficar com dor de cabeça. Eu achava que era resultado de ficar muito tempo contando células no microscópio, então me despedi de todos, fui para o meu apartamento, tomei um aspirina e me arrumei para dormir.

Eu ouvi Alex e Júlia indo embora alguns minutos depois e logo em seguida James apareceu no meu quarto.

- Eu vim ver se você está melhor - ele sussurrou e se sentou do meu lado na cama.

- Sim. Ainda não melhorei totalmente, mas já vai passar.

- Que bom - ele disse com sinceridade.

- Então, agora que você está ganhando mais, vai investir numa parede mais grossa? - eu o provoquei para continuar a conversa sobre o emprego novo dele que nós estávamos tendo antes.

Ele deu uma risada suave.

- Um engenheiro vem na segunda-feira para fazer a avaliação.

- Finalmente. Não vou mais precisar ouvir suas conversas - eu disse, ainda brincando. - Não se preocupe, eu não vou vender seus segredos por menos de 500 libras - eu acrescentei quando ele forjou uma expressão ofendida.

Ele fingiu pensar por um instante e disse:

- Mil libras e eu fico com 60% - a voz dele era baixa e suave e soava como uma canção de ninar para mim.

- Sessenta? Eu não vou assinar esse contrato.

- Podemos negociar - ele disse com um sorriso.

- Ótimo - eu respondi.

Nós ficamos em silêncio por um instante. James pegou uma das minhas mãos e brincou com os meus dedos, parecendo concentrado em alguma coisa. Eu sempre me surpreendia com a suavidade do toque dele e como a pele dele era sempre tão quente contra a minha.

Eu bocejei involuntariamente e James olhou para mim.

- Vou deixar você dormir - ele murmurou e beijou a minha testa. - Boa noite, Oli.

- Boa noite, James. Obrigada pela companhia.

Ele se levantou e eu fechei os olhos e abracei meu edredom, contente que agora a dor de cabeça estava quase totalmente no passado.

- Eu preciso falar com você, mas podemos conversar amanhã - ele disse e meus olhos abriram imediatamente.

Ele estava na porta prestes a ir embora.

- Por que amanhã? Já que você está aqui, me conte agora.

- Não é importante - ele disse. - Podemos deixar para amanhã.

- Mas agora eu não vou conseguir dormir curiosa desse jeito. Volte aqui e me diga o que é.

Ele suspirou e veio se sentar do meu lado de novo.

- Eu só acho... - ele hesitou. Sua voz ainda era baixa e suave, mas ele parecia incomodado com algo.

Isso não era bom um sinal, mas mesmo assim eu não imaginei o que viria em seguida.

- Eu só acho injusto ficar com você enquanto a minha cabeça está em outro lugar.

- Você quer dizer que está pensando na sua ex-namorada? - eu adivinhei.

Ele balançou a cabeça e sua expressão não mudou.

- Não é só isso. Eu gosto de você, Oli. De verdade e você sabe disso, mas acho injusto com você.

Eu não sabia se era a aspirina ou o sono mexendo com os meus neurônios ou se o que James estava dizendo realmente não fazia muito sentido.

- Você é sempre tão honesta comigo, então eu acho que devo ser com você também - ele usou aquele mesmo tom sensato de quando me disse que eu podia sair com o Thomas. - Eu não quero dizer que não quero que mais nada aconteça entre nós. Se acontecer, aconteceu, mas por enquanto eu não acho uma boa ideia.

Então ele estava me afastando, mas ao mesmo tempo me mantendo por perto como uma segunda opção ou um estepe. Isso não era difícil de entender. Ele pode ser mais fechado e complexo do que a maioria das pessoas que eu já havia conhecido, mas ele ainda é um homem e algumas coisas são universais sobre eles, por mais que eles não gostem de admitir.

E eu posso ter sido muita coisa nessa vida, mas nunca serei um mero estepe.

- Ok - eu disse simplesmente.

- Mesmo? - ele estava genuinamente surpreso. Eu conseguia ver sua expressão na luz fraca e ele parecia confuso e talvez até um pouco desconfiado.

Ele me encarou, obviamente tentando decidir se eu estava mentindo ou não.

Eu não estava.

- Mesmo.

O que ele esperava que eu dissesse? Ele queria que eu chorasse e implorasse? Eu nunca fui do tipo que implorava. Eu queria que ele ficasse, mas se ele quisesse ir, então ele podia ir. Eu gostava dele, mas não iria gastar meu tempo mostrando para ele que eu valia a pena. Se ele não via isso, então não havia nada que eu pudesse fazer

- Tudo bem então - ele disse por fim.

Repentinamente, ele se abaixou e me abraçou. O abraço durou mais do que eu esperava e me confundiu mais ainda. Por que as coisas que ele falava nunca combinavam com as que ele fazia?

Ele me soltou, se levantou sem dizer mais nada e eu adormeci assim que ele saiu e fechou a porta.



Quando acordei no dia seguinte eu não me sentia tão desapegada quanto na noite anterior. Eu não estava arrasada (isso viria depois), mas havia alguma coisa me incomodando.

Era cedo ainda, mas eu achei que sair de casa era a melhor opção, até porque eu não queria lidar com o James ainda. Ele não acordava cedo assim, então eu não corria o risco de cruzar com ele no corredor. Mesmo assim, eu sabia que se ele resolvesse acordar cedo e cruzasse comigo no corredor, ele iria agir como se nada tivesse acontecido, mas eu não superava as coisas tão rápido quanto ele. Eu precisava de um tempo.

Era sábado, então eu decidi passear pelo mercado na *Portobello Road*, meu lugar favorito em Londres. O céu estava bem cinza e parecia que iria chover antes mesmo do almoço, mas eu me arrisquei.

Em contraste com o céu, a *Portobello Road* estava colorida e viva como sempre. Eu senti meu humor melhorar instantaneamente. Não existia nada que esse mercado não curasse.

Havia zilhões de coisas para ver e comprar. Em cada esquina havia um artista diferente cantando, desenhando, dançando e fazendo mágicas. Nunca ficava entediante. Ali era o único lugar em Londres onde os turistas não me incomodavam. Quer dizer, às vezes alguém que não percebia que estava no meio da rua decidia parar para checar seus bolsos ou sua bolsa e atrapalhava todo o fluxo, mas essas pessoas estão em todos os lugares. A questão é que eu não me irritava com elas na *Portobello Road* como em outros locais turísticos.

Eu parei num estande de livros porque a capa de uma edição de Tom Sawyer chamou a minha atenção. Era o livro favorito da minha mãe na infância e daria um bom presente de Natal. Eu peguei o livro e chequei o preço.

Setenta libras?! Credo. *Portobello Road* era maravilhosa, mas os preços...

Eu devolvi o livro no estande e senti meu celular vibrar no meu bolso. Eu o peguei enquanto voltava a caminhar pela rua e chequei a tela. Era uma mensagem da Geórgia. Ela queria um protocolo meu para um experimento e eu enviei. Ela agradeceu e me perguntou como eu estava e se eu tinha novidades.

Eu resolvi contar que eu e o James havíamos terminado e logo em seguida ela me ligou.

- Não está cedo demais para você? - eu perguntei quando atendi.

- Está, mas eu quis marcar um experimento longo para hoje porque no sábado o laboratório é geralmente mais vazio, mas já estou me arrependendo.

Eu ri.

- Eu já cometi esse erro também.

- Pois é, mas como assim vocês terminaram? Foi você ou ele? Como você está?

- Foi ele. Eu acho que ele ainda está envolvido com a ex.

- Ele falou isso?

- Não diretamente. Ele disse que achava injusto ficar comigo enquanto estava com a cabeça em outro lugar.

- Pelo menos ele foi sincero.

- Sim. Poderia ter sido pior.

De acordo com a minha experiência - e analisando as experiências das minhas amigas - homens nunca eram honestos. Eles inventavam

mentiras para tudo com o argumento de que não queriam magoar você, o que no final é a pior desculpa de todas. Eles dizem isso apenas para dormirem melhor à noite. Se realmente estivessem pensando no seu bem estar seriam honestos porque é muito pior descobrir sozinha os verdadeiros motivos por trás das atitudes deles.

E o James não fez isso, embora pudesse ter feito. Ele poderia ter continuado comigo e tentado voltar com a ex, ou sei lá o que ele estava planejando fazer. Então eu tinha que dar o crédito da sinceridade para ele.

- Ah, Oli. Você sabe o que eu penso dele, mas eu estou triste por você. Eu torcia para dar certo - ela disse, soando genuinamente desapontada. - Como você está?

- Bem - eu respondi. - Acho que eu estou mais decepcionada do que qualquer coisa. Decepcionada comigo por não ter conseguido terminar com ele antes e evitar isso e por não ter previsto que ele conseguiria fazer o que eu não consegui.

- Você acha que ele ficou preocupado que você estava dando sinais de querer terminar tudo e para não sair por baixo ele resolveu tomar controle e fazer isso ele mesmo? - ela sugeriu.

Eu pensei por um instante antes de responder.

- Não sei, Geórgia. Não sei mesmo. Inclusive, primeiro ele disse que queria conversar comigo, mas que não era nada importante. Quem é que classifica esse tipo de conversa como não sendo importante? Não sei se ele decidiu na hora ou só quis me deixar ansiosa... sei lá. Não entendo absolutamente nada do que ele faz e fala.

- Ele é mais confuso do que eu imaginava - ela concordou. - Mas, Oli, é melhor assim. Eu preciso ir, mas se você quiser conversar mais é só me ligar. Você sabe disso.

- Eu sei, Geórgia. Obrigada - eu disse. - Boa sorte no seu experimento hoje.

- Vou precisar, Oli. Obrigada.

Eu desliguei o celular e comecei a sentir alguns pingos de chuva, então fui para a estação de metrô mais próxima para ir até algum shopping. Eu poderia almoçar e comprar algum presente de Natal para os meus pais, afinal já era novembro e eles chegariam em algumas semanas.

Assim que entrei no metrô encontrei Sarah. Ela trabalhava no mesmo laboratório que eu, mas eu era mais próxima do Will. Aos poucos eu estava

me aproximando dela também, então quando ela me viu entrando ela sorriu e acenou e eu fui me sentar ao lado dela.

Ela me contou que os pais dela moravam na região e coincidentemente ela também estava indo para o shopping. Nós não falamos muito no trajeto; trocamos apenas comentários clichês sobre o tempo e os nossos dias.

Nós decidimos almoçar antes de passear pelas lojas. Assim que nos sentamos para comer, ela me perguntou:

- Oli, você é solteira, não é?

- Sim.

Ela ficou um tempo em silêncio brincando com a sua salada ao invés de continuar.

- Por quê? - eu perguntei, desconfiada. Geralmente a pergunta que segue essa não é boa.

Ela respirou fundo e olhou para mim.

- Eu conheci um cara e ele tem um amigo...

- E você quer que eu fique com o amigo? - eu adivinhei antes que ela terminasse de falar.

Suas bochechas coraram ligeiramente.

- É pedir demais?

- Não é isso. Eu acho que só estou sem energia para sair com alguém - o que não era totalmente mentira, mas também não era verdade.

- Isso porque você não viu quem ele é - ela disse e pegou o celular da bolsa.

Dessa vez fui eu que respirei fundo enquanto ela procurava por uma foto dele. Eu não estava a fim de repetir o que havia acontecido com o Thomas porque aquilo iria acontecer de novo. A única coisa que havia mudado desde então era que eu agora eu tinha mais certeza que gostava do James.

- Esse é o amigo - ela disse num tom provocativo e virou a tela do celular para mim.

Eu estava olhando para uma foto de um homem de uns 20 e tantos anos na praia. Ele era o pacote completo: sorriso bonito, dentes brancos, pele bronzeada, barriga de tanquinho, pernas malhadas... Ele parecia o clássico babaca para mim.

- Sarah... - eu comecei, mas ela me interrompeu.

- Olívia, olhe isso - ela disse e passou para outra foto dele na praia.

- Sim, ele é bonito. Eu vi isso - eu concordei. - Mas por que eu tenho que ir?

- Porque eu não quero sair sozinha com o meu, então sugeri um encontro duplo.

Eu suspirei. A questão era que Sarah parecia tão empolgada que eu me senti a pior pessoa do mundo me recusando a fazer companhia para ela. E seria tão ruim assim passar algumas horas com esse desconhecido que com certeza era um babaca, mas pelo menos era bonito?

- Quero ver a foto dele de novo - eu pedi.

Sarah sorriu e virou o celular para mim de novo.

Eu poderia passar algumas horas com ele. Não iria dar em nada, mas talvez tirasse James da minha cabeça um pouco.

- Tudo bem - eu cedi. - Quando?

O sorriso da Sarah ficou maior e ela se levantou para me abraçar.

- Obrigada, Oli. Eu fico te devendo uma.

- Sem problemas.

Nós almoçamos e passamos quase a tarde toda andando pelo shopping sem sucesso. Eu não consegui encontrar nada para os meus pais e Sarah não encontrou nada para os pais dela também. A única coisa que me chamou a atenção foi um óculos de sol da Tiffany na vitrine de uma loja e antes de ir embora eu voltei e depois de provar 10 deles eu comprei o primeiro que eu havia visto na vitrine mesmo.

Eu precisava de um óculos de sol da Tiffany? Com certeza absoluta não, mas quando eu comprei foi quase como preencher um pouco do vazio que o James tinha deixado. E o óculos era lindo também.

Já era final da tarde, mas uma amiga da Sarah do laboratório de genética a convidou para ir até um *pub* e como eu estava com ela, acabei indo junto.

A companhia, o lugar e a cerveja estavam tão bons que eu até me esqueci do James por algumas horas, mas como eu estava de pé desde muito cedo e estava na rua o dia inteiro, quando deu quase meia noite eu já estava caindo de sono.

Eu voltei para casa estava na frente da minha porta procurando a chave na bolsa quando ouvi passos familiares na escada.

- Oi - James disse com um tom diferente que eu nunca havia ouvido e eu me virei para ele. - Você tem uma casa, sabia?

Eu apertei os olhos ligeiramente, incerta do que ele queria dizer.

- Você também parece que chegou agora - eu disse, reservada.
- Eu não fiquei fora o dia todo - ele disse com um tom de humor na voz, mas havia algo a mais que eu não reconheci.

Aquela conversa não fazia sentido. James era meio estranho às vezes.

- Seu dia foi bom? - ele continuou antes que eu conseguisse pensar em algo para dizer.

- Sim. E o seu? - eu perguntei e finalmente encontrei a minha chave.

- Foi bom também.

- Que bom - eu sorri. - Mas eu estou exausta agora e vou dormir. Boa noite, James.

Eu destranquei a porta e entrei no apartamento antes que ele pudesse responder porque eu estava certa quando disse para a Geórgia que eu precisava de um tempo até conseguir agir normalmente perto do James. Ainda era tudo muito recente.

Mas pelo jeito ele também estava se ajustando. Que comentário foi aquele sobre eu ficar fora o dia inteiro? Eu tinha certeza de que significava alguma coisa, mas estava cansada demais para ficar pensando nisso. Eu adormeci assim que me deitei na cama.



Sarah marcou nosso jantar para quinta-feira e me disse que seria em um lugar chamado Mayfair 39 e que foi o futuro namorado dela que escolheu. Ela já estava se referindo a ele assim, enquanto eu até já tinha esquecido o nome do amigo dele que seria o meu par durante a noite.

Eu me arrumei rapidamente para sair de casa antes que James chegasse para evitar qualquer conversa desconfortável sobre onde eu estava indo e com quem eu iria. Nós havíamos quase voltado ao normal. Quer dizer, depois daquela conversa esquisita de sábado à noite James já voltou ao seu normal conversando comigo como se nada nunca tivesse acontecido. Eu que precisei de mais alguns dias, até porque eu é que fui a rejeitada e não ele.

Mesmo assim, eu preferia evitar cruzar com ele no corredor por mais um tempo. O verdadeiro problema foi que mesmo me arrumando mais rapidamente do que o normal, quando saí de casa já era hora do James estar chegando e eu me peguei imaginando onde ele poderia estar e se ele estaria com outra pessoa...

Eu balancei a cabeça e afastei esses pensamentos antes que eles tomassem conta. E daí se ele estivesse com outra pessoa? Não era da minha conta.

Eu cheguei no restaurante e Sarah estava me esperando do lado de fora. Ela sorriu e acenou animada quando me viu e por mais que eu não estivesse completamente convencida dessa noite, pelo menos aquela reação da Sarah me mostrou que eu estava fazendo a coisa certa. Uma de nós iria feliz para casa no final.

Nós entramos no restaurante relativamente cheio e eu segui a Sarah até pararmos numa mesa perto do bar. Ela cumprimentou seu futuro namorado com um beijo no rosto, me apresentou para ele e depois me apresentou para o amigo dele, Daniel. Ele era bem mais alto do que parecia nas fotos e eu tenho que admitir que adorei essa surpresa. A voz dele também era melodiosa e gostosa de ouvir.

Talvez isso não fosse tão ruim quanto eu imaginava.

- Então, Olívia, a Sarah me contou que além de trabalhar no laboratório, no Canadá você trabalha num restaurante? - Daniel disse e quando ele me serviu de um pouco de vinho, a manga da sua camisa subiu e eu notei um relógio que eu imaginei ser um Rolex. Era brilhante e parecia caro demais para ser um relógio normal.

- Sim - eu disse - É o restaurante da minha mãe. Ela o abriu há alguns anos e de vez em quando eu dou uma mão.

- Ah, negócio de família - ele comentou.

O celular dele tocou naquele instante.

- Desculpe por isso - ele disse tirando o iPhone do bolso - Eu tenho dois celulares e acho que trouxe o errado - ele continuou e desligou o telefone.

- Acontece com todos nós - eu disse de impulso com um tom de ironia e logo me arrependi, mas ele não pareceu notar.

Rolex, dois iPhones... e agora que eu estava notando, as roupas dele não pareciam baratas.

- O que você faz? - eu resolvi perguntar. Sarah nunca me disse. Ela só me mostrou as fotos dele. Eu esperava que ele não fosse um traficante ou algo ilegal assim.

- Sou fotógrafo - ele disse e bebeu um gole de vinho.

Um fotógrafo não ganha tão bem assim, ganha? Quer dizer, talvez os que fotografam celebridades ganhem. Esses pensamentos passaram tão

rapidamente pela minha cabeça que eu quase falei em voz alta, mas felizmente fiquei quieta.

- E eu também sou piloto de helicóptero de empresários - ele continuou.

- O quê? - eu perguntei de impulso. - Desculpa, é só porque essas duas profissões não parecem combinar - eu acrescentei quando notei que a minha reação pudesse ter sido meio grosseira.

- Tudo bem - ele riu. - Na verdade, eu sou formado em arquitetura, mas com o tempo eu fui descobrindo a fotografia e sempre quis ser piloto de alguma coisa. E agora consigo me dedicar a tudo isso.

- Entendi - eu disse, embora não entendesse como alguém poderia ser arquiteto, fotógrafo e piloto se os dias tinham apenas 24 horas e as semanas só 7 dias. Isso sem contar que ele obviamente frequentava muito a academia. Como ele encontrava tempo para tudo isso? A não ser que ele estivesse apenas querendo me impressionar.

- Posso perguntar quantos anos você tem? - eu disse quando comecei a notar que as feições dele eram novas demais para alguém com tanta experiência em tanta coisa assim.

- Vinte e três... não, vinte e dois - ele respondeu. - Não. Vinte e três mesmo. Desculpe.

Eu apertei os olhos, desconfiada. Os músculos o faziam parecer mais velho do que eu, mas tinha alguma coisa...

Ah, não. Era só o que faltava. Sarah me colocou com um cara de 20 anos.

- Você não acredita em mim? - ele perguntou com humor e tirou a carteira do bolso. - Aqui. Minha identidade. Pode checar.

Eu pensei em recusar e dizer que acreditava nele, mas eu estava curiosa. Peguei o documento dele e chequei a data de nascimento: 2 de outubro de 1991.

- Você tem 24 anos - eu disse e devolvi a identidade para ele.

- O quê? - seu rosto ficou sério e ele encarou o documento.

- Você fez 24 mês passado - eu repeti e continuei sem saber o que pensar.

Enquanto ele olhava incrédulo para a própria carteira de identidade, eu me virei para a Sarah para pedir ajuda, mas ela estava entretida na própria conversa que, obviamente, estava indo bem melhor do que a minha. Eles estavam até de mãos dadas em cima da mesa.

Mas eu não iria julgar nem desconfiar dele. Pelo menos não ainda. Acontece. Nós começamos a esquecer nossa idade depois de um tempo e ele provavelmente estava apenas tentando me impressionar com os vários cargos dele. Era apenas isso e nada mais.

- Então - eu pigarreei e ele finalmente guardou a identidade na carteira de novo - Que tipo de fotografias você faz?

Talvez ele se sentisse à vontade de me mostrar algumas e essa conversa estaria salva.

- Hmm... eu não posso mostrar - ele disse, parecendo meio sem graça.

- Por quê? - eu perguntei.

- Eu fotografo pessoas nuas.

- Ah - eu murmurei e bebi um gole comprido do vinho para não precisar falar porque eu não sabia o que responder.

Meu Deus, onde foi que a Sarah me meteu?

- Se você quiser, eu posso fotografar você - ele ofereceu. - Você nem precisaria de muito photoshop. Sua pele é linda. Talvez seus braços precisassem um pouco de edição.

- Meus braços?! - eu disse, ofendida - Qual o problema com eles?

- Eles são um pouco... gordinhos.

Meus braços são gordinhos? Ele realmente disse isso?

Naquele instante eu desisti de tentar salvar a conversa e julguei aquele cara todo o resto do jantar.

Eu devo ter falado umas cinco palavras depois do comentário sobre o meu braço, mas nem por isso ele ficou desencorajado. Muito pelo contrário. Ele mencionou os dois celulares dele várias vezes, o Rolex - ele confirmou minhas suspeitas - o seu Audi que foi mencionado nem sei como porque até onde eu me lembro nossa conversa não passou nem perto de carros.

Quando a Sarah me chamou para ir ao banheiro e disse que queria ir embora para casa com o seu futuro namorado eu agradei aos céus e inventei uma desculpa para ir embora sozinha. Eu até considerei ir com o Daniel, mas acho que se ele mencionasse mais alguma coisa sobre o carro dele eu iria dar um soco na cara dele.

Assim que cheguei na frente do meu prédio, a primeira coisa que eu fiz foi checar a janela do James. Era automático. Eu nem precisava pensar. As luzes estavam acesas, então ele estava acordado. Eu peguei minha correspondência e enquanto subia os degraus fui analisando os envelopes e percebi que havia um para ele no meio dos meus.

Se antes de sair de casa eu queria evitá-lo, agora a coisa que eu mais queria era poder ouvir a sua voz e ver seu rosto, então quando cheguei no nosso andar, fui direto para a porta dele e bati.

- Oi, Oli - ele disse animado quando abriu a porta - Uau. Você está arrumada.

- Obrigada - eu disse, já sentindo a tranquilidade e a paz de olhar para alguém familiar depois de passar um jantar inteiro forçando uma conversa.

James ainda estava vestindo jeans e camisa. Deveria ter voltado tarde do trabalho... ou estendido o expediente com outra pessoa...

- Uma carta para você estava no meio das minhas - eu disse e entreguei o envelope para ele antes que os meus pensamentos me levassem para um lugar para onde eu com certeza não queria ir.

- Obrigado - ele disse e começou a abrir o envelope.

- De nada - eu sorri e estava prestes a ir para o meu apartamento quando olhei melhor para ele e percebi que, apesar de soar animado, ele parecia muito cansado.

- Está tudo bem, James? - eu perguntei.

- Está - ele respondeu. - Mas essa semana já poderia ter acabado para mim.

- É só isso? Só cansaço?

- Acho que sim.

Então, de impulso, eu o abracei. Antes que eu pudesse me arrepender da minha atitude ou pensar que ele pudesse entendê-la errado, notei que meu abraço foi bem recebido. Ele me abraçou como sempre e abraçá-lo naquele momento foi como me deitar na cama após um dia longo. Eu queria ficar ali pelo menos até amanhã de manhã.

- Obrigado. Acho que eu precisava disso - ele disse quando nos afastamos.

- Que bom. Eu também - eu admiti.

- Você está bem? - ele perguntou.

- Sim, por quê?

- Porque quando você me abraça e dá esses tapinhas nas minhas costas é sinal de que você está nervosa.

Eu o encarei chocada. Eu fiz isso? Ele notou?

- Eu acho que estou bem sim - eu disse. - Nada de mais.

- Que bom.

Não havia mais nada para dizer, mas eu não queria ir ainda. Eu queria ouvir a voz dele mais um pouco.

- Ei - eu tive uma ideia repentina - Você acha que meus braços são gordinhos?

- O quê?! - ele deu risada.

- Meus braços. Você já reparou se eles são mais gordinhos do que o normal? - eu tirei uma manga do meu casaco para ele ver.

Ele deu mais risada

- Não. Sei lá. São normais, Oli.

- Hm - eu murmurei e continuei olhando meu braço. Do ângulo que eu estava olhando, eles realmente pareciam normais.

- Eles combinam com você - James continuou. Então, me pegando totalmente de surpresa, ele se inclinou e beijou meu braço. - São braços, Oli. Nada de mais.

Eu pigarreei, sem graça.

- Obrigada. Só queria checar.

- Se precisar de mais opiniões, estou aqui - ele brincou e sorriu. Sua expressão estava mais calma do que há alguns minutos quando abriu a porta. Isso me deixava feliz.

Havia várias coisas que eu queria dizer naquele momento, mas não era certo. Então me contentei com:

- Bem, eu vou dormir. Boa noite, James.

- Boa noite, Oli.

13.

Toronto, Canadá

Eu não sei se é verdade que o tempo cura tudo, mas desde que eu voltei, as duas últimas semanas foram as mais normais desde que eu voltei. Eu não perco mais a noção do tempo com tanta frequência e nunca mais esqueci a chave do carro na ignição, embora eu tenha aparecido no salão para fazer a unha num dia e a minha manicure me perguntou o que eu estava fazendo lá porque o meu horário era no dia seguinte. Então, naturalmente, no dia seguinte eu me esqueci de ir. Do que adianta ter uma agenda se eu anoto os compromissos nos dias errados?

Mesmo assim, no geral eu considero que estou um pouquinho melhor. Eu me sinto mais no presente e mais em controle de mim mesma. Eu acho que isso pode ser porque eu tenho falado menos como James (geralmente dia sim, dia não) e porque eu estive focada em estudar para a prova do mestrado, mas seja lá qual for o motivo, acho que isso também mostra que talvez seja mesmo uma questão de tempo. É um processo e pela primeira vez eu sinto como se estivesse andando para frente.

E depois que eu finalmente faço a prova do mestrado eu me sinto muito mais otimista - não porque acho que fui bem na prova, mas porque ela já passou. Na verdade, quando eu entrei no auditório e vi mais pessoas do que eu esperava, eu nem quis contar quantas eram exatamente porque não queria saber com quantas eu estava competindo, afinal são apenas 10 vagas. A ignorância é realmente uma bênção.

Então agora que eu estou temporariamente livre, combinei de almoçar com a Geórgia no restaurante da minha mãe para nos atualizarmos sobre o que aconteceu na vida da outra durante essas semanas.

- Eram 3 artigos. Um de 34 páginas, outro de 17 e outro de 10. Eu comecei pelo de 10 porque achei que seria o mais fácil, mas não consegui passar nem do primeiro resultado. Então tentei o de 17 e ele era mais ou menos no nível do meu QI, mas mesmo assim não consegui terminar de ler.

Por incrível que pareça o de 34 páginas era o mais lógico e fácil de entender, mas eram 34 páginas, então como eu já estava exausta não consegui ler até o fim também, ou seja, fui fazer a prova sem ler nenhum artigo praticamente. Eu estava desesperada.

- Mas não é por menos. Quem é que escolhe esses artigos? Escolher artigos difíceis é tão ruim quanto escolher fáceis. Você nivela os alunos por baixo - Geórgia comenta.

- Exatamente! Não faz sentido - eu concordo. - A minha sorte é que a prova dos artigos era de 9 questões e você podia escolher 3 para responder. Escolhi 3 do artigo que eu li mais ou menos.

- Menos mal. E a prova de biologia celular?

- Nem ideia - eu balanço a cabeça. - Eu respondi tudo, mas se acertei é outra história. Como foi a sua? Era de programação?

- Isso. Foi mais tranquila do que eu imaginei. O problema do meu processo seletivo é a avaliação do currículo. Como é a sua?

- É bem maluca, na verdade. Você pode fazer até 100 pontos, mas os critérios que valem mais pontos são absurdos. 20 pontos por artigo como primeiro autor, 30 pontos por livro didático publicado, estágio de 1 ano na área vale só meio ponto se foi voluntário e se foi com bolsa vale um mísero ponto. Quem é o candidato de mestrado que já publicou como primeiro autor?

- Um ponto por um ano de estágio? Que ridículo.

- Sim. Mesmo se você fizer estágio durante a faculdade inteira, o máximo que você consegue são 3 ou 4 pontos. De um total de 100 é ridículo. Como era do seu?

- A pontuação final é comparativa, então mesmo se você pontuar bem, se alguém pontuar melhor do que você, a sua nota cai. Tem um candidato de 40 anos com um currículo imenso, então comparativamente o meu currículo recebeu só 0,5.

- Credo!

- No final acho não muda nada, mas a minha nota ficou muito baixa, como se eu nunca tivesse feito nada na vida - ela suspira profundamente e parece exausta.

- Sim. Eu entendo sua frustração, Geórgia. A gente se ferra a faculdade inteira para fazer tudo que depois sabe que vai ser necessário e eles fazem esses esquemas de pontuações absurdos, fazendo parecer que a gente ficou sentada de perna para o alto durante todos os anos da faculdade.

- Sim - ela concorda. - Ai, mas não quero mais falar disso. Não aguento mais ficar pensando em como essas pontuações vão ficar com a nota da prova.

- Nem eu. Vamos pedir nossa comida então - eu aceno para um garçom.

Nós fazemos nossos pedidos e quando ele vai embora meu celular vibra na mesa. Geórgia e eu olhamos para a tela.

- James? Eu achei que ele tinha voltado com a ex - ela comenta.

- Voltou - eu digo e ao invés de responder a mensagem dele, guardo o celular na bolsa. - Mas ainda fala normalmente comigo. É com menos frequência, mas o conteúdo das mensagens não mudou.

- Posso perguntar por que você ainda fala com ele depois de tudo que ele fez? - ela diz, parecendo um pouco constrangida, nitidamente insegura de entrar em um tópico que nós nunca discutimos.

- Pode porque eu também me pergunto isso - eu admito.

As memórias do James continuam me atacando sem aviso em qualquer momento do dia e às vezes são memórias que eu nem sabia que existiam. Essas são as piores porque geralmente são as mais gostosas, então eu acabo me prendendo a elas, esquecendo todo o resto e me perguntando por que é que nós não demos certo. Todos os ingredientes estavam lá, então parece quase absurdo que tudo tenha dado errado. Principalmente quando eu me lembro dos outros caras com quem eu saí no período. Desde o Thomas até aquele Daniel esquisito (eu ainda acho que ele é um tipo de traficante). Eu me senti desconfortável com todos eles, mas era só ver o James que tudo mudava. Eu me sentia melhor. Como é possível que alguém que faz você se sentir tão bem não ser para você?

- E você chegou a alguma conclusão? - Geórgia pergunta.

- Eu acho que sim. Em parte, eu acho que é porque ele me faz muito bem, apesar de tudo. E eu sei que eu não me sinto assim com mais ninguém, então parece um desperdício deixar tudo isso para trás.

- Faz sentido - ela concorda após pensar por um instante. - E qual é a outra parte?

Essa é um pouco mais complicada e eu hesito em responder. Eu olho para baixo e começo a dobrar e desdobrar o guardanapo, pensando em como contar isso para ela porque eu mal consigo admitir para mim mesma. Eu sinto o olhar da Geórgia em mim, mas ela espera pacientemente.

- É só que de todos os meus ex, ele é o único que não saiu correndo como se eu fosse a pior pessoa do mundo - eu finalmente admito, mas continuo olhando para o guardanapo. - Então de certa forma, ele é a prova de que eu não sou tão ruim assim.

Geórgia não responde, então eu finalmente paro de mexer no guardanapo e olho para ela. Eu esperava encontrar um sinal de desaprovação no rosto dela, mas ela está me olhando com compaixão.

- Eu não sabia que você se sentia assim, Oli - ela diz por fim.

- Nem eu, mas eu me peguei pensando nisso outro dia quando me perguntei por que eu não conseguia tirá-lo da minha vida totalmente. Em teoria é fácil cortar contato com ele, não é? Eu posso bloquear os perfis dele nas redes sociais e parar de responder as mensagens. O que ele vai fazer? Entrar num avião e vir me questionar? Claro que não. Então nada me impede de fazer exatamente isso, mas eu não consigo. Eu ainda preciso dele porque são essas mensagens e essa incapacidade dele de me deixar em paz que me mostram que talvez eu não seja tão insuportável assim.

Geórgia está ouvindo com atenção e sem demonstrar qualquer sinal de que está me julgando ou sentindo pena de mim. Essa é uma das coisas que eu mais gosto nela.

- É meio egoísta, não é? - eu digo, percebendo pela primeira vez que hoje em dia a minha relação com ele tem muito mais a ver comigo do que com ele. Ao mesmo tempo que é um pouco libertador, também meio que prova o meu ponto sobre não ser uma pessoa tão legal assim.

- Acho que depois de todas as vezes que ele foi egoísta, você tem todo o direito de ser um pouco egoísta também - ela diz.

- Pode ser - eu concordo. - E eu nunca acreditei que os sentimentos dele por mim eram algo além de egoístas. E ainda devem ser. Acho que nós dois estamos usando o outro.

- Mesmo tendo consciência disso, você não consegue cortá-lo da sua vida porque a presença dele prova que você é uma boa pessoa?

- Eu sei que não parece fazer sentido, mas por mais egoísta e insensível que ele tenha sido, eu também não fui perfeita. Por mais que ele nunca tenha me confrontado sobre algo que eu fiz, eu tenho certeza de que eu também fui insensível e injusta algumas vezes. Talvez mais até do que eu fui com os meus outros ex. E mesmo assim ele é o único que não me evita como se eu fosse a praga. Muito pelo contrário.

- E você não acha que pode ser porque os outros eram apenas imaturos e mais egoístas e insensíveis do que o James? - ela sugere e eu preciso pensar por um instante. Essa possibilidade nunca passou pela minha cabeça. Eu sempre supus que o problema fosse eu.

- Pode ser - eu digo e já me sinto um pouco mais otimista e leve. É por isso que você deve ter uma melhor amiga, principalmente uma que não julgue nem passe sermões. É melhor do que terapia às vezes.

- É sim - ela diz sem hesitar. - Uma vez eu li em algum lugar que pessoas ruins não se importam se são ruins e não se dão nem ao trabalho de tentarem ser melhores. O fato de você se preocupar com isso já é prova de que você é uma boa pessoa.

Ela sorri e é impossível não sorrir em resposta.

- Obrigada, Geórgia.

Nossa comida chega e o assunto James parece ter terminado. Eu estou muito mais tranquila agora depois dessa conversa. Às vezes tudo que você precisa é da perspectiva de outra pessoa. Claro, eu sei que eu ainda tenho um longo caminho até conseguir deixar o James para trás, até porque, apesar de tudo que eu falei para a Geórgia, é óbvio que eu ainda sinto muita coisa por ele.

Eu ainda me lembro do dia em que eu percebi que os meus sentimentos por ele eram mais profundos do que eu imaginava. Eu estava em casa numa noite qualquer e ele apareceu com o computador porque estava conversando com os pais no *Skype* e queria me apresentar para eles. Eu fui pega totalmente de surpresa - não só porque eu estava deitada no sofá com um shorts e uma camiseta velha lendo um livro, mas também porque não imaginava que ele me apresentaria para os pais. Felizmente, o talento do James de fazer todo mundo se sentir confortável fez a situação parecer normal e eu fiquei ali como se fizesse parte da situação.

Quando ele terminou de conversar com os pais, ficou conversando comigo até tarde como se fôssemos melhores amigos. Eu adorei e me lembro de ficar olhando para ele enquanto ele falava sem exatamente ouvir o que ele estava falando porque estava ocupada demais simplesmente olhando para ele. Foi quando eu me dei conta de que eu realmente gostava dele.

E foi depois daquela noite que todo o clichê romântico começou a acontecer. Eu lembro que toda vez que ele encostava em mim - fosse no meu braço, no meu cabelo, nas minhas costas - parecia que eu ia explodir. A

voz dele que já era boa o suficiente para mim se tornou muito mais familiar e eu sorria só de ouvir. De repente, eu queria ouvir tudo que ele tinha para dizer e tudo parecia muito interessante. Eu me sentia como uma adolescente de 14 anos de novo.

E eu tenho certeza de que se ele estivesse aqui na minha frente eu ainda me sentiria assim. Então o caminho ainda é longo, mas pelo menos eu acho que estou prestes a dar o primeiro passo.

14.

Londres, Inglaterra

O ano estava chegando ao fim, assim como a minha motivação para trabalhar. Então, naturalmente, foi bem nessa época que tudo começou a dar errado no laboratório. Uma segunda-feira foi o melhor exemplo disso. Eu cheguei às 6 da manhã no laboratório porque precisava fazer um experimento muito longo e não queria ir embora tarde, então preferi chegar mais cedo.

A primeira etapa era incubar as células com uma droga (no laboratório nós chamamos qualquer molécula com efeito biológico de “droga”) por 1 hora na estufa a 37°C e eu fiz isso, mas no final da 1 hora, quando eu abri a estufa de novo percebi que ela parecia meio fria, embora o visor na porta mostrasse 37°C. Desconfiada, eu coloquei um termômetro dentro da estufa e a temperatura nunca passou de 34°C, então eu não poderia usar os resultados daquele experimento. Eu também não poderia mais confiar naquela estufa, mas a nossa segunda estufa estava desligada porque já era final de ano e as pessoas não estavam mais fazendo tantos experimentos. Não havia motivo para manter as duas estufas ligadas.

Por isso, precisei ligar essa segunda estufa e esperar horas até ela atingir os níveis de gás carbônico e temperatura ideais e depois ainda chequei com termômetros porque não confiava mais no monitor. Por causa disso, todo o experimento ficou atrasado. Eu poderia deixar para fazer no dia seguinte, mas isso estragaria todo o meu planejamento para o resto da semana.

Então foi por isso que à meia noite eu ainda estava no laboratório. Felizmente, era a última incubação de 1 hora com um anticorpo. Só mais isso e eu poderia ir embora.

Quando eram 8 horas da noite, James me mandou uma mensagem perguntando onde eu estava, algo que ele estava fazendo com frequência sempre que eu não estava em casa em algum horário em que eu geralmente

estaria. Eu achava esquisito porque não imaginava que ele fazia o tipo controlador, mas me lembrei do dia que eu passei o dia fora e ele veio com aquele papo de “você tem uma casa.” Eu não sei se ele estava me controlando ou se ele estava apenas solitário. Era esquisito mesmo assim.

Eu olhei o meu *timer* preso no meu jaleco e ainda faltavam 7 minutos. Nesses intervalos de incubação eu tentava ficar pesquisando para escrever meus relatórios, mas é claro que já fazia pelo menos uns 30 minutos que eu havia parado de fazer isso e agora estava assistindo compilações de erros de gravação de *That 70s Show* no *YouTube*. Eu já assisti essa série pelo menos 4 vezes e continua engraçada.

Quando o *timer* finalmente apitou, eu até pulei de susto na cadeira. Eu estava tão concentrada no vídeo que até esqueci que não estava em casa.

Eu centrifuguei as células para tirar os anticorpos que não haviam se ligado, acrescentei solução tampão e guardei na geladeira para fazer a análise no dia seguinte. Finalmente, eu poderia ir para a casa. Eu não me importo em ficar até tarde no laboratório, mas quando as coisas dão certo e não porque deu tudo errado.

Não existia metrô após a meia noite e eu não queria pegar um *Night Bus* porque iria demorar mais tempo do que o necessário, então chamei um táxi e quase dormi no caminho. Mal percebi quando o motorista estacionou na frente do meu prédio. Agora que eu já tinha feito tudo que precisava, lutar contra o sono era mais difícil.

Subi as escadas me forçando a prestar atenção em cada degrau para não tropeçar. Quando entrei no meu apartamento nem acendi as luzes. Fui direto para o quarto.

No caminho, porém, eu tropecei em algo que eu não sabia direito o que era. Parecia uma mala de viagem e eu não me lembrava de tê-la colocado ali, mas eu não me importava. Eu só queria minha cama.

Entre no quarto, larguei a bolsa na cadeira e me sentei na cama para tirar minhas botas. Porém, notei que havia sentado em cima de algo. Estiquei um braço para trás para tirar o que quer que fosse e, então, três coisas aconteceram simultaneamente.

Assim que a minha mão pegou o objeto misterioso, reconheci que era um tornozelo.

Alguém gritou e eu gritei também.

Imediatamente, eu soltei o tornozelo misterioso e me levantei rapidamente. Acendi as luzes e me encostei na parede, ainda gritando. Meus

olhos se ajustaram na claridade repentina e eu vi uma menina sentada na minha cama. Ela estava sentada enrolada no edredom e parecia tão assustada quanto eu.

Nós paramos de gritar assim que vimos o rosto da outra.

- Porra! Quem é você? - eu perguntei sem ar por causa do susto. Meu coração parecia que iria explodir.

Então eu ouvi a minha porta da frente abrindo e a voz do James em seguida.

- O que foi? O que aconteceu? - ele disse e entrou no quarto.

- Eu moro aqui - a menina disse, apertando o edredom e olhando assustada para mim e para o James.

- Não. Eu moro aqui - eu a corriji.

Ela olhou confusa para mim e depois para o James.

- Isso é impossível. Esse apartamento é meu - ela insistiu, mas logo em seguida sua expressão mudou, como se ela tivesse se dado conta de algo. - Merda. Meu pai alugou o apartamento, não foi?

- O seu nome é Verônica? - eu perguntei, ainda respirando com dificuldade, mas pelo menos o ritmo do meu coração já estava voltando ao normal.

- Sim - ela respondeu.

Eu suspirei aliviada.

- Sim. Seu pai alugou o apartamento para mim. Eu estou morando aqui - eu disse e vi a Verônica olhando para o James, que ainda estava na mesma posição de quando entrou no quarto. Ele parecia ter adormecido naquela posição.

- Esse é o James. Ele mora no apartamento ao lado - eu disse.

Ao ouvir o som do seu nome, James acordou e piscou.

- Então está tudo bem? - ele me perguntou.

- Sim. Obrigada - eu sorri e apertei seu braço gentilmente. - Pode voltar a dormir.

James apenas assentiu e bocejou.

- Então, pelo jeito nós temos um problema de comunicação aqui - eu disse quando James saiu.

- Obviamente - ela concordou. - Há quanto você está morando aqui?

- Há quase 3 meses. Seu pai não contou para você?

- Nós não estamos nos falando no momento - ela admitiu. - E eu não planejei vir para Londres. Apenas decidi e vim.

- Tudo bem, mas você não reparou que havia vários itens pessoais pelo apartamento? Você não suspeitou que alguém poderia estar morando aqui?

- Na verdade não. Eu cheguei tarde e nem acendi as luzes.

Nós éramos culpadas do mesmo erro então. Eu não podia julgá-la por isso.

Agora que a minha respiração e meus batimentos cardíacos estavam quase normalizados, eu comecei a prestar atenção nas feições dela. Ela não era uma menina. Ela só parecia ser porque era pequena. Seu cabelo era castanho, mas tinha um tom de ruivo. Seu nariz era repleto de sardas e nas suas bochechas havia apenas algumas.

- Eu só tirei a roupa e me deitei - ela continuou.

Eu olhei ao redor e vi suas roupas no chão na frente do banheiro.

- Você não tem para onde ir hoje? - eu perguntei.

- Não.

- Tudo bem. Fique aqui essa noite mesmo então - eu disse. Com a minha respiração e meu coração funcionando normalmente, o sono encontrou seu caminho de volta para o meu cérebro e eu estava com dificuldade de pensar.

- Posso ficar na cama? Eu já estou sem roupa.

- Tudo bem - eu disse de novo. Não estava tudo bem, mas eu mal conseguia ficar de pé. - Eu durmo no sofá hoje.

- Obrigada - ela disse soando sincera. - Qual é o seu nome?

- Olívia - eu respondi no automático enquanto pegava meu pijama e um travesseiro.

- Amanhã eu procuro um hotel, Olívia. Muito obrigada.



No dia seguinte, eu me levantei cedo para ir trabalhar e a Verônica ficou mais um pouco, mas me prometeu que iria para um hotel e que quando eu chegasse em casa, ela não estaria mais.

Eu estava exausta por causa do dia longo, do susto de madrugada e das poucas horas de sono mal dormidas no sofá, mas meu esforço do dia anterior havia valido a pena. Eu consegui fazer tudo que precisava na terça-feira e até fui para casa um pouco mais cedo do que o esperado.

Quando cheguei, Verônica realmente já havia ido embora, embora tivesse deixado louça suja na pia, mas o que eu podia fazer?

Lavei os pratos, troquei o lençol da minha cama e ouvi James chegando em casa. Eu me arrisquei a mandar uma mensagem para ele. Eu nem lembrava mais qual havia sido a última vez que eu sugeri passarmos tempo juntos porque eu sempre deixava que ele desse esse passo para evitar quaisquer desentendimentos.

Além disso, eu realmente sentia que ele preferia quando a iniciativa partia dele. Eu não sabia se era apenas uma impressão devido à minha insegurança sobre aquela relação toda e porque eu não queria que ele tivesse a ideia errada das minhas intenções ou se ele realmente preferia ficar na posição de controle. Então eu não sabia como ele iria responder.

Quer jantar?

Eu enviei a mensagem e me sentei no sofá, esperando pela resposta dele, que não demorou muito.

Quero. No que você está pensando?

Pizza.

**Ótimo. Vou pedir.
O de sempre?**

Sim.

Enquanto ele fazia o pedido eu arrumei o sofá onde eu havia dormido e fui tomar banho. Quando terminei, fui para o apartamento do James e ele estava terminando de subir as escadas com a pizza.

- Que pontual - ele comentou com um sorriso.

- Para comer eu sempre sou - eu brinquei e nós entramos no apartamento dele.

Ele colocou a pizza no balcão da cozinha e nós sentamos nas banquetas.

- Obrigada por ontem à noite, a propósito - eu disse quando ele abriu a caixa da pizza. - Você poderia ter ficado na cama, mas você foi ver o que

estava acontecendo.

- Claro que eu não iria ficar na cama - ele disse como se fosse óbvio. - Eu quase morri do coração com os gritos, mas agi no piloto automático.

Eu dei risada me lembrando da cara dele quando entrou no meu quarto. Ele realmente parecia que havia caído da cama. Eu não tinha dúvidas de que ele estava presente apenas de corpo naquele instante.

- Desculpa por isso - eu disse com sinceridade e ele colocou um pedaço de pizza num prato para mim. - Mas ela foi embora já. Encontrou um hotel.

- Sim. Em Victoria - James disse e se serviu de um pedaço.

Eu o encarei.

- Como você sabe?

- Eu precisei voltar para casa no almoço e ela estava indo embora, então a ajudei a descer a mala pelas escadas - ele explicou casualmente. - Ela era meio doidinha, não era?

- Meio? Eu não sei a história inteira, mas ela fugiu com um namorado ao invés de ter vindo trabalhar em Londres. Ela tinha uma vida pronta e jogou tudo para o alto. Esse cara deveria ser o mais incrível do mundo.

James balançou a cabeça.

- Não era - ele disse. - Ele estava desempregado. Ela o sustentou esse tempo todo. Ele prometia que iria encontrar um emprego, mas nem saía de casa. Então ela finalmente se cansou e veio para Londres como havia planejado originalmente.

- Como você sabe de tudo isso? - eu perguntei incrédula.

- Nós conversamos um pouco enquanto eu a ajudava.

- Só você para conversar com alguém por 5 minutos e descobrir a história inteira da vida da pessoa - eu comentei.

James me encarou.

- Foi ela que começou o assunto - ele se defendeu.

- Pode até ser, mas você tem o talento de fazer as pessoas continuarem falando e contarem tudo que você quer saber.

- Nem todas - James murmurou e eu achei ter ouvido um tom de ressentimento na voz dele, mas não pude ter certeza porque ele mudou de assunto antes que eu pudesse pensar mais nisso. - Você tem planos para o Natal já?

- Meus pais vêm passar o Natal e o Ano Novo comigo. Você vai passar com os seus pais?

- Não. Eu não vou tirar férias, então vou ficar por aqui - ele diz desanimado. James nunca dispensava uma chance de sair e festejar as coisas, então eu imaginei o quanto ele estava chateado por não poder viajar nas festas de fim de ano e ainda ter que ficar longe da família.

- Então você está convidado para o nosso Natal - eu ofereci. - Você vai gostar da minha mãe e ela com certeza vai gostar você.

James olhou para mim e sorriu. Foi a primeira vez que pareceu que o sorriso dele puxou o meu. Eu nem precisei pensar. Quando percebi, eu já estava sorrindo também.

- Eu aceito o convite - ele disse, ainda sorrindo. - E o que aconteceu ontem que você chegou em casa só de madrugada?

Nós terminamos de comer enquanto eu contava toda a minha saga do dia anterior e James ouviu com atenção como sempre, dando risada e parecendo indignado e frustrado nos momentos certos. Eu o ajudei a limpar depois e foi quando eu olhei o relógio. Não era tarde, mas eu já estava ali há algum tempo e porque para mim era óbvio que eu gostava dele, parecia que era óbvio para ele também e eu não queria que ele tivesse certeza. Até porque ele mesmo já havia comentado que meu comportamento mudava perto dele, então ele sabia que eu estava escondendo algo.

- Acho melhor eu ir. Já te atrapalhei muito. Você mal chegou em casa e eu já apareci - eu disse.

James me olhou sério.

- Você nunca me atrapalha, Oli.

Eu encontrei seu olhar, que foi ficando mais gentil enquanto eu olhava. Ele estava sendo sincero.

- Eu também não ia fazer nada de importante - ele continuou. - Eu estava pensando em assistir um filme.

- Mesmo? Qual? - eu perguntei com interesse.

Ele já havia me dito que não era muito de assistir filmes e eu não sabia como alguém conseguia viver assim, então saber que ele iria assistir algo me deixava curiosa.

- Ainda não escolhi - ele deu de ombros. - Você tem alguma sugestão? Eu pensei por um instante.

- Meu amigo Will, aquele do laboratório, sabe? Ele me disse para assistir *Na Natureza Selvagem*. Parece que já é um pouco antigo, mas ele disse que é muito bom.

- Já me falaram desse filme também. Quer assistir comigo?

Como sempre, James me pegou de surpresa.

- Pode ser - eu disse com um sorriso, mas parei de sorrir quase imediatamente para não parecer tão empolgada com a situação.

- Ótimo. Você prepara a TV enquanto eu tomo banho?

- Claro.

Eu fui para o sofá e peguei o controle da TV, mas James disse que a TV do quarto melhor e, por isso, era melhor assistir lá. Eu não quis discordar dele porque eu também achava isso, mas provavelmente por outros motivos.

Então nós fomos para o quarto dele, mas antes de ir até a cama, notei que ele tinha um mural novo pendurado na parede na frente da mesa do computador. Sempre faminta por mais informações sobre ele, sobre o que se passava na sua cabeça e o que ele guardava no coração, eu fui praticamente atraída pelo mural como um ímã e me aproximei para analisá-lo.

Havia fotos dele com os pais e o irmão, com alguns amigos, alguns postais, um calendário com vários compromissos marcados e alguns lembretes que ele havia anotado para ele mesmo. Porém, o que mais me chamou a atenção foi um coração desenhado num pedaço pequeno de papel rasgado que estava quase no meio do mural.

Eu havia desenhado e deixado aquele coração na mesa dele naquele dia que devolvi o dinheiro que ele me emprestou.

- Reconheceu alguma coisa? - a voz do James pareceu alta demais quando se intrometeu nos meus pensamentos e eu me virei para ele.

Ele estava do meu lado pegando uma camiseta que estava pendurada na cadeira e estava um pequeno sorriso no rosto.

Eu tentei entender por que ele guardaria algo tão pequeno e insignificante. Ele poderia ter jogado fora que eu não iria me importar.

Eu me virei para o desenho de novo, pensando no que dizer. Para ser sincera, meu coração amoleceu um pouco vendo aquele coração no meio do mural dele. Eu não entendia o que ele havia visto naquele desenho, mas senti algo parecido com esperança por saber que ele havia visto alguma coisa, mas eu não podia criar expectativas.

- Eu realmente não sei desenhar, não é? - eu me ouvi dizendo.

James não respondeu. Ao invés disso, ele suspirou profundamente e foi para o banheiro. Eu não sei se foi impressão minha, mas eu até achei que ele fechou a porta do banheiro com mais força do que o normal.

Ele nitidamente não havia gostado da minha resposta, e por mais que eu gostasse do que isso pudesse significar, me controlei para não me iludir mais. E daí que ele havia guardado aquilo? Não queria dizer nada.

Então afastei todos esses pensamentos e fui me deitar na cama dele. Liguei a TV, preparei o filme e enquanto esperava que ele saísse do banho, aproveitei para contar o acontecimento mais recente para a Geórgia. Digitei uma mensagem rapidamente e ela respondeu quase imediatamente.

Meu Deus, ele é a pessoa mais contraditória que eu já conheci. Cada vez que você me conta algo que ele fez eu tenho vontade de socar a cara dele!

Eu dei risada e logo depois recebi outra mensagem dela.

Desculpa, mas é verdade.

Tudo bem. Eu me sinto assim às vezes também.

Eu enviei a última mensagem e logo depois James desligou o chuveiro, então falei para a Geórgia que depois nós conversávamos mais.

James saiu do banheiro vestido e se deitou do meu lado, parecendo calcular exatamente uma distância segura entre nós. Eu fingi não perceber e dei *play* no filme.

Poucos minutos depois meu celular vibrou, mas não era a Geórgia. Era aquele Daniel, o cara dos quinze empregos. Eu achei que havia bloqueado o número dele, mas como ele tem 2 celulares, é bem capaz que tivesse mais um que eu não conhecia.

Eu suspirei profundamente. Eu já havia falado para ele que não queria nada, mas ele continuava insistindo.

- O que foi? - James perguntou.

- É só... - eu hesitei.

Eu não sabia se podia falar sobre esse assunto com James. Eu me sentia um pouco desconfortável.

Mas, pensando bem, ele comentou um dia que eu podia falar com ele sobre qualquer coisa, não foi? Então eu resolvi continuar.

- Eu saí com esse cara um tempo atrás e ele não me deixa em paz. Eu até já bloqueei o número dele.

- Foi ele que mandou mensagem agora?

- Foi.

- Empresta aqui - ele esticou a mão na direção do meu celular. - Eu vou fingir que sou seu namorado.

James era realmente... Eu não tinha palavras e não o entendia.

Alguns dias antes dessa noite eu estava com ele e, a Júlia e o Alex numa feira em Bricklane e no meio do passeio, James pegou a minha mão e ficou andando comigo de mãos dadas. Eu estava chocada demais para reagir - e, claro, eu estava gostando da situação.

Mas depois de um tempo eu vi o quanto aquilo era ridículo. Ele poderia estar confuso sobre o que ele queria, mas ele não podia me arrastar junto com ele, muito menos me dar expectativas sem a intenção de passar disso. Então eu puxei a minha mão para mim e fiquei de braços cruzados o resto do passeio.

E ali estava ele de novo fazendo... sei lá o quê.

Ele ainda estava com o braço esticado, então embora eu estivesse meio incerta ainda, eu entreguei meu celular para ele.

Ele digitou rapidamente por alguns segundos e esperou. Poucos instantes depois, ouvi meu celular vibrando. Ele digitou mais uma vez.

- Pronto - ele disse quando terminou e me entregou o celular. - Resolvido.

- Obrigada - eu respondi.

Eu fiquei curiosa para ler o que ele havia escrito, mas preferi não saber. Deixei o celular de lado e voltei a assistir o filme.

Porém, meu grande problema com o James era que existia essa atração entre nós, quase como dois ímãs se atraindo o tempo todo. Eu não sabia explicar, mas quando ele estava por perto, tudo que eu queria era me aproximar mais e mais. A força era devastadora e às vezes eu achava que ele sentia também. Naquela noite, eu tive certeza disso porque ao longo do filme nós fomos nos aproximando aos poucos. Quando eu me dei conta, ele estava com um pé entre os meus e eu já estava com a cabeça encostada no ombro dele.

O filme foi se desenrolando e, de maneira oposta, James e eu fomos nos aproximando e entrelaçando braços e pernas. No final, nós estávamos tão próximos quanto era possível e boa parte do meu corpo estava em contato com a dele. Era maravilhoso.

Porém, o filme foi meio pesado. James parecia tão incrédulo quanto eu.

- É isso? Ninguém me disse que o filme era pesado assim. Eu achei que teria um final feliz - ele disse.

- Eu também não sabia. Se soubesse não teria sugerido - eu disse. - E é baseado numa história real.

Nós ficamos em silêncio por um tempo tentando absorver o filme e aos poucos eu fiquei com sono.

Eu fechei os olhos por um instante e de repente senti os dedos do James gentilmente acariciando a minha bochecha. Eu me permiti curtir o momento ao invés de fugir, como eu teria feito se estivesse totalmente acordada.

Quando decidi abrir os olhos, peguei James me olhando com uma expressão que eu nunca havia visto no rosto dele. Rapidamente, como se tivesse sido pego fazendo algo errado, ele abaixou a mão e pegou o controle da TV.

- Eu não vou dar nenhuma estrela para esse filme - ele murmurou.

Eu o observei enquanto isso, tentando ver aquela expressão na minha memória de novo. Ele parecia estar pensando em algo enquanto olhava para mim e, de alguma forma, ele parecia um pouco triste.

Acho que em conjunto, era uma expressão de rendição, como se ele houvesse aceitado algo.

Como eu já estava com a minha mão sobre o braço dele, eu só o apertei carinhosamente. Ele se virou para mim por um instante e sorriu. Eu consegui ver um resquício daquele olhar de conformismo e queria muito perguntar no que ele estava pensando, mas talvez nem ele soubesse.

Então eu só deslizei minha mão pelo braço dele até as 3 pintas que ele tinha no antebraço perto do cotovelo e que formavam um triângulo perfeito. Com o meu dedo indicador eu desenhei o triângulo e senti James relaxando embaixo do meu toque.

Eu sorri para mim mesma percebendo que até esses detalhes pequenos do corpo dele já eram tão familiares para mim. Então, eu olhei para ele e me peguei pensando em como ele era bonito.

Ele sempre foi bonito assim? O nariz dele sempre foi tão bem desenhado desse jeito? E o maxilar sempre foi definido? Os braços ainda mostravam resquícios de uma vida de academia, embora os músculos não

estivessem mais tão bem definidos. E tudo isso combinava perfeitamente com o tom bronzeado da pele dele.

Foi naquele momento que eu percebi que o que eu sentia por ele não era apenas algo superficial. Seja lá o que fosse, já havia criado raízes dentro de mim sem eu perceber. Então foi ali que eu também descobri que existiam poucas coisas no mundo que eu não faria por ele.

Para nos distrairmos do final deprimente do filme, James começou a me contar suas histórias de vida e, como sempre, eu estava completamente interessada. Nós conversamos até nenhum dos dois conseguir ficar de olho aberto mais.

Foi ali também que eu descobri que eu não queria estar em nenhum outro lugar no mundo. Ali estava perfeito. Por isso foi também quando eu descobri o quanto iria doer ter que ir embora.

15.

Toronto, Canadá

A prova do mestrado foi há uma semana e o resultado está marcado para sair hoje, mas não especificaram o horário. Por isso, eu estou na minha posição de caixa no restaurante da minha mãe com o computador do lado e atualizando a página do instituto a cada 15 minutos.

Inclusive, já se passaram 15 minutos desde a última vez que eu atualizei, então vou tentar de novo. Eu aperto F4 no teclado e espero.

Eu não fazia ideia de que eu queria tanto passar nessa prova, mas enquanto a página recarrega eu sinto meu coração acelerando. Minhas mãos começam a suar um pouco e eu bato os dedos na mesa, impaciente. Eu nunca fiquei tão nervosa assim por causa de um resultado, mas acho que também nunca quis algo tanto assim na vida. Não consigo nem imaginar o que eu vou fazer se não passar nessa prova. Tentar outra, talvez, ou procurar um emprego, mas no momento não consigo pensar nisso. Minha mente está 100% focada nessa oportunidade e quando isso acontece, eu não consigo enxergar mais nada. Às vezes isso é uma vantagem, mas em outras vezes nem tanto.

A página finalmente termina de carregar, mas ela está exatamente como antes: nada de resultado. Eu suspiro, frustrada, e quando ergo a cabeça vejo um cliente se aproximando do caixa, então dou meu sorriso mais profissional e deixo o computador de lado por um instante.

Eu dou o meu melhor para agir com naturalidade e fingir que estou tranquila, mas assim que termino de atender e o homem vai para a porta, eu me viro para o computador de novo e aperto F4. Eu sei que não se passaram 15 minutos, mas isso não importa mais.

Ouçõ meus dedos impacientemente batendo na mesa de novo e eles ficam mais rápidos quando percebo que a página está demorando mais para carregar dessa vez. É um bom sinal, não é?

Meu coração acelera e eu quero bater no computador para ele agilizar o processo. Não adiantaria nada, mas pelo menos eu teria alguma coisa para fazer enquanto espero.

A página carrega totalmente e, mais uma vez, eu suspiro. Toda essa lentidão para carregar e não mudou nada. Está tudo como antes.

São quase 2 horas da tarde, o restaurante está quase fechando e eu não tenho mais muito o que fazer até o horário de fechar, então só consigo ficar pensando na porcaria desse resultado. Eu preciso me distrair. Qualquer coisa serve, então abro o *Instagram* na esperança de que alguém tenha publicado algo bem aleatório que não acrescente nada no mundo, mas que ocupe a minha cabeça por pelo menos alguns minutos.

Eu rolo a tela por alguns segundos sem nada que chame a minha atenção até que encontro uma foto do James com a namorada. O choque de ver essa foto não é tão intenso, mas mesmo assim eu não consigo olhar para ela por mais de alguns poucos segundos. Parte disso é o fato de vê-lo com ela e ter a prova de que eu realmente fui apenas uma distração para ele, e a outra parte é porque eu acho injusto que ele tenha conseguido tudo que queria. Não que eu deseje mal para ele. É claro que não. Eu só acho injusto que ele seja feliz antes de mim.

Afinal, quem se ferrou o tempo inteiro fui eu. Ele estava lá tranquilo comigo, depois com a Verônica, depois com as sem nomes que eu via nos *pubs*, depois com aquela que eu nunca descobri exatamente quem era (mas o nome dela começava com C) e enfim. Eu prefiro não contar para não me sentir pior ainda.

E eu tendo que aguentar tudo isso. Agora ele está aí ainda feliz e eu exatamente no mesmo lugar que estava há 1 ano. Eu sempre soube que a vida não era justa, mas isso é basicamente rir da minha cara. E não foi como se eu não tivesse tentado conhecer outras pessoas. Eu tentei muito. Tentei tanto que até cansei e agora quero uma folga.

Continuo rolando a tela procurando por algo minimamente interessante, mas dessa vez é para me distrair do James.

Depois de alguns minutos, eu desisto e resolvo atualizar a página do instituto de novo. Dessa vez eu não estou esperando nada. Estou até tranquila quando aperto o F4. Meus dedos não estão batendo na mesa e quando a página carrega, por força do hábito eu já olho para o outro lado sem analisar muito a tela do computador, mas espera aí... o que foi isso?

Eu olho para o computador de novo e noto um item novo na página. É o resultado! Finalmente saiu!

Meu Deus. Se até 2 segundos atrás eu estava tranquila, agora eu já estou começando a ficar agitada. Eu mal consigo enxergar a tela do computador e minha mão no mouse está tremendo tanto que eu tenho que focar muito para conseguir clicar no link certo.

Vejo uma nova aba abrindo e fecho os olhos. Não consigo nem olhar. Conto até 10 na cabeça, respiro fundo e abro os olhos. Eles focam numa tabela com nomes, notas e classificações. Eu procuro por um segundo e de repente ali está. É o meu nome em quarto lugar

- Eu passei - eu digo para mim mesma com prazer antes que consiga me conter.

Eu quero gritar e dar risada e comemorar, mas estou no restaurante. Embora já esteja quase no horário de fechar, algumas pessoas ainda estão almoçando, então eu tenho que me conter. É difícil, mas eu mordo meu lábio e dou um tapa suave na mesa para extravasar pelo menos um pouquinho da alegria.

Quarto lugar. Nada mal.

Será que é isso mesmo? Será que eu passei mesmo?

Atualizo a página para confirmar que eu não estou imaginando coisas e meu nome continua lá. É verdade. Eu passei!

Antes que exploda de felicidade tentando conter minha animação, pego meu celular e mando uma mensagem para a Geórgia contando a novidade. Em seguida, sem nem processar o que eu estou fazendo, clico no nome do James e estou prestes a contar a novidade para ele também quando me dou conta do que estou fazendo. Eu sei que ele disse que iria querer saber do resultado quando saísse, mas não parece certo.

Nós não conversamos há dois dias e eu poderia mandar uma mensagem para ele agora sem problemas, mas eu acho que está na hora de dar outro passo para longe dele. Então deixo o celular de lado e só espero a resposta da Geórgia. Se ele vier falar comigo algum dia e me perguntar do resultado, eu conto. Caso contrário, eu vou ficar quieta e me afastar dele gradualmente.

Geórgia responde minhas mensagens, mas ao mesmo tempo eu vejo o grupo de amigos que estava almoçando se aproximando do caixa. Dessa vez eu não preciso forçar um sorriso profissional porque estou sorrindo de

orelha a orelha sem esforço algum. Acho que o difícil vai ser parar de sorrir.
É um ótimo jeito de terminar o ano.

16.

Londres, Inglaterra

O final de novembro e o começo de dezembro foram épocas bem corridas tanto para mim quanto para o James. Mesmo assim, foi quando nos aproximamos de verdade. O pouco tempo livre que tínhamos era sempre compartilhado. E como tudo entre nós, nada parecia forçado. Então, eu estava tranquila também porque aquilo me mostrou que se algo fosse acontecer entre nós de novo seria natural e talvez só uma questão de tempo. Eu deveria ter suspeitado que era apenas a calma antes da tempestade, mas não suspeitei.

Um dia eu estava sentada no sofá escrevendo o último relatório que eu precisava entregar e James bateu na minha porta.

- Oli? - ele chamou enquanto abria a porta

- Oi.

Ele entrou e sorriu quando me viu no sofá.

- Oi! Eu queria perguntar uma coisa - ele disse e se sentou do meu lado no sofá, colocando minhas pernas no colo dele.

- Diga.

- Alguns amigos meus estão vindo para Londres hoje à noite e precisam de um lugar para dormir. Eu ofereci meu apartamento, então posso dormir aqui hoje para ficar mais confortável?

Eu fiquei um pouco desconcertada com o pedido dele, mas não vi motivo para negar. Se ele estava confortável com isso, então tudo bem.

- Claro. Sem problemas - eu respondi.

- Obrigado - ele disse com um sorriso.

- Quem são esses amigos? - eu perguntei de curiosidade. Eu adorava saber mais sobre a vida dele.

- Da época da faculdade. Eles voltaram para os Estados Unidos depois da formatura e agora estão viajando pela Europa - ele explicou. - Por

quê? Você está interessada em algum? - ele perguntou com um tom provocativo e ergueu a sobrancelha.

- Claro que não! - eu disse rapidamente e dei um chute de leve na sua perna e ele riu. - Eu só estava puxando assunto.

Se ele soubesse em quem eu realmente estava interessada...

Ainda bem que ele não sabia ler pensamentos.

- Mas se você quiser, eu posso mexer uns pauzinhos para você - ele ofereceu com um tom de humor. - Se bem que você não precisa disso. Você já chama atenção o suficiente.

Aquela conversa havia seguido um caminho totalmente inesperado. Eu nem sabia o que responder, então só o encarei por alguns segundos e olhei para o meu computador de novo.

Ele riu de novo e se levantou.

- Eu preciso responder alguns e-mails ainda e não quero atrapalhar você - ele disse e apontou para o meu computador - Então eu provavelmente venho tarde, tudo bem?

- Sim. Não se preocupe.

- Até depois, Oli - ele se despediu e eu o observei sair pela porta.

Por que ele era assim? Por que ele não podia ser normal?

Fosse como fosse, eu precisava terminar aquele relatório. Então afastei James e seus comentários da minha cabeça.

Quando terminei o relatório já eram quase 10 horas da noite. Eu me arrumei para dormir ouvindo vozes diferentes no apartamento do James. Se eu achava que o James falava alto era porque ainda não havia conhecido os amigos dele.

Mesmo com o barulho extra no apartamento ao lado, eu não tive dificuldade para dormir.

Não sei há quanto tempo eu estava dormindo quando ouvi James entrando no meu quarto. Como eu estava no meio da cama, me movi mais para o canto para dar espaço para ele e me virei para a parede.

Eu senti o colchão se mexer quando ele se deitou e eu estava quase adormecendo de novo quando ele começou a se aproximar demais.

Assim que o seu corpo se encaixou no meu, meu coração acelerou e eu fiquei paralisada. Abri os olhos e encarei a parede escura na minha frente. Todas as células do meu corpo estavam alertas enquanto James se ajeitava. Ele me abraçou e minha respiração ficou travada na garganta, mas não de um jeito ruim.

Muito pelo contrário. A melhor sensação do universo naquele instante era do corpo dele contra o meu. Eu não ousei me mexer para ele não achar que eu não havia gostado dessa proximidade repentina. Então eu deixei que ele se ajeitasse e ficasse confortável como ele quisesse porque eu já estava exatamente do jeito que eu queria.

Quando ele encontrou uma posição confortável e respirou fundo, eu me arrisquei e peguei a mão dele que estava me abraçando. Por um instante eu achei que havia ido longe demais, mas logo em seguida ele apertou minha mão gentilmente e eu fechei os olhos. Nem percebi quando adormeci de novo.



Acordei de novo no meio da noite sem motivo aparente. Eu ainda estava virada para a parede, mas James não estava mais me abraçando. Eu me virei para ficar de barriga para cima e me espreguiceei. Havia um espaço entre nós dois e quando eu me mexi, ele se mexeu também.

Eu fechei os olhos e senti James me puxando para perto dele. Eu deixei e de repente ele me deu um beijo no rosto. Ele apoiou um braço em cima da minha barriga e eu abri os olhos e me virei para ele, preparada para perguntar “o que foi?”, mas ele estava de olhos fechados e dormindo profundamente.

Eu o encarei por alguns segundos esperando que ele acordasse porque ele deveria estar acordado, mas sua respiração continuava tranquila e profunda.

Meu coração se derreteu quando eu percebi que ele havia feito tudo aquilo inconscientemente.

Eu não fazia ideia do que ele sentia por mim, se é que ele sentia alguma coisa, mas naquele instante existia alguma coisa. Era real. Eu não estava imaginando.

Então eu gravei aquele momento na minha memória o melhor que pude porque naquela fração de segundo meu mundo estava exatamente do jeito que eu queria. Eu não precisava de mais nada e nem queria mais nada.

Sorri para mim mesma no escuro e me permiti curtir o momento pelo que ele era, sem pensar demais, sem julgar, sem tentar me convencer de que não era nada de mais. Era a melhor sensação do mundo. Eu deveria tentar fazer isso mais vezes.



Na manhã seguinte, enquanto tomávamos café da manhã, eu precisei me controlar porque de vez em quando me pegava sorrindo para o James quando me lembrava do que ele havia feito à noite. Ele percebeu que eu estava esquisita e perguntou se havia acontecido algo. Eu menti dizendo que não era nada. Até considereei contar a verdade, mas memória era minha e eu não queria estragar, caso ele tentasse se explicar ou desmerecer o ocorrido. Então deixei para lá. Eu sei que ele continuou curioso e não acreditou na minha mentira, mas não me pressionou. Ainda bem.

Eu saí para o laboratório e James foi checar os amigos dele. Meus pais chegariam naquela noite e como eu queria alguns dias de folga para fazer os turismos londrinos com eles, eu precisei acelerar meus experimentos. Mesmo assim, era meu último dia no laboratório até o ano novo e eu passei o dia inteiro correndo de um lado para o outro para dar conta de tudo. Nem vi o dia passar por causa disso. Quando percebi, já era final do dia e eu precisava ir para o aeroporto pegar meus pais.

Eu nunca havia ficado tanto tempo assim longe deles e foi apenas quando eu os vi no desembarque que percebi o quanto eu havia sentido falta deles. Era muito bom ter o abraço deles de novo.

Nós voltamos de metrô para o meu apartamento e eu os apresentei para o James. Minha mãe o adorou na mesma hora. Então, pelo jeito, era algo de família. Pelo menos a culpa não era totalmente minha.

Meus pais estavam cansados da viagem e foram dormir cedo. Os amigos do James também foram embora e de novo éramos apenas nós dois. Ele comentou de um restaurante japonês novo que ele queria conhecer e me chamou para ir junto. Eu não era fã de comida japonesa, mas ele me prometeu que eu teria outras opções, então aceitei.

Aquela era a primeira vez que James e eu saíamos juntos sozinhos. Em todas as outras vezes os amigos dele estavam juntos, então eu estava um pouco preocupada e não sabia muito bem como me comportar. Ele não pareceu perceber que era a nossa primeira vez sozinhos e, sinceramente, não parecia se importar com isso. Então eu também agi como se não fosse nada de mais.

No caminho para a estação do metrô, o vento estava gelado e cortava meu rosto. Automaticamente, eu enganchei meu braço no do James e ele deixou.

Foram uns bons 30 minutos no metrô, mas ele me prometeu que o restaurante valia a pena. Quando chegamos e passamos pelas catracas, James me ofereceu o braço de novo sem parecer pensar nisso. Eu sorri para mim mesma.

- E aí, o que aconteceu? - ele perguntou quando saímos na rua de novo, querendo saber o resto da história que eu estava contando.

- Meu pai prometeu que me daria um carro se eu conseguisse passar 2 meses sem raspar o carro dele e o da minha mãe - eu disse. - E eu queria muito um. Acho que eu nunca quis algo material tanto quanto eu quis aquele carro.

- Lá vem - ele comentou com humor na voz, prevendo o desfecho da história.

O vento gelado continuava cortando meu rosto e eu me escondi no meu cachecol.

- Quando os dois meses estavam quase no fim, eu fui manobrar o carro do meu pai e acidentalmente raspei o para choque dianteiro numa coluna. Ficou uma marca bem discreta, mas ele iria notar com certeza. Eu pensei em contar, mas só faltavam alguns dias para eu conseguir cumprir a minha promessa e não iria jogar isso fora.

- Mas é claro que você acabou contando - James disse.

- Claro que não. Eu estava prestes a contar, mas então meu pai, que nunca havia batido o carro na vida, raspou o para choque dianteiro num estacionamento. Ele chegou em casa muito bravo. Eu nem acreditei, mas sabe qual foi a melhor parte?

- Qual?

- O raspado que ele fez ficou exatamente em cima do que eu havia feito - eu sorri só de me lembrar do momento que percebi que o estrago do meu pai havia anulado o meu completamente.

- Não pode ser - ele deu risada.

- Até o universo queria que eu ganhasse um carro.

- Quando o universo quer, não tem quem impeça de acontecer - ele concordou.

- Exatamente.

- E o que o seu pai falou depois que você ganhou o carro e contou para ele? - James perguntou com interesse.

- Como assim? Eu nunca contei.

James se virou para mim, parecendo chocado.

- Você está brincando. Ele não sabe até hoje?

- Nem nunca vai saber.

James deu risada de novo.

- Eu estou surpreso que você faria isso.

- E eu fico feliz que você pensa assim de mim - eu disse e sorri para ele enquanto ele abria a porta do restaurante para mim.

Ele retribuiu o sorriso.

- Mas até parece que você nunca bateu o carro dos seus pais ou mentiu para eles - eu comentei quando entrei no restaurante. Eu me senti relaxar no ambiente mais quente. Era um lugar pequeno com paredes vermelhas, mas era aconchegante e confortável. À primeira vista o restaurante estava lotado, mas não chegava a ser claustrofóbico.

Um garçom se aproximou de nós com um sorriso profissional

- Mesa para dois?

- Sim, por favor - James respondeu e depois se virou para mim. - Nunca é muito tempo...

Ele parou de falar de repente, mas antes que eu pudesse perguntar qual era o problema, o garçom voltou

- Eu vou mandar limpar uma mesa para vocês. Aguardem alguns minutos, por favor.

- Tudo bem - eu disse e James ainda parecia incapaz de falar.

Eu me virei para ele e o vi encarando algo no fundo do restaurante com uma expressão que era metade assustada e metade chocada.

- O que foi? - eu perguntei e segui seu olhar, mas não encontrei nada diferente. Só vi pessoas sentadas em suas mesas comendo e conversando normalmente.

Então me virei de novo para o James e ele abaixou a cabeça e me puxou para o canto, de forma que ficamos parcialmente escondidos atrás de uma planta.

- Aquela ruiva lá no fundo sentada com um casal mais velho é uma ex-namorada minha - ele explicou com uma voz baixa e olhou discretamente para eles pelas frestas nas folhas da planta.

- E por que você tem medo dela? - eu perguntei, contendo minha vontade de olhar também.

- Ela é... - ele balançou a cabeça, sem saber qual palavra usar. - Ela só... gritava o tempo todo.

Eu dei uma risada baixinha, mas parei assim que James se virou para mim.

- É sério! - ele disse. - Por qualquer coisa. Você me perguntou se eu já havia mentido para os meus pais e, bem, não tanto quanto eu menti para ela.

- Sobre o quê? - eu perguntei com interesse.

- Tudo que você imaginar. Das mentiras mais bobas até as mais complexas. Uma vez eu estava na casa dela e sem querer derrubei o controle da televisão no chão e ela gritou comigo por quase 5 minutos. Então alguns dias depois quando eu sem querer esbarrei no relógio da cabeceira dela que caiu no chão e quebrou, eu disse que foi o cachorro.

Dessa vez eu não contive a risada.

- O cachorro? Muito clichê. Ela acreditou?

- Sei lá. Só sei que pelo menos ela não gritou comigo e que depois disso eu peguei o costume de mentir sempre que algo acontecia. E mesmo assim ela gritava. Não comigo, mas para o espaço ou sei lá para quem - ele suspirou, parecendo perdido nas suas memórias. - Eu nem sou desastrado, mas com ela parecia que eu quebrava e derrubava tudo.

O garçom se aproximou de nós de novo e avisou que a nossa mesa estava pronta. Nós o seguimos até uma mesa ao lado de um grupo de 8 amigos que estavam falando alto e dando risada.

- Você quer ir para outro lugar? - eu ofereci.

- Não precisa. Acho que vamos ficar bem escondidos aqui - ele disse, obviamente também notando o grupo de amigos barulhento ao nosso lado.

- Mas se ela visse você, ela viria conversar? - eu perguntei enquanto me sentava.

- Não sei, mas não quero arriscar. Eu tive que bloquear o perfil dela no *Facebook* - ele disse e tirou seu casaco.

Ele estava vestindo uma camiseta vermelha, mas na luz do restaurante e contra as paredes vermelhas, ela parecia rosa.

- Depois que nós terminamos, ela ainda vinha atrás de mim e eu tive que bloquear porque não queria mais que ela gritasse comigo. Eu não aguentava mais - ele explicou, mas eu mal prestei atenção porque estava hipnotizada olhando para os seus braços e ombros e notando como aquele tom de rosa combinava com o tom de pele dele. Eu lembro que achava que o James não era atraente, mas naquele instante eu não entendi como eu pude pensar aquilo.

- Quanto tempo vocês namoraram? - eu perguntei para me distrair.

- Um ano.
- Um ano?! Por quê? Ela te maltratava.
- Sei lá - ele deu de ombros. - Eu era adolescente. Acho que eu tinha uns 18 ou 19 anos. Eu não sabia de nada. Ela foi a minha primeira namorada de verdade.

Então, ele pegou o cardápio e começou a me mostrar todas as opções de comida cozida e assada que eu tinha. E ele estava certo. Eram várias e eu fiquei até na dúvida com tantas opções.

Nós conversamos um pouco enquanto esperávamos a comida, mas não tocamos mais no assunto da ex-namorada dele. Ele já parecia bem mais relaxado e distraído. Em comparação, eu estava doida para me virar e analisá-la melhor. Eu olhei de relance para ela quando estávamos vindo até a mesa, mas não foi o suficiente. Eu estava profundamente curiosa para saber como ela era. Por que nós somos assim?

Quando a comida chegou, nós ficamos mais em silêncio, mas ainda trocamos alguns comentários. O momento mais tenso foi quando, repentinamente, James olhou para o sushi que ele estava segurando e depois olhou para mim. Depois ele olhou para o sushi e quando ele ergueu o olhar para mim de novo, foi como se eu pudesse ler seus pensamentos nos seus olhos.

- Eu não vou comer isso - eu disse com firmeza.
- De quantas coisas você achou que não fosse gostar de comer e quando comeu descobriu que gostava? - ele perguntou.
- Poucas.
- Duvido - ele retrucou rapidamente. - Mas sushi pode ser uma delas. Prove.

Ele esticou o *hashi* com o sushi na minha direção, mas eu só balancei a cabeça.

- Por mim. E eu prometo que nunca mais faço você provar nada.

Ele segurou o meu olhar e sorriu.

Eu suspirei.

- Tudo bem.

Eu me estiquei um pouco por cima da mesa e James colocou o sushi na minha boca.

Eu não sabia explicar o gosto daquilo, nem a textura. A única coisa que eu sabia era que arroz não combinava com o que quer que estivesse ali no meio.

- E aí? - ele perguntou com expectativa

- Eu me conheço muito bem - eu respondi quando engoli. Pelo bem do James, eu me esforcei muito para não fazer uma careta de nojo.

Ele revirou os olhos.

- Tudo bem. Pelo menos você provou.

Nós continuamos comendo em silêncio e eu precisei ir ao banheiro. Não foi planejado, mas quando percebi que precisava fazer xixi, também me dei conta que era a minha chance de olhar melhor para a ex-namorada do James porque a mesa dela ficava no caminho para o banheiro.

- Eu vou ao banheiro e já volto - eu disse.

- Você vai vomitar o sushi? - ele brincou.

- Se eu fosse, eu faria aqui em cima de você por ter me feito provar... essa coisa - eu disse, forjando um tom ríspido.

Ele riu.

- Tão dramática - ele comentou.

Eu me levantei e quando comecei a seguir em direção ao banheiro, notei que a ex-namorada do James não estava sentada à mesa. Talvez fosse melhor assim. O que eu poderia ganhar de bom analisando a ex dele? Nada.

Fui até o banheiro, mas quando abri a porta dei de cara com ela. Eu tentei não transparecer que estava surpresa, nem que estava absorvendo todos os detalhes sobre a aparência dela. Eu não sabia dizer quanto ela tinha de altura, mas com certeza era menos de 1,60 m... assim como todas as que eu via com o James nos *pubs* quando nós saíamos. Assim como a ex-namorada mais atual dele.

Segui para um dos cubículos e tentei não pensar nisso, mas quando saí, todas as semelhanças entre elas estavam se ligando na minha cabeça.

Pelo que eu estava percebendo, todas elas tinham menos de 1,60 m, era todas muito bonitas, bem mais magras do que eu e com exceção dessa ex, todas também tinham cabelo escuro. James tinha um tipo. Eu nunca havia me dado conta disso.

Terminei de lavar as mãos e me olhei no espelho. Eu estava olhando para alguém completamente diferente fisicamente de todas elas. No começo eu já havia notado que eu era muito diferente da ex mais atual dele e fiquei grata por isso porque isso queria dizer que ele não estava projetando os sentimentos por ela em mim. Era um bom sinal.

Mas agora vendo o cenário completo eu não sabia se me sentia elogiada ou não.

Voltei para a nossa mesa sem saber o que fazer com essa informação, então acabei deixando para lá e aproveitei o resto do jantar com o James.

Nós acabamos comendo demais, então na volta mal conseguíamos conversar. Ele até cochilou no metrô e pareceu totalmente perdido quando eu o acordei na nossa estação. Ele só começou a acordar quando andávamos até o prédio, mas acho que foi mais por causa do frio.

- Eu vou levar meus pais no Winter Wonderland amanhã à noite - eu disse quando estávamos subindo as escadas. - Você está convidado, obviamente.

- Boa ideia. Eu ainda não fui esse ano - ele disse, soando genuinamente animado. - É só bater na minha porta quando você estiverem saindo.

- Combinado - eu sorri. Era muito fácil sorrir perto dele.

Nós chegamos no nosso andar e cada um foi para a sua respectiva porta. Ele falou de repente.

- Oli.

Eu me virei para ele.

- Você vai dormir no sofá enquanto seus pais estiverem aqui? - ele perguntou.

- Sim.

- Você sabe que pode dormir comigo, não sabe? Eu sei que o sofá pode ser muito desconfortável - ele ofereceu naturalmente.

- Eu sei - eu disse com o coração já amolecido. - Eu até pensei em pedir para dormir com você, mas não quero que os meus pais tenham a ideia errada.

- Claro - ele concordou. - Eu entendo.

- Não que isso fosse um problema - eu acrescentei rapidamente para não magoá-lo, se é que isso era possível. - É só porque eles fariam muitas perguntas e não entenderiam.

- Tudo bem, Oli. Faz sentido - ele deu seu sorriso amigável e tranquilo de sempre; seu sorriso intocável que nunca mudava, por mais que ele estivesse estressado, cansado ou magoado. Por isso às vezes era tão difícil entender o que estava se passando na cabeça dele. Seu sorriso e seus olhos nunca o entregavam.

- Boa noite, Oli. Obrigada pela companhia hoje.

- Como se fosse um esforço imenso te fazer companhia - eu brinquei e ele sorriu de novo. - Boa noite, James.

17.

Toronto, Canadá

- O que você acha? Eu gostei mais do outro.

- Esse é bonito, mas acho que o outro era mais o seu estilo - Geórgia concorda.

Porque apenas agora eu estou me dando conta que o tempo está passando e estou mais presente no momento, acabei esquecendo que precisava de um vestido para o casamento da minha prima em janeiro. Então aqui estou eu escolhendo um às pressas. Fiz uma ligação de vídeo com a Geórgia para ela me ajudar e depois de provar 6 vestidos, eu acho que finalmente escolhi um.

- É. Esse aqui é legal, mas não me sinto tão confortável quanto no outro - eu digo, me virando na frente do espelho para ver todos os ângulos.

- Sim. Eu voto no anterior - ela diz.

- Ótimo. Está decidido - eu digo e vou até o celular que está apoiado no banquinho do provador. - Muito obrigada pela ajuda, Geórgia.

- Claro, Oli. Sem problemas - ela sorri.

Eu pego meu celular e estou prestes a me despedir quando sou interrompida por uma notificação.

- Que cara é essa? É o James? - ela adivinha.

- Sim. Ele acabou de me mandar uma mensagem perguntando dos detalhes do meu voo.

- Você vai se encontrar com ele mesmo?

- Vou. Eu estava nervosa sobre isso também, mas acho que vai ser bom. Às vezes eu tenho a impressão de que tudo que estou sentindo é apenas porque estou romantizando tudo, sabe? E ultimamente eu tenho me lembrado só das coisas boas. Então vê-lo pessoalmente de novo pode acabar com esse encanto.

- Pode ser - ela diz, mas não ela não soa muito convencida. - A namorada dele vai junto?

- Acredito que sim, embora ele nunca tenha mencionado.
- Estranho. De qualquer forma, tome cuidado, Oli. Se você precisa fazer isso, então tudo bem.

- Obrigada, Geórgia - eu digo com um sorriso. - Vou deixar você voltar a estudar, então.

Eu me despeço dela e quando desligo abro a mensagem do James e respondo com os dados do meu voo. Deixo o celular de lado no banco, tiro o vestido e visto as minhas roupas. Eu me sento para colocar o tênis e sinto o celular vibrando do meu lado. Checo a tela e vejo que já é a resposta do James. Agora ele quer saber em qual hotel eu vou ficar. Eu respondo rapidamente sem pensar muito.

Levo o vestido que eu escolhi até o balcão, pago e quando estou voltando para o carro, meu celular vibra na bolsa. Eu entro no carro e resolvo ver o que James respondeu.

Ótimo! Nós pegamos um hotel próximo, mas não tão próximo a ponto de eu conseguir ouvir seus roncos à noite.

O quê? De onde ele tirou isso?

Eu não ronco.

Ronca sim. Eu ouvi várias vezes

Que mentira!

Eu só ronco quando estou resfriada, mas são casos isolados.

Conversar com o James é sempre uma aventura. Você nunca sabe o que está por vir, mas por agora eu preciso ir para o restaurante da minha mãe ajudar a abrir para o almoço. Já estou quase atrasada. Então eu guardo o celular na bolsa e ligo o carro.

Porém, o comentário do James abriu uma gaveta de memórias na minha mente. Todas as noites que nós passamos juntos vêm em grupo me atacar, principalmente aquela noite antes dos meus pais chegarem quando ele me deu um beijo no meio da noite sem nem acordar. Essa noite ainda é a

minha favorita de todas e até hoje eu não compartilhei aquele momento com ele por medo de que ele desmerecesse o ocorrido e eu ficasse sem nenhuma prova de que ele poderia sentir algo por mim.

Sinto meu celular vibrar na minha mão e leio a resposta do James. Para a minha surpresa, ele menciona a mesma noite que eu estava pensando, embora ele provavelmente lembre dela por motivos bem diferentes.

Você estava resfriada naquela noite antes dos seus pais chegarem?

Eu estou me preparando para responder quando chega outra mensagem dele:

E no ano novo?

Ou naquela noite que nós passamos naquele hotel?

Você roncou bastante naquela vez. Eu até fiquei preocupado.

**Naquele hotel eu estava mesmo resfriada e não conseguia respirar, mas nas outras você deve ter sonhado.
Eu não ronco!**

Eu envio a mensagem, mas no fundo eu estou um pouquinho feliz por ele se lembrar de tudo isso. Eu não fazia ideia de que ele guardava essas memórias, por mais que seja por uma ideia errada de que eu ronco. Eu realmente não sei da onde ele está tirando isso - e nem por que estamos tendo essa conversa. James não responde na mesma hora, então eu guardo o celular e começo a dirigir.

O caminho até o restaurante é tranquilo e quando eu encontro uma vaga para estacionar o carro, sinto o celular vibrar na bolsa e o pego. James me respondeu.

Oli, não adianta negar. Eu sempre ouvi.

Ele acrescenta um *emoji* dando risada no final para mostrar que está tirando com a minha cara. Eu penso por um instante e decido me arriscar

em compartilhar aquela memória com ele. Acho que está na hora. Ela me confortou por muito tempo e talvez seja o momento de me libertar dela. Até porque é quase patético que ela seja basicamente a única prova que eu tenho - ou acho que tenho - de que o James sentia algo por mim. O fato de ela ser a única já é prova de que ele não sentia nada por mim.

Tudo bem.

Eu acredito em você então, mas você não parecia se importar muito.

Eu lembro que naquela noite antes dos meus pais chegarem você até me puxou e me deu um beijo enquanto dormia.

Eu envio e me surpreendo por ficar nervosa pensando no que ele vai responder, embora eu tenha 99% de certeza que ele vá fazer alguma piada e estragar a memória.

Ele não demora para responder e, naturalmente, ao mesmo tempo que ele me decepçiona, ele faz exatamente o que eu imaginei que fosse fazer.

Eu não me lembro disso.

Talvez eu estivesse tentando fazer você parar de roncar.

Viram? Ele estragou a memória. Eu reviro os olhos antes de responder.

Você estava dormindo, então é claro que não lembra, mas eu estava acordada e lembro. Lembro também que eu não estava roncando. Foi bem bonitinho, na verdade.

Mais uma vez eu fico nervosa antes de enviar a mensagem e hesito por alguns segundos, mas envio. Não é como se eu fosse estragar alguma coisa. A vantagem de estar longe é que eu não preciso mais pensar em cada palavra que eu digo para o James. Se ele não gostar, eu posso simplesmente desligar meu celular.

Hahaha se você diz... Que saudades, Oli.

Eu penso duas vezes antes de responder, mas acabo digitando o que eu estou com vontade de dizer.

Estou com saudades também.

Quero muitos abraços daqui algumas semanas.

Você não precisa nem pedir.

Eu envio essa última mensagem e respiro fundo. Acho que por hoje chega. Preciso voltar à realidade e parar com esse sentimentalismo antes que eu esqueça por que me abrir com o James não é uma boa ideia. Esse é o segredo da nossa amizade, aliás.

Preciso ir trabalhar, James. Conversamos depois.

18.

Londres, Inglaterra

Meus dias de folga com os meus pais passaram rapidamente. Nós fizemos todo o programa turístico que Londres oferece com o adicional das feiras de Natal. Londres é linda sempre, mas nessa época do ano é ainda mais. Não havia previsão de neve naquele ano, mas mesmo com as noites apenas muito geladas, Londres continuava charmosa e aconchegante.

Eu incluí James em alguns dos nossos programas turísticos porque ele parecia muito solitário, já que não pode viajar para ficar com a família por estar trabalhando. Os amigos dele viajaram e, embora ele gostasse muito da sua privacidade, eu percebi que ele não gostava muito de ficar sozinho. Eu nunca havia o visto triste e aquela época do final do ano foi a primeira vez. Eu fiquei até preocupada, então tentei incluí-lo nos passeios com os meus pais (ele foi em alguns, mas em outros dias ele quis ficar sozinho em casa e ficou me mandando mensagens perguntando quando eu voltaria, o que me deixou bem preocupada, então meu costume na época se tornou sempre checar como o James estava pelo menos 3 vezes ao dia quando ele ficava em casa). Eu o convidava para as nossas refeições também e esses convites ele sempre aceitou.

No começo eu achei que o clima ficaria esquisito, mas esqueci que um dos talentos do James é deixar todo mundo à vontade, então ele se encaixou perfeitamente com os meus pais. Inclusive, como James cozinhava muito bem, vê-lo acompanhando minha mãe na cozinha foi um pouco perigoso para mim. Eu não podia me dar ao luxo de ter aquele cenário na minha cabeça. Era perfeito demais. Porém, acho que foi esse clima de tranquilidade que também fez parecer que o tempo passou voando.

Então de repente já era véspera de ano novo. Meus pais foram ao mercado comprar o que faltava para o nosso jantar e eu fiquei em casa preparando a sobremesa: uma torta de limão, que é basicamente a única sobremesa que eu sei fazer.

Eu estava prestes a ir convidar com o James, quando ele bateu na minha porta.

- Oli? - ele disse e entrou.

- Oi.

Ele estava arrumado e uma brisa de ar que veio lá de fora quando ele abriu a porta trouxe o cheiro do seu perfume até mim. Ele também parecia mais alegre do que nos últimos dias e vê-lo assim me deixava feliz também.

- Aonde você vai? - eu perguntei.

- Eu estou indo numa festa de ano novo na casa de um amigo, mas é em *Surrey* - ele explicou. - Então eu volto só amanhã de manhã. Talvez até de tarde. Acho que depende do quão cansado eu ficar.

- Que bom! - eu disse, genuinamente alegre por ele, e depois pensei por um instante. - Então, se você não vai dormir em casa, eu posso dormir na sua cama?

- Claro. Foi justamente isso que eu vim oferecer - ele sorriu.

- Eu prometo me levantar antes de você chegar.

- Nem es quente com isso - ele disse com sinceridade. - Durma o quanto você quiser... desde que você guarde um pedaço para mim dessa torta que você está fazendo.

- Pode deixar - eu sorri para ele.

A porta se abriu naquele momento e meus pais entraram carregando algumas sacolas de compras.

- James, você vai ficar para jantar? - minha mãe perguntou depois que todos nos cumprimentamos.

- Hoje não - James respondeu. - Vou sair e volto só amanhã.

- Ah, tudo bem. Nós guardamos um pouco para você, então - ela sugeriu.

- Obrigado - James disse com um sorriso.

O celular dele tocou e ele checkou a tela rapidamente.

- Minha carona está aqui. Vou indo. Bom jantar para vocês - ele disse antes de sair.

- Ele parece mais animado. Que bom - minha mãe comentou quando ele saiu.

- Eu também achei - meu pai concordou.

- Sim. Parece. Que horas vocês querem sair para ver os fogos? - eu mudei de assunto rapidamente para que eles não fizessem mais comentários sobre o James porque eu tinha medo de deixar transparecer que eu gostava

dele, embora eu suspeitasse que a minha mãe já soubesse. Mesmo assim, eu não precisava dar nenhuma confirmação para ela.

Nós jantamos e depois fomos assistir a queima de fogos na *London Eye*. Foi com certeza a virada de ano mais bonita que eu já vi. O único “problema” foi voltar para casa. Todas as estações de metrô por perto estavam lotadas, com filas saindo das estações e chegando na esquina.

Digo “problema” porque, então, meus pais e eu aproveitamos a situação para passear mais por Londres enquanto procurávamos por uma estação mais vazia. Conforme a multidão de pessoas foi se dispersando, a paz daquele momento foi ficando mais evidente. A vida estava exatamente do jeito que eu queria. Acho que do jeito que qualquer um poderia querer.

Eventualmente, encontramos uma estação mais vazia e chegamos em casa quase 2 da manhã. Eu me arrumei para dormir, deixei meus pais dormindo na minha cama, mas ao invés de ir para o sofá da sala, fui para o apartamento do James. A sensação de alegria e satisfação ficaram ainda mais evidentes conforme eu andava pelo apartamento dele no escuro sem precisar acender a luz. A casa dele era tão familiar para mim quanto a minha.

O quarto dele estava parcialmente organizado, como sempre. A cama arrumada, nada espalhado pelo chão, apenas 3 camisetas penduradas na cadeira (enquanto a minha era basicamente meu segundo armário), mas a mesa estava a bagunça de sempre.

Eu me deitei bem no meio da cama dele e além do alívio de me deitar numa cama depois de uma semana dormindo em um sofá, fui também completamente tomada pelo cheiro do James. Aproveitando que ele não estava por perto, eu pude abraçar o edredom dele o quanto eu quis e respirei fundo.

Uma vez eu li que, biologicamente falando, você se apaixona pelo cheiro da pessoa porque ele é muito ligado ao nosso sistema imunológico e a evolução trabalhou para que cada um se apaixone por alguém com um sistema imunológico diferente do nosso para que os descendentes tenham mais adaptações. Eu nunca soube se isso era realmente verdade, mas naquele momento praticamente intoxicada pelo cheiro do James, aquela parecia a maior verdade do mundo. Não existia lugar melhor para mim do que ali. Tanto que nem percebi quando adormeci. Simplesmente aconteceu.



Fui acordada pelo som da porta do quarto fechando, por mais que tenha soado como se quem a tivesse aberto tivesse feito com cuidado. Abri os olhos apenas o suficiente para ver o que estava acontecendo.

- Oi. Desculpa por te acordar. Eu tentei não fazer muito barulho - James murmurou enquanto tirava o relógio e o deixava na mesa.

- Não tem problema. Que horas são? - eu perguntei e pareceu que usei toda a minha energia porque ainda poderia dormir mais algumas horas.

- São 8 - ele murmurou de novo e se sentou na cadeira para tirar os sapatos.

- Você voltou cedo - eu comentei num sussurro.

- Eu estava cansado demais e precisava de uma cama - ele explicou.

- Eu não estou pronta para me levantar ainda. Vou ficar mais um pouco, pode ser?

- Claro. Fique o quanto quiser - ele respondeu e se levantou.

- Obrigada.

Ao invés de fechar os olhos e voltar a dormir, eu o observei tirar a camisa e depois a calça. Ele foi até o banheiro e eu o ouvi escovar os dentes.

Quando ele saiu do banheiro, eu abri espaço para ele na cama, já que eu estava bem no meio, e ele se deitou do meu lado sem nem se importar em colocar uma calça ou uma camiseta.

Eu fechei os olhos e senti James se aproximando de mim até que ele me abraçou e beijou a minha testa.

- Feliz ano novo, Oli - ele sussurrou.

Eu sorri de olhos fechados.

- Feliz ano novo, James A festa foi boa?

O cheiro na cama dele era maravilhoso, mas nada superava ouvir sua voz e sentir sua pele quente e macia contra a minha, principalmente considerando que ele estava apenas de cueca.

- Foi muito boa - ele respondeu com a voz preguiçosa e bocejou. - Mas era longe demais. Amanhã eu conto tudo.

- Combinado.

James colocou uma perna sobre a minha e eu me aconcheguei nele com o meu nariz no seu peito. Era uma ótima maneira de começar o ano.



Quando acordei de novo, o quarto parecia mais claro, então com certeza já era mais tarde também. Meu celular estava na cabeceira do lado do James, então eu só saberia que horas eram se eu me levantasse.

Enquanto eu decidia se iria me levantar, ouvi alguém derrubando algo na minha cozinha, então meus pais já estavam de pé.

Eu me virei na cama e vi James dormindo de barriga para baixo. Um dos seus braços estava descansando acima da sua cabeça e o outro estava embaixo do travesseiro. Seu rosto estava virado para mim e ele parecia estar dormindo profundamente.

De impulso, mas com cuidado para não acordá-lo, eu me aproximei e dei um beijo suave na sua bochecha. Por mais cuidadosa que eu tenha sido, ele se mexeu e um sorriso pequeno se esticou nos seus lábios.

- Bom dia - ele murmurou com a voz rouca e sem abrir os olhos.

- Bom dia. Eu não queria acordar você- eu sussurrei. - Eu já estava me levantando.

- Por quê? - ele perguntou, soando meio acordado e meio dormindo. - Você tem planos para hoje?

- Não.

- Então você não precisa se levantar ainda - ele disse e me puxou para perto dele. - Fique mais um pouco.

Seu nariz estava no meu pescoço e eu podia sentir sua respiração tranquila contra a minha pele. Isso associado a sua pele na minha transformou minha força de vontade em pó. Foi como se eu nem tivesse escolha.

Eu nem estava mais com sono, mas quem é que recusa um pedido daqueles? Então fechei os olhos e só fiquei ali abraçada com ele como se o resto do mundo não existisse porque naquele momento não existia mesmo.

Então, repentinamente, a situação mudou completamente. James pareceu despertar e deu alguns beijos no meu pescoço. Seus lábios desceram para o meu peito e a parte racional do meu cérebro me avisou para não deixá-lo seguir em frente, mas eu a ignorei completamente.

Continuei de olhos fechados e deixei James fazer o que ele quisesse. Suavemente, sua mão que estava no meu quadril subiu pelo meu tronco e chegou na alça fina da minha blusa. Ele começou a puxá-la para baixo e a minha respiração travou na garganta.

James parou de beijar meu peito por dois segundos e sussurrou:

- Oli, eu estava pensando...

Ele deixou a frase no ar e eu abri os olhos, como se a voz dele tivesse trazido meu bom senso à tona de novo. Eu não queria que as coisas acontecessem daquele jeito. James estava solitário e deprimido - sem contar que talvez ainda estivesse ligeiramente bêbado. O que ele estava fazendo naquele momento não era genuíno. Era apenas resultado da solidão e do álcool e quem iria se ferrar no final era eu.

Rapidamente, levantei a alça da minha blusa e antes que James se desse conta do que estava acontecendo, eu o empurrei para o lado e fiquei em cima dele, segurando seus braços acima da sua cabeça (se ele estivesse acordado e 100% sóbrio eu jamais teria conseguido dominá-lo daquele jeito, então aquilo era prova de que ele não estava pensando direito e eu não iria deixar nada acontecer assim).

- Em nada - eu disse. - Você não estava pensando em nada.

- Oli...

- Não, James. Você sabe que é errado - eu o interrompi antes que eu desistisse de ouvir meu bom senso.

No entanto, eu não fui completamente forte e dei um beijo rápido nele. Antes que ele reagisse, eu me levantei. Eu o ouvi suspirar, mas sabia que ele não diria mais nada. Peguei meu celular da cabeceira e fui para o meu apartamento.

19.

Aeroporto de Newark, Nova York, Estados Unidos

Eu não acredito que concordei com isso. Essa última semana foi uma montanha-russa e acho que nem a Geórgia mais me aguentava mudando de ideia. Eu pensei em cancelar essa viagem várias vezes, mas poucas horas depois eu já estava confiante de novo e dizendo “é claro que eu vou. Qual é o problema?” E depois vacilava de novo.

Então acabou que eu vim mais porque a passagem já estava comprada e eu me enrolei para cancelar. O dia chegou e eu não podia fazer mais nada. Porém, hoje quando eu acordei eu não estava nervosa. É sério. Eu estava muito tranquila e até confiante de que esse encontro era exatamente o que eu precisava para conseguir começar a seguir em frente. Ver que as coisas estarão diferentes entre nós (porque elas com certeza estarão) é o que eu preciso para entender que já acabou. Não existe nada entre nós e o que existiu foi uma coisa de Londres. Nós dois estávamos em um momento de transição nas nossas vidas e acabamos encontrando conforto no outro. Foi só isso.

Mas agora que eu consigo ver a cidade se aproximando conforme o avião aterrissa, eu começo a sentir um frio na barriga. Foi uma péssima ideia vir. Tudo está diferente agora e eu sei que, embora eu esteja torcendo por isso para conseguir seguir em frente, eu vou ficar chateada quando perceber que não é mais a mesma coisa.

É um sentimento confuso porque durante nossa infância, adolescência e até o início dos 20 anos nós somos ensinados que a coisa certa é certa e a errada é a errada e ponto final. Ou seja, se você escolher fazer o certo você vai se sentir bem e só vai ter vantagens. Da mesma forma, se escolher fazer o errado você deve esperar consequências negativas.

Mas a vida não é assim. Tomar decisões, na verdade, é como tomar um medicamento. Você tem os efeitos positivos, mas sempre terá um efeito colateral negativo também, por mais que seja passageiro ou até

imperceptível num primeiro momento. Não existe medicação sem efeito colateral, assim como não existem escolhas sem consequências negativas. Quanto mais eu vivo mais eu percebo que fazer a coisa certa é muito difícil e, por isso, a maioria das pessoas acaba optando pelo errado sempre. Fazer o que é certo requer determinação e resiliência.

Eu fico pensando nisso durante todo o desembarque e me questiono se ver o James agora é realmente a coisa certa, já que, em se tratando dele, eu só faço escolhas erradas.

Acho que a única vez que eu acertei de verdade com ele foi na noite do ano novo quando basicamente fugi do quarto dele antes que algo acontecesse. Não foi fácil e na época eu até achei que poderia ter aproveitado e levado a situação menos a sério, mas depois que eu descobri a verdade sobre aquela noite, eu percebi que fugir foi a decisão correta.

Então eu não sei o que eu estou fazendo aqui ainda, mas talvez o tempo explique.

Assim que eu vejo o James quando saio do desembarque, tudo isso se torna insignificante. Ele abre aquele seu sorriso de sempre quando me vê e as minhas pernas parecem me carregar até ele, como se eu estivesse sendo puxada.

Ele me abraça e o seu cheiro familiar parece chegar até o meu coração porque ele se acalma e eu estou em completa paz. Eu poderia ficar aqui nesse abraço para sempre e ainda não seria tempo o suficiente.

- Eu não consigo respirar - eu murmurei quando James me apertou.

- Desculpe - ele disse e me soltou um pouco, mas não totalmente - Mas eu estou feliz que você está aqui.

- Eu também estou - eu respondi sem precisar pensar.

Mas... ah não, pelo jeito, nada mudou. Tudo que eu estava sentindo em Londres continua muito vivo. O que eu vou fazer agora?

Eu não sei quanto tempo nós ficamos abraçados, mas eventualmente sou eu que me afasto por primeiro. James ainda está sorrindo para mim e eu sei que estou sorrindo também.

Atrás dele eu vejo Alex, Júlia, Jonathan (um amigo de infância do James que eu conheci em Londres) e o James 2, outro amigo dele que eu conheci em Londres. Como eles têm o mesmo nome, eu sempre me referi ao amigo como James 2.

Eu os abraço também e parte da minha mente percebe que a namorada do James não está por perto, mas antes que eu possa pensar nos

motivos disso, Alex e James 2 já estão organizando como nós vamos nos dividir para irmos para o hotel.

James imediatamente se dispõe a ir no mesmo táxi que eu e ninguém parece estranhar a reação dele. No entanto, eu me espanto um pouco. É como se nada mesmo tivesse mudado e eu não consigo entender como isso é possível. A maneira como ele engancha meu braço no dele enquanto andamos pelo saguão do aeroporto, como ele me ajuda com as minhas bagagens, como ele me olha quando entramos no táxi, como ele fala comigo... tudo absolutamente igual.

O motorista do táxi está com o aquecedor ligado, então James tira a jaqueta e puxa as mangas do casaco que está vestindo por baixo até os cotovelos. Quando ele faz isso, eu noto uma cicatriz longa e vermelha no seu antebraço. Instintivamente, eu estico uma mão até ele e gentilmente passo meu dedo sobre a cicatriz, lembrando o dia que a Júlia sem querer encostou a forma quente recém saída do forno no braço dele e como eu reagi quando eu vi o que havia acontecido. Exatamente do mesmo jeito que eu estou reagindo agora, para ser sincera. Eu não gosto de vê-lo machucado.

- Você se lembra disso? - James pergunta, olhando para a cicatriz também.

- Como esquecer?

Foi a única vez que eu vi o James reclamar de dor e parecia que eu também havia sentido e queria muito fazer algo para que ele não sentisse mais. Foi uma sensação estranha. Eu nunca tinha me sentido daquele jeito sobre outra pessoa.

- Impossível mesmo - ele concorda e analisa a cicatriz por um instante. - Mais alguns meses e deve desaparecer. Eu espero - ele acrescenta.

Nós ficamos em silêncio por alguns minutos, ouvindo apenas o rádio, mas o volume não está alto o suficiente para eu conseguir distinguir o que está sendo dito.

De repente, James coloca uma mão na minha perna e a aperta delicadamente.

- Sério, Oli. Que você que você veio antes - ele diz e sorri.

Eu sorrio também, sentindo meu coração se encher com alegria.

- Bem, eu não tinha como não vir. Você insistia todo dia e até encontrou uma passagem para mim - eu brinco para provocá-lo e disfarçar o que eu estou sentindo de verdade.

James pisca para mim e depois dá risada.

- Era tudo parte do plano. E deu certo.

- Deu mesmo - eu concordo.

Nós ficamos em silêncio de novo e eu estou me perguntando sobre a namorada dele. Eles conversavam todos os dias quando eu estava em Londres e agora que estão juntos ele nem a menciona? É muito estranho. A não ser que eles tenham terminado, mas eu chequei o *Instagram* dele no aeroporto antes de embarcar e as fotos com ela continuavam lá, então sei lá. As atitudes dele nunca fizeram sentido para mim.

James e os outros pegaram um hotel a duas quadras do meu. Eu tive desconto na hospedagem porque é o hotel onde a minha prima vai se casar, então para mim valeu a pena, mas para eles era muito caro. Mesmo assim, James desce comigo no meu hotel para me ajudar com a minha mala. É só uma e eu a trouxe mais por causa do vestido que eu não podia amassar dentro de uma mochila. Então eu daria conta de só uma mala - e eu tenho certeza de que algum funcionário do hotel me ajudaria caso eu precisasse - mas James fez questão, então se me ajudar o deixava feliz, quem era eu para negar isso a ele?

Por um breve instante, enquanto subimos até o meu quarto eu tenho a sensação de estar de volta a Londres naquele dia que eu me mudei e James me ajudou a subir as escadas com as minhas coisas. Quem diria que tanta merda aconteceria e mesmo assim, mais de um ano depois nós estaríamos do mesmo jeito, como se nada nunca tivesse acontecido?

- Quais são os planos? - eu pergunto quando entramos no meu quarto.

- Acho que todos estão com fome, então o primeiro passo deve ser encontrar algo para comer- James diz e coloca a minha mala numa cômoda específica para malas.

- Ótima ideia. Eu estou morrendo de fome.

- Vou checar com eles - James diz e pega o celular.

Enquanto ele digita, eu abro a minha mala e tiro o vestido. Felizmente ele não amassou quase nada no trajeto. Se eu deixá-lo no banheiro quando eu for tomar banho, o ar quente vai desamassar e ele vai ficar perfeito de novo.

- Alex tem todo um itinerário planejado já. Ele pegou de um blog de viagens e supostamente foi planejado para que a gente gaste o menor tempo possível em trânsito - James diz, enquanto ainda digita no celular.

- Por mim é perfeito - eu concordo e penduro o vestido no puxador do armário para ele já ficar esticado e não amassar mais.

- Alex está dizendo que é melhor a gente não se enrolar e sair daqui a pouco - James diz.

- Tudo bem. Eu só vou trocar essa roupa com cheiro de avião.

Eu vou até o banheiro lavar a mão e quando volto James está guardando o celular no bolso.

- Então, quando seu mestrado começa? - ele pergunta. - Acho que você não me contou.

- Em março - eu respondo enquanto escolho uma roupa dentro da minha mala.

- Ah, você tem um tempo ainda então. Você vai ficar ajudando sua mãe no restaurante enquanto isso?

- Sim. Eu preciso fazer um treinamento no laboratório antes de começar oficialmente, então pelo menos até metade de fevereiro eu vou ficar no restaurante. Eu gosto de lá.

- Eu tenho que ir visitar você em Toronto para ir no restaurante da sua mãe então - ele diz.

James já falou várias vezes sobre ir me visitar em Toronto quando eu ainda estava em Londres, mas eu nunca levei a sério porque ele fala muito mais do que age, então agora eu também não levo a sério. Já aprendi a minha lição.

- Claro - eu digo sem dar muita importância.

Eu estou prestes a tirar a minha blusa quando me dou conta que James ainda está no quarto. Eu olho para ele e ele devolve o meu olhar sem perceber que eu estou com as mãos na barra da minha blusa prestes a tirá-la. Ou talvez ele tenha percebido e esteja agindo como sempre agiu. Em Londres eu nunca me importei em me trocar na frente dele, até porque parecia ridículo ter vergonha disso considerando tudo que ele já viu - e de quais ângulos ele viu, mas eu prefiro não pensar nisso.

Mas agora a situação é diferente, não é? Nossa vida compartilhada em Londres já acabou há 4 meses e agora ele está namorando. Então tirar a minha roupa na frente dele é inadequado, não é?

Eu continuo olhando para ele sem me mexer até que ele parece se dar conta da situação.

- Certo - ele diz, até soando um pouco chateado, ou eu que imaginei - Eu vou esperar lá fora.

Ele sai e pela mudança na expressão e na voz dele eu tenho a impressão de que ele realmente esperava que eu me trocasse na frente dele. Eu não sei se ele estava sendo ingênuo ou se apenas não havia visto problema na situação mesmo. Ou talvez ele tenha se dado conta de que, embora tudo esteja igual entre nós, tudo mudou. O que nós tivemos em Londres não existe mais e nunca mais vai existir.



Nós comemos e depois passamos o resto da manhã e a tarde fazendo os passeios turísticos do roteiro do Alex - que foi muito bem planejado mesmo - e no final do dia nós seguimos para um bar, onde encontramos a namorada do James. Ela pegou um voo mais tarde porque estava trabalhando.

Eu fiquei um pouco tensa quando descobri que ela estaria lá, mesmo sabendo que nada mais estava acontecendo entre mim e o James. Afinal, eu não sei o quanto ela sabe de mim. Eu não sabia como ela iria me tratar nem como me portar perto dela, mas essa tensão passou rapidamente porque ela apenas nos cumprimentou educadamente quando chegamos e agora tem passado o tempo todo com o James em uma mesa diferente da nossa. Se ela sabe quem eu sou, então não deixou transparecer.

Eu os observei por um tempo e não entendi a relação deles. Ela sempre parece brava - seja lá qual tenha sido o motivo da briga que eles obviamente tiveram, eu tenho certeza de que a culpa foi do James - e ele sempre parece impaciente e até de saco cheio. A questão é que nenhum dos dois parece feliz.

Pode ser uma situação de tensão temporária entre eles, mas seja como for, eu confesso que ver os dois juntos teve o efeito contrário do que eu imaginei que teria. Eu imaginei que seria muito difícil e mais uma humilhação para mim, mas eu fiquei aliviada e nem estou incomodada. Eu me sinto livre de certa forma.

Então eu apenas aproveito o momento com Alex, Júlia, James 2 e até Jonathan, que eu já peguei olhando para mim de maneira diferente. Eu o conheci em Londres vários meses atrás quando ele passou alguns dias no apartamento do James, mas nós não conversamos muito na época. Eu já havia notado que ele era muito bonito - ombros largos, maxilar bem definido, sorriso simpático, braços bem treinados - mas não pensei muito

disso. Até hoje. Acho que agora que James não está ocupando todos os meus pensamentos, eu consigo notar outras pessoas.

Jonathan foi até o bar agora com o James 2 buscar bebidas para nós e eu estou o observando de longe. Ele é muito bonito e muito alto.

Eu estou tão distraída observando Jonathan no bar que não percebo quando Alex se senta ao meu lado.

- Ele estava me perguntando de você mais cedo - a voz do Alex se intromete nos meus pensamentos e eu pulo de susto.

Eu me viro para ele, sentindo minhas bochechas corarem ligeiramente por ter sido pega olhando para alguém. Felizmente a luz no bar é limitada, então talvez Alex não perceba.

- É mesmo? - eu digo, tentando soar desinteressada, mas não sei se sou bem sucedida.

- Sim. Ele queria saber se você estava solteira.

- E o que você disse?

- A verdade. Eu disse que não sabia.

- Alex! Por quê? Eu estou solteira. Eu sempre estou solteira - eu quase grito, indignada. Então Jonathan acha que eu posso estar comprometida? Não!

Alex dá risada e eu tento me recompor.

- Você quer que eu diga para ele que agora sei que você está solteira? - ele oferece.

- Sim - eu respondo rápido demais, mas agora que Alex já entendeu que eu estou interessada, eu não me importo de demonstrar que estou muito interessada.

- Tudo bem. Quando eu conversar com ele de novo eu atualizo a informação - ele diz.

- Ele está disponível agora - eu sugiro e olho para ele no bar esperando as bebidas.

Alex dá risada de novo.

- Tudo bem então, Oli - ele se levanta e eu ainda o ouço dar mais uma risada enquanto ele segue para o bar.

Eu não quero parecer interessada demais para o Jonathan, então pego meu celular da bolsa. Felizmente eu deixei de responder algumas mensagens durante a tarde, então faço isso agora para parecer ocupada caso ele olhe para mim.

Após alguns minutos, eu vejo Jonathan se aproximando pela minha visão periférica. Eu espero até ele se sentar na minha frente para guardar meu celular e olhar para ele.

Eu sorrio e ele desliza um copo de cerveja na minha direção, sorrindo também. Rapidamente, eu procuro pelo Alex e o vejo com a Júlia e o James 2 em outra mesa. Ele me deixou sozinha com o Jonathan como um ótimo amigo. Meus olhos escaneiam o ambiente rapidamente e eu percebo que James e a namorada não estão à vista, mas pela primeira vez em muito tempo, eu não me importo.

Volto minha atenção para o Jonathan e nem preciso forçar interesse na nossa conversa. Eu estou livre.

A conversa com o Jonathan corre tão bem que eu não vejo o tempo passar. Quando nossos copos ficam vazios, ele me convida para dançar e me leva pela mão até a pista. Naturalmente, nós não dançamos muito porque ele não perde tempo e assim que a oportunidade aparece, ele me beija.

Eu tenho que admitir, ele sabe como beijar. Porém, o mais surpreendente é que eu estou dando risada e me divertindo com alguém que não é o James pela primeira vez em mais de um ano. Claro, eu sei que isso com o Jonathan é apenas por essa noite, mas já é um começo. E um muito bom, aliás.

Nós ficamos ali um bom tempo até que eu começo a ter sede e preciso me sentar um pouco. Jonathan vai ao banheiro e eu passo no bar pegar um copo de água e vou para a nossa mesa, onde Alex, Júlia e James 2 estão conversando. Assim que eu me sento, Júlia bate palma e depois ergue o copo de cerveja para me parabenizar pelo Jonathan. Eu dou risada, levemente envergonhada porque achei que a pista estava cheia demais para alguém ter visto alguma coisa, mas pelo jeito nós não estávamos tão escondidos quanto eu imaginei.

- Tenho que dar os créditos para o Alex - eu comento. - Obrigada, Alex - eu acrescento com sinceridade quando ele olha para mim.

- De nada. Que bom que você se divertiu, Oli - ele diz e ergue o copo dele também.

De repente, James surge do nada atrás de mim. Eu sei que é ele porque eu conheço essas mãos gentis nos meus ombros.

Ele se inclina e sussurra no meu ouvido:

- Nessa família não tem como fazer a escolha errada.

Como ele já sabe? Onde ele estava? Não é possível que ele tenha visto. Por que ele é assim? Que comentário foi esse?

Mas antes que eu possa reagir, ele sai e desaparece de novo.

Eu estou quase sendo arrastada pelos meus pensamentos para tentar fazer sentido do que James acabou de dizer, mas me impeço imediatamente. Eu já passei tempo demais tentando entender as atitudes do James e nunca cheguei a conclusões satisfatórias, então deixo mais esse comportamento estranho dele passar e foco na conversa na mesa de novo.

Pouco depois, Jonathan chega e me dá um beijo antes de se sentar do meu lado. Como eu disse, eu sei que é só por essa noite, mas mesmo assim está ótimo. Eu me sinto ótima. Esse é o maior passo que eu já dei para longe do James. Finalmente.

20.

Londres, Inglaterra

A noite do ano novo foi realmente como se não tivesse acontecido. Nós não conversamos sobre o ocorrido - ou sobre o quase ocorrido - e nada mudou entre nós. Eu não falei sobre o assunto porque não havia nada para falar. James não parecia magoado com a rejeição, ou talvez nem lembrasse, então eu não via motivo para trazer o assunto à tona. De qualquer forma, nossa amizade não sofreu e era isso que importava.

Meus pais voltaram para o Canadá na metade da primeira semana de janeiro e, então, éramos apenas eu e James de novo. Nossa rotina voltou ao normal com facilidade. Nós acordávamos, ele ia no meu apartamento me dar bom dia, nós conversávamos um pouco, depois saíamos para trabalhar e no final do dia nós jantávamos e compartilhávamos os acontecimentos mais importantes dos nossos dias. James saía sempre na sexta-feira e depois no sábado - e até em alguns dias da semana. Eu ficava em casa porque vê-lo com outras nos *pubs* era como um tapa na cara, então eu achava que a melhor solução era simplesmente não permitir que essas situações acontecessem.

Às vezes ele insistia para que eu fosse e eu acabava cedendo, mas era sempre mais para manter as aparências e fingir que eu não me importava. Assim eu esperava manter meus sentimentos bem escondidos.

Uma vez só eu acabei sendo sincera, mas sem ser 100% honesta. Ele me questionou muito sobre por que eu não queria ir junto e eu admiti que me sentia um pouco incomodada quando o via com outra pessoa. Então, para a minha surpresa, nós acabamos concordando em não dar em cima de outras pessoas na frente do outro. James pareceu tão disposto a fazer esse acordo que eu me perguntei se talvez ele sentia algo por mim e, por isso, também não gostava da ideia de me ver com outro.

E eu preciso admitir que ele cumpriu o lado dele do acordo com perfeição. Eu mal o via quando nós saíamos. Eu nunca sabia onde ele estava

e nem com quem ele estava. Ele reaparecia apenas quando nós estávamos voltando para casa. Até hoje eu não sei o que ele fazia nesses momentos que ele desaparecia, mas eu também não sei se quero saber. O que eu sei é que eu sou grata por ele ter concordado em fazer o que quer que ele fazia longe do meu campo de visão.

Mesmo assim, às vezes eu ficava em casa porque não achava justo fazê-lo ficar se cuidando o tempo todo para não fazer nada na minha frente. Afinal, nós realmente não tínhamos nada. Ele não me devia nada nesse sentido.

Além disso, esse acordo era uma faca de duas pontas. Se eu não o visse por perto queria dizer que ele estava com outra pessoa, então mesmo que eu não visse nada, eu sabia. Apenas saber sem ter a prova visual não machucava tanto, mas mesmo assim incomodava. Então eu passava a maior parte do tempo em casa mesmo.

Outra parte da nossa rotina havia se tornado James me enviando mensagens perguntando onde eu estava quando eu não estava em casa em horários quando eu geralmente estava. Na maioria das vezes eu estava no laboratório terminando experimentos, mas às vezes era final de semana e eu havia apenas ido passear. Eu nunca me acostumei muito com esse lado controlador dele porque não entendia por que ele sempre queria saber onde eu estava. Ele não fazia muito o tipo protetor, então eu não entendia. Então como com tudo em relação a ele, eu só aceitava. Além disso, eu não me incomodava quando recebia um “cadê você?” dele porque era só isso que ele queria saber. Ele não exigia mais nada. Então talvez ele só quisesse confirmar que eu estava viva.

Na última sexta-feira antes do meu aniversário e do James (o aniversário dele é apenas 4 dias antes do meu, mas ele nasceu um ano depois de mim), eu estava em casa lendo um artigo para a próxima reunião do laboratório quando ele apareceu vestido para sair, como de praxe.

- Oli, você vai me amar - ele anunciou assim que entrou.

Eu já amo, eu pensei e rapidamente balancei a cabeça antes que ele pudesse ler meus pensamentos, o que era um medo estúpido, mas eu não queria me arriscar.

- O que foi?

Ele se sentou do meu lado no sofá parecendo mais animado do que o normal.

- Você conhece um empresário chamado Luke Becker, não conhece?
Ele tem uma construtora nos Estados Unidos.

- Sim.

- Ele vem para Londres porque vai fazer um projeto em parceria com a prefeitura e a empresa onde eu trabalho foi a que ele escolheu para ajudar no fornecimento de materiais e pessoal - ele explicou com os olhos brilhando de empolgação. - Então todos nós fomos convidados para um jantar. Essa coisa toda de publicidade. E eles deixaram cada um levar um acompanhante.

Ele parou de falar e sorriu para mim antes de continuar.

- Você está livre na noite de 11 de março?

Eu me endireitei no sofá e o encarei.

- É sério? Você quer me levar como sua acompanhante?

- É claro. Eu sei que é o seu tipo de evento porque vai ter muita champanhe e você gostaria de conhecer o cara.

- Meu Deus, James, muito obrigada! - eu praticamente me joguei em cima do James e o abracei com força. - É claro que eu estou livre. Onde vai ser?

- Ainda não foi confirmado, mas eu te aviso.

- Meu Deus, obrigada de novo - eu o abracei mais uma vez e dei um beijo no seu rosto. - Mas eu preciso de um vestido de festa então. Eu não trouxe nenhum.

James deu risada.

- Você tem praticamente dois meses ainda para escolher um.

- Ainda bem, não é?

Ele deu uma risada suave.

- Outra coisa - ele disse.

- O quê?

- Eu estou saindo com o Alex e a Júlia. Quer ir junto?

- Aonde vocês vão?

- Em algum lugar perto da *Piccadilly*. A Júlia que escolheu, mas eu nunca fui lá.

Eu calculei mentalmente quantas vezes eu já havia recusado os convites dos James nos últimos dias e percebi que estava na hora de aceitar um.

- Vocês estão indo já? - eu perguntei.

- Até às 9 é meia entrada - ele disse e checkou a hora no celular. - Nós temos um tempo para você se arrumar se quiser.

- Tudo bem, mas eu preciso voltar cedo porque amanhã de manhã vou para o laboratório - eu disse e me levantei para ir me arrumar.

- Você vai todo dia para o laboratório - James comentou.

Eu dei risada.

- Eu trabalho com células vivas, então trabalho quando elas precisam que eu trabalhe - eu respondo do quarto enquanto abro meu armário e procuro uma roupa. - E em minha defesa, eu tinha programado para que as células estivessem prontas hoje, mas elas resolveram me sacanear e cresceram menos do que eu esperava e eu não pude lançar o experimento hoje. Então preciso estar lá amanhã.

- Entendi. Nós voltamos antes do metrô fechar para não precisarmos pegar o *night bus*, então - James disse.

Eu me arrumo tão rápido quanto consigo e mantenho a maquiagem no mínimo porque vai estar tudo escuro mesmo. Eu também mando uma mensagem para a Sarah e por sorte ela já estava planejando sair também, então ela topou ir comigo.

Como sempre, James foi de braço dado comigo até o metrô e depois até o *pub* também. Eu não estranhava mais. Era natural e eu achava que ele também não notava que ele automaticamente procurava pelo braço quando andávamos na rua.

O *pub* na verdade era enorme. Eram três andares e em cada um tocava um estilo diferente de música. No primeiro era música pop e aquelas que você ouve tocando no rádio. No segundo era música eletrônica e ninguém do nosso grupo era fã, então nós testamos o último andar onde tocava rock, mas ainda não havia começado. Acabamos voltando para o primeiro andar e pegamos bebidas no bar. Eu gostei do clima do lugar e, para ser sincera, pop é realmente meu estilo de música favorito, então para mim aquele era meu habitat natural. Eu estava tão animada que até fiquei grata por James ter me chamado para vir junto. Depois que a Sarah chegou eu fiquei mais tranquila ainda.

E estava tudo bem mesmo. O *pub* começou a encher, todo mundo começou a ficar mais animado... até que de canto de olho eu notei James se inclinando na direção da Júlia e falando algo no ouvido dela. Não era algo incomum, mas alguma coisa entre eles parecia diferente. Eu até me senti

como se tivesse me intrometendo em algo, então rapidamente fiquei de costas para ele e foquei nas outras pessoas.

Porém, embora eu não tenha me mexido, de repente James e Júlia estavam no meu campo de visão de novo. Eu vi James colocando uma mão ao redor da cintura dela de um jeito que eu nunca havia visto antes, então eu peguei a Sarah pela mão e fui para outro lugar. Eu não queria testemunhar o que iria acontecer. Até hoje não sei direito o que aconteceu entre eles, mas eu sei que algo aconteceu. Eu conhecia aquela postura e aquele olhar do James.

Eu fiquei a salvo por um bom tempo nesse novo lugar com a Sarah bem longe do James, mas acho que eu acabei bebendo mais do que deveria e comecei a me sentir tonta. Além de precisar desesperadamente do banheiro.

Avisei a Sarah que eu iria no banheiro e ela disse que estava de olho num cara e iria falar com ele enquanto isso - o suposto “futuro namorado” daquela noite fatídica quando ela me fez conversar com o cara dos mil empregados era casado, então aquele relacionamento acabou antes de começar e ela estava à procura de novo.

Eu fui até o banheiro e esperei na fila encostada na parede para não me desequilibrar. No banheiro aproveitei até para enxaguar o rosto um pouco para acordar. Funcionou um pouco, mas eu ainda queria me encostar em algum lugar e dormir.

Saí do banheiro me concentrando no chão para não cair nem tropeçar e quando levantei a cabeça dei de cara com o James.

- Com quem você está? - ele perguntou num tom um pouco exigente, ou eu que imaginei.

- Com ninguém. Eu estava no banheiro - eu disse e apontei na direção do banheiro.

- Eu me perdi de todo mundo. Vem procurar comigo - ele pegou a minha mão antes que eu pudesse raciocinar e começou a me guiar pelas pessoas.

Andamos um pouco até que ele encontrou um canto do *pub* que estava mais vazio e nós paramos ali. Eu lembro que não entendi o que estávamos fazendo ali porque havia muita gente em volta e era impossível encontrar qualquer um daquele ângulo.

Agora parada, eu senti meus olhos começando a fechar e a única coisa que eu queria era uma cama para dormir, então acabei apoiando a

minha cabeça no ombro do James e fechei os olhos.

Não sei quanto tempo ficamos ali - podem ter sido apenas alguns segundos ou até minutos - mas, eventualmente, senti James apertando meu braço gentilmente e chamando meu nome. Abri os olhos e o encontrei me olhando com preocupação.

- Você está bem? - ele perguntou.

- Sim. Eu só estou com muito sono - minha voz estava lenta e arrastada.

- Acho que todo mundo está lá em cima. Vamos - ele disse e pegou na minha mão com força e me guiou pela multidão de novo.

Quando chegamos nas escadas, James me ajudou a subir os degraus com cuidado. Fomos até o terceiro andar, que estava bem mais cheio do que antes, mas ainda um pouco vazio. Ao que parecia, a banda havia acabado de começar a tocar. Nós logo vimos o Alex com um amigo que eu não conhecia perto do bar.

James me guiou pela mão até lá e pediu uma água para mim. O bartender serviu e James me entregou o copo.

- Beba - ele disse simplesmente e me observou beber tudo num gole só.

Ele pegou o copo vazio de mim e pediu mais um para o bartender.

- Melhor? - James perguntou quando eu terminei o segundo copo.

- Muito - eu disse. - Obrigada.

- Eu já volto - ele disse e eu fiquei ali com o Alex e mais pessoas que eu não conhecia.

Uma música que eu não conhecia começou a tocar, mas Alex sabia toda a letra e começou a cantar. Quando eu me dei conta, ele já havia me pegado pela mão e estava dançando comigo. Ainda bem que eu havia tomado aqueles copos de água, porque de repente Alex me girou para longe e quando me puxou de novo eu estava equilibrada o suficiente para não cair de cara no chão. Eu estava dando risada e Alex também, mas o que mais me chamou mais atenção foi que atrás do Alex, num grupo de pessoas que eu não conhecia, James estava com uma mulher. De novo, eles estavam próximos demais para o meu gosto.

Eu ignorei e continuei dançando com o Alex até que ele disse que queria outra cerveja e foi até o bar.

- Oli! Finalmente - a voz da Sarah me chamou e eu me virei - Eu estava procurando você há horas.

- Oi, Sarah. Tudo bem com você? - eu perguntei um pouco preocupada porque suas bochechas estavam coradas, seu cabelo estava totalmente despenteado e ela não parecia nada sóbria.

- Eu encontrei um amigo meu - ela sussurrou e deu risada.

- Ah, entendi - eu dei risada também. - Você está muito bem então.

- Sim - ela concordou e piscou para mim.

Eu dei risada de novo e resolvi checar o horário. Eu precisava voltar cedo para casa.

- Ah, merda. Já são quase 2 da manhã. Eu perdi o metrô.

Não que fosse grande coisa porque nós não estávamos tão longe de casa, mas o ônibus levaria muito mais tempo.

- Sarah, eu preciso ir. Você vai ficar bem?

- Claro. Não se preocupe. Meu amigo deve estar voltando já - ela disse e piscou de novo.

- Tudo bem. Qualquer coisa me ligue - eu disse. - E se alguém perguntar, diga que eu já fui.

E antes de ir, eu olhei de novo na direção do James, o que foi um erro porque dessa vez porque ele ainda estava próximo demais daquela desconhecida. Assim como com a Júlia, eu não sei se algo aconteceu porque não fiquei por perto para ver a história se desenrolar. Pensei em me despedir do Alex que eu ainda conseguia ver no bar esperando pela sua cerveja, mas eu só queria sair dali o quanto antes.

Desci as escadas desviando das pessoas que estavam subindo e saí do *pub* no ar frio de Londres. Cruzei os braços para me proteger do vento gelado e fui até o ponto de ônibus. Havia algumas poucas pessoas na rua, mas ninguém com quem me preocupar.

No ponto eu ajudei um casal de turistas a pegar o ônibus certo e esperei pelo meu por alguns minutos.

O ônibus parou, eu entrei, passei meu cartão e me sentei no banco atrás do motorista. Eu não estava com vontade de subir para o segundo andar naquela noite.

Assim que o ônibus arrancou, peguei meu celular da bolsa e recebi uma mensagem do James.

Cadê você?

No ônibus.

Enviei a mensagem para ele, respondi uma da Geórgia e recebi outra dele.

Sozinha?!

Não entendi aonde ele queria chegar com aquela conversa, mas só digitei:

Sim.

Ele não demorou para responder.

Porra, Oli! Me espera.

Eu pensei em responder: *você estava um pouco ocupado quando eu fui embora*, mas achei desnecessário, considerando que ele obviamente já estava bravo - eu não sabia exatamente por que, mas não parecia sábio provocar mais.

Desculpa, mas eu tinha que ir.

Achei que ele havia superado o assunto porque ele demorou para responder. Quando meu celular vibrou de novo, eu achei que era a Geórgia, mas era o ele de novo.

**Mas avisa! Eu estava louco atrás de você.
Ninguém sabia onde você estava!**

**Eu avisei a Sarah e falei para você antes de sair de casa
que eu precisava voltar cedo.**

Eu não conseguia entender por que James estava tão incomodado com isso. Por sorte, Geórgia me respondeu e eu consegui relaxar conversando com ela um pouco até ele me responder de novo.

Ok. Me avisa quando você chegar em casa.

Eu estava me sentindo como uma adolescente sendo controlada pelos pais e de impulso agi exatamente como uma e enviei:

Se eu lembrar, eu aviso.

Qual era o problema do James? Por que ele estava tão bravo? Eu nem imaginei que ele fosse notar que eu havia ido embora porque ele realmente estava muito ocupado quando eu fui.

Mais uma vez eu achei que ele havia desistido dessa conversa sem sentido porque ele demorou para responder, mas quando meu celular vibrou de novo, a mensagem dele dizia apenas:

Por favor.

Eu suspirei e tentei me acalmar.

Ok.

Guardei o celular na bolsa, me encostei na janela e fechei os olhos. Eu estava irritada demais para dormir, então não me preocupei em perder meu ponto.

Senti o ônibus parando em cada ponto, ouvi as pessoas entrando e saindo, conversando e dando risada até que ouvi o nome do meu ponto e me levantei.

Quando desci do ônibus, a madrugada estava mais fria do que antes. Iria nevar dali alguns dias de acordo com a previsão e agora eu acreditava.

Andei até em casa tranquilamente sem cruzar com ninguém na rua. Cheguei no meu apartamento e me arrumei para dormir. Quando me deitei na cama e fechei os olhos lembrei que havia prometido para o James que avisaria quando chegasse em casa. Eu considerei não avisar, mas não queria dar mais motivos para ele ficar chateado.

Peguei o celular de novo e mandei uma mensagem para ele.

Estou em casa já.

Ele respondeu quase imediatamente.

Não gostei.

- O que você quer de mim?! - eu disse para mim mesma, frustrada, mas só digitei:

?!?!?!?

Fiquei esperando com o celular na mão até ele responder:

Você sair sem avisar.

Eu revirei os olhos. Por que isso era uma problema tão grande para ele? Se ele estivesse preocupado, ele poderia fazer justamente o que ele fez: me mandar uma mensagem perguntando onde eu estava, mas ele já chegou bravo. Não entendi nada.

Eu estava prestes a digitar uma resposta grosseira quando ele mandou outra erguendo a bandeira branca.

Mas tudo bem. Você está em casa agora. Conversamos amanhã.

Eu nem me dei ao trabalho de responder. Deixei o celular na cabeceira e me ajeitei para dormir. No dia seguinte ele provavelmente nem tocaria no assunto, como sempre, então estava tudo resolvido. Para garantir, eu me levantei rapidinho e coloquei a corrente na porta, caso James tentasse vir falar comigo em algum momento. Ele tinha a minha chave, então não adiantava só trancar. A corrente mandaria a mensagem de que ele não era bem vindo e ele entenderia.

△△△

Fui acordada não muito tempo depois de ter adormecido por barulhos de passos e vozes no corredor lá fora. Depois, ouvi uma batida forte na minha porta.

- Oli! - a voz do James chamou e eu nunca havia o ouvido tão irritado.

Eu fiquei deitada na cama em silêncio. Eu não sabia o que eu havia feito de tão errado e nem por que ele queria tanto brigar comigo, mas não estava a fim de descobrir.

James bateu na porta de novo e me chamou.

Ainda bem que eu coloquei a corrente na porta.

Então, ouvi outros passos no corredor lá fora, passos que não eram muito familiares. Só reconheci que era o Alex quando ele falou:

- Não brigue com ela agora - eu o ouvi dizer.

- Eu estava louco atrás dela. Ela deveria ter avisado - James respondeu e eu me segurei para não me levantar. Quem ele achava que era para me controlar desse jeito? E daí se eu fui embora sem avisá-lo? Ele sabia que eu voltaria cedo mesmo.

- Eu sei, mas deixa para lá - Alex disse. - Deixa ela dormir. Amanhã vocês conversam.

Houve silêncio por um instante e depois ouvi James indo para o apartamento dele.

Antes de voltar a dormir, fiz uma nota de mental para descobrir quando era o aniversário do Alex. Eu precisaria comprar um presente muito bom para ele por ser a voz do bom senso na vida do James.

21.

Toronto, Canadá

Eu adoro meus aniversários. Não tenho complexos com idade e nem me preocupo com envelhecer. Eu adoro crescer e perceber que eu sei um pouquinho mais do que eu sabia antes. Eu adoro olhar em volta e ver quanta coisa mudou porque eu fiz acontecer e quanta coisa - e quantas pessoas - ainda continuam comigo.

Por isso meu aniversário é sempre meu dia favorito no ano e eu faço questão de comemorar. Esse ano não é diferente dos outros (só espero que seja diferente do ano passado). Eu programei um jantar em casa com as pessoas de sempre, então levanto cedo e assim que checo o celular vejo uma mensagem do James.

Vê-lo em Nova York realmente ajudou. Eu estava certa sobre isso. Eu comecei a andar para longe dele, mas ainda foi apenas um passo, então é óbvio que não estou totalmente curada. Inclusive, foi difícil me despedir dele. Eu só não chorei porque ele disse que se eu comesse, ele ia chorar também, então eu me despedi rapidamente e fui embora.

Foi quase como me despedir dele em Londres. Pareceu tão dolorido quanto, mas dessa vez foi porque eu sabia que era realmente o começo do fim. O que tivemos em Londres havia ficado para trás definitivamente.

Então ver o nome dele no meu celular ainda faz meu coração se agitar ligeiramente. Eu respiro fundo antes de abrir a mensagem.

O dia amanheceu mais feliz e bonito hoje porque é dia da pessoa com o coração mais bonito que eu conheço, a pessoa com o melhor abraço e de quem eu mais sinto saudades.

Feliz aniversário, Oli. Mais tarde eu ligo para você.

Eu te amo.

O “eu te amo” certamente me desestabiliza por um instante, mas o que mais chama a minha atenção é o coração lilás que ele acrescentou no final. Eu nem lembro qual foi a última vez que nós usamos esse coração, mas sei que faz muito tempo e sei também que James sabe o que ele significa.

Parte de mim quer gritar com ele porque como ele ousa usar esse coração agora sabendo muito bem o que ele significa?

Mas a outra parte, como sempre, está um pouco aliviada por saber que ele não apagou tudo da memória dele e que ele também se lembra daquela época com carinho.

Então como eu sei que discutir com o James não adianta nada - e eu também nem quero isso agora - eu deixo o meu lado mais ingênuo e romântico falar mais alto e envio o coração lilás para ele também e acrescento:

Você ainda se lembra disso.

Foi aniversário dele alguns dias atrás e eu também mandei uma mensagem para ele, mas com certeza não foi cheia de sentimento como essa. Eu sempre tento me controlar sobre o quanto eu compartilho com ele porque nunca sei como ele vai responder.

Eu sempre senti que ele escondia alguma parte dele de mim e quando eu chegava perto demais, ele se retraía e às vezes até ficava bravo. Quanto mais incomodado ele ficava, mais perto eu havia chegado do que quer que ele não queria que eu visse. Então eu deixo que ele dê o primeiro passo, como agora. Se ele me der abertura, eu aproveito. Caso contrário eu fico quieta.

Não espero que ele responda rápido, então deixo o celular de lado e vou me arrumar para ir ao mercado. Preciso comprar algumas coisas de última hora para o jantar de hoje.

Quando estou saindo de casa e trancando a porta, James me responde. A mensagem dele é bem simples.

É claro que eu lembro.

Toda vez que ele fala assim eu me dou conta que, embora nós tenhamos vivenciado a mesma coisa, as nossas experiências foram

completamente diferentes. Para mim não é óbvio que ele se lembre desses detalhes, mas essa também não é a hora de discutir isso.

É bom saber disso.

Obrigada por isso e por se lembrar do meu aniversário 😊

Eu ligo para você mais tarde, Oli. Aproveite seu dia!

Eu guardo o celular e vou para o carro sem pensar muito na promessa do James sobre me ligar.

Seguindo a lista que a minha mãe fez, eu compro tudo que precisamos para o jantar e volto para casa.

Nós passamos o resto da manhã e boa parte da tarde preparando o jantar e a casa. Eu estou me arrumando quando vejo a tela do meu celular acendendo na minha cabeceira. Curiosa, eu vou até ele tentando imaginar quem poderia ser, já que todos meus amigos já me parabenizaram.

Para a minha surpresa, é o James. Ele me ligou mesmo. Eu não estava preparada para isso porque não achei que ele estava falando sério. Então eu respiro fundo antes de atender.

- Oi, James.

- Oi, Oli! Não estou atrapalhando, estou? - sua voz e seu sotaque me relaxam instantaneamente como sempre. Será que alguém já estudou como é possível a voz de pessoas que você ama afetar seu humor? Se já, eu preciso encontrar esse estudo.

- Não. Eu estou terminando de me arrumar - eu o asseguro. - Marquei um jantar para o meu aniversário, mas é aqui em casa então não estou com pressa.

- Ah, eu queria estar aí então - ele diz, soando sincero.

- Eu também queria que você estivesse aqui - eu admito. Fazer o quê? Eu queria mesmo.

- Mas eu não vou tomar muito seu tempo. Queria ligar para desejar feliz aniversário de um jeito melhor do que só por mensagem - ele explica. - Parabéns de novo, Oli. Você sabe que eu sinto saudades e que eu só desejo o melhor para você, não sabe?

- Eu sei. Eu tenho saudades também, James. Aliás, como está o meu apartamento com os novos moradores?

- Eu mal os vejo. Na verdade, às vezes até esqueço que há alguém morando aqui do lado porque eles são bem quietos.

- Melhor do que vizinhos barulhentos, não é?

- Acho que sim - ele diz, incerto. - Mas eu quero lembrar você de uma coisa muito importante.

- O quê?

- Não vamos esquecer que agora você é mais velha do que eu - ele brinca e dá aquela risada suave que é tão familiar para mim. O som ressoa pelo meu corpo por um instante eu estou nas nuvens. Como isso é possível? Principalmente depois de tudo que aconteceu.

- Eu não sou nem um ano mais velha que você - eu digo, me forçando a continuar a conversa para não me distrair com o que eu estou sentindo.

- Como não?

- Onze meses não completam 1 ano.

- Por quatro dias, Oli - ele dá risada de novo. - Dá na mesma.

Eu reviro os olhos.

- Tudo bem. Eu sou mais velha.

A campainha toca e James também ouve.

- Alguém chegando já? - ele pergunta.

- Acho que sim, então eu vou precisar descer.

- Tudo bem - James diz numa voz suave. - Então feliz aniversário de novo, Oli. Eu te amo.

James nunca disse isso em voz alta e eu não estava preparada para ouvir. Por um instante eu não sei como responder porque estou chocada demais. Eu sei que ele não quer dizer que me ama daquele jeito, mas mesmo assim.

- Eu amo você também - eu digo por fim.

É um alívio finalmente dizer isso em voz alta, por mais que ele não saiba o quão sincera eu estou sendo. Eu até respiro fundo depois, como se 50 quilos tivessem sido tirados dos meus ombros. Ele nunca vai saber - porque é um idiota - mas para mim é o suficiente só dizer as palavras porque agora elas não estão mais me sufocando.

Eu ouço passos na escada e de repente, Geórgia entra no meu quarto. Eu sorrio para ela e aponto para o celular. Ela fecha a porta e espera.

- Parabéns de novo e aproveite, Oli - James diz. - Depois eu quero saber como foi.

- Claro. Obrigada, James.

Assim que eu falo o nome dele, eu vejo a Geórgia erguendo as sobrancelhas.

- Foi ele que me ligou - eu me defendo para ela quando desligo o celular.

- Ah, eu sei que foi - ela diz. - É claro que foi ele. Eu adorei seu vestido a propósito.

- Obrigada. É novo - eu digo.

Eu vi esse vestido na vitrine essa semana e não aguentei. Ele é rosa com flores brancas. As costas são abertas e ele tem uma fenda maravilhosa na perna direita.

- Então, você ainda está falando normalmente com o James? - ela pergunta quando eu me sento na cama para colocar minha sandália.

- Mais ou menos. É bem menos frequente do que antes.

- E a sua justificativa ainda é que você acha que você não vale a pena e ele é a sua prova de que você vale só porque ele ainda não foi embora totalmente?

- É - eu murmuro, envergonhada.

Eu sei que a Geórgia nunca me julga, mas quando ela fala as palavras em voz alta é como se eu conseguisse ouvir a minha insegurança que gerou esse raciocínio e não é confortável ser vulnerável assim.

- Olívia! - a voz da minha mãe interrompe nossa conversa de repente.

- As pessoas estão chegando.

- Estou descendo! - eu respondo.

Eu termino de afivelar a sandália e desço com a Geórgia. Alguns amigos meus já chegaram e quando eu termino de cumprimentar todos, observo-os de longe conversando, pegando suas bebidas, dando risada e me pego pensando que a maioria dessas pessoas está na minha vida há mais de 10 anos, então talvez o problema não seja eu, certo? Eu consigo formar relações significativas com as pessoas.

Talvez a Geórgia estivesse certa aquele dia quando disse que talvez o problema fosse com os meus ex que eram imaturos demais. Eu nunca considerei essa possibilidade tanto quanto agora.

Eu estou tão imersa nesses pensamentos e no quanto eles me libertam que não percebo quando a Geórgia se aproxima.

- E você ainda precisa do James para provar que você vale a pena? - ela sussurra para mim, como se pudesse ler meus pensamentos.

22.

Londres, Inglaterra

Eu acordei feliz na manhã do meu aniversário, como de costume. A primeira surpresa do dia foi uma mensagem do James que ele enviou à meia noite dizendo que queria ser o primeiro a me desejar feliz aniversário. Ele viajou a trabalho 4 dias antes no aniversário dele. Por isso, eu fiz um bolo para ele quando voltei do laboratório e fizemos uma pequena comemoração antes de ele ir para o aeroporto. Já no avião ele me mandou mensagens agradecendo pelo bolo e eu percebi que ele ficou emocionado de verdade com o meu gesto. Eu não estava esperando aquela reação dele.

Nosso desentendimento daquela noite quando eu voltei para casa “sem avisar” foi rapidamente superado. Como eu suspeitava, no dia seguinte James nem trouxe o assunto à tona. Nós voltamos a conversar normalmente como se nada tivesse acontecido. Nós sempre criticamos personagens de filmes, séries e livros por falta de comunicação, mas quando chega a nossa vez, nós cometemos o mesmo erro porque é mais fácil assim.

A única pessoa que conversou comigo no dia seguinte sobre o assunto foi o Alex. Ele dormiu no apartamento do James e de manhã eu estava me sentindo um pouco mal pela maneira como eu respondi o James e sabia que a maior parte da minha atitude havia sido por conta do que eu vi antes de ir embora.

Alex me disse que eles ficaram preocupados comigo e até pediram para uma desconhecida me procurar dentro do banheiro. Então eu pedi desculpas e quando James saiu do banho eu estava prestes a pedir desculpas para ele também, mas assim que eu mencionei o assunto, ele me interrompeu e disse que não tinha problema. Então eu deixei para lá também.

A questão era que estava tudo bem entre nós e isso era o suficiente.

Por isso eu fiquei feliz com a mensagem dele no meu aniversário e estava até animada para vê-lo à noite quando ele voltasse de viagem. Eu

organizei uma comemoração pequena no salão que ficava no subsolo do nosso prédio ao lado da lavanderia. Não era o melhor lugar do mundo, mas assim que voltei do trabalho dei um jeito de colar bexigas e umas decorações nas paredes para o ambiente ficar mais animado.

Foi o Will que se disponibilizou para fazer um bolo para mim - ele havia terminado o relacionamento com a namorada e agora estava mais presente nas nossas vidas - e cada um levou uma comida diferente. Alex ficou responsável pelos drinks porque ele era ótimo nisso e a Júlia levou alguns docinhos. Sarah também foi com um “amigo” e uma prima da Júlia que estava a visitando em Londres foi bem vinda também.

James foi o último a chegar e eu lembro que abri um sorriso imenso quando ele entrou pela porta porque foi como se o mundo finalmente estivesse completo.

- Oi, James! - eu disse com mais empolgação do que eu pretendia e o abracei. - Alex está fazendo drinks. Esse aqui é ótimo. Prove.

Ele deu um gole no meu copo e fez uma careta.

- Pelo jeito o Alex está tão empolgado quanto você, considerando quanto álcool ele colocou nisso. E pela sua animação, você já tomou alguns desse, certo? - ele brincou.

- Alguns - eu menti.

Aquele era o meu primeiro e eu não estava nem na metade do copo ainda, mas se James aceitaria álcool como uma explicação para a minha empolgação em vê-lo, eu não iria discutir.

- Eu convidei a Verônica para vir. Você não se importa, não é? - James disse casualmente.

- Quem? - eu perguntei e bebi mais um gole do drink.

- Verônica. A filha do dono do seu apartamento - James explicou, como se fosse óbvio.

Eu o encarei confusa até que me lembrei de quem ele estava falando e da situação em que eu a conheci quando ela invadiu o apartamento e eu a peguei dormindo na minha cama.

- Vocês ainda se falam? - eu perguntei de maneira inocente.

- Sim. Nós saímos às vezes - ele explicou, ainda com aquele tom casual, mas eu fiquei em alerta.

Como assim eles ainda se falavam? Como assim eles “saíam às vezes”? Em que sentido? O que isso queria dizer?

James nem esperou a minha resposta e foi cumprimentar os outros. Eu fiquei ali parada perto da porta por um tempo tentando absorver o que estava acontecendo.

Como assim eles saíam às vezes? Ele a convidava quando eu não saía junto? Eles eram só amigos ou... faziam outras coisas? Pelo menos no apartamento do James não era porque eu teria ouvido.

A cena que esse pensamento colocou na minha cabeça não foi nem um pouco agradável e eu acabei bebendo meu copo inteiro num só gole. Eu não queria pensar naquilo e eu não deixaria James estragar a minha noite.

Então, eu me recompus e fui me sentar na mesa onde William, Júlia e Sarah estavam se organizando para começar a jogar pôquer. James estava conversando com o Alex no bar e os dois pareciam sérios, mas por causa da música alta eu não conseguia ouvir o que eles estavam falando.

Eu não vou deixar James estragar a minha noite, eu repeti esse mantra na minha cabeça e foquei no jogo que iria começar.

Eu consegui ignorar James durante quase todo o jogo e estava tudo tranquilo até a Verônica chegar. Ela foi muito educada e gentil comigo e, obviamente, eu retribuí a educação, mas assim que ela foi cumprimentar James, eu pedi para o Alex fazer mais um drinque para mim.

Verônica se sentou na minha diagonal e se eu tinha alguma dúvida sobre o que James quis dizer com “nós saímos às vezes”, elas foram respondidas naquele momento. Os toques entre eles, os olhares... Eu conhecia aquela postura do James de longe. Não havia nada de inocente entre eles.

Embora eles não tivessem se beijado, o que estava acontecendo ali era óbvio.

Mais uma vez eu repeti para mim mesma: eu não vou deixar James estragar a minha noite.

- Oli, você precisa tirar seu sapato - Will disse e eu voltei à realidade.

- O quê?

- Seu sapato. Você apostou lembra?

- Ah, é verdade - eu disse e entreguei minha sandália para o Will.

- Eu não acredito que você foi com um par de ás sendo que havia uma sequência quase pronta aberta na mesa - Júlia brincou.

- É. Eu não reparei - eu disse, o que era verdade porque a maior parte do meu cérebro estava focada na dinâmica entre o James e a Verônica. Eu nem sabia quais cartas estavam abertas na mesa.

Eles não estavam participando do jogo, mas quando James vinha olhar a mesa, ele colocava as mãos nos ombros dela e depois se inclinava e falava alguma coisa no ouvido dela e ela sorria ou comentava algo em outro sussurro.

Então eu repeti meu mantra mental mais uma vez *não vou deixar James estragar a minha noite*, e voltei minha atenção para o jogo.

Agora que eu estava bem mais focada no jogo, eu não estava mais fazendo apostas idiotas. Eu sabia quais cartas estavam abertas na mesa. De vez em quando a risada da Verônica invadia meus pensamentos, mas eu me recusava a prestar atenção no que ela e o James estavam fazendo. Eu me forcei a olhar apenas para a mesa e para as cartas na minha mão.

Por algum tempo eu consegui ignorá-los perfeitamente e estava concentrada no jogo, até que precisei ir ao banheiro por causa de todos os drinques do Alex que eu bebi.

Eu voltei e estava prestes a me sentar no meu lugar de novo quando James, que estava de pé ao lado da cadeira da Verônica, se inclinou e a beijou. Eu vi a cena toda de camarote. Foi como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Por um instante eu não consegui respirar nem me mover, principalmente porque Alex apareceu do nada e puxou James do beijo e eu não entendi por que ele faria aquilo.

Eu não consegui ouvir o que ele disse para o James por causa da música e porque a minha cabeça estava cheia demais naquele momento, mas ele pareceu muito sério enquanto falava. James não respondeu, mas não pareceu feliz com o que Alex disse.

Quando consegui me mover, peguei o meu copo, mas percebi que ele estava vazio. Desesperadamente, eu procurei por um cheio e encontrei o do Will. Sem pedir, eu apenas o esvaziei em um gole. De canto de olho eu percebi que Will notou e estranhou minha atitude, mas ficou em silêncio.

Eu tentei fingir que não havia visto nada e até cheguei a me sentar de novo para voltar ao jogo, mas James havia estragado a minha noite. Eu não conseguia fingir.

- Acho que nós não temos mais gelo - eu disse. - Vou buscar mais em casa.

E antes que alguém pudesse responder, eu me levantei e saí. Subi os degraus de dois em dois até o meu apartamento. Eu entrei, bati a porta e corri para o sofá, onde eu me sentei, apoiei os cotovelos no joelhos, enterrei meu rosto nas mãos e, exatamente como uma adolescente de 15 anos

rejeitada, comecei a chorar. Eu não consegui evitar. Foi mais forte do que eu.

Eu nem sabia o que eu estava sentindo. Era uma mistura de traição com rejeição, embora nenhuma delas fizesse sentido.

De repente senti meu celular vibrando no bolso da minha jaqueta. Eu o ignorei por um instante, mas ele vibrou tantas vezes seguidas que eu fiquei curiosa e resolvi ver o que estava acontecendo.

Era uma mensagem do Will:

Oli? Você está bem?

Em seguida, uma mensagem do Alex:

Vai. Se acalme e depois volte.

E por fim uma mensagem da Júlia:

Oli, o que foi?

Ótimo. Todo mundo sabia e havia reparado, não é? Todo mundo sabia da humilhação que eu havia acabado de passar.

Frustrada e humilhada, eu joguei meu celular no sofá e escondi o rosto nas minhas mãos de novo.

Como as coisas mudam rapidamente, não é? Poucos dias antes eu estava no apartamento do James ouvindo um discurso de agradecimento dele pelo meu bolo e pela pessoa que eu era. Eu até fiquei um pouco envergonhada porque não gosto de ser o centro das atenções.

E agora...

- Oli? - a voz da Sarah no meio dos meus soluços me fez levantar a cabeça e eu a vi entrando no meu apartamento. - Eu vim ver se você estava bem.

Eu dei de ombros e algumas lágrimas escorreram pelas minhas bochechas.

- Ah, Oli - Sarah fechou a porta e veio se sentar ao meu lado. - Eu nem sei o que dizer.

- Sabe qual é a pior parte? - eu disse depois um soluço. - Faz pouco tempo que nós combinamos de não dar em cima de outras pessoas na frente

do outro. Ele pareceu super a favor disso, mas agora o que ele faz? Traz alguém para o meu aniversário e a beija na minha frente.

- Eu não sabia disso! - Sarah disse, indignada.

- Eu sei que é idiota ficar chateada por causa disso...

- Não é não - Sarah me interrompeu. - Se vocês tinham um combinado, então você tem todo o direito de ficar chateada. Não se culpe por isso.

Sarah me abraçou e me deixou chorar por um momento.

- Você não sabia dela, então? - Sarah perguntou.

- Não. Descobri hoje. Nunca ouvi nada, nunca vi nada. Ele nunca a mencionou. Eu nem desconfiava.

- Oli, sinceramente? Ele é um babaca e do pior tipo - Sarah disse. - Ele não tinha o direito de fazer isso.

- Talvez - eu sussurrei e respirei fundo, tentando engolir o choro, mas não consegui.

Sarah ficou mexendo no meu cabelo enquanto eu procurava na minha memória por algum sinal que eu tivesse perdido, algum comentário que James pudesse ter feito, alguma coisa que eu pudesse ter ouvido no apartamento dele, alguma coisa que eu pudesse ter visto quando nós saímos alguma vez, mas não conseguia me lembrar de nada. James escondeu tudo isso muito bem. A não ser...

- Você acha que ele fez isso para tentar se vingar de mim? - eu pensei em voz alta.

- Pelo quê?

Eu contei a história de duas semanas atrás quando nós saímos e eu voltei para casa sem avisar. O raciocínio ainda não fazia total sentido para mim, mas alguma coisa aconteceu naquela noite que mudou tudo.

- Eu não entendi por que ele ficou tão bravo comigo por uma coisa tão boba e depois fez pouco caso quando eu tentei me desculpar, mas talvez eu tenha o ofendido de alguma forma e agora ele está revidando.

- Você puxou o tapete dele - Sarah concordou após pensar por um momento. - Ele achava que estava no controle até que você mostrou para ele que não estava nem aí. Você com certeza feriu o ego dele.

- Pode ser - eu disse e respirei fundo. Dessa vez as lágrimas pararam e eu estava conseguindo pensar com mais clareza.

- E sabe que isso faz muito sentido com a personalidade dele? - Sarah disse. - Eu lembro que você me contou que quando ele terminou com você,

ele disse que tinha algo para falar, mas que no dia seguinte contava.

- Sim. Não fez sentido na época e ainda não faz. Ele classificou terminar comigo como *nada de importante* - eu dei uma risada irônica me lembrando daquela noite.

- Porque ele precisa estar no controle. Ele queria deixar você andando em ovos porque percebeu que você estava prestes a pular fora e acho que ele é orgulhoso demais para deixar isso acontecer.

- Geórgia comentou algo parecido - eu murmurei, me lembrando da minha conversa com ela na manhã depois que o James terminou comigo. - Então pode ser.

Acho que era quase possível ver as peças do quebra cabeça se juntando na minha cabeça naquele momento. Tudo de repente começou a fazer sentido.

- Posso confessar uma coisa?

- Claro - Sarah disse.

- Eu sempre achei que James havia blefado quando me deixou sair com o Thomas só para ver o que eu ia fazer e aí ficou surpreso por eu realmente ter feito isso. Por um tempo eu até me culpei por ter saído com o Thomas porque fiz James pensar que eu não queria nada com ele, mas não foi isso. Ele só percebeu que não estava no controle.

Sarah deu uma risada alta.

- É claro, Oli! Agora eu entendi. Você feriu tanto o ego dele. É claro que ele está revidando - ela concluiu. - Não que justifique a baixaria que ele acabou de fazer, mas na cabeça dele provavelmente é isso que ele está fazendo.

- Ou ele é só um idiota mesmo e não é nada disso - eu disse e dei risada, mas não era uma risada feliz.

- Ou isso - Sarah disse. - Mas eu acho mais provável a teoria do ego ferido. Homens...

- Pois é - eu respirei fundo e percebi que agora as lágrimas estavam bem contidas e não iriam mais me pegar de surpresa. - Obrigada, Sarah. Acho que preciso voltar agora.

- Sim. Eu ajudo você a refazer a maquiagem.

Nós fomos até o meu banheiro e eu me sentei no vaso sanitário enquanto Sarah limpava meu rímel e sombra borrados e aplicava de novo.

- Vamos cantar parabéns e mandar o James à merda - Sarah disse quando terminou.



Quando voltamos para o salão, James e Verônica não estavam mais. Hoje eu tenho minhas suspeitas sobre onde eles estavam, mas no dia eu não fazia ideia e não me importava. Fiquei até aliviada de não vê-los mais lá. Pela primeira vez eu estava feliz em não ver o James e nem saber onde ele estava.

Assim que eu peguei o bolo da geladeira para o parabéns, Alex me deu um sorriso de “vai ficar tudo bem” e eu sorri de volta para assegurá-lo de que já estava tudo bem. Eu queria muito saber o que ele havia dito para o James quando ele o puxou do beijo, mas não ousei perguntar. Eu queria esquecer aquele momento e tudo relacionado a ele.

Porque James não estava mais presente, eu aproveitei o resto da noite tranquilamente. Foi ótimo. Meu aniversário estava a salvo.

Às 3 da manhã eu estava exausta e quase todo mundo estava bêbado, então ficamos só eu, Alex e Sarah. Eles me ajudaram a carregar as minhas coisas para o meu apartamento e depois nos despedimos da Sarah. Alex iria dormir no apartamento do James porque como ele morava longe, constantemente ele ficava por ali quando nossos programas terminavam muito tarde.

Eu tomei banho, sequei o cabelo e tentei dormir, mas toda vez que fechava os olhos via aquela cena horrível do beijo e precisava abrir os olhos de novo. Eu estava morrendo de sono e só queria dormir, mas era impossível. Então após encarar o teto por muitos minutos, eu desisti.

Eu me levantei, fui para a sala, liguei a televisão e peguei um pedaço de bolo que havia sobrado. Eu nem estava prestando atenção no que estava passando na televisão. Eu a liguei apenas para ter algum som de fundo e não me sentir tão sozinha.

Meu celular vibrou de repente. Era uma mensagem do Alex.

Oli, você está acordada?

Sim.

Posso ir aí falar com você?

Eu não conseguia imaginar o que ele poderia querer comigo, mas respondi que sim. Continuei comendo o bolo sem pressa e poucos minutos depois, Alex bateu na porta.

- Pode entrar. Está aberta - eu disse, me lembrando que na minha pressa eu não tranquei a porta. Acho que é por isso que a minha mãe diz que eu tenho mais sorte do que juízo.

- Oi, Oli - Alex disse quando entrou.

- Oi, Alex. Eu não acordei você com a TV, acordei? - eu perguntei, preocupada.

- Não. Eu não estava dormindo - ele me assegurou.

- Quer um pedaço de bolo? - eu ofereci.

- Você ainda consegue comer? - ele perguntou, incrédulo.

- Meu estômago sempre tem espaço para bolo - eu respondi.

Alex deu risada e se sentou na banquetta ao meu lado.

- Tudo bem, Alex? - eu perguntei.

- Tudo. Na verdade, eu vim ver como você está - ele disse.

Seus olhos escuros pareciam amigáveis e genuínos, então eu fui sincera.

- Já estive melhor.

- Eu imaginei.

Nós ficamos em silêncio por um momento até que Alex falou de novo.

- Oli, eu queria que você soubesse que James gosta muito de você e como melhor amigo dele eu sei que ele sabe ser muito idiota às vezes, mas ele não faz nada de propósito.

Eu parei de mastigar o bolo e o encarei, confusa. Eu não sabia o que esperar daquela conversa, mas com certeza não era aquilo.

- E hoje ele foi o mais idiota que eu já o vi ser - Alex continuou. - Mas é porque ele não pensa às vezes. Por isso que assim que ele beijou a Verônica, eu o puxei e disse isso para ele.

- Você disse que ele estava sendo idiota? - eu perguntei com incredulidade.

- Claro - Alex respondeu.

Eu considerei essa possibilidade e percebi que era bem plausível. James pareceu não gostar do que Alex disse, então pode ser que ele tenha o chamado de idiota mesmo.

- Eu disse que era sacanagem porque foi sacanagem com você. Eu não sei o quanto James me contou de vocês, mas eu sei que você gosta dele. Se bem que isso ele não me contou. Eu só observei.

Eu olhei para baixo, envergonhada, para o meu prato vazio e raspei a cobertura do bolo para não precisar olhar para o Alex.

- Acho que eu não estou escondendo isso tão bem quanto imagino - eu disse, ainda olhando para o prato.

- Não é questão de saber esconder. É porque eu já passei por isso.

- Com a Júlia? - eu adivinhei. Eu sempre desconfiei da relação deles.

- Sim - ele admitiu. - Imagine o que é estar numa festa e de repente olhar para o lado e ver seu melhor amigo com a mulher que você gosta.

Eu levantei a cabeça e vi o olhar de tristeza do Alex. Eu não acredito que alguém como o Alex tenha que ter passado por isso. Essa é a maior prova de que a vida não é justa.

Ao mesmo tempo eu tentei ao máximo ignorar a informação que o Alex havia me dado. Por “melhor amigo” ele quis dizer o James ou outra pessoa? Quando aquela conversa começou ele se referiu ao James dessa forma, então ele estava falando dele? Se fosse, que baita amigo.

Eu fiquei tentada a pedir mais detalhes, mas achei que a minha cabeça e o meu coração já estavam confusos demais. E, sinceramente, algumas coisas você realmente não precisa saber.

Sem saber o que dizer - eu nunca fui muito boa em confortar as pessoas - eu apenas peguei a mão do Alex e a apertei com carinho.

- Então eu sei como você está se sentindo agora - ele disse.

- E qual é o segredo para superar isso? - eu perguntei.

- Não tem - ele deu de ombros, resignado, e a tristeza no seu olhar me fez perceber que ele ainda estava passando por isso, então o que quer que tenha acontecido com a Júlia havia sido recente. - Não tem nada que você possa fazer - ele continuou. - Eu sei que é ruim, mas, Oli, o que aconteceu hoje não tem nada a ver com você. James gosta muito de você e ele sabe que fez merda. Ele te considera demais.

- É mesmo? - eu dei uma risada irônica. - Então por que é você que está aqui me falando isso e não ele?

- Ele vai falar - Alex disse com confiança. - Ele sabe o que fez porque eu falei para ele, então não se preocupe.

- Obrigada, Alex. De verdade.

- Sem problemas, Oli - ele disse com um sorriso. - E para você saber, ele é meu amigo, mas eu vou defender você em todas as situações porque eu sei o quanto ele pode ser idiota.

Eu dei risada e senti meu coração se reconstruir um pouquinho.

- É sério. Se ele estiver sendo insensível é só falar comigo. Afinal, todo mundo sabe que ele foi muito sortudo de conseguir ficar com você - ele acrescentou e eu dei risada de novo.

- Você é o amigo que eu não sabia que tinha, Alex. Obrigada por ficar do meu lado.

- É claro, Oli - ele disse e se levantou. - Vou deixar você dormir agora. Boa noite.

Ele deu um beijo na minha cabeça e foi até a porta.

- Boa noite - eu respondi e depois me lembrei. - Ah, Alex!

Ele parou com a mão na maçaneta e se virou para mim.

- Quando é seu aniversário? - eu perguntei.

- 22 de junho. Por quê?

- Só para saber.

23.

Toronto, Canadá

É a minha última semana no restaurante da minha mãe antes de começar o treinamento no laboratório, então eu estou entrevistando candidatos para a vaga de caixa. Para ser sincera, eu ainda não absorvi o fato de que passei mesmo naquela prova que eu considerava impossível, mas começar a organizar as coisas no restaurante para a minha saída deixou tudo mais real.

Mas eu me sinto bem e motivada. Desde que eu voltei, essa é a primeira vez que eu me sinto em controle do que eu faço e penso e de como a minha vida está se desenrolando. Apenas de vez em quando as memórias do James me incomodam, mas é bem menos do que antes.

Por exemplo, no meu aniversário foi impossível não me lembrar do que aconteceu ano passado nesse dia, mas eu não fui arrastada pelas lembranças como normalmente acontece. Certamente não foi legal lembrar de tudo, mas quando eu visualizei aquela imagem do James se inclinando e beijando a Verônica eu consegui vê-la inteira pela primeira vez. Antes, quando ela começava a se montar na minha cabeça, eu a bloqueava completamente antes que ela pudesse se formar por inteira. Então eu estou otimista.

- Olívia - Eric, o anfitrião do restaurante, chama meu nome de repente.

- Oi, Eric. Você precisa de alguma coisa?

- Não, mas eu queria perguntar se você notou aquele homem sentado na última mesa ao lado da janela.

Automaticamente, eu olho na direção que Eric mencionou.

- O que você acha dele? - Eric continuou.

- Ele já veio aqui antes, não veio? - eu pergunto após analisá-lo por alguns instantes.

- Sim. Ele vem com certa frequência, mas o que você acha dele?

Eu olho para o homem de novo para analisá-lo melhor. Ele tem cabelo loiro escuro, ombros largos, parece alto e, enquanto eu estou observando, ele sorri para o homem que está com ele - acredito que seja o pai dele porque eles são bem parecidos - então percebo que ele tem um sorriso bonito e gentil também.

- Ele é bonito - eu decido e olho de novo para o Eric. - Mas por que você está me perguntando isso? Algum problema com ele?

- Não. Muito pelo contrário - Eric diz e se inclina para falar mais perto de mim numa voz mais baixa. - Nós percebemos que ele mal consegue tirar os olhos de você.

- É mesmo? - eu digo sem emoção e interesse. - E quem seriam “nós”? Vocês estão falando da minha vida pelas minhas costas? - eu acrescento num tom mais acusador.

Eric se endireita e fica sério, certamente notando a mudança no meu tom.

- Só... você sabe... eu e... - ele gagueja e eu dou risada.

- É brincadeira. Eu não me importo.

Eric respira fundo e sorri, visivelmente mais relaxado.

- Eu fiquei preocupado por um instante - ele admite e nós damos risada. - Mas voltando ao assunto, nós achamos que você deve investir.

Eu olho discretamente para o homem de novo e penso no assunto. Ele é muito bonito mesmo e eu até consigo me imaginar com ele, graças à minha descoberta em Nova York com o Jonathan.

De repente, enquanto eu observo, ele se vira para mim e eu rapidamente desvio o olhar para não ser pega em flagrante. Quando eu faço isso, vejo Amanda, uma das nossas garçonetes, se aproximando de nós.

- Então você comentou com ela? - ela sussurra para o Eric.

- Comentou - eu digo.

- E aí? - ela me pergunta com interesse.

- Eu gostei - eu admito.

- É claro que gostou - ela sorri. - Eu acho que ele é um cara legal também, principalmente pela maneira que ele trata todos nós sempre que vem aqui, mas mesmo que seja só impressão, dá para perder um tempo com ele, não dá? Mesmo que não signifique nada - ela pisca para mim e sai para atender um cliente que a chama.

O último comentário dela abre uma ferida que eu sabia que ainda não havia fechado e eu tenho que me controlar para manter a compostura. É

ridículo porque já faz um ano, mas eu ainda consigo ouvir a voz do James na minha cabeça falando aquelas coisas. Eu sei exatamente o que é “não significar nada.” James fez questão que eu aprendesse isso.

Sempre que eu me lembro do meu aniversário eu bloqueio as memórias dos eventos dos dias seguintes. Um dos motivos é porque foi só assim que eu consegui voltar a conviver com o James e manter um certo nível de civilidade entre nós.

E o outro motivo é porque é doloroso demais. Aquela cena do meu aniversário não é nada perto daquele olhar do James dois dias depois e das palavras que eu fui obrigada a ouvir.

Então, mais uma vez quando elas ameaçam sair do fundo da minha memória onde eu as escondi, eu as bloqueio de novo e volto minha atenção para o momento presente. Afinal, eu ainda estou trabalhando também.

- Aproveite que ele está vindo pagar a conta - Eric murmura para mim e sai antes que eu possa responder.

Eu o vejo se aproximando e uso o meu sorriso mais receptivo para ele criar confiança. Ele parece notar porque sorri em resposta conforme caminha na minha direção.

Quando ele chega perto suficiente, eu noto que seus olhos são verdes e seu cabelo ganha um tom mais dourado quando ele passa por um feixe de luz do sol que está entrando pela porta.

- Oi - ele diz numa voz aveludada. É claro que alguém tão bonito quanto ele tem uma voz bonita também.

- Oi. Estava tudo certo? - eu pergunto e pego o cartão de crédito que ele me entrega.

- Estava tudo ótimo como sempre - ele diz.

- Que bom - eu digo com um sorriso e quando insiro o cartão dele na máquina, aproveito para checar o nome: Eduardo.

Ele digita a senha e tira o cartão quando a transação é aprovada.

Eu estou prestes a agradecer quando ele fala de novo.

- Será que eu posso pedir seu número? - ele pergunta com cuidado. - Nós poderíamos sair um dia se você quiser.

- Claro - eu digo.

Ele tira o celular do bolso e digita por uns instantes antes de me entregar. Eu percebo que ele já colocou meu nome no novo contato e fico curiosa.

- Como você sabe meu nome? - eu pergunto enquanto digito meu número.

- Numa das vezes que eu vim aqui com o meu pai, sua mãe nos atendeu e ela explicou a história do restaurante, inclusive que a filha dela, Olívia, estava trabalhando no caixa por um tempo - ele explica.

Ótimo. Então minha mãe e meu pai dele já se conhecem. Minha mãe quase nunca atende os clientes pessoalmente. Ela sempre fica ou na cozinha ou trabalha em casa. Então é quase como se fosse para acontecer.

- E o meu nome é Eduardo, a propósito - ele diz quando eu devolvo celular para ele.

- Eu sei. Eu li no seu cartão - eu admito com um sorriso e ele dá uma risada curta.

- É claro que sim - ele diz. - Eu ligo para você, então. Olívia. Foi bom conhecer você.

- Tudo bem. Foi bom conhecer você também.

Ele dá um último sorriso antes de sair e eu me pego já imaginando dezenas de cenários em que tudo dá certo entre nós e eu me livro do James para sempre, mas eu preciso me controlar. Eu não posso criar expectativas. Eu preciso ser como eu fui com o Jonathan quando eu sabia que seria apenas naquela noite e estava bem com isso, quando eu sabia que aquilo não significava nada.

Pensar nisso abre a gaveta da memória do James naquele dia sentado no meu sofá e eu me lembro da expressão fria e distante no rosto dele enquanto ele me bombardeava com aquelas palavras, como se elas não fossem grande coisa, como se eu realmente não significasse nada. Impulsivamente, eu tento bloquear as memórias de novo, mas me contenho por um instante.

Mesmo que essa história com esse Eduardo não dê certo, eu não posso viver com medo de ouvir aquelas palavras do James, posso? Eu preciso me livrar delas. Não adianta só deixá-las trancadas em uma gaveta em uma parte do meu cérebro que eu raramente acesso.

Acho que se eu quiser continuar o que comecei em Nova York, eu vou precisar abrir essa gaveta e encarar aquele momento com o James de novo e me livrar dele de uma vez.

24.

Londres, Inglaterra

Depois que o Alex foi embora naquela madrugada, eu ainda fiquei acordada até às 6:30 da manhã, quando eu finalmente consegui dormir. Mesmo assim, acordei ao meio-dia. Eu estava faminta, exausta, com a boca seca por causa de todo o álcool da noite anterior e assim que abri os olhos me lembrei do que eu vi entre o James e a Verônica, então eu não me levantei de bom humor.

Eu não estava com energia - nem humor - para cozinhar, então pedi comida em casa e quando o entregador chegou e eu saí do meu apartamento, dei de cara com o James chegando em casa. Eu sabia que ele estava chegando só naquele horário porque ele ainda estava com a roupa da noite anterior, então também nem quis pensar sobre onde ele havia passado a noite. Era óbvio, não era?

Eu não tinha intenção alguma de cumprimentá-lo e iria fingir que nem havia visto que ele estava ali, mas, como sempre, ele agiu como se nada tivesse acontecido.

- Bom dia, Oli - ele disse com aquele tom amigável e doce de costume, como se nada tivesse acontecido.

Para a minha surpresa, o som da voz dele, que sempre teve o poder de me acalmar, teve o efeito oposto daquela vez. Eu fiquei mais brava do que já estava e me ouvi respondendo de impulso num tom ríspido:

- Não.

Eu mantive meu olhar longe do rosto dele, mas de canto de olho eu vi que ele deu um pequeno pulo de susto com a minha reação, o que me fez sentir a primeira gota de satisfação desde a noite anterior. Ele estava acostumado a fingir que nada nunca acontecia e a me tratar normalmente e eu aceitava, mas não daquela vez. Ele havia ido longe demais e eu não iria deixar passar.

Ele não tentou falar comigo durante o resto do dia, o que era bem incomum, mas eu supus que ele estivesse dormindo porque eu só o ouvi tomando banho enquanto eu almoçava e depois mais nada. Ele não era tão silencioso assim, então ou ele estava dormindo ou havia saído de casa, o que eu sabia que não era o caso porque não ouvi a porta dele em nenhum momento.

No dia seguinte foi a mesma coisa. Eu acordei depois de dormir apenas umas 4 horas e James não falou comigo o dia inteiro. Eu precisava apresentar um artigo numa reunião do laboratório dali alguns dias e até tentei escolher um, mas não conseguia me concentrar. A imagem do James com a Verônica insistia em se intrometer nos meus pensamentos. Então eu passei praticamente o dia inteiro deitada no sofá assistindo televisão.

Parte de mim estava esperando que James viesse falar comigo porque Alex disse que ele viria, mas quando eram quase 8 da noite e James permanecia em silêncio total, eu percebi que ele não daria esse passo. Até me senti idiota depois de ter esperado que ele desse. Ele nunca conversava sobre as coisas, então era óbvio que não falaria sobre aquilo também. Ele deveria estar esperando que eu me acalmasse depois da minha resposta ao bom dia dele na manhã anterior para então fingir que nada havia acontecido e agir naturalmente. Típico.

Quando me dei conta disso, peguei meu celular e enviei uma mensagem para ele. Se ele não daria esse passo, eu tinha que dar porque eu não iria deixar aquilo passar.

Podemos conversar?

Eu imaginei que ele fosse demorar para responder, mas ele respondeu quase instantaneamente. A tela do meu celular nem teve tempo de apagar.

Sim. Já vou aí.

Eu me sentei no sofá e tentei arrumar meu cabelo um pouco para não parecer que eu estava tão derrotada. Ele precisava saber que eu estava magoada, mas não tanto assim.

Ele com certeza havia captado a mensagem do meu tom ríspido do dia anterior porque ao invés de entrar direto no meu apartamento como ele estava acostumado a fazer, ele bateu na porta e esperou que eu fosse abrir.

Eu não o cumprimentei e ele também ficou em silêncio. Eu só gesticulei para que ele entrasse e ele foi se sentar no sofá. Eu fechei a porta e fui me sentar na mesa de centro para ficar de frente para ele.

- Então, - ele quebrou o silêncio - o que está acontecendo?

Eu não acreditei que ele estava se fazendo de desentendido, mas me contive para não brigar com ele logo de cara, então respirei fundo e decidi começar erguendo uma bandeira branca.

- Eu sei que fui um pouco grossa com você ontem e acho que temos que conversar sobre o que aconteceu no meu aniversário.

- Você foi grossa? - ele disse, fingindo estar confuso. - Nem percebi.

Ele deu um sorriso pequeno, mas eu não estava no clima para brincar.

- É sério, James - eu o encarei, mas ele desviou o olhar rapidamente.

Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e após um tempo em silêncio, ele olhou para mim de novo e falou.

- Tudo bem.

Eu esperava que ele elaborasse, mas após alguns segundos eu percebi que aquilo era tudo que ele iria dizer por enquanto. Mais uma vez, eu é que teria que dar o primeiro passo.

Eu lambi os lábios, repentinamente nervosa, e respirei fundo antes de começar para ter certeza de que eu usaria as palavras certas.

- Eu acho que exagerei ontem, então desculpa por isso. O problema é que nós tínhamos um combinado e você não só o quebrou como também decidiu fazer isso no meu aniversário, James. Eu não me importo com quem você fica ou deixa de ficar, mas no meu aniversário? - eu havia começado calma, mas ouvi minha voz ficando mais desesperada conforme fui falando.

- Bem, e o que você quer que eu faça? - ele disse num tom ríspido e duro que eu não sabia que ele tinha. - Você quer que eu pare de viver a minha vida por conta de uma coisa que aconteceu no passado?

Minha respiração ficou entalada na garganta por alguns instantes e eu acho que nem pisquei. Eu até pensei que havia ouvido errado, mas James continuava ali me olhando com uma expressão hostil e ele havia falado com muita confiança, como se estivesse guardando aquilo há muito tempo.

As palavras foram tão fortes que parecia que eu ainda conseguia ouvi-las ao meu redor. Eu me sentia como se tivesse levado uma pancada na cabeça e estava com dificuldade de recuperar meu equilíbrio. Nada parecia real, exceto pela raiva que aos poucos começou a borbulhar dentro de mim.

- Sai da minha casa - eu me ouvi dizendo.

- O quê? - ele disse, chocado.

- Sai da minha casa - eu repeti, e dessa vez eu tive total controle sobre as minhas palavras.

- Oli, nós...

- Sai da minha casa - eu o interrompi, pronunciando cada palavra cuidadosamente. Minha voz soava assustadora até para mim.

James me encarou com os olhos arregalados por um instante e depois se levantou, mas não se moveu. Ele não parecia ter intenção alguma de ir embora.

Então eu me levantei, fui até a porta e a abri.

- Sai da minha casa - eu repeti mais uma vez.

Ele continuou imóvel por um momento e enquanto eu o encarava eu percebi que naquele instante eu não sentia absolutamente por ele. Eu só queria que ele saísse da minha frente.

Eu conseguia sentir meu coração acelerando e meus pulmões se enchendo de ar mais rapidamente e não me lembrava de nenhuma vez na vida ter ficado tão brava assim.

James estava me encarando em silêncio, provavelmente decidindo o quão séria eu estava sendo. Eu nunca havia o visto com aquela expressão hostil e ouvido sua voz tão cortante e cruel quanto naquele dia, mas ele também nunca havia me visto reagir daquela forma. Aquela situação era nova para nós dois.

Eu estava prestes a erguer a voz e mandá-lo embora mais uma vez quando ele finalmente se mexeu e foi até a porta em silêncio. Quando ele passou por mim, eu desviei o olhar.

Ele saiu do apartamento, mas antes de ir para o dele falou de novo.

- Quando você se acalmar, eu posso voltar para conversar? - ele pediu num tom gentil, suave e inocente, o que me deixou mais brava ainda. Como ele conseguia mudar tanto assim em poucos minutos? E por que ele achava aceitável me perguntar isso?

- Faça o que você quiser - eu disse com desprezo e bati a porta.

Eu fiquei ali parada por um longo tempo e, eventualmente, meu coração desacelerou e a minha respiração voltou ao normal, mas a raiva foi logo substituída pelo que eu realmente estava sentindo: mágoa.

Meu coração se apertou, meus olhos se encheram de lágrimas e eu precisei me sentar.

Eu não era uma amiga. Eu não era nem uma vizinha. Eu era apenas uma coisa do passado - de um passado de 3 meses atrás. Eu nunca me senti tão pequena e humilhada quanto naquele momento. Se James tivesse me dado um tapa na cara teria doído menos.

Quando consegui me levantar, fui tomar banho e enquanto ia até o banheiro, nada parecia real ainda. Eu me sentia como num sonho e as palavras do James ficavam se repetindo na minha cabeça como um CD riscado. Eu ouvia aquele tom ríspido e via aqueles olhos frios na minha mente e eles me cortavam de novo, e de novo, e de novo.

Achei que o banho fosse me ajudar a me sentir melhor, mas não mudou nada. Saí do chuveiro me sentindo tão pequena quanto antes. Então sem nem secar o cabelo, fui para a cama em busca de um refúgio. Fechei os olhos e me encolhi embaixo da coberta numa tentativa de me manter em um pedaço só.

A cada som que eu ouvia no apartamento ao lado eu me encolhia mais ainda, como se a apenas presença do James fosse capaz de me machucar. Então, peguei meu computador, escolhi um vídeo qualquer no *YouTube* e aumentei o volume o suficiente para abafar qualquer barulho que pudesse vir do apartamento ao lado.



Para o meu alívio, James precisou viajar de novo na segunda-feira e ficou a semana inteira fora, então eu tive alguns dias de paz. A única vez que ele falou comigo foi na noite em que ele viajou quando estava no aeroporto e foi por mensagem. Ele disse que uma encomenda atrasada iria acabar chegando naquela semana e perguntou se eu poderia receber e guardar. Eu nem respondi porque não acreditei que ele teve aquela cara de pau.

É claro que quando o pacote chegou, eu recebi e fui deixar no apartamento dele. Como não parecia ser nada caro e frágil, dali da porta mesmo eu fiz um pequeno arremesso para que ele ficasse na bancada da cozinha - era uma bancada larga e eu não iria errar. Eu não queria nem entrar no apartamento dele. Tudo relacionado ao James naquela época parecia sal nos cortes que as palavras dele tinham feito em mim.

Sem James por perto eu tive a tranquilidade de poder trabalhar, ler, estudar e preparar minha apresentação do artigo sem precisar me preocupar

com ele aparecendo do nada. Eu não precisava manter minha guarda em pé e foi bom, mas uma semana não foi tempo suficiente para me recuperar. Inclusive, eu continuei dormindo mal e pouco.

No sábado, eu saí com o Will e a Sarah logo cedo e fiquei o dia inteiro fora porque imaginei que se eu me cansasse o suficiente, à noite eu iria dormir mais.

Minha tática quase deu certo. Eu estava quase conseguindo adormecer quando o maldito alarme de incêndio do prédio disparou. Eu xinguei tão alto que acho que foi possível me ouvir mesmo com o som agudo do alarme.

Peguei a primeira jaqueta que vi na minha frente e desci com os outros moradores. Eu sabia que eu estava com cara de poucos amigos por causa do meu humor péssimo e ninguém me cumprimentou. Eu não os culpo. Eu não estava a fim de papo mesmo.

Estava frio e garoando e eu não conseguia imaginar como seria possível piorar meu humor. Talvez se James aparecesse com a Verônica naquela hora, mas ainda bem que isso não aconteceu. A vida é injusta e adora rir da sua cara, mas ela sabe quando passa dos limites.

Como sempre, foi um alarme falso e quando voltei para o meu apartamento não consegui dormir. Pensei em ligar para a Geórgia para conversar, mas eu não havia contado para ninguém sobre o que o James havia me dito. Por algum motivo, eu achava aquilo muito humilhante e não conseguia me abrir nem com a Geórgia.

Por causa das noites mal dormidas, a mágoa ainda estava bem fresca quando James voltou na segunda-feira. Eu não o ouvi chegar porque estava no laboratório, mas quando cheguei em casa ouvi o som familiar da televisão dele, então sabia que ele havia voltado. A diferença é que agora ouvir aquilo não era mais sinônimo de casa e conforto; era uma lembrança da coisa mais insensível e cruel que alguém já havia me dito. Eu só queria que James ficasse fora mais alguns dias. Talvez até para sempre, se fosse possível.

Claro que não era e ele ainda era meu vizinho, então eu precisei continuar lidando com ele.

Na terça-feira à noite eu estava concentrada no meu computador na sala analisando os resultados do meu último experimento quando ouvi aquela batida familiar na minha porta seguida da voz que um dia já foi meu som favorito.

- Oli?

Assim que eu ouvi James chamando meu nome pela porta, meus instintos ficaram em alerta e eu levantei todas as minhas defesas.

- O que foi? - eu perguntei sem esconder a minha irritação.

Naquela altura eu não sabia o que me incomodava mais: o que o James havia dito ou o fato de que ele certamente sabia que algo estava errado - prova disso era que ele continuava batendo na porta e esperando que eu a abrisse - e mesmo assim ele não falava nada. Era como se ele só estivesse esperando que eu esquecesse tudo para ele não ter que lidar com a situação nem me pedir desculpas.

- Tem uma carta para você no meio das minhas - ele respondeu.

- É importante?

- Não sei - ele disse após uma pausa. - É do banco.

Eu considerei ignorar, mas se era do banco poderia ser algo importante. Então suspirei, me levantei e fui até a porta.

Quando eu a abri, não consegui olhar para o James. Eu abaixei os olhos imediatamente para as mãos dele.

- Qual é a minha? - eu perguntei.

Era como se eu fosse fisicamente incapaz de olhar para ele. Eu não conseguia nem considerar erguer meus olhos. A humilhação ainda era grande.

- Essa aqui - ele pegou a primeira das cartas que ele estava segurando e me entregou.

- Obrigada - eu disse simplesmente e comecei a fechar a porta, mas James a segurou antes que eu conseguisse fechá-la completamente.

A atitude dele me pegou de surpresa, então sem pensar ergui os olhos e olhei para o rosto dele pela primeira vez em mais de uma semana. Ele parecia vulnerável, até mesmo triste talvez, e seus olhos estavam analisando o meu rosto com atenção.

- Você está magoada - ele disse.

A minha vontade era de responder “como se você se importasse.” Afinal de contas, eu era apenas uma coisa do passado que atrapalhava a vida dele, não era? Então por que ele se importava com o que eu estava sentindo? Porém, eu não estava a fim de discutir, então quando a abri a boca para falar, disse apenas:

- E você está surpreso com isso.

Eu tentei fechar a porta de novo, mas ele continuava a segurando.

- Oli, eu não aguento mais ficar assim com você, mas não sei mais o que fazer. Então me diga o que fazer.

- Você pode me deixar fechar a porta - eu respondi, mantendo a minha expressão e o meu tom tão frios quanto conseguia.

James continuou me olhando por alguns segundos, provavelmente decidindo se iria insistir ou me deixar em paz. Felizmente, ele escolheu a segunda opção. Ele assentiu e tirou a mão da porta.

Eu a fechei e instantaneamente me senti mais leve. Olhar para o James havia se demonstrado ser uma atividade cansativa. Eu voltei para o meu computador e no caminho abri a carta do banco, mas era só uma propaganda. Não era nada importante, afinal de contas.

Eu continuei a minha rotina normalmente nos dias seguintes e até comecei a dormir melhor. No entanto, eu ainda não conseguia olhar para o James, muito menos conversar com ele. Nós cruzamos algumas vezes no corredor e ele tentava se aproximar, me convidando para jantar dizendo que havia cozinhado algo que ele sabia que eu gostava de comer, ou tentando me perguntar sobre o meu dia.

Eu recusei os convites para jantar com um simples “não” e resumi meus dias em “normais”. Mesmo não olhando diretamente para ele, eu conseguia ver de canto de olho que ele estava me analisando e sua voz sempre soava cuidadosa. Ele estava tentando se aproximar aos poucos e eu fiquei grata por ele obviamente estar tentando respeitar os limites que eu estava impondo. Ele não insistia nem tentava puxar conversa quando eu o respondia com frieza, mas todo dia ele tentava alguma coisa. Talvez na esperança de que eu tivesse amolecido.

Para ser sincera, eu amoleci um pouquinho porque ele estava ao menos tentando algo, mas eu não queria que ele me oferecesse minhas comidas favoritas. Eu queria que ele me pedisse desculpas ou me explicasse o que estava acontecendo. Eu era só uma coisa do passado, mas ali estava ele tentando me ganhar cozinhando tudo que eu gostava, tentando demonstrar interesse pela minha vida e pelo que eu estava sentindo. Não fazia sentido.

É claro que eu sentia saudades. A mágoa estava se dissipando aos poucos - não sei se era o tempo ou as tentativas do James de me amolecer - e às vezes eu me pegava desejando poder ir no apartamento dele jogar conversa fora e dar risada. Eu queria que ele entrasse no meu sem nem bater

na porta como sempre só para me contar algo do dia dele. Eu queria ouvir sua risada de novo.

Mas então eu lembrava que ele me considerava apenas como algo do passado que atrapalhava a vida dele e percebia que ele provavelmente só havia passado todo aquele tempo comigo nos últimos meses por falta de opção. Quando apareceu outra, ele me descartou facilmente. Então eu aguentava a saudade e o ignorava tanto quanto conseguia.

Foi assim a semana inteira. Até que no final da semana eu precisei lavar roupa porque estava negligenciando essa função há mais tempo do que deveria. Eu precisei de mais de uma máquina e não tinha dinheiro suficiente porque as máquinas só aceitavam um número máximo de moedas e eu estava sem moedas grandes. Então subi para o meu apartamento de novo para pegar dinheiro e comprar algo no mercado para pegar o troco.

Enquanto subia os degraus xinguei o nosso síndico mentalmente por se recusar a comprar máquinas próprias do condomínio. Quando cheguei no meu andar, encontrei James e Alex saindo.

- Oi - eu disse mais para o Alex do que para o James.

- Oi, Oli - Alex respondeu com facilidade, mas James não falou nada.

- Alex, por um acaso você tem 1 libra e 20 centavos? - eu resolvi perguntar. - Eu preciso lavar roupa e estou só com moedas pequenas.

Alex pegou a carteira do bolso e procurou por alguns instantes.

- Até tenho, mas em moedas pequenas também.

- Ah, tudo bem então. Eu vou comprar algo no mercado. Obrigada.

Eu fui para a minha porta e ouvi a voz tímida do James.

- Eu tenho - ele disse, quase como se não tivesse certeza de que podia falar comigo. - Mas no meu quarto. Vou buscar.

- Ok - eu disse simplesmente. Eu não queria pegar dinheiro emprestado dele, por mais que fosse uma quantia ridícula, porque não queria ter nenhum tipo de relação com ele, mas achei que negar geraria mais discussão, então deixei que ele fosse buscar o dinheiro.

- Eu vou descendo, James - Alex disse. - Eles já estão aí embaixo.

- Tudo bem - James disse. - Eu já vou.

Alex desceu e ficamos apenas eu e James. Mesmo assim, eu não olhava para ele. Ainda não conseguia.

James entrou no apartamento dele de novo e eu fiquei ali no corredor mesmo. Eu não queria entrar. Eu queria manter uma distância entre nós. E se apenas olhar para ele já era difícil, eu não queria nem imaginar como

seria entrar no apartamento e ser atacada pelo cheiro dele. Era melhor ficar do lado de fora.

- Oli, pode entrar - ele disse quando se virou e percebeu que eu não estava o seguindo.

- Eu vou esperar aqui - eu disse

Eu não estava olhando diretamente para ele, mas vi que ele ficou parado por um instante e respirou fundo. Ele certamente não estava satisfeito, mas se virou e foi para o quarto pegar o dinheiro.

Ele voltou alguns segundos depois com algumas moedas.

- De quanto você precisa mesmo? - ele perguntou.

- Só 1 libra está bom. O resto eu completo com as minhas moedas.

Ele pegou duas moedas de 50 centavos, eu abri a minha mão e ele as colocou na minha palma.

- Obrigada - eu disse e fechei a mão e estava prestes a me virar e ir embora quando James repentinamente segurou meu braço. Como sempre, seu toque era gentil.

Ele soltou meu braço e deslizou a mão até o meu punho. Eu não havia esquecido como aquele toque era suave e carinhoso, mas eu não havia percebido o quanto eu havia sentido falta dele e o quanto ele era poderoso. De repente, era só aquilo que eu sentia. Eu só conseguia pensar na mão dele no meu punho.

- Oli - ele pediu. Sua voz estava sofrida e quase implorando.

Eu estava olhando para o meu braço, mas sabia que James estava olhando para mim, quase como se me forçando a olhar para ele. Eventualmente, eu me arrisquei e ergui o olhar para encontrar o dele.

Seus olhos, assim como a sua voz, estavam quase implorando para que eu reagisse, falasse que estava tudo bem e acabasse com tudo aquilo, mas eu ainda não conseguia. Embora seus olhos estivessem receptivos naquele momento, eu sabia o quão frios eles podiam ser e não conseguia tirar aquela imagem da minha cabeça.

No geral, James parecia magoado e frustrado e por um instante eu me perguntei se ele realmente quis dizer o que ele disse sobre eu ser apenas algo do passado. Naquele momento ele parecia estar sofrendo tanto quanto eu com aquela distância entre nós e eu queria dizer “eu sei, eu também estou me sentindo assim.” Eu queria jogar meus braços ao redor dele e abraçá-lo. Eu queria me sentar no sofá ou na cama e passar horas

conversando com ele. Eu queria ouvir as histórias dele. Eu queria voltar no tempo.

Mas eu não podia fazer nada disso. Por mais que James não quisesse dizer o que ele disse, ele ainda disse. Eu também não podia mudar isso. E se ele estava se sentindo mal, a culpa era dele e ele era o único que podia consertar tudo.

Então, por mais que eu não quisesse fazer aquilo, eu puxei o meu punho da mão dele, acabando com o contato entre nós.

- Obrigada. Depois eu te pago. - eu disse e saí.

Eu não olhei para trás, mas sei que James ainda ficou parado por um tempo porque demorei para ouvir seus passos nas escadas. Não sei se ele precisou desse tempo para se recuperar do que tinha acabado de acontecer - eu sei que eu precisava de um tempo -, ou se ele apenas estava me dando um espaço. De qualquer forma, eu fiquei grata quando cheguei na lavanderia e não precisei olhar para ele de novo. Eu estava segura.

Passei quase a tarde toda lavando, secando, dobrando roupa e subindo e descendo do meu apartamento para a lavanderia e vice-versa.

Na minha última cesta de roupas, eu estava prestes a subir quando vi Verônica pelo vidro da porta principal do lado de fora do prédio apertando o interfone. Na verdade, eu não sabia por que ela estava apertando o interfone. Eu achava que ela tinha a chave. Então por isso também até pensei em fingir que não havia visto nada porque eu não estava a fim de fingir que queria bater papo, mas ela me viu e acenou.

Eu me forcei a dar o meu sorriso mais amigável me lembrando de que o culpado disso tudo era o James e não ela. Ela não havia feito nada de errado.

Então eu abri a porta para ela e tentei ser simpática.

- Oi, Verônica. O James saiu - eu disse enquanto segurava a porta com uma mão e com a outra segurava a cesta pesada com as minhas roupas.

- Ah, ele disse que já estava voltando, mas acho que eu cheguei antes.

- Você quer esperar lá em cima? - eu ofereci. Não sei de onde eu encontrei aquela maturidade, mas achei melhor não questionar para não correr o risco de perdê-la.

- Não precisa. Eu só precisava entregar isso para ele - ela abriu a bolsa e pegou uma caixa pequena da Amazon. - Eu comprei em dobro porque ele queria um também. Você pode entregar para ele?

- Claro. Pode colocar aqui em cima das roupas - eu disse, ainda agindo com a maturidade que era novidade para mim.

- Obrigada - ela disse com um sorriso.

Depois que ela colocou o pacote com cuidado em cima das minhas roupas, ela checkou seu relógio e arregalou os olhos.

- Merda. Que bom que eu encontrei você, Olívia. Eu estou atrasada para ver um vestido.

- Vestido? Algum evento especial? - eu perguntei, embora o motivo fosse um mistério.

- Sim. James me convidou para um evento mês que vem. Acho que tem a ver com um empresário americano.

Eu fiquei tão chocada com a informação que acidentalmente soltei a porta e ela bateu no meu ombro com força porque era pesada.

Verônica deu uma risada suave e esticou um braço para tirar a porta de cima de mim.

- Você está bem?

- Sim. Eu só... me distraí - eu disse, me sentindo novamente como num sonho. Não poderia ser o mesmo evento, certo? - Então, esse evento... quando vai ser? - eu precisei checkar.

- É daqui algumas semanas. Acho que 10 de março.

- Dia 11 - eu a corriji de impulso.

- Isso! - ela sorriu. - James contou para você?

- Ele... mencionou - eu decidi dizer.

Dessa vez foi mais difícil manter meu tom amigável porque a irritação e a indignação estavam começando a dar as caras. Ele convidou a Verônica também? E daí? Ignorou ou esqueceu que havia me convidado primeiro? Ou ele esperava que nós duas fôssemos com ele e que eu ficasse de vela para eles?

Que merda estava se passando na cabeça do James?

- Bem, eu vou indo então. Muito obrigada de novo, Olívia - Verônica disse, mas eu mal ouvi.

- Tchau - eu disse no piloto automático e me virei para as escadas.

Eu não conseguia acreditar que James faria algo assim, que ele conseguia ser tão... insensível. Ou será que ele estava se vingando de mim por alguma coisa que eu fiz? Ele não era esquecido, então era improvável que ele simplesmente tivesse esquecido que me convidou. Eu sei que nós não estávamos nos falando direito e que a nossa relação era praticamente

inexistente, mas ele poderia ao menos ter me desconvidado oficialmente, não poderia? Ele não podia simplesmente ignorar a minha existência.

Ou talvez pudesse. Talvez ele realmente tivesse sido sincero quando disse que eu só atrapalhava a vida dele. Pelo menos agora as atitudes dele estavam em sincronia com as palavras que ele dizia.

Eu só percebi que havia subido as escadas com pressa quando cheguei na minha porta e estava com dificuldade para respirar, mas isso também poderia ser resultado da raiva que eu estava sentindo. Quando eu achava que estava segura e em paz, James arranjava um jeito de puxar meu tapete mais uma vez. Isso não iria acabar nunca, iria?

Entrei em casa, larguei a cesta de roupas no sofá e fui para o quarto pegar meu celular. Eu não iria conseguir esperar James chegar em casa para perguntar que merda estava acontecendo. Eu também não estava a fim de ser boazinha e gentil, então digitei:

Como você convida outra pessoa para o mesmo evento que você me convidou? Acabei de encontrar a Verônica e ela comentou que vai com você naquele evento do empresário. Você poderia ter me desconvidado antes!!! Era o mínimo que você poderia fazer depois de tudo que você tem feito comigo.

Joguei o celular na cama, quase fumegando de raiva. Para me distrair enquanto esperava James responder, fui pegar o cesto de roupas e comecei a guardá-las. Vi a tela do celular acendendo e rapidamente o peguei para ver como James iria sair dessa.

Mas eu não estou desconvidando você!

Da onde você tirou isso?

Eu consegui um convite a mais e chamei a Verônica, mas é claro que é para você ir também.

Não era possível que ele fosse tão... estúpido assim. Como ele poderia achar isso normal? Talvez ele não me devesse nada mesmo porque nós não tínhamos nada, mas era a mesma coisa com o Ross e a Rachel quando eles deram um tempo. Ross não traiu a Rachel no sentido usual da palavra, mas ele com certeza poderia ter esperado pelo menos alguns dias antes de se

envolver com outra pessoa. Pode não ter sido traição, mas foi falta de respeito e de consideração.

Eu ainda estava pensando em como responder aquela mensagem imbecil quando James mandou outra.

Você vai, não vai?

Eu não conseguia acreditar. Ele não era burro assim. Como ele não enxergava o quanto isso era ridículo? Eu fechei os olhos e respirei fundo antes de responder.

Não vou poder.

Enviei a mensagem e deixei o celular de lado. Não me importava se ele fosse me responder ou não. Terminei de guardar as minhas roupas e fui deixar o pacote da Verônica no apartamento dele. Como da outra vez, eu só abri a porta e joguei o pacote na bancada da cozinha para não precisar entrar.

Voltei para casa, tomei um banho para relaxar e depois peguei o celular e fui me deitar no sofá para assistir um filme. Desbloqueei o celular para procurar alguma recomendação de filme e vi que James havia me respondido, mas era apenas um *emoji* triste. Ignorei isso e lembrei que precisava fazer algo. Abri meu álbum de fotos e comecei a excluir as fotos de modelos de vestidos que eu estava pesquisando. Eu não precisaria mais delas.

25.

Toronto, Canadá

O alarme do meu celular toca e eu pulo de susto. Rapidamente eu o desligo e vou até a cozinha checar o bolo que eu estou assando. Eu estava perdida nas minhas memórias há 15 minutos pelo jeito. Eu não sabia que eu havia suprimido tantas memórias do James. Assim que eu me permiti abrir aquela gaveta, achando que eu estava escondendo apenas a parte do “você quer que eu pare a minha vida por conta de algo que aconteceu no passado?”, toda a sequência de eventos que se sucedeu depois disso veio sem controle e me atropelou.

No começo eu desejei não ter aberto essa gaveta porque me senti uma bela de uma idiota por ainda dar abertura para o James. Eu me lembrei do quão cruel e egoísta ele é e me perguntei por que eu ainda dou atenção a ele. Eu deveria ter bloqueado o número do celular e os perfis dele nas redes sociais assim que entrei naquele avião em Londres.

Quer dizer, eu até tentei bloqueá-lo no *Instagram* quase logo que eu voltei, mas ele notou e alguns dias depois eu desbloqueei. É claro que ele notou porque as coisas que eu preciso que ele note - por exemplo, estou chateada por você ter me classificado como algo sem importância e que só atrapalha sua vida - ele nunca nota, mas as que eu quero fazer discretamente sem ele perceber, ele repara na mesma hora. É incrível. Deve ser um talento.

De qualquer forma, essas últimas duas semanas foram bem agitadas por causa disso. Cada dia era uma memória ou um detalhe de uma memória que me acertava.

E depois disso tudo, eu comecei o treinamento no laboratório, o que ajudou a me distrair. Eu não pensava em mais nada além das normas do laboratório, o que era ótimo, mas me deu uma falsa sensação de tranquilidade porque oficialmente eu só posso começar a trabalhar de verdade daqui uma semana. Então foram apenas duas semanas de paz

mesmo. Assim que me liberaram do treinamento eu voltei aos meus dias longos e vazios e a minha cabeça voltou a ter tempo suficiente para resgatar as memórias do James. Por isso, hoje eu estou fazendo um bolo. Descobri que cozinhar é ótimo para me distrair.

Como se nada mais existisse no mundo, eu tiro o bolo do forno, preparo a cobertura e depois cuidadosamente começo a cobrir o bolo, mas sou interrompida pelo meu celular. Dessa vez não é o alarme, mas sim uma mensagem. Meus dedos estão um pouco sujos de chocolate, então eu apenas checo a tela. É uma mensagem do Eric, o anfitrião do restaurante da minha mãe.

Ele já mandou alguma coisa?!

Eu suspiro, me lembrando do Eduardo, aquele homem que pediu meu número no restaurante há algumas semanas e que ainda não deu sinal de vida. E, sinceramente, nessa altura do campeonato acredito que ele nem vá dar sinal de vida mais. Ele deve ter voltado com uma ex-namorada ou engatado um namoro com alguém que ele estava saindo.

Eu termino de espalhar a cobertura em cima do bolo, lavo as mãos e respondo a mensagem do Eric.

Não ☹

Eu admito que fiquei mesmo um pouco decepcionada com a falta de contato. Ele parecia tão animado e sincero quando conversamos, mas aí... nada. Esse relacionamento nem precisou começar para terminar. Bem, vida que segue, não é? Pelo menos esse não desperdiçou meu tempo como todos os outros.

Como meus serviços não são mais necessários no restaurante da minha mãe porque ela contratou dois novos funcionários, eu estou livre até começar a trabalhar no laboratório. Pego um pedaço de bolo e vou até a sala e me sento no sofá para assistir algum filme. É muito estranho ficar em casa assistindo TV enquanto meus pais estão trabalhando, mas é só por duas semanas - e eles disseram que não se importam. Na verdade, meu pai está bem mais empolgado com o meu mestrado do que eu imaginei que ficaria. Alguns dias atrás ele até me levou para jantar para comemorar.

E a minha mãe está feliz também, mas mais feliz ainda que eu decidi fazer mestrado aqui e não em outro país. Por isso eu estou tranquila nessas duas semanas com a bênção dos meus pais, o que também é ótimo porque sei que assim que começar o mestrado não vou ter mais férias direito. Essas provavelmente são as duas últimas semanas de tranquilidade que eu vou ter por 2 anos.

Ligo a TV, me ajeito no sofá e começo a procurar algum filme interessante para assistir. Sinto meu celular vibrar e olho rapidamente para a tela para ver o que é.

Meu coração quase para quando vejo que é uma notificação do James. Ele respondeu minha publicação no *Instagram*. Hoje cedo minha prima me enviou algumas fotos do casamento dela e eu publiquei uma minha. É claro que James respondeu. Ele tem mesmo um radar que sabe exatamente quando eu estou querendo me distanciar dele.

Eu respiro fundo e abro a mensagem.

Você estava linda demais nesse dia. Meu Deus.

Eu sou humana, então é claro que esse elogio coloca um sorriso no meu rosto antes mesmo que eu possa me controlar. É um comentário inocente também, então eu respondo.

Obrigada! Eu dei o meu melhor.

Deixo o celular de lado porque sei que James não vai mais responder. Nossas conversas ultimamente têm sido relativamente curtas, o que me deixa aliviada e também chateada porque ao mesmo tempo que eu sei que preciso me desligar dele, fico triste em ver a nossa relação morrendo aos poucos.

Continuo procurando algum filme interessante para assistir e alguns minutos depois sinto meu celular vibrando de novo. Checo a tela e fico surpresa ao ver o nome do James de novo.

Ver essa foto me deu tanta saudade, Oli.

Queria te ver, te abraçar, te apertar.

Eu tenho me lembrado de tanta coisa ultimamente.

Eu não sei o que me deixa mais chocada: a demonstração repentina de afeto ou a informação de que ele tem estado perdido em memórias também. Se bem que eu acho que ele só tem lembrado das coisas boas, enquanto eu tenho sido atacada pelas memórias ruins.

Antes que eu possa pensar me recuperar e pensar numa resposta, ele envia outra mensagem.

Principalmente daquela primeira noite naquele hotel.

- O quê? - eu ouço minha voz perguntando em voz alta. Eu fico tão surpresa que não consigo nem me controlar. Por que ele mencionou aquela noite? Nós nunca falamos sobre esse assunto. Para ser sincera, eu até achei que ele havia se esquecido daquela noite e por isso estou também um pouco aliviada por saber que esse não é caso. Mas por que agora? Aonde ele quer chegar com isso?

Tomada pela curiosidade e pelo alívio de descobrir que aquela noite também foi marcante para ele, eu respondo:

**Foi uma boa noite.
A gente mal se conhecia e foi tão boa.**

Espero a resposta dele com o celular na mão.

Foi gostosa demais. Eu me lembro de tudo.

Desde o caminho até lá, da gente conversando, do que eu estava vestindo, da rua, do que você estava vestindo e para não falar do resto... meu Deus

Eu arregalo os olhos enquanto leio a mensagem. Eu não acredito que ele esteja falando sobre isso. Da onde isso está vindo? Ele nunca falou disso e agora do nada diz que se lembra de tudo? Será que ele terminou com a namorada?

Rapidamente, eu abro o perfil do *Instagram* dele e as fotos com a namorada ainda estão lá.

Por que ele está querendo conversar sobre a noite em que nós transamos pela primeira vez se ainda está namorando? Eu não quero

acreditar que ele seja esse tipo de homem. Quando ele estava solteiro nem tocava no assunto e parecia até se esforçar para deixar aquilo no passado.

Eu sei que essa conversa não vai dar certo, então tento finalizar o assunto de uma vez, mas de uma maneira educada e sincera.

Que bom que ficou uma lembrança boa.

Ele responde na mesma hora.

É claro que ficou! Assim como todas as outras.

Aquela paz que foi a gente naquela tarde no Hyde Park, de quando a gente ficava deitado na cama com o pé na parede conversando...

Se eu pudesse voltar no tempo eu tinha aproveitado mais você, ficado mais tempo com você batendo papo e dando risada.

Ainda bem que nós estamos conversando por mensagem porque eu consigo sentir o meu rosto se contorcendo em confusão e eu fico sem palavras. O que está acontecendo? James nunca falou de nada disso e agora está todo saudosos? E que história é essa de desejar ter passado mais tempo comigo? Ele só pode estar doido.

Ah, pode ser algo do gênero. Resolvo checar só para ter certeza.

Você está bêbado?

Não.

Como prova, ele me manda uma foto. Eu ignoro o aperto no meu coração de ver o seu rosto tão familiar e analiso a foto. Ele está no sofá no apartamento dele em Londres e tudo parece normal. Enquanto eu analiso a foto, ele manda outra mensagem.

Lembrei também daquele dia que o síndico nos pegou no meu quarto e nós estávamos sem roupa.

Eu dou uma risada alta porque havia me esquecido completamente disso e mesmo assim de repente aquela cena está perfeitamente detalhada na minha memória, como se sempre estivesse ali. Como eu pude ter esquecido isso?

**Meu Deus! Eu tinha me esquecido disso!
Foi engraçado e vergonhoso demais!**

Eu nem lembro direito quando isso foi, mas lembro que o alarme de incêndio do prédio disparou e acharam que havia sido no apartamento do James, então arrombaram a porta e nós ainda estávamos acordando. Foi tudo muito rápido e vergonhoso. Passei dias sem conseguir olhar para o síndico. No final das contas era mais um alarme falso e havia sido o detector de fumaça no andar abaixo do nosso que disparou quando alguns adolescentes começaram a fumar.

Embora eu não saiba a data exata quando isso aconteceu, sei que foi bem no começo quando eu ainda achava que estava imune ao James e era tudo muito tranquilo. Eu sinto muita falta daquela época.

Eu fico momentaneamente perdida na paz dessa memória quando minha atenção é atraída para o meu celular de novo quando James responde.

**Esse dia foi inesquecível. Que saudade, Oli.
Fiquei aqui agora me lembrando desses momentos e
passando vontade.**

Meu sorriso congela no rosto e me sinto ficar em alerta. A alegria da memória recém lembrada está indo embora. Eu não posso abaixar a minha guarda perto do James. Ele sempre tem segundas intenções.

**Foi você que tocou no assunto, mas é melhor pararmos
de falar sobre isso mesmo.**

Quase no mesmo instante, ele responde e é como se eu não tivesse falado nada.

**Eu me lembro daquele seu shorts vermelho também.
Lembro de você com ele naquelas tardes que a gente dormia juntos.**

Eu olho para baixo porque estou usando exatamente esse shorts nesse momento. James adorava esse shorts. Agora eu me lembro do seu olhar sempre que me via com ele. Por isso sei que essa última mensagem dele está recheada de segundas intenções. Ele não quis dizer que a memória do shorts é desses momentos. A memória dele é sobre outra coisa que não é nada de inocente. Afinal, foi só isso que eu fui para ele, não é?

Eu afasto todas essas memórias e me concentro no que eu preciso fazer, que é me afastar dele. Essas mensagens dele só serviram para me provar que é exatamente que isso eu preciso fazer.

**James, você tem uma namorada.
Essa conversa é totalmente inapropriada e eu preciso
trabalhar. Beijos.**

Eu não preciso trabalhar, mas ele não sabe disso. Ele responde logo em seguida:

Você está certa.

Eu reviro os olhos e me seguro para não responder “se você sabe que eu estou certa por que faz isso então?” Felizmente, ele continua a mensagem antes que eu perca o controle e digite exatamente isso.

Mas eu tenho saudades, Oli. Beijos.

Eu também tenho saudades, James.

Ele responde com o clássico coração lilás, mas eu não retribuo. Chega. Eu me sinto como o Andrew Lincoln no filme "Simplesmente Amor quando ele faz todos aqueles cartazes para a Keira Knightley e no final diz “agora chega.” Esse é o meu “agora chega.”

Talvez me lembrar de tudo que eu tenho lembrado nessas semanas não seja ruim. Talvez essas mensagens do James não tenham sido para nada também. Talvez elas tenham sido um sinal de que a melhor coisa que eu posso fazer é me afastar dele mesmo. Se eu não fizer isso, ele nunca vai fazer e nós ficaremos presos nesse ciclo sem fim.

Aliás, tudo isso me lembra que nós nunca nos sentamos e conversamos de fato sobre nada. Sempre que eu tentei fazer isso nós acabamos brigando mais. Inclusive, como foi que nós fizemos as pazes depois daquele horror de quando ele me disse que eu era apenas algo do passado e que atrapalhava a vida dele? Eu não lembro direito. Eu sei que eu passei algumas semanas sem conseguir olhar para ele, mas como foi que nós voltamos a nos falar?

Eu penso um pouco e me dou conta de que nunca o perdoei de fato porque ele nunca me pediu desculpas, pediu? Não pelo que eu me lembre. Eu apenas tentei ignorar o que havia acontecido sem nunca lidar com isso, muito menos perdoá-lo.

Mas agora acho que eu preciso finalmente tomar uma decisão para saber para onde nós vamos daqui. Nós não podemos ficar presos nesse ciclo para sempre. Eu consigo perdoá-lo?

26.

Londres, Inglaterra

Eu acho que no total aquele clima esquisito pairou entre nós por duas semanas. Aos poucos foi ficando mais fácil ouvir a voz dele e não era mais tão difícil olhar para ele. Ele se aproximava quando encontrava uma oportunidade e se afastava quando eu me fechava.

Numa certa madrugada, eu estava acordada escrevendo um relatório de um experimento e o ouvi chegando em casa. Seus passos soavam desequilibrados - bêbados - e eu o ouvi derrubar sua chave três vezes, então resolvi ir ajudá-lo. Mesmo bêbado, ele me deu aquele seu sorriso amigável e aberto de sempre. Eu o chamei para ir até o meu apartamento, dei um copo de água para ele e o deixei deitado no meu sofá por um tempo enquanto eu terminava meu relatório.

Quando terminei, voltei para a sala e vi que ele havia preparado um sanduíche para ele e outro para mim.

Eu me sentei no balcão com ele para comer e ele se lançou nas suas histórias sobre os ocorridos dos últimos dias na vida dele e eu passei a maior parte do tempo em silêncio, apenas comendo, ouvindo e percebendo o quanto eu estava sedenta por aquelas conversas com ele. Eu senti falta da nossa amizade. É claro que senti. Fiquei surpresa por perceber que era possível sentir falta de alguém que você via todos os dias.

Foi a primeira vez em duas semanas que eu consegui olhar diretamente para ele por mais do que apenas alguns segundos sem me sentir inferior e humilhada. Então, com James se aproximando devagarinho, eu senti a minha mágoa se dissipar aos poucos e lentamente nossa relação foi voltando ao normal.

Na final de fevereiro o frio deu uma trégua por alguns dias e eu resolvi aproveitar vestindo uma saia nova sem meia calça. Estava ventando bastante, mas eu não achei que isso fosse um problema... até chegar no metrô, pelo menos.

Quando eu cheguei na escada rolante, vi uma cabeça familiar andando até a plataforma. Era o James.

Ele estava mexendo no celular e foi até um canto para sair da frente das pessoas para continuar digitando.

Quando eu estava quase chegando, uma rajada de vento que surgiu não sei de onde jogou meu cabelo para trás e levantou minha saia totalmente.

Desesperada, com uma mão eu segurei meu cabelo e com a outra tentei abaixar a saia. Olhei em volta para ver se alguém havia sido testemunha daquele momento e notei algumas pessoas me olhando, inclusive James.

- Já aconteceu com todas nós, querida - uma senhora me disse quando passou por mim.

Eu tentei não pensar no que as pessoas haviam visto para não morrer de vergonha e como se atraído por um ímã, meu olhar foi diretamente para o James, que estava me encarando com os lábios apertados, como se ele estivesse tentando não rir. Eu senti minhas bochechas queimando.

- Pelo menos eu estou de calcinha - eu sussurrei quando passei por ele e segui até a plataforma.

- Verdade. Poderia ter sido bem pior - ele concordou e me seguiu. - Pelo menos para você.

Eu me virei para encará-lo depois desse comentário.

- O quê? - ele disse. - Você não viu como os caras atrás de você ficaram felizes. Você fez o dia deles - ele continuou e deu risada.

Eu revirei os olhos, mas não consegui me segurar e dei risada também, visualizando a cena ridícula na minha cabeça.

Então nós dois ficamos ali dando risada da minha cara e eu me lembro como pareceu que 50 quilos haviam sido tirados dos meus ombros. Há quanto tempo James e eu não tínhamos um momento tranquilo assim? Há quanto tempo eu não ouvia a risada dele? Eu havia me esquecido de como ela era gostosa, principalmente quando estava em sincronia com a minha.

O metrô chegou e nós entramos, ainda dando um pouco de risada. Encontrei um lugar para me sentar e James pegou o assento do meu lado.

Nós ficamos em silêncio até o metrô começar a andar. Então, James suspirou e disse:

- Eu não gosto de ficar nesse clima chato com você, Oli.

- Eu também não gosto - eu admiti, analisando as minhas unhas para não precisar encará-lo enquanto falava sobre algo tão sensível quanto esse assunto. Eu estava mais tranquila, mas é claro que não estava curada daquele golpe ainda, então não sabia como eu iria reagir àquela conversa e não queria que James notasse.

- Eu sei que você ficou magoada com o que eu disse, mas eu não quis dizer aquilo - ele continuou.

Eu fiquei em silêncio e senti seu olhar em mim.

- É sério - ele insistiu e pegou minha mão. Instantaneamente, eu me arrepiei. Por sorte, ele não pareceu notar.

Eu sabia que ele estava falando ainda, mas eu estava distraída demais com a força do toque dele. E não era porque ele estava segurando minha mão com força. Muito pelo contrário. Seu toque era sempre gentil e carinhoso. A questão parecia ser simplesmente o contato entre nós. Era poderoso demais e aquilo me assustou.

Nada na vida prepara você para momentos como aquele. Eu não sabia o que era certo ou errado naquela hora. O que eu sabia era que eu não queria soltar a mão dele e que isso era um problema porque eu sabia também que ele não iria ficar por muito tempo. Muito mais cedo do que eu queria, eu teria que soltar.

Mas, então, como alguns meses antes, eu resolvi apenas aproveitar o momento. Eu não sabia o que era real entre nós, mas naquele momento, sentindo meu corpo inteiro reagindo a um simples toque, eu decidi aproveitar e afastei todas as minhas reservas.

Respirei fundo e olhei para ele.

- Você acredita em mim, não acredita? Eu não quis dizer aquilo - ele disse, segurando meu olhar e a minha mão.

- Não é questão de acreditar ou não - eu respondi - mas acho que todos nós falamos coisas sem querer de vez em quando.

- Sim - James concordou.

Eu apertei a mão dele e ele sorriu em resposta. Naquele momento, tudo havia voltado ao normal. Se foi certo ou não, eu não sei, mas foi o que eu quis fazer na hora. James parecia disposto a isso também, então para mim foi o suficiente.

Enquanto o metrô continuava, eu apoiei minha cabeça no ombro dele, nossas mãos ainda entrelaçadas no colo dele, e pensei no que eu faria dali para frente com tudo que eu sentia por ele.



A solução que eu encontrei foi muito simples: esconder meus sentimentos. O que mais eu poderia fazer? James não os queria, mas nós ainda éramos vizinhos e precisávamos de uma convivência pelo menos civilizada, então qual outra opção eu tinha?

Nas semanas que se seguiram após aquele momento no metrô, James estava sempre carinhoso e atencioso comigo. Todo voltou ao normal e de certa forma era até melhor do que antes. Ele precisou viajar para Roma certo dia e o voo dele saía de madrugada, mas mesmo assim foi até o meu quarto se despedir. Ele se sentou na minha cama, me deu um beijo no rosto e nós parecíamos mesmo um casal. Eu não sei por que ele fazia essas coisas. Não que eu achasse ruim, mas eu nunca pedi e, na verdade, elas não ajudavam em nada. E quando ele voltou de Roma, a primeira coisa que ele fez foi ir até o meu apartamento e me dar um beijo e um abraço. Eu tentava não questionar mais o comportamento dele porque sabia que não iria gostar das minhas conclusões - ou talvez ele ainda estivesse se sentindo culpado pelo que havia dito -, mas era esquisito demais e às vezes dificultava a minha decisão de esconder os meus próprios sentimentos.

Então acho que o correto seria dizer que nossa relação estava bem apenas na superfície. Era óbvio que James também estava escondendo algo abaixo da superfície e não estava disposto a me contar o que era. Eu estava fazendo a mesma coisa e hoje eu sei que essa é a receita para o desastre. Era apenas uma questão de tempo até as coisas explodirem na minha cara de novo. Tudo que aconteceu naquele intervalo de tempo foi apenas gerando combustível para a explosão. Hoje é muito fácil ligar os pontos e notar isso, mas na época não. Eu só estava tentando fazer o melhor com as informações que eu tinha.

Toda vez que eu percebia que ele iria sair com alguém ou havia voltado para casa depois de sair com alguém, eu me sentia como se meu coração tivesse sido esmagado e arremessado no chão e eu não sabia como não me sentir assim. Então a minha solução foi limitar o tempo que eu passava com ele para tentar diminuir a intensidade do que eu sentia por ele.

Por isso, eu continuei recusando os convites dele para sair até começar ficar suspeito que eu estava o evitando. Quando isso acontecia, eu sabia que era hora de aceitar e sair com ele. Para a minha sorte, na maior

parte das vezes ele aceitava meu “não” sem discutir. Eu nem precisava explicar.

Porém, algumas vezes ele me perguntava “por quê?” e eu precisava inventar algum motivo para não ter que dizer “porque eu gosto de você não quero ver você beijando outra pessoa.”

No aniversário da Júlia, ela nos convidou para jantar. Eu estava terminando de me arrumar no meu quarto quando ouvi James me chamar.

- No quarto! - eu disse e ouvi os passos dele se aproximando.

- Pronto? - ele perguntou da porta.

- Quase - eu me levantei da cama e fui para o banheiro terminar de arrumar meu cabelo.

- Por que você não saiu ontem com a gente? - ele perguntou de repente e eu encarei meu rosto no espelho. Minhas desculpas estavam acabando. Achei que soaria meio preocupante se eu dissesse que estava com cólica menstrual pela segunda vez no mês, certo? Ou com dor de cabeça pela terceira vez?

Então eu simplesmente ignorei a pergunta e continuei fazendo a trança no meu cabelo em silêncio.

- Nossa. Numa dessa a resposta ficou aqui fora - eu ouvi James dizendo e o vi olhando pela janela do quarto.

Numa situação normal eu daria risada da reação dele e pediria desculpa, mas eu realmente estava sem ideias de como me explicar sem contar a verdade.

- Pronto. Vamos? - eu disse, mesmo que ainda não estivesse totalmente satisfeita com o meu cabelo. Algumas mechas não haviam ficado bem no lugar, mas eu só queria que aquela conversa acabasse.

Eu não sabia o que James estava concluindo do meu comportamento, nem se ele estava prestando atenção o suficiente para tirar alguma conclusão, mas pouco me importava. Eu já havia passado tempo demais pensando nele e como ele se sentia. Agora era a vez dos meus sentimentos ficarem em primeiro lugar.

Quando chegamos ao restaurante, coloquei meu casaco numa cadeira e James se sentou na cadeira ao lado, mas como eu estava tentando reduzir ao máximo o tempo que eu passava perto dele, engatei numa conversa com a prima da Júlia do outro lado da mesa e troquei de lugar. Eu lancei um olhar rápido para o James para ver se ele havia notado e fui surpreendida

pelo olhar fixo dele. Ele já estava me olhando antes mesmo de eu trocar de lugar, então eu sabia que ele havia notado.

James era mais observador do que eu imaginava. Ele só não comentava, mas ele notava. Acho que essa era uma das poucas semelhanças que eu tinha com ele.

Então, quando chegamos em casa no final da noite, ele destrancou sua porta e disse:

- Oli, vem aqui um pouco - ele pediu numa voz suave.

Eu parei no meio do caminho entre a porta dele e a minha e cogitei ir correndo para o meu apartamento e ignorá-lo, mas achei que ficaria muito na cara que eu estava tentando evitá-lo.

Então, um pouco hesitante, fui até ele e entrei no seu apartamento. James fechou a porta e eu me virei para ele.

- Aconteceu alguma coisa? - eu perguntei.

Ele suspirou e me encarou.

- Eu que te pergunto - ele disse. - Você ainda está chateada comigo, Oli? Você tem me evitado e sempre parece irritada perto de mim.

Eu olhei nos seus olhos e vi um lado do James que eu quase nunca via, mas um lado que eu sempre soube que estava lá porque foi por ele que eu me apaixonei. Era o seu lado mais vulnerável, humilde e amoroso.

Por isso, quando menti, meu coração se despedaçou e eu tive que lutar contra todos os meus instintos para não abraçá-lo e contar a verdade. Eu queria que ele soubesse o quanto eu gostava dele. Ele merecia saber, mas eu não podia arriscar. Ainda não, pelo menos.

- É impressão sua - eu forcei um sorriso. - Acho que eu só estou um pouco preocupada com os meus experimentos dessa semana. Não se preocupe.

Enquanto eu falava, vi que ele não acreditava em mim, então dei um beijo na sua bochecha para confirmar minhas palavras, mas fiz o beijo durar mais do que o necessário porque era a minha maneira de dizer “eu te amo” sem dizer as palavras.

Ele certamente não entendeu a mensagem, mas talvez fosse melhor assim. Depois, saí rapidamente sem olhar para ele de novo e fui para o meu apartamento antes que ele pudesse falar mais alguma coisa.

E durante o resto da semana ele não falou mais sobre aquele assunto, o que estava ótimo para mim. Porém, o final da semana também significou que chegou o dia daquele evento com o Luke Becker para o qual eu havia

sido convidada e depois desconvidada. Não oficialmente, mas obviamente, por mais que James dissesse o contrário.

Eu tentei ser madura. Tentei de verdade.

Quando ele veio no meu apartamento com o seu terno e me pediu ajuda para ajustar a gravata, eu ajudei. Quando ele me pediu para ajudar a escolher o sapato, eu ajudei. Quando ele pediu a minha opinião sobre qualquer coisa que ele havia decidido para aquela noite, eu dei. E fiz tudo isso com um sorriso porque no fundo eu estava feliz em ajudar. Porém, mais tarde, quando eu estava tranquilamente assistindo *Sex and The City*, ele começou a me mandar fotos do salão, das pessoas, das mesas e disse:

Você deveria estar aqui.

Eu tentei continuar sendo uma adulta madura, mas não consegui, então só respondi:

Deveria mesmo, mas a culpa não é minha.

Acho que ele captou meu tom ríspido mesmo que tivesse sido por mensagem porque ele não me mandou mais nada depois disso.

Continuei assistindo a Carrie filosofar sobre a vida e tentei não pensar no James e na Verônica no evento. Tentei não pensar nos dois se abraçando e se beijando e muito menos sobre como a noite deles iria terminar. Por isso agradei aos céus por ter me feito adormecer tão profundamente que nem ouvi James chegar em casa. Então não sei se ele voltou sozinho, se voltou com ela ou se foi para a casa dela antes e voltou só no começo da manhã. Eu realmente não sei e prefiro continuar sem saber.

No dia seguinte, James preparou meu almoço favorito. Ele foi até o mercado comprar todos os ingredientes, cozinhou tudo sozinho do jeito que eu gostava e passou o dia todo tentando me agradar, então eu sabia que ele sabia que ele tinha feito merda com a questão do evento. E foi quando eu comecei a entender que talvez James fosse o tipo de pessoa que não sabia pronunciar as palavras “desculpa” ou “sinto muito.” A linguagem de perdão dele era outra. Por exemplo, no meio da tarde, Sarah foi na minha casa para discutirmos um artigo que precisávamos apresentar na segunda-feira e James apareceu com duas xícaras de café para nós.

Sarah estranhou e me olhou de maneira questionadora enquanto ele nos servia, mas eu apenas dei de ombros para que ela seguisse na onda dele.

- Eu não sabia que você fazia café tão bem assim, James - ela comentou depois de beber um gole.

- Foi a Oli que me ensinou - ele respondeu e sorriu para mim. - Eu não tinha o hábito de beber café antes. Aprendi com ela.

Sarah olhou para mim com aquele mesmo olhar questionador e eu dei de ombros de novo.

- Obrigada, James - eu disse.

Quando ele saiu, Sarah me olhou ainda muito confusa e perguntou:

- O que ele está fazendo? O que foi tudo isso?

- Acho que ele está se sentindo culpado por ter me desconvidado do evento de ontem e agora quer se redimir - eu expliquei. - É o jeito dele de pedir desculpas.

- Hm - Sarah murmurou e bebeu outro gole de café. - E você está aceitando então?

- Não sei - eu admiti. - Acho que eu estou apenas não questionando os motivos dele, então se ele se sente mais confortável assim, por mim tudo bem.

- Hm - Sarah murmurou de novo.

Nós ficamos em silêncio por um instante bebendo nosso café até que ela falou de novo:

- Eu gostava muito do James, sabia? - ela disse, olhando para a sua xícara. - Mas depois do seu aniversário não consigo mais gostar dele. O que ele fez com você e com a coitada da Verônica...

- O que ele fez com a Verônica? - eu perguntei, confusa.

- Ela subiu para o apartamento dele porque ele disse que já estava indo logo atrás dela, mas ele ficou mais tempo lá embaixo e ficou com a prima da Júlia. Tudo isso enquanto a Verônica esperava por ele. Você não lembra?

Eu fiquei sem palavras por um instante porque não sabia nem o que pensar. Quem era essa pessoa que a Sarah havia acabado de descrever? Não poderia ser o James.

James que cuidou de mim quando eu fiquei doente, que sempre esteve por perto quando eu precisei, que tirava os pedaços de azeitonas e de bacon da minha comida porque sabia que eu não gostava. Não era possível que ele fosse tão atencioso e tão babaca ao mesmo tempo.

- Você não sabia - Sarah disse, entendendo meu silêncio. - Desculpa.

- Não sabia, ou talvez só não lembre. Não sei onde eu estava quando isso aconteceu - eu disse. - Mas é bom que eu saiba dessas coisas.

E naquele momento eu percebi que não sabia quem estava pior: a ex do James com quem eu sei que ele ainda conversava frequentemente, eu ou a Verônica. Acho que dependia do dia.

- É - Sarah concordou. - Mas chega de falar do James. Eu quero saber quais são seus planos. Você vai voltar para o Canadá?

- A princípio sim - eu disse, embora eu não tivesse pensado muito naquele assunto ainda. - Porque se eu fosse ficar aqui, eu não ficaria no nosso laboratório.

- Se eu estivesse no seu lugar eu não ficaria também. Você deu azar com os orientadores, não deu?

- Demais. Acho que eu nem te contei a última da Alice.

- O que ela fez? - Sarah perguntou com curiosidade.

- Foi viajar para as Bahamas e não me avisou. Parou de aparecer no laboratório, não respondia mais meus e-mails e eu precisava dela para decidir o que eu faria em seguida depois dos últimos resultados e ela lá nas Bahamas sem ter me avisado.

- Não pode ser! E como você ficou sabendo?

- O Thomas me contou. Um dia eu estava comentando com o Will que a Alice não me respondia e o Thomas estava por perto e disse que ela estava de férias nas Bahamas. Ele sabia disso porque ela pediu uma análise para ele, mas que ele podia ficar tranquilo porque ela iria viajar e quando voltasse discutiria os detalhes com ele. Dá para acreditar nisso?

- Ela é muito boa no que faz, mas como pessoa é péssima. Que falta de respeito - Sarah disse. - Eu tenho horror a orientador assim.

- Eu também. Por isso nem considero ficar ali. O resto é tudo muito legal e eu gosto muito de imunologia, mas ela estraga tudo.

- Eu te entendo perfeitamente, Oli - Sarah concordou. - Mas vou sentir sua falta.

Eu sorri.

- Eu também, Sarah. De verdade - eu respondi. - Mas ainda tem muito tempo. Nós estamos em março. Minha bolsa é até setembro. Quem sabe até lá eu decida ficar.

Eu disse essa última parte mais para mim do que para a Sarah. A verdade é que pensar em ir embora me deixava um pouco nervosa, então eu

tentava não pensar muito nisso, embora depois daquela conversa com a Sarah eu tenha percebido que eu deveria pelo menos começar a me programar para não ser pega de surpresa.

Então, quando ela foi embora no final do dia, eu peguei meu computador e comecei a pesquisar passagens de volta para ver com o que eu estava lidando. Eu precisaria remarcar a minha nos próximos dias, então era melhor já resolver isso.

Sentei no sofá com o meu computador e enquanto esperava a página do navegador carregar, ouvi uma batida leve na minha porta.

- Oli? - James disse.

- Oi.

- Estou atrapalhando? - ele perguntou quando entrou e me viu no sofá com o computador.

- Não. Você precisa de alguma coisa?

- Só queria saber se você estava com fome. Eu vou jantar daqui a pouco - ele se sentou do meu lado no sofá e olhou a tela do computador.

- Pode ser. A tarde toda eu só comi umas bolachas e tomei seu café, que estava muito bom. Muito obrigada.

-O que você está fazendo? - ele perguntou quando a página carregou na tela do computador.

- Pesquisando uma passagem de volta para o Canadá - eu respondi e comecei a rolar a tela para analisar as minhas opções.

- Hm - James murmurou vagamente e ficou em silêncio por um tempo. - Quando você vai?

- Em agosto ou setembro. Depende de quando for mais barato.

Eu estava olhando atentamente para o computador, mas depois que eu analisei uns quatro voos diferentes, notei que James estava quieto demais.

- O que foi? - eu perguntei, me virando para ele e percebendo que o olhar dele estava longe.

- Não gosto disso - ele respondeu.

- Disso o quê?

- Você indo embora - ele explicou.

- Você nem vai notar que eu fui embora - eu disse de impulso e olhei para o computador de novo, mas de canto de olho vi que James se virou e me encarou.

- Não. Não vou nem notar, Oli - ele disse irritado eu me virei para ele de novo, mas dessa vez surpresa.

Antes que eu pudesse responder ou pelo menos entender a reação dele, ele se levantou e foi para a porta.

- Eu vou pedir uma pizza. Pode ser? - ele perguntou, ainda soando um pouco irritado.

- Pode ser.

- Ok - ele disse e quando saiu bateu a porta com mais força do que o normal. Eu pensei em ir atrás dele e perguntar qual era o problema, mas achei melhor deixar que ele se acalmasse antes.

Sei que ele ficou chateado com o que eu disse sobre ele nem perceber a minha ausência, mas era o que eu pensava mesmo. Distração não iri faltar para ele quando eu fosse embora. Já não faltava quando eu estava ali, então por que ele ficou tão irritado com o meu comentário? Nunca entendi e acho que nunca vou entender.



Apesar daquele breve momento de irritação no final do domingo, os dias que se seguiram foram tranquilos. Tão tranquilos que parecia como no começo. Nós jantamos todos os dias juntos e até quando não precisávamos passar tempo juntos, acabávamos decidindo fazer isso. Era tudo muito natural. Eu não precisava forçar nada. Então aos poucos fui me acomodando de novo e me sentindo mais confortável perto dele. O contrário também era verdade. James parecia mais leve e mais como o James que eu conheci: doce, engraçado e educado.

No final do mês essa tranquilidade foi testada quando o encanamento do apartamento do andar de cima do nosso estourou e molhou o meu apartamento e do James. No meu caso, foi meu quarto que sofreu mais, mas não foi tanto assim. Já no caso do James, o apartamento inteiro dele sofreu e ele perdeu uma televisão e um armário e o perito que foi avaliar o estrago preferiu refazer a fiação elétrica do apartamento inteiro para garantir.

Por causa disso, James e eu não podíamos ficar em casa. Eu até poderia, mas o barulho ao lado e em cima era demais e eu não aguentaria. Então, o vizinho reservou um hotel para nós.

- Esse aqui é o hotel - o vizinho estava mostrando um mapa no seu celular para o James quando eu cheguei no hall com a minha mala. - Tem um quarto reservado para vocês no seu nome, James.

- Um quarto para nós dois ou um para cada? - eu perguntei.

O vizinho me olhou um pouco confuso e respondeu:

- Um para vocês dois.

James e eu trocamos um olhar e o vizinho colocou a mão sobre a boca, surpreso.

- Perdão! Eu imaginei que vocês fossem um casal. Vocês estão sempre juntos e se dão tão bem.

Ouvir aquele comentário me deixou levemente preocupada. Era isso que nós parecíamos para quem estava de fora?

Mas ao mesmo tempo eu também fiquei aliviada porque não era da minha cabeça. Nossa amizade não era apenas uma amizade. Era óbvio. Eu não estava louca.

- Não somos um casal - eu disse por fim, tentando esconder meu prazer em saber que as pessoas achavam que nós estávamos namorando. Eu me perguntei o que o James estava pensando daquele comentário. Provavelmente nada.

- Bem, talvez vocês consigam resolver isso com o hotel então. Eu sinto muito - o vizinho disse.

- Nós damos um jeito - James disse com um sorriso.

Acho que ele não se importou com o comentário então.

O vizinho se desculpou de novo pelo engano e por ter encharcado os nossos apartamentos e nós fomos até o ponto de ônibus. James estava concentrado no seu celular, então nós não conversamos muito no trajeto.

Mas assim que entramos no ônibus eu quis falar sobre algo que ainda não fazia sentido para mim e queria entender.

- Então, eu encontrei uma passagem boa para o Canadá - eu comentei com cuidado.

James estava olhando para o seu celular e não parou de digitar para me responder.

- Para quando?

- Metade de agosto - eu respondi e fiquei olhando para ele para ver sua reação, o que foi um erro porque enquanto eu olhava, ele respondeu uma mensagem da ex-namorada que constava apenas de um coração vermelho. Então, eu ergui a cabeça e olhei para frente de novo, como se nada tivesse acontecido.

- Voo direto? - ele perguntou após uma pausa, tentando soar interessado, mas eu o conhecia há tempo suficiente para perceber que havia algo por baixo do falso interesse e que ele não queria demonstrar.

- Sim - eu disse e depois resolvi ser direta. - Você não gosta de falar sobre isso, gosta?

Ele suspirou e finalmente olhou para mim e deu um sorriso entristecido.

- Eu não gosto de despedidas - ele disse.

- Ninguém gosta - eu concordei. - Mas ainda tem bastante tempo até eu ir embora.

- Ainda bem - ele disse, soando aliviado.

No fundo eu não acreditava totalmente que ele fosse sentir a minha falta. Na verdade, eu pensava exatamente o que eu disse naquela primeira vez que conversamos sobre isso: ele nem iria perceber que eu não estaria lá.

Mas ouvindo o óbvio alívio na voz dele naquele momento e vendo uma faísca de sofrimento naquele sorriso, eu me perguntei se talvez ele fosse sentir a minha falta nem que fosse só um pouquinho e por alguns dias. Então eu quis confortá-lo e de impulso apertei seu braço gentilmente.

James olhou para mim e eu sorri. Ele sorriu também, mas mais uma vez não era um sorriso feliz. Eu apertei seu braço gentilmente mais uma vez e me afastei, mas ele não estava pronto para deixar o contato entre nós acabar e colocou uma das mãos na minha perna e a deixou ali, enquanto com a outra rolava pelo *Instagram* no celular.

E como sempre, aos poucos nós fomos nos aproximando mais ainda, como dois ímãs, e quando eu me dei conta eu estava com a cabeça apoiada no ombro dele e a mão dele que estava na minha perna, agora estava segurando a minha.

Qualquer um olhando para nós acharia que nós realmente éramos um casal. Nosso vizinho não estava imaginando as coisas. Ele cometeu um erro honesto. Até para mim parecia que nós éramos um casal. Eu estava tão confortável ali como sempre ficava quando estava perto do James. O mundo parecia desaparecer e nada mais importava. Era clichê, mas era exatamente assim que eu me sentia.

Porém, a vida tinha outros planos, e como um choque de realidade, enquanto eu estava ali com a cabeça apoiada no ombro do James e, portanto, vendo o celular dele com ele, uma mensagem da Verônica apareceu na notificação no topo da tela.

Tentando fingir que a minha reação não estava relacionada com o que havia acabado acontecer, eu levantei minha cabeça, olhei pela janela por alguns segundos e só então soltei da mão dele. Acho que ele estava

concentrado demais em responder a mensagem para notar que a minha reação e aquela mensagem estavam conectados. Ele até aproveitou a mão livre para poder digitar mais rapidamente.

Cruzei meus braços e tentando não parecer uma criança mimada que acabou de ouvir um não, me virei mais para a janela para não correr o risco de ver mais coisas no celular dele.

O hotel era perto da nossa casa, então o trajeto não foi longo. Mesmo assim, eu perdi a conta de quantas mensagens James pareceu receber e enviar naquele espaço curto de tempo. E eu sabia que ele estava conversando com a ex-namorada e com a Verônica ao mesmo tempo. Era uma coisa horrível e eu tentava não pensar naquilo. Às vezes eu até tinha vontade de falar com a ex-namorada dele e dizer “adivinha o que ele está fazendo enquanto te manda corações?” Mas era melhor não me envolver. Afinal, a vida era dele. Eu não tinha nada a ver com aquilo. E eu tinha certeza que de alguma forma iria sobrar para mim no final. Sempre sobra para mim. Então fiquei quieta.

Quando descemos no ponto, eu notei que o hotel era muito parecido com aquele onde eu fiquei na *Baker Street*. A rua, o ambiente e os móveis me lembravam muito daquele hotel. Eu queria muito compartilhar isso com o James, mas até onde eu sabia, ele nem lembrava que aquela noite no hotel havia acontecido. Então guardei a lembrança e o sentimento para mim.

Tentamos conversar com o gerente do hotel para pegarmos mais um quarto, mas os quartos disponíveis eram muito caros para a semana inteira. Então, no final, James me olhou e perguntou.

- Oli, você se importa de dividir uma cama comigo?

- Não - eu respondi, embora eu estivesse um pouco em dúvida. Dividir uma cama com ele era sempre uma ótima e uma péssima ideia ao mesmo tempo. Eu teria que me preparar mentalmente para isso.

Felizmente, a cama era grande o suficiente para que nós nem precisássemos nos encostar durante a noite se James se comportasse. Considerando as mensagens no celular dele, eu imaginei que ele se comportaria. A cabeça dele estava em outros lugares bem longe de mim.

Já era fim do dia e por mais que nós tivéssemos passado o dia todo juntos, James me convidou para sair à noite, mas pelas mensagens que eu vi que ele mandou para a Verônica, ela também iria. Por isso, eu recusei o convite gentilmente sem nem inventar uma desculpa. Felizmente, ele não questionou.

Então, quando ele saiu, eu fiquei no quarto assistindo televisão e estava quase adormecendo quando ele voltou.

- Você voltou cedo - eu comentei quando ele se sentou na cama para tirar o sapato.

- O lugar era horrível. A música era ruim, a cerveja era cara e as pessoas eram estranhas - ele disse. - Não aguentei mais ficar lá. Você fez bem em ter ficado.

- Ficar em casa na cama quase sempre é a decisão certa - eu disse.

- Hoje você está certa - ele concordou e foi até o banheiro.

Enquanto ele escovava os dentes, eu me ajeitei na cama para dormir. Eu o observei terminar de escovar os dentes, sair do banheiro e quando percebi que ele iria começar a tirar a roupa, me virei para o outro lado. Ele não parecia se importar com a plateia, mas eu achei errado olhar. Não sei por que, mas preferi assim.

Senti o colchão se mexendo quando ele se deitou, mas antes que eu pudesse relaxar totalmente, ele começou a se aproximar de mim e de repente me abraçou. Uma das suas mãos delicadamente ficou sobre o meu quadril enquanto ele se ajeitava e eu abri os olhos assustada e encarei a parede.

O que ele estava fazendo?

Ele estava mandando corações para a ex, saindo com a Verônica e dormindo abraçado comigo?

Por que ele não podia ser normal? Por que ele não podia simplesmente ficar no lado dele? A cama era grande o suficiente para isso.

Eu sabia que não podia permitir aquela proximidade. Aquilo era demais. Então eu resolvi jogar o jogo dele.

Percebi que ele havia deixado um pequeno espaço entre nós de propósito, então eu joguei meu quadril para trás até encostar nele.

Ele reagiu no mesmo instante e se afastou ligeiramente.

- Oli, isso não vai dar certo. Vai mais para lá - ele sussurrou.

- Eu estava aqui antes de você - eu disse. - Tem um espaço enorme para você do outro lado da cama. Vai você mais para lá.

Suspirando, ele se afastou e foi para o outro lado da cama. Eu quis dar risada, mas me contive.

É óbvio que eu queria que ele tivesse ficado. A cama ficou mais gelada com ele longe, mas eu não podia mais abaixar minhas defesas.

27.

Londres, Inglaterra

Depois daquela primeira noite, James se comportou muito bem nas próximas que passamos no hotel. Cada um ficou no seu lado da cama e nós nem nos encostamos durante a noite, com exceção da terceira noite quando o início de um resfriado afetou minha respiração. Eu mal conseguia respirar e James ficou preocupado e me acordou gentilmente. Ele beijou meu rosto e sussurrou:

- Oli, você precisa alguma coisa? Você está respirando?

Eu estava bem, mas estava com tanto sono que até achei que havia imaginado aquele sussurro e aquele beijo. Na manhã seguinte James me perguntou se eu estava melhor, então eu soube que havia sido real.

Mas fora isso, ele ficou no lado dele e eu no meu. Era bom e ruim ao mesmo tempo. Ele geralmente se deitava depois de mim, então eu ficava ali deitada sem me mexer secretamente esperando que ele se aproximasse, mas isso não acontecia. Eu sei que foi melhor assim, mas eu não conseguia controlar o que eu sentia.

A última noite foi a mais difícil de todas. Eu acordei de madrugada e queria muito me esticar e encostar no James, nem que fosse só o meu pé na sua perna ou a minha mão no seu braço. Qualquer coisa servia.

A tentação era imensa porque no fundo eu sabia que se eu fizesse isso, se eu me aproximasse, James não iria me afastar. Muito pelo contrário, eu sabia que seria bem recebida, mas não era certo e eu que iria me ferrar no final. Então eu apenas suspirei, me virei para o outro lado e tentando ignorar a força magnética, elétrica, espiritual, ou seja lá qual fosse a origem daquela força que sempre me puxava para mais perto do James, e voltei a dormir.

Por isso, voltar para casa foi um alívio e uma decepção. Fiquei aliviada porque finalmente tinha minha cama só para mim de novo, mas ela parecia grande e gelada demais sem o James. Era estranho querer que ele

ficasse por perto e, ao mesmo tempo, desejar que ele estivesse a milhares de quilômetros de mim.

Inclusive, quando voltamos para casa, imaginei que James precisaria de um tempo sozinho - eu certamente precisava depois daquela proximidade toda, considerando que ele era a primeira pessoa que eu via quando acordava e a última antes de ir dormir - mas logo em seguida ele veio me convidar para almoçar no shopping porque ele precisava passar na loja da Apple e trocar um carregador. E eu fui. Uma semana inteira juntos não havia sido o suficiente pelo jeito.

Esses momentos simples que passávamos juntos eram bons e eu adorava - até porque a gente se divertia - mas depois se tornavam um problema. Eu já estava plenamente consciente dos meus sentimentos pelo James e o quanto ele não os queria, então eu não sabia o que fazer com eles. A solução foi escondê-los em algum lugar. Na maioria dos dias eu conseguia fazer isso sem grandes dificuldades porque eu estava ocupada trabalhando ou escrevendo relatórios, mas em outros dias era difícil demais. Nesses dias parecia que eu iria transbordar se não demonstrasse o que eu estava sentindo.

Então eu fiz o que todo mundo faz nessas situações: comecei a sair com outras pessoas. Porém, como todo mundo também sabe, essa solução é momentânea.

Por isso às vezes eu apenas continuava evitando o James. Era a melhor solução, mas ele notava. Embora ele não comentasse, eu via no seu rosto quando ele percebia a minha rispidez involuntária ou quando ele se aproximava demais e eu me afastava, quando ele inconscientemente encostava em mim e eu gentilmente me recolhia, ou até mesmo quando eu mentia para não passar tempo com ele. Eu tentava ser discreta, mas às vezes era impossível. E como eu já havia percebido, James notava mais do que deixava transparecer. Eu sabia que ele sabia que algo estava estranho, mas não me questionava. Ainda bem porque eu não saberia o que responder.

Como eu também já havia me dado conta antes, quando os dois estão escondendo algo embaixo da superfície, é só uma questão de tempo até algo explodir. No nosso caso, eu sabia que eu explodiria antes e que esse momento estava chegando. Então baixei um desses aplicativos de relacionamento e me dediquei a sair com qualquer um que me convidasse porque eu precisava da distração.

Em resumo, esses encontros foram assim: um deles fumava tanto que já exalava cheiro de cigarro e eu não sei como eu consegui passar um jantar inteiro com ele; o segundo mal conversava e passou a maior parte do tempo no celular; o terceiro foi até legal, não cheirava cigarro e sabia conversar, mas quando voltamos para o carro, ele trancou as portas sem ligar o carro e meus instintos ficaram em alerta. Eu fiquei apavorada. Éramos só nós na rua e ele havia acabado de me trancar dentro do carro sem demonstrar qualquer intenção de começar a dirigir e me levar para casa. Eu fiquei congelada no banco e só pedi para ele, por favor, me levar embora. Ele provavelmente não tinha más intenções, mas meus instintos não me permitiram outra reação.

Eu estava quase desistindo dessa estratégia quando comecei a conversar com um estudante de economia. A conversa fluiu bem e quando ele me convidou para ir em um *pub*, eu fui - de metrô, obviamente. Eu não cometeria mais o erro de aceitar carona.

Nós acabamos nos encontrando sem querer na esquina do *pub* e caminhamos juntos até lá. Pessoalmente, a conversa continuou fluindo bem, então eu até cheguei a achar que finalmente seria um bom encontro. Eu fiquei tão animada que quando estávamos quase chegando na porta do *pub*, eu tropecei e esbarrei nele. Não consegui nem ficar envergonhada porque eu estava aliviada que estaria livre do James por pelo menos algumas boas horas.

E estava mesmo tudo muito divertido até que, do nada, ele me perguntou naturalmente:

- Você usa drogas?

Eu parei com o copo de cerveja no meio do caminho até a minha boca e pensei “*é claro que ele tinha que ser problemático*” com tanto vigor que quase falei as palavras, mas felizmente quando abri a boca para responder, só disse:

- Não.

Eu bebi um gole comprido de cerveja porque não sabia como continuar aquela conversa, mas ele continuou me olhando em silêncio, então eu me senti na obrigação de falar alguma coisa. Qualquer coisa.

- Você usa? - eu me ouvi perguntando.

- Sim - ele respondeu sem hesitar. - Ecstasy. Já usou?

- Não - eu disse, tentando soar tão casual quanto ele.

- Eu também tinha preconceito - ele disse, notando a desaprovação no meu rosto que obviamente fracassei em disfarçar. - Mas a primeira vez que eu usei foi também a primeira vez que eu me senti feliz de verdade.

Eu não sabia o que responder, então só bebi mais um gole da cerveja para ter o que fazer.

Ele era tão bonito. Seu cabelo loiro era mais macio e brilhante do que o meu. Seu sorriso era convidativo e até saber que ele precisava de uma terapia rigorosa, eu estava disposta a levar esse encontro adiante.

Felizmente, o celular dele tocou antes que o silêncio ficasse estranho demais.

- Desculpa por isso - ele disse enquanto tirava o celular do bolso. - Mas como eu te contei, meu pai está no hospital.

- Não se preocupe - eu disse.

Enquanto ele conversava com a pessoa do outro lado da linha soando preocupado, eu terminei meu copo de cerveja e pensei no James. Isso não poderia durar para sempre, certo? Algum dia eu sairia com alguém que não usasse drogas, nem tivesse 15 empregos duvidosos e que me faria esquecer-lo, certo? Era assim que a vida funcionava.

- Olívia, eu preciso ir - ele disse, me trazendo de novo para a realidade e eu notei que ele já havia desligado o celular. - Mas nós podemos sair de novo outro dia?

Eu lambi os lábios sem saber o que dizer e levantei o copo para beber mais um gole de cerveja para ganhar tempo, esquecendo que o copo já estava vazio.

- Você quer outro? - ele perguntou, notando a minha frustração quando notei o copo vazio.

- Não. Tudo bem - eu disse rapidamente. - Você precisa ir ver seu pai. Eu estou bem.

- Ok. Podemos sair outro dia então? Talvez na minha casa? Eu sei que você estava esperando que a gente transasse hoje.

- O quê?! - eu praticamente gritei. Felizmente, o *pub* estava cheio o suficiente para o barulho das conversas alheias abafar a minha voz, então ninguém se virou para nós.

- No caminho para cá você estava esfregando seus seios em mim - ele explicou casualmente, parecendo confuso.

- Quando foi que eu fiz isso? - eu continuava indignada. Da onde ele havia tirado isso?

Enquanto ele me olhava, ainda completamente confuso, mentalmente eu estava repassando todos os momentos desde que cruzei com ele na rua poucas horas antes e finalmente entendi o que ele provavelmente entendeu como um convite.

- Eu tropecei! - eu expliquei, exasperada. - E esbarrei em você. Não foi de propósito.

- Ah. Eu achei que você estava se esfregando em mim - ele deu de ombros.

Eu apenas balancei a cabeça porque não sabia mais como lidar com essa conversa. Tudo havia começado tão bem e depois tomou uma direção completamente inesperada.

- Bem, ok, mas se você quiser...

- Não - eu o interrompi, sem me preocupar mais em magoá-lo. - Vá ver seu pai.

Então, ele se levantou, sorriu para mim e foi embora.

Eu suspirei e fiquei sentada ali na mesa mais alguns minutos, ainda tentando absorver o que havia acontecido. Se eu estivesse num filme, aquele seria o momento em que o cara mais bonito do *pub* se aproximaria dizendo que estava me olhando há algum tempo, me perguntaria qual era o problema, nós conversaríamos e no final descobriríamos que éramos o amor da vida do outro.

Mas aquela era a vida real e todos no *pub* pareciam concentrados nas suas próprias conversas, ou na televisão, ou nos seus celulares. E ninguém parecia ser o amor da minha vida. Então eu me levantei e fui embora.

Naturalmente, quando cheguei em casa encontrei James pegando suas correspondências. É claro que encontrei. Eu não estava num filme, certo?

- Oi, Oli - ele disse animado. - Que cara é essa?

- Noite ruim - eu respondi enquanto subíamos as escadas. - Quer dizer, ruim é uma palavra muito forte.

- Encontro chato? - ele adivinhou.

- Já saiu com alguém que perguntou se você usava drogas?

James deu risada.

- Talvez ele estivesse tentando vender um pouco para você - ele disse.

- Eu não tinha pensado nisso, mas pode ser.

Eu dei uma risada baixinha do absurdo daquela situação e nós subimos o resto do caminho em silêncio.

- Esse vestido é novo? - James perguntou quando chegamos no nosso andar.

Eu olhei para baixo, para o meu corpo, e lembrei que sim, eu havia desperdiçado um vestido novo num encontro ruim. Ele era rosa escuro, quase vermelho - sem manga, com estampa de flores e uma fenda nas costas, na altura da cintura.

- Sim - eu disse.

- Hm - James murmurou num tom desaprovador e eu olhei para ele.

- Por quê? Não foi uma boa escolha? - eu perguntei preocupada.

- Não é isso. Eu só estou com ciúmes - ele disse e começou a destrancar sua porta.

E mais uma vez naquela noite eu estava completamente confusa. Do que ele estava falando?

- Ciúmes de quê? - eu perguntei.

- Eu não fui o primeiro a ver - ele disse com um sorriso que eu não soube traduzir.

- Ah - eu disse, como se a explicação dele fizesse sentido. - Eu comprei mais um. Vou usar o outro pela primeira vez com você algum outro dia então - eu não sabia o que eu estava dizendo, mas essa pareceu a coisa lógica a se dizer naquela hora.

- Ótimo. Obrigado - ele sorriu de novo. - Você quer jantar?

- Eu acabei de comer - eu menti porque não estava em condições de passar tempo com o James no momento.

- Ah, é claro - ele disse. - Mas se você quiser só conversar, eu não vou fazer nada agora.

Eu pensei por um instante. Minha noite já estava ruim e se existia alguém que podia melhorá-la era o James, por mais que eu não estivesse nem entendendo a nossa conversa no momento.

- Você tem sorvete? - eu perguntei.

Ele deu risada.

- Uma caixa inteira de *Magnum* - ele disse e abriu a porta para mim.

Enquanto ele jantava, eu me sentei no sofá e comi um sorvete - e depois mais uns dois - e nós ficamos conversando. Quando ele terminou de comer, foi se sentar do meu lado no sofá. Ele pegou minhas pernas e as colocou no seu colo e, enquanto procurava um canal para assistirmos, ele passou por um em que estava passando o filme de *Sex and The City* e eu o fiz assistir um pouco.

Na cena em que o Mr. Big deixa a Carrie no dia do casamento até o James ficou sentido com a cena e a situação acabou gerando uma discussão sobre o que era amor e o que não era.

- De qualquer jeito, cada um tem seu par - James concluiu.

- Você acredita nisso? - eu perguntei, curiosa e surpresa, mas rapidamente lembrei que uma das primeiras coisas que eu descobri sobre o James era que ele era um romântico, então era natural que ele pensasse dessa forma.

- Sim - ele disse. - Você não?

Eu pensei por um instante.

- Não, porque nem todo mundo que se gosta acaba ficando junto e porque amor romântico não existe para todo mundo.

James me encarou, como se também tivesse descoberto algo novo sobre mim.

- Por que você diz isso? - ele quis saber.

- Primeiro porque amor romântico é muito raro, tão raro que não existe para todo mundo. Segundo porque, por exemplo, eu já achei quem eu queria, mas nós não vamos ficar juntos - eu respondi sem pensar muito no que estava dizendo, mas no instante que eu fechei a boca me dei conta de como James poderia entender as minhas palavras.

Então eu tirei minhas pernas do colo dele e me levantei para acabar com aquele assunto antes que eu falasse mais alguma besteira.

- Eu preciso ir para casa - eu disse e fui até a bancada da cozinha pegar a minha bolsa.

Porém, eu parei com a bolsa na mão e antes de ir para a porta, eu me dei conta de uma coisa. Talvez eu estivesse romantizando o James. Fazia tanto tempo que nada acontecia entre nós que talvez o que eu sentia por ele fosse apenas fruto da minha imaginação. Talvez eu até estivesse confundindo a nossa amizade.

Então de repente eu estava curiosa e precisava testar minha hipótese. Será que James realmente tinha esse efeito todo que eu achava que ele tinha ou era só coisa da minha cabeça?

- James, eu posso testar uma coisa? - eu me ouvi dizendo e me virei para ele.

- Pode - ele respondeu, mesmo sem entender do que eu estava falando.

Ele já havia levantado do sofá também, então eu fui até ele e assim que me aproximei o suficiente para ele entender o que eu ia fazer, dei alguns segundos para ele me impedir. Ele não se moveu, então eu fechei a distância entre nós e o beijei.

Meu corpo inteiro acordou. Meu coração acelerou e eu não queria mais sair dali.

Minha intenção era apenas dar um beijo rápido para testar minha hipótese, mas o experimento havia dado certo demais - ou errado demais, depende do ponto de vista. Eu não estava romantizando nada. Todas as células do meu corpo sabiam o que eu queria.

- Oli - James sussurrou contra a minha boca, mas sem se afastar totalmente. - Não faça isso - ele estava segurando meus braços e eu estava esperando que ele me afastasse, mas ele não fez isso.

- Eu só queria descobrir uma coisa - eu murmurei e quando abri os olhos encontrei James parecendo tão desconcertado quanto eu me sentia.

- E você descobriu? - ele sussurrou.

- Uhum - eu murmurei e encostei a minha boca na dele de novo. O que quer que me puxava para ele era muito mais forte do que eu.

- Oli - ele sussurrou contra a minha boca de novo - Você sabe que isso não dá certo.

E quando ele disse isso foi como se a vida real tivesse caído em cima de mim de novo.

Ele estava certo.

Eu suspirei e comecei a me afastar, mas antes que eu conseguisse, James pareceu pensar duas vezes. Ele me segurou pelo quadril e disse:

- Mas uma última vez não tem problema - ele me puxou para ele de novo e me beijou com mais vontade do que nunca.

Quando a língua dele encontrou a minha, eu percebi que o gosto dele era certo.

Quando a mão dele encontrou a pele exposta nas minhas costas na fenda do vestido, desencadeando arrepios pelo meu corpo inteiro, a sensação era certa.

Quando ele me puxou para mais perto ainda, meu corpo se encaixou perfeitamente no dele porque ele era inteiro certo.

Mas uma coisa não parecia certa e de repente eu me lembrei da ex dele - ou ainda era namorada porque eu nunca soube exatamente o que estava acontecendo ali. Eu me lembrei da Verônica também e que ele havia

me classificado como algo do passado e que não deixava que ele vivesse a vida dele.

Então eu o afastei gentilmente e balancei a cabeça.

- Você estava certo. Isso não dá certo - eu disse e me desvencilhei das suas mãos e fui embora antes que ele pudesse responder.

28.

Toronto, Canadá

Eu estive pensando nas duas últimas semanas e cheguei à conclusão de que a questão é mais sobre primeiro me perdoar. Eu também errei - e muito - e se eu pudesse voltar no tempo eu faria muita coisa diferente, mas não posso. Então a solução é aceitar que eu fiz o que pude com as informações e o conhecimento que eu tinha na época.

Até porque eu estou carregando o peso dos meus erros por mais de um ano e continuo no mesmo lugar. Então talvez para conseguir seguindo em frente eu precise me libertar dessa culpa.

Por isso nessas duas últimas semanas quando eu me lembrava de algo eu tentei apenas deixar a memória chegar, fazer o que ela precisava fazer e ir embora- eu estive até mais perdida do que o normal nessas lembranças e me lembrando de coisas que eu achei que havia apagado da minha memória.

Por exemplo, aquele beijo quando eu quis testar se o que eu sentia por ele era apenas na minha cabeça ou não. Meu Deus, como eu pude esquecer aquele beijo? Foi maravilhoso. Tudo sobre ele pareceu certo. Então talvez se eu tivesse insistido mais, se eu tivesse deixado meus sentimentos mais claros, se eu não tivesse mencionado o Thomas, se eu tivesse cedido aquela vez no ano novo, se eu tivesse forçado James a conversar direito...

Todos esses pensamentos me atormentam diariamente, mas a verdade é que as coisas aconteceram da maneira que aconteceram. Eu fiz o que eu fiz, James fez o que fez e eu não posso mudar isso. Independentemente do tempo que eu passe me punindo emocionalmente por ter reagido de uma forma e não de outra, por ter continuado a dar espaço e liberdade para ele quando não deveria ter feito isso, eu não vou mudar nada. Aconteceu e ponto final. Não posso voltar no tempo e consertar as coisas. Ele também não. Então do que adianta punir qualquer um dos dois?

Mas a nossa última conversa deixou claro que eu também não posso continuar dando essa liberdade para ele. Ele vê uma brecha e se aproveita. Eu nunca vou poder relaxar 100% perto dele. Por isso, eu percebi que nós nunca poderemos ser amigos totalmente. Talvez daqui alguns anos quando nós dois estivermos mais maduros, a amizade seja algo possível para nós de novo, mas por enquanto não é.

Eu tenho a minha bagagem para deixar para trás e James obviamente tem a dele também. Por mais que ele tenha me provado repetidamente que não sentia nada por mim, quão imune ele realmente foi? Quanto da indiferença dele foi realmente indiferença e o quanto foi fingimento para se proteger? E o quanto foi ele simplesmente não tendo consciência do que ele sentia? Talvez o que ele sinta por mim não seja puro e genuíno mesmo, mas isso não torna a experiência menos traumática para ele, certo? Ele precisa resolver os problemas dele também.

Mas ele precisa fazer sozinho e eu também. Acho que enquanto nós mantivermos contato nós vamos continuar magoando o outro de alguma forma e isso não é justo com nenhum de nós - e no caso dele, ele vai magoar a namorada também.

Então eu decidi que o melhor para todos nós - inclusive para a namorada dele - é a distância. A única coisa que eu permiti que essas lembranças que me atropelaram nos últimos dias fizessem foi me ensinar. E a lição mais importante que eu tirei delas é que se eu não forçar essa distância entre nós, James jamais vai fazer isso. Então, como sempre, sou eu que preciso dar um passo. Por ele, nada nunca vai mudar e isso me assusta.

Por isso, agora é final do dia e eu estou sentada na minha cama com o celular na mão respirando fundo e montando um discurso mental. A parte romântica de mim obviamente está tentando me convencer a deixar o celular de lado e deixar tudo como está, mas a parte racional e sensata está praticamente me implorando para ir em frente de uma vez.

O alarme do meu celular que eu coloquei para me dar tempo para me preparar mentalmente toca e depois que eu o desligo, eu respiro fundo uma última vez e clico no número do James. Eu fecho os olhos enquanto espero que ele atenda. Já é mais tarde em Londres, mas é sexta feira, então eu sei que ele está acordado.

- Oi, Oli! - ele atende com a voz animada de sempre.

Eu abro os olhos e controlo meu impulso de dizer “que saudades de ouvir essa voz” porque, embora seja verdade, esse não é o propósito dessa conversa. Não quero dar nem chance para o James se desviar do assunto principal, então só sorrio para mim mesma e guardo o prazer para mim.

- Oi, James. Você está em casa? - eu tento fazer meu tom soar normal, mas não sei se consegui.

- Estou. Você precisa de algo?

- Não. Eu só preciso conversar com você.

Ele fica em silêncio por um instante antes de falar de novo.

- Você está me deixando nervoso, Oli. Aconteceu alguma coisa?

- Não - eu digo. - Quer dizer, recentemente só uma e eu queria começar falando sobre ela.

- Ok. Eu ainda estou nervoso, mas continue - seu tom já não é mais animado e leve. Ele realmente está preocupado.

- Então, sobre duas semanas atrás. Aquela conversa que nós tivemos sobre aquela noite no hotel. Você sabe, não sabe?

- Sim - ele diz após um segundo de hesitação.

- Aquilo não pode acontecer nunca mais. Como eu disse, é inadequado e errado - eu digo de maneira séria para ele absorver a seriedade da situação.

- Você está certa - ele concorda de novo.

E mais uma vez eu controlo meu impulso de dizer “se você sabe que é errado, por que faz então?” porque o importante é que ele continua concordando, que entendeu o meu tom e está prestando atenção no que eu estou dizendo.

- Ótimo. Quanto às outras coisas... eu acho que já deveria ter falado sobre isso há muito tempo, mas nunca consegui.

Eu fecho os olhos antes de continuar para me concentrar na minha determinação. Eu não tenho certeza sobre qual é a melhor estratégia. Talvez seja melhor só ser sincera. É o que eu sei fazer.

Então, abro os olhos e quando abro a boca, coisas que eu nunca achei que fosse falar finalmente estão saindo e me deixando mais leve.

- James, eu acho que nunca te contei, mas aquela noite no hotel foi tão importante para mim. Tão especial e... meu Deus, eu nem sei descrever. A única coisa que eu sei é que eu guardo aquele momento em um lugar especial do meu coração e da minha memória e eu queria que você soubesse

disso, que eu te amo por muitos motivos e aquela noite no hotel é um deles porque foi tão -

- Única? - ele me interrompe gentilmente; sua voz macia e confiante.

- Sim - eu sussurro.

- Foi assim para mim também, Oli. Foi o mais perto que eu cheguei de... bem, eu nunca usei essa palavra antes, mas foi o mais perto que eu cheguei de algo mágico. Foi como se o tempo tivesse parado - ele continua e o meu coração fica mais apertado. Ouvir que ele não só se lembra daquela tarde, mas também se sente da mesma forma que eu, parece que é um *band aid* por cima das feridas que a indiferença dele deixou.

- Eu achei que só eu me sentisse dessa forma - eu digo de impulso e preciso engolir algumas lágrimas.

Eu não vou chorar, eu digo para mim mesma.

- Não é só você. Aquela noite foi importante para mim também - ele diz. - Mas eu não estou gostando da direção que essa conversa está levando, Oli. O que foi?

Parte de mim quer gritar e perguntar por que ele nunca me falou isso, mas lembro que eu também nunca falei sobre isso com ele, então acho que nós dois somos culpados nesse aspecto. Talvez saber que James não havia descartado aqueles momentos comigo tivesse facilitado muita coisa para mim, mas não podemos mudar isso agora.

O que você quer que eu faça? Que eu pare de viver a minha vida por conta de uma coisa que aconteceu no passado?

Eu ouço as palavras do James na minha cabeça exatamente com aquele tom frio e distante que ele usou tanto tempo atrás.

É incrível como, apesar de já fazer tempo, essas palavras ainda fazem com que eu me sinta como uma criança e eu só fugir e me esconder.

- James, só me ouça um pouco, ok? - eu peço, usando essa memória para manter a minha determinação.

- Ok. Eu estou ouvindo - ele diz naquele tom humilde dele e eu até posso imaginá-lo sentado na sua cama me olhando, esperando, com aqueles olhos inocentes e vazios.

- Então eu queria que você soubesse que embora a nossa relação não tenha sido sempre fácil, eu sou grata por ter te conhecido e por você ter sido parte da minha vida - eu continuo.

- Eu também sou, Oli. Você me ensinou muita coisa e sabe disso, mas o que está acontecendo? - ele pergunta; seu tom mais cauteloso e um pouco

desesperado até.

Eu respiro fundo para me concentrar e não me deixar levar pelas coisas bonitas que ele está dizendo agora e que nunca se deu ao trabalho de dizer antes, por mais que não tivesse faltado oportunidade.

- Então lembre disso. Eu sou grata por todas as memórias boas que nós fizemos e guardo todas elas com muito carinho, mas você também me machucou muito.

- Eu sei - a voz dele é tão baixa que eu não tenho certeza se ele falou mesmo.

- E por mais que tudo isso tenha ficado no passado, parece que a nossa relação ficou para sempre marcada porque depois de um tempo eu não pude mais ser eu mesma perto de você porque sempre que eu fui eu, a gente se desentendeu - algumas lágrimas começam a escapar, mas eu não sei se estou chorando porque estou triste ou aliviada por finalmente falar tudo isso.

- Oli...

- Espera - eu o interrompo gentilmente. - Eu preciso terminar.

- Tudo bem - ele diz. Sua voz continua baixa e controlada, mas definitivamente não está mais calma. Ele soa um pouco desesperado e já deve saber onde eu quero chegar com essa conversa.

- E apesar de nós termos vivido muita coisa boa, eu acho que você nunca se colocou no meu lugar. Como é que eu posso continuar amiga de alguém que um dia me dava um beijo no rosto no meio da noite e pouco tempo depois me dizia que eu era algo do passado e que atrapalhava a sua vida? Como eu posso confiar em qualquer coisa que você diz quando eu confiei em você o meu maior segredo na época quando eu estava apaixonada por você e você não pensou duas vezes antes de fazer a única coisa que com certeza iria me magoar? - eu não consigo segurar as lágrimas que agora chegam com toda a força com a memória daquele dia horrível quando eu finalmente tomei coragem de abrir o jogo com o James e ele escolheu o pior jeito de lidar com a situação.

- Oli, eu sei. Eu sei que eu falhei com você inúmeras vezes - ele diz, soando um pouco choroso também. - E você precisa acreditar em mim quando eu digo que se eu pudesse voltar no tempo, eu faria tudo diferente. Eu fui um idiota e eu não sei nem por que direito. Pedir desculpa agora é inútil, mas você precisa acreditar em mim quando eu digo que eu sinto

muito mesmo, Oli, e que saber que eu te machuquei me machuca também, e eu queria poder fazer alguma coisa sobre isso, mas não posso.

- Obrigada - eu digo por entre as lágrimas e seco minha bochecha com o dorso da mão. - Então eu acho que nós dois precisamos resolver algumas coisas com nós mesmos, mas também acho que precisa ser cada um no seu canto. Você já me magoou demais e agora você pode magoar outra pessoa também. É melhor se pelo menos por um tempo a gente se afastasse.

Ouçõ James respirar fundo do outro lado antes da linha e quando ele fala, eu fico surpresa em ouvir sua voz falha. Ele está chorando também.

- Eu entendo, Oli. Você foi importante para mim também e quando eu penso em você, eu não consigo pensar em nada de ruim. Muito pelo contrário, você só me lembra carinho, respeito e, claro, muitas risadas - ele para e dá uma risada sofrida e respira fundo de novo.

Eu também respiro fundo, contendo minha vontade de confortá-lo. Nunca achei que James fosse uma pessoa ruim, até porque ninguém é totalmente ruim. E pelo jeito, pela forma como ele falou, nem ele sabe por que ele agiu da forma que agiu e eu acredito nisso. Mais do que qualquer coisa, eu acredito que ele agiu de impulso e sem qualquer intenção específica em mente, mas isso não muda o fato de que ele fez o que fez e falou o que falou. Então ele precisa mesmo resolver isso com ele mesmo antes que ele me machuque mais ainda.

- Você é uma das pessoas mais incríveis que eu conheço, Oli, e eu sinto muito por ter te tratado como se você não fosse - ele continua. - Então eu preciso respeitar a sua decisão, por mais que não seja o que eu quero. Se fosse por mim, eu sempre estaria por perto. Isso... me despedir, mesmo que só por um tempo, me mata. De verdade. Mas se ficar longe é a melhor coisa a se fazer agora, então eu vou manter a minha distância porque não quero mais machucar você, mas saiba que ir embora me mata, Oli. Eu amo você - sua voz falha totalmente no final, deixando óbvio que ele está mesmo chorando.

- Eu amo você também, James - eu consigo dizer por entre as minhas próprias lágrimas - e eu queria que isso fosse o suficiente.

29.

londres, inglaterra

Como sempre, no dia seguinte após aquele beijo nós dois agimos como se nada tivesse acontecido. Eu não mencionei o beijo porque estava envergonhada. James não mencionou porque era o James e para ele nada nunca precisava ser discutido, mas nesse caso eu fiquei grata por ele não ter comentado nada.

O verdadeiro problema agora era que eu tinha certeza que o que eu sentia por ele não era apenas invenção da minha cabeça.

Minha solução de sair com outros caras não havia dado nada certo, então eu pensei em outra opção que era tão simples que era óbvia e eu não sei como eu não havia tido essa ideia antes. O melhor jeito de esconder alguma coisa é deixá-la à vista.

Nesse caso, isso significava demonstrar o que eu sentia, mas sem ele saber. Os menores gestos são sempre os mais significativos. Eu não precisava gritar “eu te amo” - eu nem queria fazer isso, para ser bem sincera - ou passar 24 horas por dia com ele. Como ele já era uma pessoa naturalmente carinhosa, eu imaginei que ele não estranharia se eu fizesse a mesma coisa que ele. Então às vezes quando ficava difícil demais me conter, eu passava por ele - quando ele estava cozinhando, mexendo no computador ou coisas assim - e dava um beijo rápido no seu ombro. Ele sorria, eu sorria e todo mundo ficava feliz. Era muito fácil e simples.

Às vezes era um abraço fora de hora, outras vezes um aperto gentil no braço, ou eu simplesmente apoiava minha cabeça no seu ombro ou meu pé na sua perna... tanto fazia. Gestos pequenos que para mim queriam dizer “eu te amo” e que para ele... eu não fazia ideia do que ele concluía desses gestos, mas quando ele sorria, eu tinha a impressão de que no fundo ele sabia o que eu queria dizer, que ele havia recebido o que eu queria dar e isso era o suficiente para mim.

Então o problema de sentir muita coisa e não poder expressar estava resolvido, mas ele era apenas uma parte de gostar do James. A outra parte era de vez em quando confundir o meu celular com o dele em cima da mesa (por que todos os celulares hoje em dia são iguais? Eu sinto falta de quando cada um era de uma cor e de um modelo diferente) e acidentalmente ver mensagens de vários nomes femininos diferentes e depois ouvi-lo sair à noite sem me falar nada e saber que era porque ele ia sair com a dona de algum daqueles nomes no celular dele - porque quando ele saía com amigos ele ou me convidava ou me avisava que estava saindo.

Nessas noites, mesmo sem querer, eu acabava acordando quando ele chegava em casa e ficava ouvindo para tentar descobrir se ele estava sozinho ou não. Na maioria das vezes, eu desistia no meio do caminho e colocava o travesseiro em cima da cabeça ou me escondia embaixo do edredom para abafar os sons porque no fundo eu não queria saber o que estava acontecendo no apartamento ao lado. Pelo menos, aparentemente, ele estava sendo cuidadoso o suficiente para manter essa parte da vida dele longe de mim. Eu agradecia a gentileza - e era o mínimo que ele podia fazer, não era? Principalmente depois do que ele fez no meu aniversário.

Mas no fundo era bom saber que ele estava se envolvendo com outras pessoas porque era um choque de realidade para mim e eu me lembrava que ele não sentia nada por mim e que nós éramos apenas amigos. Às vezes as coisas ficavam um pouco confusas porque nós passávamos muito tempo juntos e James era realmente muito carinhoso e atencioso. Era muito fácil me perder quando ele aparecia no meu apartamento enquanto eu estava estudando ou lendo um artigo e se deitava na minha cama e de tempos em tempos conversava comigo, ou quando eu estava lendo na cama ou no sofá e ele se deitava do meu lado e ficava ali no celular dele em silêncio. Então ver aqueles nomes no celular dele e vê-lo saindo de casa sem me convidar nem me avisar me traziam de volta à realidade.

Durante essa época, eu tive apenas um breve período para respirar, que foi quando os pais e o irmão dele foram passar alguns dias em Londres. Eu aprendi muito com aquela visita e nunca vou esquecer o momento que eu conheci o pai dele. Eu estava voltando para casa depois do trabalho e vi 3 pessoas paradas na frente do nosso prédio. Uma delas era um adolescente e quando o homem - de mais ou menos 50 anos se virou - eu soube na mesma hora quem eles eram porque o James é a cara do pai dele.

Eu estava um pouco nervosa enquanto me aproximava porque não sabia como me comportar. Eu não sabia se eles me reconheceriam das pouquíssimas vezes que eu os vi pelo *Skype* - acho que foram apenas duas e muitos meses antes - ou se eu precisava me apresentar. Por sorte, e para a minha total surpresa, o pai dele me reconheceu. Então até me perguntei se James tinha o hábito de falar de mim para o pai porque quando ele me cumprimentou ele sabia exatamente quem eu era.

- Oi. Vocês estão esperando alguém? - eu perguntei de maneira educada, sem saber muito bem como agir.

- Sim - o pai dele respondeu e eu notei que ele já me olhou diferente.

- Você é a Olívia, certo?

- Sim - eu disse, tentando não demonstrar o quão lisonjeada eu fiquei com aquele reconhecimento. James com certeza falava de mim para o pai sem eu saber. Era a única explicação.

- Vocês são os pais do James? - eu perguntei, fingindo que não havia os reconhecido de longe.

- É um prazer finalmente conhecer você - o pai dele disse e, para a minha total surpresa mais uma vez, ele me abraçou. Foi quando eu descobri que James havia herdado o hábito de abraçar do pai e que os abraços deles eram muito parecidos. James Pai também envolvia você inteira no abraço. James Filho aprendeu muito bem.

A mãe e o irmão dele também eram carinhosos e muito receptivos, mas eram mais tímidos e quietos. James havia herdado mais a personalidade do pai, mas agora eu conseguia ver de onde o seu lado mais discreto e introspectivo havia vindo.

- James sabe que vocês estão aqui ou você precisam de algo? - eu perguntei após as devidas apresentações.

- Ele foi buscar o celular lá em cima e já está descendo. Obrigado, Olívia - o pai dele respondeu.

Como se cronometrado, James chegou naquele momento. Seu rosto estava mais feliz do que eu já havia visto e quando ele me viu, ele pareceu acender mais ainda. Era óbvio que a presença dos pais havia tido um impacto totalmente positivo no humor dele.

- Oli! - ele disse, empolgado. - Você conheceu meus pais e meu irmão então. Que bom.

- Sim - eu não consegui conter o sorriso. James estava tão feliz que era contagioso.

- Nós estamos indo jantar. Você está convidada. Eu achei que você chegaria mais tarde hoje, por isso não convidei antes - ele explicou.

- Não tem problema. Não se preocupe. Vão vocês. Você precisa aproveitar seus pais - eu disse, embora estivesse muito curiosa para ver a dinâmica familiar e descobrir mais sobre a vida do James. - Eu tenho comida em casa.

- Tudo bem. Qualquer coisa me avise - James disse e me deu um beijo no rosto antes de sair, o que eu achei muito estranho. Não imaginei que ele faria algo assim na frente dos pais dele. Talvez ele tenha feito de impulso, mas se foi assim, ele não demonstrou constrangimento quando percebeu o que fez.

Os dias que seguiram foram ótimos em todos os sentidos. Eu aprendi muito sobre o James conhecendo os pais dele e ele estava passando menos tempo em casa porque estava mostrando Londres para os pais, então eu tive meus momentos para respirar também.

Mas assim que eles foram embora, nós estávamos passando a maior parte dos nossos tempos juntos de novo. Um dia eu estava no shopping com ele e encontrei Sarah e uma prima dela. Mais tarde, Sarah me contou que a prima dela achou que James e eu éramos namorados por causa da forma que nós estávamos andando e conversando e como James me abraçou em certo momento. Pelo menos eu sabia que não era só eu que me perdia nesses gestos do James - teve o nosso vizinho aquela vez do vazamento no nosso apartamento também - então não era mesmo coisa da minha cabeça.

Naquele dia, quando chegamos em casa, James me deu um beijo no rosto e me agradeceu pela companhia e no fundo eu sabia que era só ele sendo ele e que aquilo não significava que ele sentia algo diferente por mim. Então, mais tarde ele veio jantar no meu apartamento e eu o vi combinando de sair no dia seguinte com alguém chamada Carla. Meu coração se despedaçou naquele momento e foi só então que eu percebi que isso continuaria acontecendo enquanto nós estivéssemos tão próximos daquele jeito. Eu precisava de uma distância de verdade. Ele não poderia mais se deitar do meu lado enquanto eu lia um livro. Ele não poderia mais ficar no meu apartamento até tarde jogando conversa fora e dando risada comigo.

Eu sabia que precisava fazer alguma coisa e optei pela honestidade. Já que disfarçar não estava funcionando, eu decidi contar a verdade para

ele. Talvez ele finalmente entendesse a seriedade da situação e tomasse e iniciativa de se afastar.

Eu conversei com a Geórgia sobre isso um dia e admiti que tinha medo de afastá-lo tanto que ele não voltaria mais, e ela respondeu:

- Mas talvez é assim que tenha que ser por agora, você não acha? E quem deveria ter medo de afastar alguém a ponto de não voltar é ele. Ele é que deveria estar preocupado em te perder e não o contrário.

E eu achei que ela estava certa. Talvez por agora fosse melhor correr o risco de ele não voltar mais do que continuar nesse ciclo de criar esperanças inconscientemente e logo em seguida me decepcionar. Até porque, quando isso acontecia, eu automaticamente me distanciava um pouco dele e eu sabia que ele notava, mas não comentava.

Então após alguns dias pensando e planejando, no final de uma sexta-feira quando cheguei em casa, vi que as luzes do apartamento dele estavam acesas já e decidi que era melhor acabar com isso logo antes que eu mudasse de ideia. Deixei minhas coisas no meu apartamento e fui para o dele.

Ele estava no quarto e quando me ouviu abrir a porta foi me encontrar na sala.

- Você está ocupado ou pode conversar? - eu perguntei.

Ele parecia animado como sempre quando me viu, mas quando ouviu minha voz ficou mais reservado.

- Não estou ocupado. Pode falar - ele disse. - É sobre o quê?

- Sente - eu pedi após uma pausa.

Ele me encarou, obviamente preocupado, por um instante, mas seguiu minha instrução e se sentou no sofá.

Eu me sentei na mesa de centro na frente dele e peguei as mãos dele nas minhas, mas não olhei para ele. Eu não conseguia.

- Eu preciso contar uma coisa para você - eu comecei, mas hesitei.

- Oli? - ele disse quando eu fiquei quieta por muito tempo.

- Espera só um pouco. Eu preciso organizar as palavras - eu disse e continuei olhando para as mãos dele.

Não sei quanto tempo passou até eu conseguir ouvir minha voz, mas quando falei soei mais calma do que me sentia.

- Eu estava pensando esses dias e acho que falo por nós dois quando digo que às vezes fico meio distante - eu disse e olhei para ele.

James concordou com a cabeça e permaneceu em silêncio.

- Pois é - eu olhei para baixo de novo. - Não é porque eu não gosto de você. Muito pelo contrário, é porque eu gosto muito de você. Demais até, e é por isso que às vezes eu preciso de um espaço. Eu sei que você não tem intenção alguma de ter algo comigo e eu não estou falando isso porque espero algo de você. Eu estou contando isso para você porque não quero que você entenda errado quando eu precisar de um tempo longe, que é o que eu preciso agora.

Eu pausei por um instante para ele absorver as minhas palavras, mas não por tempo suficiente para ele responder. Meu discurso não incluía a participação dele. Enquanto ele ficasse em silêncio, ficaria tudo bem.

- Foi sem querer, como essas coisas sempre são, mas eu me apaixonei por você e eu sei que isso coloca nós dois numa posição complicada. Por isso achei que o melhor era guardar isso para mim, mas não dá mais. Eu preciso fazer alguma coisa porque isso me machuca tanto quanto pode machucar você, James, mas para pensar em como lidar com isso, para pensar em uma solução que seja boa para mim e para você, eu preciso de um tempo e de um espaço.

Eu sabia que estava falando rápido demais, mas depois que as palavras começaram a sair eu não consegui mais me controlar. E mesmo assim, James ficou imóvel depois das minhas primeiras palavras, então achei que ele havia pelo menos entendido o ponto principal.

- Como eu disse, eu não espero que você faça alguma coisa nem estou pedindo para você sentir a mesma coisa que eu. Eu só quero que você me dê um tempo para que eu me acostume com isso porque não consigo pensar direito com você me abraçando, me beijando, entrando no meu apartamento e passando tempo comigo. Não é que eu não goste dessas coisas, mas não dá mais.

Eu respirei fundo e olhei para cima. James estava me encarando, mas não parecia haver nada nos seus olhos. Ele provavelmente estava chocado demais para reagir.

- É isso - eu murmurei e tentei sorrir.

James piscou e pareceu voltar à realidade. Ele apertou as minhas mãos e deu um sorriso sem jeito. Era a primeira vez que eu o via envergonhado. Ele sempre parecia saber o que dizer e o que fazer e nunca deixava o clima entre nós ficar esquisito, então eu estava surpresa por vê-lo nitidamente desconfortável pela primeira vez. Eu não sabia muito bem o que isso significava, mas pelo menos ele obviamente havia ouvido o que eu

queria que ouvisse. Ele não estaria sem jeito se tivesse só fingindo que estava me ouvindo.

- Eu entendo, Oli - ele disse eventualmente. - E te respeito, então se você precisa de um espaço, tudo bem. Quer dizer, eu não estou feliz em me afastar, mas se é o que você precisa, quem sou eu para negar isso?

- Mesmo?

- Mesmo - ele sorriu de novo, mas dessa vez era o seu sorriso amigável e leve de sempre. Qualquer que tenha sido o motivo do desconforto dele, já havia ficado no passado.

- Ok então - eu disse, aliviada.

Eu não precisaria mais mentir nem disfarçar. Quando ficasse demais, eu poderia simplesmente me afastar um pouco e ele não ficaria magoado imaginando que eu estava chateada com ele ou que eu não gostava dele.

Então, para a minha surpresa, James soltou as minhas mãos e me abraçou.

Eu afundei meu rosto no seu ombro e fechei os olhos, aproveitando ao máximo aquele abraço que fazia o resto do mundo desaparecer. Não era uma despedida, mas algo dentro de mim me dizia que nada mais seria igual depois daquilo.

Fui eu que terminei o abraço antes porque precisava respirar. James sempre foi mais forte do que parecia e acho que até ele subestimava a própria força, e ele só me abraçou forte daquele jeito três vezes: nesse dia, no dia que eu fui embora e no dia que nos encontramos em Nova York, então hoje eu sei que quando ele me abraça forte é porque ele está genuinamente chateado com algo ou sentindo alguma coisa que jamais vai me contar o que é. Então eu sei que ele estava escondendo algo de mim naquele momento.

- Preciso ir. Eu acabei de chegar em casa - eu disse e me levantei.

- Mas amanhã você ainda vem jantar aqui, não vem? - ele perguntou.

- Claro. A gente já tinha combinado - eu o assegurei. - E não é como se nós nunca mais fôssemos passar tempo juntos, James. Só não vai mais ser tão frequente.

- Entendi - ele disse. - Até amanhã então, Oli.

Eu fui para o meu apartamento me sentindo vários quilos mais leve. Havia sido mais fácil do que eu havia imaginado. James era sensato - embora também mito impulsivo às vezes - e sempre iria fazer a coisa certa no fim das contas. Pelo menos era o que eu achava na época.

Tanto é verdade que acordei da manhã seguinte me sentindo uma nova pessoa. Era tão mais fácil agora que James sabia a verdade. Eu poderia fazer o que eu quisesse sem me preocupar.

Fui trabalhar me sentindo tão tranquila e livre que nem me estressei quando Alice questionou o que eu estive fazendo enquanto ela estava fora de férias e achou ruim que eu não tinha tantos resultados quanto deveria. A verdade é que eu mandei vários e-mails para ela dizendo que estávamos sem um reagente e precisávamos da assinatura dela para finalizar a compra e ela ignorou todos, então eu realmente não tinha como fazer mais do que eu fiz sem aquele reagente. Mesmo assim, eu só respondi:

- Você está certa. Eu poderia ter feito mais experimentos. Vou me esforçar mais daqui para frente.

E deu certo. Ela me elogiou o resto do dia para todo mundo que passava pelo laboratório.

Então quando voltei para casa estava muito tranquila e feliz. Tomei banho e quando desliguei o chuveiro ouvi barulhos no apartamento do James, então eu sabia que ele já havia chegado também. Eu iria colocar uma roupa e iria para o apartamento dele jantar, como combinado. Eu apenas não ficaria lá depois de comer, como eu normalmente faria.

Porém, enquanto eu estava passando hidratante nas minhas pernas, eu ouvi uma voz familiar no corredor e que não era a do James. Era uma voz feminina e que eu não ouvia há algum tempo, mas achei que eu estava imaginando ou que poderia ser alguma vizinha nova com uma voz bem parecida, então voltei à minha tarefa de passar hidratante.

Terminei uma perna e quando passei para a outra ouvi a pessoa da voz feminina dando risada e eu não só percebi que era real e não fruto da minha imaginação, como também reconheci a voz. Era a Verônica.

Mas o que ela estava fazendo no James? Só passando, eu esperava. Ele não a convidaria para jantar conosco 24 horas depois que eu contei que estava apaixonada por ele e que precisava de um tempo, certo? Ele tinha bom senso. Ele não faria isso. A única pessoa que eu sabia que estaria presente, além de mim e do James, era o Alex. James nunca mencionou a Verônica.

Tentei ouvir com mais atenção, mas eles não estavam falando alto o suficiente para eu entender as palavras. Eu estava preocupada, mas James era sensato, não era? Ele não iria convidar a Verônica. Não naquela noite

pelo menos. Inclusive, naquela época ele estava sendo muito cuidadoso sobre esse assunto, não estava? Então voltei ao que eu estava fazendo.

Eu estava tirando a toalha da cabeça quando ouvi Alex chegar e pouco tempo depois, ele bateu na minha porta.

- Oli?

- Pode entrar, Alex.

Eu fui até a sala e o vi entrando com um sorriso, mas que durou pouco.

- O que foi? - eu perguntei, preocupada.

Alex suspirou.

- Eu só vim avisar que a Verônica está no James e vai jantar com a gente - ele disse.

- Não pode ser - eu me ouvi dizendo, mas não me sentia como eu mesma. Nem reconheci a minha própria voz.

De repente eu estava tão brava, meu coração estava batendo tão rápido, que parecia que eu nem era mais eu mesma. Eu nunca havia me sentido daquele jeito. Nem mesmo naquele dia que ele me disse que eu era apenas algo do passado. Eu não sabia que era possível, mas eu estava com mais raiva do que naquele dia.

- Pois é. Eu vim avisar para você não ser pega de surpresa - Alex continuou.

- Claro - eu consegui dizer com mais calma. - Obrigada, Alex.

Ele saiu e eu me sentei no sofá por alguns minutos tentando digerir o que estava acontecendo.

Certamente, James tinha várias opções para aquela noite, não tinha? Por exemplo, a) ele poderia ter me avisado que ela viria; b) ele poderia ter cancelado o nosso jantar e ter ido na casa dela; c) ele poderia não tê-la convidado também. E essas eram só algumas possibilidades. Existiam muitas outras.

Ele poderia ter feito muita coisa e decidiu fazer a única que com certeza absoluta me magoaria e agora ele não tinha mais a desculpa de não saber o que eu sentia porque eu contei para ele 24 horas antes. Ele sabia. E mesmo assim decidiu agir do pior jeito possível.

Eu não queria que ele parasse de viver por causa de mim, obviamente, mas pelo menos naquela noite ele poderia fazer um esforço e um sacrifício e uma vez na vida me dar o que eu tanto queria: respeito.

Por que ele não podia me dar isso? No que ele estava pensando?

De impulso, eu me levantei do sofá, abri a minha porta e gritei:

- James!

Minha voz ecoou no corredor e se existisse espaço para outra emoção dentro de mim além de raiva, eu teria me surpreendido com o som.

James abriu a porta dele e me olhou assustado.

- O que foi?

- Venha aqui - eu disse, ríspida.

- Eu só estou terminando...

- Agora - eu o interrompi.

- Ok - ele fechou sua porta e eu entrei no meu apartamento e esperei de braços cruzados.

- O que aconteceu? - ele perguntou assim que entrou.

- O que eu sou para você? - eu perguntei sem hesitar. Eu não tinha um plano para aquele confronto. As palavras foram simplesmente saindo.

- O quê? - ele parecia confuso e eu não acreditava que ele não via qual era o problema.

- O que eu sou para você? - eu repeti. - Uma vizinha? Uma amiga? Uma coisa que só atrapalha a sua vida e que você desejava que não existisse?

- Meu Deus, Oli. Da onde está vindo isso? - ele disse na defensiva. Seus olhos se tornaram distantes e sua expressão ficou vazia.

- Responda a pergunta.

- É claro que você é minha amiga - ele disse, mas seu tom frio não combinava com as palavras.

- É mesmo? Porque não é isso que parece.

- Do que você está falando? Que conversa é essa?

Como é que ele podia ser tão... idiota?

- Eu estou falando do que você está fazendo. Você não vê nenhum problema em chamar a Verônica para jantar com a gente logo depois do que eu contei para você? - eu disse e senti algumas lágrimas ameaçando encher meus olhos, mas eu lutei contra elas. Eu não iria chorar. Não na frente do James.

- Você disse que queria um tempo - ele disse com calma, mas eu vi que ele estava se esforçando para soar assim.

- Sim! Um tempo de você. Um tempo disso tudo!

- Ah não, Oli - ele suspirou e fechou os olhos por um instante para se acalmar. Quando ele os abriu, eles estavam mais vazios do que nunca. -

Essa conversa de novo não. Eu estou ficando irritado e não quero ser grosso com você.

- O quê? Por que você seria grosso comigo? - eu perguntei e dessa vez não consegui engolir as lágrimas. Elas encheram os meus olhos e começaram a escorrer antes que eu pudesse impedir. - Você não tem o direito de estar bravo comigo. Eu não fiz nada de errado!

- Eu não gosto de ver você chorar - ele balançou a cabeça, ainda com os olhos vazios, e se virou para a porta. - Então eu vou embora e a gente conversa quando você se acalmar.

Eu senti meu queixo cair. Eu estava indignada.

- Eu estou aqui falando e mostrando para você que estou magoada e você vai embora? - eu soluzei no final e as lágrimas começaram a cair mais rapidamente.

- Você pediu um tempo e agora... - ele respirou fundo, nitidamente tentando manter a calma - sou eu que preciso de um tempo.

Eu o encarei em silêncio sem saber o que dizer. O que estava acontecendo?

James devolveu o meu olhar, mas seus olhos continuavam completamente vazios. Eu lembrei que achava que era porque ele escondia muito bem o que sentia, mas naquele momento, ouvindo suas palavras e vendo a frieza no seu rosto, considerei outra possibilidade: seus olhos estavam vazios porque não havia nada lá dentro. Ele não estava escondendo nada porque não havia nada para esconder.

Então naquele momento eu soube que ele não sentia absolutamente nada por mim, nem amizade. Eu realmente era apenas algo do passado e que atrapalhava a vida dele.

- Você nunca foi meu amigo, foi? - eu me ouvi dizer entre as lágrimas. Eu não sabia por que eu estava falando aquilo, mas as palavras continuaram a sair. - Você se aproximou de mim só porque tinha segundas intenções e depois quando conseguiu o que queria, a nossa relação se tornou apenas conveniente para você, não é? Mas no fundo você não se importa. Você já conseguiu o que queria. Eu sou só...

- Oli, isso não faz nem sentido - ele me interrompeu e eu podia ouvir seu esforço para não erguer a voz. - Se fosse assim, por que eu teria continuado a vir aqui e passar tempo com você?

Eu abri a boca para responder, mas só um soluço saiu.

- Não consigo conversar assim - ele disse. - Se acalme e depois a gente conversa. Não quero ver você chorar.

Então ele simplesmente se virou para a porta e saiu.

Quando a porta fechou, eu me sentei no sofá e não sabia nem mais por que eu estava chorando. Se era porque eu havia me arrependido de ter aberto a boca e reclamado, ou porque eu nunca havia sido tão rejeitada assim na vida, ou por causa da frieza do James ou por causa da realização de que ele realmente não sentia absolutamente nada por mim. Eu não sabia o que doía mais e até hoje não sei.

30.

Londres, Inglaterra

- Você tem certeza de que se mudar é a melhor opção, Oli? - Geórgia me perguntou no telefone.

Eu joguei mais um par de sapatos dentro da mala e suspirei.

- Você sabia que todo o tempo que ele passava comigo agora ele tem passado com a Verônica? Ela está aqui no jantar todo o dia depois daquela nossa briga. Cruzo com ela no corredor nas manhãs de sábado e ouço os dois dando risada e fazendo outras coisas no apartamento dele o final de semana inteiro. Às vezes eu acho que ele está fazendo isso de propósito. Por que ela quase nunca estava aqui antes? E ela não tem uma casa? Eles não podem ir na casa dela pelo menos uma vez? E, tecnicamente, meu apartamento é a casa dela, então se eu me mudar é ela quem vai morar aqui. James iria adorar. E não pode ser coincidência. Ele está me torturando de propósito.

- Eu não sabia disso - Geórgia disse com decepção. - Mas eu concordo com você. Não é coincidência.

- O problema é que eu não sei nem por que ele acha que tem que se vingar de mim. Eu não sei o que foi que eu fiz de tão grave para ele reagir desse jeito - eu disse e precisei segurar as lágrimas, que nem eram mais de tristeza, e sim de raiva.

Aliás, eu nem sabia por que exatamente eu estava tão brava porque as possibilidades eram várias: 1) por ele ter sido insensível? 2) por ele estar tentando se vingar de mim de uma maneira infantil? 3) por ele estar tentando se vingar de mim sendo que eu nem fiz nada de errado? 4) por eu ter confiado e achado que ele seria compreensível e me permitido ser vulnerável? 5) por ele ter me feito acreditar que nós éramos amigos e depois me descartado como se eu não fosse nada?

Enfim, como eu disse, eram várias possibilidades e talvez eu estivesse tão brava e magoada daquela forma porque eu estava tentando processar

todas.

- Ele é só um idiota, Oli. Isso não quer dizer nada sobre você - Geórgia tentou me confortar. - Eu só fico pensando que o apartamento é seu, sabe? É a sua casa. Você está tão acomodada já. Não é justo que ele expulse você assim.

- Não é justo mesmo - eu concordei e me sentei na cama, exausta de tanto enfiar minhas roupas e sapatos em malas. Eu não sabia por que eu tinha tanta coisa. - Mas eu não aguento mais. Eu tentei e não dá. Se eu ficar aqui mais um dia, eu vou ficar louca ou vou acabar presa por agressão.

- Ah, Oli. Eu nem imagino como deva ser difícil para você, então se você acha que é melhor se mudar, eu apoio - Geórgia disse. - Mas talvez você devesse passar primeiro só alguns dias longe. Já ajudaria bastante.

- Eu vou ficar alguns dias na casa da Sarah primeiro e enquanto isso penso se procuro outro lugar ou se volto para cá.

- Perfeito - Geórgia concordou. - Não tome decisões do jeito que você está. Quando você me ligou semana passada logo depois do que aconteceu... - ela pausou e suspirou. - Eu nunca tinha ouvido você daquele jeito, Oli. Eu fiquei preocupada. Você parece melhor hoje, mas tenho medo que você se precipite e se arrependa. Dê um tempo, respire e depois decida.

- Obrigada, Geórgia - eu disse, sentindo meu coração aquecer um pouco com a preocupação óbvia na voz dela. - Eu preciso me acalmar antes.

- Sim. E talvez ele peça desculpas.

Eu dei risada.

- Eu não contaria com isso. Já cruzei com ele no corredor e ele nem olha para mim. Ele age como se eu fosse a culpada.

- Não pode ser - Geórgia soou indignada. - Eu não entendo.

- Nem eu - eu disse e ouvi James e Verônica entrando no apartamento ao lado. - Geórgia eu tenho que ir. Ele chegou em casa e eu vou aproveitar para sair porque assim garanto que não vou cruzar com ele no corredor.

- Tudo bem, Oli. Me mantenha informada, ok? - ela pediu.

- Claro - eu prometi e desliguei o celular no mesmo movimento que me levantei.

Peguei minha mochila pesada para passar algumas noites na casa da Sarah. Depois se eu decidisse me mudar de verdade, eu terminaria de arrumar minhas coisas.

Eu saí silenciosamente do meu apartamento rezando para que nem James nem Verônica resolvesse sair por qualquer motivo. Eu implorei para

o universo me dar esse presente e ele me deu. Consegui sair sem ser vista.

Sarah morava em um prédio em frente à estação de metrô *Elephant and Castle*, mas eu fui de ônibus porque quando o dia estava bonito eu achava um desperdício ficar embaixo da terra.

- Oli! Você chegou na hora certa - Sarah me recebeu animada quando abriu a porta para mim. - Acabei de fazer chá e comprei um bolo no caminho para casa.

- Perfeito - eu disse e deixei minha mochila no sofá da sala.

- Você não se importa de dormir no sofá mesmo? - ela perguntou enquanto eu ia até o banheiro lavar as mãos.

- Nem um pouco - eu a assegurei.

- Você já se decidiu se vai se mudar mesmo? - ela me perguntou quando eu voltei para a sala.

Eu dei de ombros.

- Vou deixar o tempo decidir por mim.

- Se você quiser a minha opinião - ela disse enquanto servia chá em duas xícaras para nós. - Eu acho que você não deveria se mudar. Não é certo você sair do seu apartamento por causa dele.

- A Geórgia me disse a mesma coisa - eu disse quando nos sentamos na mesa.

- Viu só? - ela sorriu e assoprou seu chá antes de beber um gole. - Mas sabe o que mais eu acho?

- O quê? - eu perguntei com cautela quando notei seu olhar animado.

- Não é outro encontro com um cara doido com 3 empregos e que vai dizer que os meus braços são gordinhos, é?

Sarah mordeu o lábio.

- Não precisa ser doido, mas eu acho que você deveria levar alguém para casa e garantir que o James soubesse. Seria uma ótima vingança. Ele não está esfregando a outra na sua cara? Faça a mesma coisa com ele, mas de um jeito muito pior, é claro - ela sorriu e me olhou por cima da sua xícara enquanto bebia outro gole.

Eu abaixei os olhos para a minha xícara na mesa, considerando a sugestão. Para ser sincera, essa ideia da Sarah foi a minha ideia inicial, mas eu desisti dela porque me mudar parecia mais fácil. Acredite se quiser.

- Você também pensa assim, não pensa? - Sarah disse quando eu não respondi e eu bebi um gole grande de chá para ganhar tempo.

- Não é a pior ideia que você já teve - eu admiti por fim.

- Então o que você está esperando? Pegue seu celular. Vamos escolher alguém - ela disse animada.

Eu hesitei por alguns segundos, mas eventualmente peguei meu celular da bolsa. Enquanto eu rolava a tela pelos meus contatos, eu me senti quase como num sonho, como se nada daquilo fosse real porque nunca na minha vida eu havia me imaginado numa situação daquela. Eu não me senti como eu mesma naquele momento, mas rapidamente afastei essa sensação porque a vontade de me vingar do James era muito maior.

- E o Thomas? - Sarah perguntou.

- Ele está namorando agora, lembra?

- Ah, é verdade. E aquele cara do aplicativo com quem você saiu um tempo atrás? - ela sugeriu.

Eu encontrei o contato dele e pensei por um momento. Ele era um cara bem normal. Talvez até normal demais, mas eu não consegui pensar em nada negativo o suficiente para recusar a sugestão.

Então nos próximos 10 minutos, Sarah me ajudou a conversar com ele e conseguimos combinar um dia para que ele fosse jantar comigo em casa. Eu odiava ter que admitir, mas eu já me sentia um pouco melhor só de pensar que eu faria aquilo.



Passei o resto da semana na casa da Sarah e foi incrível como eu relaxei. Aos poucos eu fui me sentindo mais como eu mesma e meu humor melhorou completamente. Até os dias pareciam mais bonitos, embora a maioria deles continuasse nublado.

E isso tudo foi prova de que a solução dos meus problemas com o James era ficar longe dele. Então eu comecei a procurar outros lugares para morar, mas não tinha como pagar por eles, a não ser que pedisse dinheiro emprestado para os meus pais, mas isso estava fora de cogitação. Eu não queria pedir dinheiro para eles por causa do meu orgulho, mas principalmente porque eu teria que contar a verdade para eles sobre o motivo da minha mudança e eu não queria fazer isso. Minha outra opção era mentir, mas só de pensar nisso me deixava cansada e estragava meu humor.

Então eu teria que continuar sendo vizinha do James, mas considerando que eu só tinha mais alguns meses em Londres, imaginei que

se eu calculasse bem o tempo que eu passaria perto dele, eu conseguiria dar conta.

Quando voltei para casa no final de semana cruzei com ele na escada. Ele olhou para mim por uma fração de segundo e continuou descendo sem nem forçar um sorriso. Era como se eu não existisse mesmo e eu não conseguia acreditar que ele estava agindo daquela forma. Pior: ele não parecia precisar se esforçar para ignorar a minha existência, mas pelo menos as palavras dele voltaram a combinar com as suas atitudes. Eu realmente era só algo do passado e que atrapalhava a vida dele.

Meu coração se despedaçou naquele momento. Eu terminei de subir os degraus até o meu apartamento sem entender como é que algo que havia começado de uma maneira tão bonita, tão simples, tão natural, havia terminado daquele jeito.

Quando entrei em casa, peguei meu celular porque aquele era o dia que eu havia combinado de jantar com o cara do aplicativo e pela primeira vez na semana eu estava questionando minha decisão.

James de fato estava sendo injusto comigo, mas será que me vingar desse jeito era a solução? Não era melhor apenas agir com tanta indiferença quanto ele?

Aliás, eu não era aquela pessoa que se vingava de uma maneira tão infantil. E se James pouco se importava com o que eu fazia ou deixava de fazer, por que ele iria se importar com essa vingança? Se ele se importasse, ele já teria ido conversar comigo depois de me deixar chorando sozinha - ou nem teria me deixado chorando sozinha.

Então por que eu estava querendo provar algo para ele? Ele não iria se importar. Ele provavelmente nem notaria.

E se eu estivesse ligando os pontos adequadamente, isso geraria outra vingança da parte dele. Eu estava começando a notar o padrão: sempre que eu expressava meus sentimentos ou agia de forma inesperada - para ele pelo menos - ele respondia de alguma forma. Eu estava com a suspeita de que ele era o tipo de pessoa que sempre precisava estar no controle ou sair por cima e, por isso, nunca me deixaria ganhar.

Então, ao invés de pegar o celular para confirmar o jantar da noite com o cara do aplicativo - cujo nome eu vivia esquecendo - eu decidi cancelar. Ele respondeu com um simples “ok” e eu me senti um pouco mais leve. A Sarah iria querer me matar depois, mas tudo bem.

Fiquei sentada na minha cama segurando meu celular por mais alguns minutos pensando no que eu iria fazer enquanto ouvia o trânsito e a chuva lá fora.

Repentinamente, o celular vibrou na minha mão e eu me assustei. Era uma mensagem da minha mãe. Ela queria a minha opinião sobre um funcionário do restaurante, então eu liguei para ela e nós conversamos por um tempo.

Quando estávamos prestes a desligar, eu resolvi arriscar.

- Mãe, eu posso pedir um conselho? - eu pedi.

- Claro, querida.

- É... um amigo - eu não queria dizer que era o James porque ela gostava dele e eu também não queria que ela se preocupasse com o fato de que eu era vizinha dele. - Ele tem agido como se não se importasse. Quebrando combinados e essas coisas, sabe?

- Entendo. É alguém em quem você não pode confiar.

- Isso - eu concordei. - O problema é que eu o vejo quase todo dia e é um pouco difícil ignorá-lo. A situação não está legal, então eu queria fazer algo, mas não sei o quê.

- Fazer algo para voltar a ser amiga dele ou acabar tudo de vez?

- Qualquer coisa - eu murmurei, tentando não demonstrar o verdadeiro desespero na minha voz. - Qualquer coisa que funcione.

- Querida, na minha opinião, se é alguém que está magoando você a ponto de você estar sofrendo desse jeito, então é alguém que não merece estar na sua vida - ela disse com calma. - Mas se você precisar manter algum tipo de relação com ele por causa da situação em que você estão, o melhor é ser madura e deixar isso para lá, principalmente se você não pode confiar nele.

- Então eu só finjo que nada aconteceu?

- Sim. Uma pessoa não confiável simplesmente não é confiável. Não há nada que você possa fazer sobre isso. A melhor vingança é ser a melhor pessoa que você puder ser - ela explicou. - Assim, quando a vida seguir e vocês não tiverem mais que conviver, ele não terá uma única palavra para dizer contra você.

Eu encarei a chuva lá fora e pensei nisso por um momento. Eu já havia imaginado que essa seria a solução, mas achava que eu tinha outra opção.

- A não ser que ele tenha feito algo além de quebrar os seus combinados - ela continuou, e pela tensão na voz dela eu percebi que ela queria saber se eu havia sofrido algo mais sério.

- Não, mãe. Relaxa - eu a tranquilizei. - Eu só estou cansada da desconsideração dele.

- Bem, nesse caso se afaste, mas seja educada e, assim, ele nunca vai poder falar mal de você - ela disse. - É a melhor coisa que você pode fazer.

Eu respirei fundo porque estava ligeiramente decepcionada. Eu queria outra solução, algo mais objetivo e com um resultado mais imediato do que simplesmente agir como se eu não me importasse, mas sabia que ela estava certa. Fazia sentido ser uma pessoa madura e civilizada e só ignorar, até porque quantas vezes eu já havia tentado resolver as coisas com o James conversando e fracassei? Muitas. Era impossível conversar com ele. Então o que mais eu poderia fazer?

Eu queria perguntar para a minha mãe como eu iria agir como a pessoa madura e civilizada, mas achei que não teria como fazer isso sem admitir que o amigo em questão era o James.

- Você vai ficar bem, Oli? - ela perguntou

- Claro, mãe. Não se preocupe. Obrigada.

- Ok. Eu amo você.

- Eu amo você também, mãe.

Depois de falar com ela, arrumei meu quarto e tirei as roupas da mala, me convencendo de que iria ficar ali por mais alguns meses.

Eu não sabia como - nem se conseguiria - ser essa pessoa madura que a minha mãe sugeriu que eu fosse, mas sabia que isso não envolveria pedir desculpas para o James. Pedir desculpa pelo quê? Eu não fiz nada de errado.

Fui tomar banho pensando nisso e me sentindo um pouco manipuladora e falsa por considerar fingir que estava tudo bem, quando, na verdade, estava tudo uma porcaria.

Mas a vida é assim às vezes, não é? Você coloca um sorriso no rosto ao invés de falar todos os palavrões que você conhece.

Conversar com o James não era uma opção porque ele obviamente não estava aberto a considerar que ele estava sendo injusto e egoísta. Então, realmente, minha única opção era fingir. Disfarçar.

Eu nunca deveria ter aberto a boca. *Eu gosto de você e preciso de um tempo para pensar...*

Por que eu fui falar isso? Eu deveria ter ficado quieta. Como sempre.

Não sei quanto tempo eu passei no banho, mas quando percebi já estava enrolando a toalha no cabelo molhado e quando ergui a cabeça e vi meu reflexo no espelho meio embaçado não consegui conter um suspiro de resignação. Eu não podia voltar no tempo e me mandar ficar de boca fechada. Então agora eu tinha que lidar com o que eu havia feito.

Eu teria que ignorá-lo mesmo e fingir que nada nunca aconteceu entre nós. Seria dolorido no começo, mas com o passar do tempo tudo se tornaria mais fácil até, eventualmente, eu precisar ir embora. Depois disso, ele seria só algo do passado e eu nunca mais teria que lidar com ele. Eu só precisava ser paciente.

Terminei de organizar meu apartamento depois de uma semana fora e também tirei o lixo. Na volta, quando eu estava subindo as escadas, encontrei James saindo do apartamento dele. Eu nem havia o ouvido chegar e ele já estava saindo de novo. Era muito estranho não saber onde ele estava indo e eu não gostava disso. Eu não gostava do fato de que depois de tudo que nós passamos, ele havia se transformado num estranho.

Então quando ele passou por mim, eu não consegui me conter e disse:
- James.

Eu não sabia o que eu iria dizer, mas era um alívio poder falar o nome dele.

Ele se virou para mim com uma expressão reservada.

Eu lambi os lábios e engoli em seco.

- Eu sei que você está saindo, mas você pode conversar um pouco?

- Posso - ele disse simplesmente e subiu os degraus que havia descido. Sua expressão ainda estava cuidadosa, mas não intimidadora, nem arrogante, como naquele dia horrível que eu nem gostava de lembrar.

Eu demorei para falar de novo, mas ele esperou pacientemente. Eu não podia voltar no tempo e retirar o que eu disse, mas eu poderia pedir para ele ignorar tudo aquilo, não poderia?

- Então, sobre o que eu falei naquele dia - eu não detalhei porque sabia que ele sabia do que eu estava falando, então não tinha por que reviver aquele momento ridículo. - Será que você podia fingir que eu não falei nada daquilo? Eu estava confusa e estressada.

Então, James fez algo que eu jamais teria imaginado - quando foi que ele fez algo que eu esperava? Sua expressão mudou imediatamente. Seu rosto relaxou e seus olhos quase brilharam. Eu tentei não me sentir ofendida com a reação dele.

- Mesmo? - ele checou.

- Sim.

- Por mim tudo bem - ele disse com um sorriso pequeno.

- Ok, então - eu estendi uma mão para ele num sinal de paz.

James sorriu mais e apertou a minha mão.

- Combinado - ele disse.

- Combinado - eu repeti e soltei a mão dele, sem saber exatamente o que sentir ainda.

- Então está tudo bem entre nós? - ele perguntou.

Não.

- Sim - eu menti.

Eu não fazia ideia do que eu estava fazendo, mas sabia que a minha relação com ele dali para frente seria baseada em mentiras. Se bem que, pensando bem, sempre foi assim.

James sorriu de novo e seu celular vibrou. Ele checou a tela.

- Eu tenho que ir agora, Oli, mas amanhã podemos almoçar e você me conta onde esteve a semana toda - ele disse naturalmente.

- Certo - eu disse de maneira não sincera. Como ele conseguia agir com tanta naturalidade já? Ele não podia ser normal.

James saiu e eu fui para o meu apartamento com os pensamentos correndo de um lado para o outro na minha cabeça. Eu não sabia o que pensar, muito menos o que sentir.

Nada na minha vida havia sido tão desafiador quanto o que eu estava passando naquele momento. Nenhuma prova da escola ou da faculdade havia me deixado com um ponto de interrogação tão grande na cabeça quanto James agindo como se nada tivesse acontecido de um segundo para o outro simplesmente porque eu pedi para ele esquecer o que eu havia dito. Quem é que consegue fazer isso? Ele definitivamente não era normal.

Mas nada havia me acertado tão forte - nem todas as boladas de basquete que já levei na cara nas aulas de educação física na escola - quanto os olhos do James quase brilhando quando eu pedi para ele esquecer que eu gostava dele. Se aquilo não era rejeição, então eu esperava nunca descobrir o que era.

Porém, a reação dele me mostrou que eu não precisava me preocupar com os sentimentos dele, já que ele nitidamente não se importava com os meus. E por que eu iria gostar de alguém que não se importava com os

meus sentimentos? Na verdade, embora tenha me machucado, a reação dele tornou tudo mais simples e fácil para mim.

Eu não precisaria mais ser amiga dele. Eu só precisaria sorrir e bater papo de vez em quando. Não seria difícil.

31.

Toronto, Canadá

Faz quase uma semana daquela ligação para o James. Os primeiros dias foram os mais difíceis porque eu precisava ficar me lembrando por que eu fiz aquilo e por que era importante que eu continuasse determinada a continuar em frente sem ele. Por isso, foquei na pior memória que tenho com o ele que é do dia que eu o confrontei sobre ele ter convidado a Verônica para ter ido jantar com a gente e ele me deixou sozinha chorando. Eu nunca chorei no meio de uma briga, então se isso aconteceu foi porque eu realmente cheguei no meu limite. Eu achava que a pior memória que eu tinha com o ele era do meu aniversário quando ele beijou a Verônica na minha frente, mas não era.

Então eu estive pensando muito sobre aquele momento horroroso em que eu estava chorando e James simplesmente foi embora. Quem é que faz isso? Quem tem a frieza e a insensibilidade para simplesmente virar as costas e sair? Talvez algumas pessoas façam isso com facilidade, mas não James, não o cara que cuidou de mim quando eu fiquei doente sem eu precisar pedir, que cozinhou para mim tantas vezes, que sempre foi tão atencioso e gentil... Como era possível ele ser duas pessoas totalmente opostas? E o que foi aquilo de parecer mais alegre quando eu pedi para ele esquecer que eu disse que gostava dele?

Eu não entendi e continuo não entendendo. Fui eu que ultrapassei algum limite que eu não sabia que existia? Ou eventualmente ele agiria como agiu independentemente do que eu fizesse? Eu não sei.

Mas acho que não importa mais e eu já decidi que não vou mais me culpar pelo que aconteceu. Eu fiz o que eu fiz e ponto final. O que importa é que só agora eu percebo o quão cruel ele foi comigo naquele dia e como ele nunca me respeitou. Se ele tivesse o mínimo de respeito por mim, ele teria ao menos me ouvido naquele dia, não teria? Mas ele nem se deu ao trabalho. Ele só saiu e fingiu que nada estava acontecendo.

Meu Deus, por que nós só percebemos a nossa estupidez tarde demais? Só de pensar que mesmo depois disso eu o aceitei de novo na minha vida me dá vontade de voltar no tempo, me chacoalhar pelos ombros e gritar: “Você é burra? Por quê? O cara acabou de esfregar na sua cara que não se importa nem um pouco com você e você vai simplesmente deixar que ele volte?!”

É verdade que a nossa relação mudou completamente depois daquilo. Eu comecei a aprender como ele funcionava, mas hoje eu vejo que não foi o suficiente.

Mas fazer o quê? Não posso voltar no tempo. O que eu posso fazer é agora continuar focada em manter a porta para ele fechada, já que ele provou repetidas vezes que não respeita meus limites. Não basta deixar a porta apenas encostada. Ela precisa estar fechada e trancada para ele não se aproveitar de mim.

Então é isso que eu estou fazendo e conforme os dias passam tem ficado mais fácil porque eu estou percebendo o quão livre e leve eu estou me sentindo. Mesmo longe, eu ainda precisava tomar cuidado com tudo que eu falava para o James para não haver discussão e, conseqüentemente, uma briga que com certeza terminaria comigo magoada e pedindo desculpa para amenizar o clima, mas agora eu não preciso mais me preocupar com isso. Quando meu celular vibra, eu não me preocupo mais em ser uma mensagem esquisita do James que vai me desequilibrar ou me deixar nervosa e ansiosa.

Conseqüentemente, toda a minha vida tem ficado mais fácil. Eu nem preciso mais ficar inventando atividades - tipo cozinhar bolos - para me distrair. Minha mãe chegou a ficar ligeiramente preocupada alguns dias atrás quando eu fiz 3 bolos num mesmo dia e começou a discretamente me pedir favores. Eu sabia que ela estava apenas me dando coisas para fazer para que eu não ficasse em casa, mas não questionei porque no fundo eu estava grata, por mais que ela apenas me pedisse para ir até o banco ou checar um pedido com um fornecedor, que foi o que eu fiz hoje.

Chego em casa no final da tarde, tiro os sapatos e estou no caminho para o banheiro para tomar banho quando vejo a tela do meu celular brilhando na mesa. Eu checo rapidamente sem muito interesse, mas quando vejo o nome no topo da mensagem, preciso parar.

É o Eduardo, o cara do restaurante que eu achei que não daria mais sinal de vida.

Oi, Olívia. Sinto muito por não ter entrado em contato antes, mas eu estive muito ocupado e quis ficar com mais tempo livre para poder convidar você para sair.

Espero que não seja tarde demais. Você está livre nesse final de semana?

Minha primeira reação é duvidar da justificava dele, mas o sorriso que se forma no meu rosto sem o meu controle silencia essa voz chata no fundo da minha mente me dizendo para ignorar a mensagem.

Talvez ele estivesse mesmo ocupado e talvez não, mas o que eu posso fazer agora é dar o benefício da dúvida para ele. E não é como se eu fosse me casar com o cara. É só um encontro e eu quero ir, o que é algo raro. Então eu aceito o convite dele e não consigo conter a sensação de que isso é quase como um brinde por eu finalmente ter conseguido me desfazer do James. Talvez agora que eu estou segura e tranquila com essa decisão, eu estou mais aberta a outras opções. De qualquer forma, eu estou otimista e isso é o suficiente por agora.

Ele responde minha mensagem poucos minutos depois:

Ótimo! Sábado às 19?

Perfeito ☺

△△△

Durante o resto da semana eu converso com o Eduardo por mensagens, o que tem sido ótimo para conhecê-lo um pouco melhor. Eu já sabia que ele era piloto de avião, mas nos últimos dias eu descobri que ele é piloto particular e trabalha para um empresário canadense, que eu não faço a ideia de quem seja, mas achei chique e interessante mesmo assim. Eu nunca saí com um piloto antes e tenho uma lista de perguntas que eu quero fazer, mas decidi esperar para fazê-las pessoalmente.

Eu descobri também que ele se formou na faculdade de Direito, mas apenas para agradar os pais, então nunca exerceu a profissão. Porém, a informação mais importante que eu consegui coletar nesses dias foi o fato de que ele não fez nenhum comentário de conotação sexual durante as nossas conversas. Eu fiquei surpresa e muito aliviada. Hoje em dia você

conversa 2 vezes com um homem e na terceira ele já acha que pode começar a falar sobre sexo com você e, de repente, ele só sabe falar sobre isso. É decepcionante.

Mas o Eduardo não fez nenhum tipo de insinuação nesse sentido até agora e eu estou pulando de alegria por dentro. Depois de uma certa idade, seus padrões não são mais do tipo “eu espero que ele faça/seja tal coisa” e passam a ser “eu só espero que ele não faça/seja tal coisa.”

Então quando eu termino de me arrumar, me encaro no espelho por um momento e respiro fundo para me controlar. Eu não posso parecer muito animada desde o começo.

Meu celular vibra na mesa e eu vou checar. Quando vejo a mensagem do Eduardo, sorrio para mim mesma.

Pego minha bolsa e desço as escadas ao mesmo tempo que digito uma mensagem para a Geórgia dizendo que ele chegou e que estou saindo de casa.

Normalmente, eu iria com o meu próprio carro para ter como fugir depois caso ele demonstrasse ser um doido ou só chato mesmo, mas por alguma razão, quando o Eduardo se ofereceu para vir me buscar em casa, eu aceitei. Mesmo assim, eu vou manter a Geórgia informada porque caso ele seja mesmo um doido e eu desapareça.

Abro a porta da frente de casa e o vejo na rua encostado no seu carro. Assim que ele me vê, ele se afasta do carro e sorri para mim.

- Oi - eu digo com um sorriso maior do que eu havia planejado.

- Oi - ele diz, me dá um beijo no rosto e abre a porta do carro para mim. Eu fico parada no lugar por alguns segundos, chocada com a atitude dele, mas logo em seguida finjo naturalidade e entro no carro.

Eu o observo dar a volta no carro até o lado do motorista e tenho que admitir que ele é mesmo muito bonito.

- Então, aonde nós vamos? - eu pergunto quando ele entra no carro.

- Um restaurante italiano - ele diz. - Mas confesso que é um pouco intimidador escolher um bom restaurante para levar alguém que entende do assunto.

Ele se vira para mim e dá um sorriso pequeno, mas eu consigo ver que ele está genuinamente preocupado com a minha opinião.

- É a minha mãe que entende do assunto - eu tento tranquilizá-lo. - Eu só fico no caixa e organizo os funcionários de vez em quando.

- Ufa! - ele suspira aliviado e eu dou risada.

Nós ficamos em silêncio por alguns minutos, mas não é estranho. É muito confortável, para ser sincera. Enquanto isso eu aproveito para admirar a cidade pela janela.

Ele faz mais perguntas sobre o restaurante da minha mãe e sobre as minhas pesquisas e quando chegamos no restaurante, eu estou o enchendo de perguntas sobre aviões.

- Eu ouvi dizer que para entrar numa turbulência o piloto precisa desacelerar o avião, mas em alguns voos que eu já fiz, o piloto nitidamente acelerou. Por quê? - eu pergunto enquanto andamos até a porta do restaurante.

- Na verdade, cada avião tem uma velocidade ideal para entrar numa zona de turbulência. Se ele estiver abaixo da velocidade, o piloto precisa acelerar. Caso contrário, ele desacelera - ele explica.

- Ah. Faz sentido - eu digo e observo enquanto ele pede uma mesa para o garçom que nos recebe. Ele é educado com o garçom e de instinto eu penso qual deve ser o defeito dele porque até agora ele só demonstrou muitas qualidades, mas rapidamente expulso esses pensamentos.

Talvez ele seja um dos bons mesmo. Talvez eu finalmente tenha dado sorte.

Vamos até a mesa e ele puxa a minha cadeira para eu me sentar e nessa altura eu acho que meu sorriso está colado permanentemente no meu rosto.

- E é verdade que é mais difícil um avião cair no meio de uma turbulência do que na aterrissagem ou na decolagem? - eu pergunto quando ele se senta.

- Sim. Quando o avião cai por causa de uma turbulência provavelmente é porque o piloto não estava bem treinado - ele diz. - Na maior parte do voo, o avião está no piloto automático, mas os procedimentos de aterrissagem e decolagem estão na mão do piloto, então por esse lado também é mais provável que ocorra uma falha humana do que uma no avião enquanto ele está no piloto automático.

- Eu não sabia que o avião ficava no automático - eu digo.

- Na maior parte do tempo sim, mas isso também depende do piloto porque nós temos que cumprir um determinado número de horas voando sem o piloto automático. Então se você estiver num voo em que o piloto precise cumprir essas horas, é bem provável que ele faça o voo inteiro sem o automático.

Ele continua me explicando sobre os treinamentos que eles fazem e eu ouço com atenção e interesse. Eu não sei isso é porque eu estou descobrindo meu interesse por aviões ou se é porque ele fala sobre o assunto com animação e óbvia paixão.

Mas o que realmente interessa é que a conversa flui naturalmente durante o jantar e ele não me pergunta se eu uso drogas nem me acusa de esfregar meus seios nele e muito menos diz que meus braços são gordinhos. Esse encontro é um sucesso completo até agora. Tudo bem que meus padrões de comparação não são muito altos, mas mesmo assim.

O restaurante começa a ficar cheio demais e nós decidimos ir embora, mas enquanto vamos até o carro, Eduardo diz:

- Está cedo ainda. Você quer ir para outro lugar ou quer ir para casa?

- Vamos para outro lugar - eu digo sem precisar pensar. Eu não estou pronta para deixar esse encontro acabar ainda.

- Perfeito - ele diz com um sorriso.

Ele caminha comigo até o lado do passageiro do carro e eu não entendo o que ele está fazendo até que ele abre a porta para mim. Se ele continuar assim, eu vou ficar muito mal acostumada.

- Obrigada - eu digo e entro no carro.

Enquanto ele dá a volta no carro, eu aproveito para enviar uma mensagem para a Geórgia para avisar que está tudo certo para ela não ficar preocupada.

- Eu conheço alguns bares aqui perto. Vamos dar uma olhada e você decide onde quer ficar - ele sugere quando entra no lado do motorista.

- Tudo bem.

Ele sai do estacionamento do restaurante e em pouco tempo nós estamos em uma rua com vários bares, mas é claro que todos eles estão lotados. Provavelmente nenhum deles tem lugar para se sentar mais.

Eu analiso as filas de pessoas amontoadas e de repente me dá preguiça. Nós deveríamos ter ficado no restaurante. Pelo menos lá nós estávamos sentados e conseguíamos ouvir o que o outro falava. Não nasci para ficar no meio de tumultos.

- O que você acha? - Eduardo pergunta, desacelerando o carro para que possamos analisar os bares com calma.

- Hm - eu murmuro vagamente.

Eu não sei o que dizer porque a pior parte de sair com alguém novo é fingir que eu adoro sair e passar noites inteiras fora de casa. Lembro que

com o James no começo era muito legal, mas foi momentâneo e em pouco tempo eu precisava me forçar para sair com ele porque a energia dele para isso não acabava. Ele não via problema em sair de casa às 10 da noite, mas eu via muitos problemas. Se der 10 horas da noite eu ainda não tiver saído de casa, eu não saio mais. Por isso, acompanhar o ritmo de James foi muito difícil e em pouco tempo eu não aguentava mais.

Lembrar do James me fez perceber que eu não pensei nele a noite toda e mesmo agora que eu estou pensando nele, eu consigo facilmente colocá-lo numa gaveta e fechar sem dificuldade. Ele não é bem vindo nesse encontro, então eu tranco a gaveta onde ele está guardado para garantir que ele não vai sair de lá.

- Todos estão meio cheios, você não acha? - Eduardo diz repentinamente.

- Demais - eu concordo.

- Não deve nem ter lugar para sentar - ele diz, ecoando meus pensamentos. - Eu não suporto lugar cheio, para ser sincero. Prefiro lugares mais calmos com menos gente onde você consegue ouvir o que a outra pessoa está falando.

- É mesmo? - eu digo de impulso. - Que alívio.

Ele dá risada.

- Alívio por quê?

- Porque eu estava pensando a mesma coisa - eu explico. - Não entendo como as pessoas podem gostar de ficar amontoadas desse jeito e gritando para conseguir conversar.

- É um mistério para mim também - ele concorda. - Eu conheço um bar mais afastado que provavelmente não está cheio, mas é muito bom. O que você acha?

- Se eu puder sentar e ouvir o que você fala, para mim está ótimo.

Ele dá risada de novo e acelera, saindo da rua cheia e barulhenta.

Os bares lotados ficam para trás e nós entramos numa parte da cidade que eu não visito com frequência. É uma região mais silenciosa e pouco movimentada.

Eduardo encontra uma vaga para estacionar na rua e quando saímos, ele pega na minha mão e andamos até o bar.

- Já veio aqui? - ele pergunta quando abre a porta para mim.

- Nunca - eu respondo, analisando o ambiente espaçoso, bem decorado e, mais importante do que tudo, quase vazio. Há algumas pessoas

sentadas nas mesas e outras no bar, mas há muitas mesas vazias ainda. Uma banda está tocando uma música suave no palco e todo mundo conversa num tom normal de voz. É o paraíso. É exatamente o tipo de lugar que eu gosto de frequentar.

Será que é cedo demais para querer me casar com o Eduardo? Imagine um relacionamento em que eu não preciso fingir que sou sociável e gosto de sair. Seria realmente o relacionamento perfeito.

Nós pedimos drinques - o dele sem álcool - e enquanto conversamos e bebemos o bar fica mais cheio conforme o tempo passa, mas nada absurdo e nós continuamos conversando sem dificuldade. Naquela conversa eu descubro mais um ponto positivo sobre ele: ele não tem uma ex-namorada recente, o que é uma ótima notícia. Depois do James eu nunca mais me envolvo com homem que acabou de terminar um relacionamento.

Não sei quanto tempo passamos ali, mas eventualmente o ar entrando pela janela fica mais gelado e nós começamos a ficar desconfortáveis com o frio, então decidimos ir embora.

No caminho até a minha casa nós não falamos muito, exceto por alguns comentários sobre a música no rádio ou sobre as poucas pessoas na rua. Para ser sincera, parte de mim está esperando que ele sugira irmos para a casa dele, mas, por um lado, é bom que ele não faça isso porque é melhor irmos com calma, não é?

Ele para o carro na frente da minha casa e eu me viro para me despedir, embora não queira.

- Obrigada pela carona e pelo jantar - eu digo com sinceridade. - Foi muito bom.

- Foi mesmo - ele sorri. - Obrigada você pela companhia.

Eu sorrio também e, em seguida, ele se inclina na minha direção e me beija.

E aqui está - aquele clique que eu estou procurando há muito tempo e que eu achei que só existia com o James. Eu estava errada, felizmente.

O beijo dura mais do que eu esperava - não que eu esteja reclamando - e eu quero muito me aproximar mais dele, mas o espaço limitado me impede.

Eduardo respira fundo, provavelmente frustrado pelo mesmo motivo e quando nos afastamos, ele parece tão surpreso quanto eu com a química entre nós.

Eu desvio meu olhar dele por um instante e noto as janelas embaçadas do carro e dou risada. Ele segue meu olhar e também dá risada.

Então, ele suspira e finalmente pergunta:

- Vamos para a minha casa?

Eu considero a proposta por alguns segundos. Meu lado racional me diz para recusar o convite, mas eu quero ir. Qual é o problema?

- Sim - eu me ouço respondendo.

Ele liga o carro de novo e eu relaxo no banco com a sensação de que o universo está me presenteando por finalmente ter conseguido dar as costas para o James. Acho que é a isso que as pessoas estão se referindo quando dizem que quando a vida te nega algo é porque ela está reservando algo melhor para você.

32.

Toronto, Canadá

Faz duas semanas que eu estou saindo com o Eduardo e a cada dia que passa mais eu tenho certeza de que encontrei um dos bons, finalmente. Por isso, a cada dia que passa, mais eu relaxo, e quanto mais eu relaxo, mais eu consigo curtir e viver o momento.

Então essas últimas semanas têm sido divertidas e libertadoras. Eu acho até divertido ficar deitada na cama com ele à noite ouvindo ele me dizer qual é o modelo de avião que acabou de passar lá fora. Eu não tenho como saber se ele está inventando tudo ou não, mas não me importo. Na primeira vez que ele fez isso pareceu sem querer, um hábito impulsivo que ele tem e eu estranhei, mas logo me acostumei e achei divertido.

Eu também tenho descoberto que ele possui todos os pré-requisitos dos quais eu já havia aberto mão há muito tempo - e ainda veio com alguns extras, como por exemplo: ele é quase totalmente caseiro, cavalheiro (ele não precisa abrir a porta do carro para mim porque eu não sou tão tradicional assim, mas já que ele faz isso, eu é que não vou pedir para ele parar), bonito (às vezes eu esqueço o quão bonito ele é e só lembro quando o vejo pessoalmente) e sabe o que fazer quando precisa (exatamente nesse sentido).

Outro adicional que eu não estava que fosse um ponto positivo é o fato de que ele não tem um *Facebook*. Pessoas que não têm perfil no *Facebook* estão acima de qualquer um. Eu sempre quis ser uma dessas pessoas e de tempos em tempos eu desativo o meu perfil, mas sempre acabo voltando.

Porém, o fato de que ele não tem um *Facebook* não quer dizer que eu não tenha encontrado o perfil de toda a família dele. É claro que eu encontrei. Eu não iria me envolver com alguém saber de onde ele veio, então já fiz minhas pesquisas no perfil do pai dele, da avó, da irmã, de um primo e até da ex-namorada - cujo nome eu só fiquei sabendo depois desse

meu trabalho de investigação. Se algum dia ele me contar sobre ela vou precisar fingir surpresa.

Esse é um dos motivos por que eu acho tão difícil me desfazer do *Facebook*. É um adicional de segurança quando você conhece alguém novo - e não pelo que a pessoa posta, mas pelo que ela esconde. É por isso que você vai atrás do perfil dos outros que estão ligados a essa pessoa e não só ao dela.

No caso do Eduardo, todas essas pessoas pareceram normais e boas - inclusive a ex-namorada - então eu me senti mais segura com ele.

Tão segura e tranquila que agora estou deitada de olhos fechados e abraçada com ele na sua cama no escuro na mais perfeita serenidade. É madrugada, então a rua está silenciosa e não há pássaros cantando. Somos só nós dois.

Muito raramente eu penso no James, mas quando penso é nessas nessas situações porque percebo que com o Eduardo eu não preciso me preocupar em demonstrar que estou gostando dele e curtindo o momento. Com o James eu precisava pensar em tudo que eu iria falar e calcular quanto tempo eu podia passar com ele sem deixar parecer que eu gostava dele. Era exaustivo e eu só me dou conta disso agora. Com o Eduardo é tão fácil e livre.

Essa realização me atinge com uma força imprevisível e automaticamente afasto James da minha mente e abraço Eduardo mais forte e dou um beijo no seu peito descoberto.

Ele responde me abraçando mais forte e beija a minha testa. Eu abro os olhos e sorrio para ele.

Nós ficamos em silêncio, aproveitando a companhia do outro por mais alguns minutos, até que somos interrompidos pelo som do celular dele vibrando algumas vezes no criado mudo.

Ele suspira e estica um braço atrás de mim para alcançar o celular. A tela do celular parece clara demais no quarto escuro e eu fecho os olhos de novo. Ele dá um suspiro impaciente e resolvo perguntar:

- O que foi?

Ele digita por alguns segundos e depois coloca o celular no criado mudo ao lado dele.

- Meu pai - ele diz. - Não sei por que, mas nos últimos dias ele me mandado mais mensagens do que o normal. É quase o dia inteiro.

- Ele deve estar se sentindo sozinho, não? - eu sugiro.

- Duvido. Ele está com uma namorada nova - ele discorda. - São 2 da manhã de um sábado. Por que ele quer me perguntar agora sobre o que eu tenho feito nos últimos dias? - ele pausa por um momento e depois continua. - Pensando bem, minha mãe também tem me feito essas perguntas com mais frequência ultimamente.

- Talvez porque mães e pais sentem quando há algo acontecendo - eu digo e sorrio para ele.

Ele sorri também e me puxa mais para perto dele.

- Algo acontecendo? - ele sussurra - Como o quê? Eu me apaixonando por você?

Minha respiração fica presa na garganta e eu nem me mexo. Ele realmente disse isso?

Meus instintos recusam a ideia instantaneamente, mas Eduardo está segurando meu olhar com uma expressão gentil e vulnerável, então eu sorrio e respondo:

- Se são seus pais que estão desconfiando, que sou eu para discordar?

Ele dá uma risada baixinha e me beija.

Quando ele se afasta e apoia a cabeça no meu peito, eu me pego pensando de que talvez dessa vez dê certo. Claro, eu não vou tão longe a ponto de dizer que estou apaixonada por ele, mas consigo me ver chegando nesse ponto rapidinho se as coisas continuarem desse jeito.

- Antes que eu me esqueça - ele murmura de repente. - Eu preciso ir até Vancouver ver a família do meu pai. Faz tempo que não vou e eu prometi ir nas próximas semanas.

- Quando?

- Ainda não marquei. Pensei em ir em alguma semana que você estiver muito ocupada com o seu mestrado para não perdermos tempo juntos - ele diz e eu sou pega de surpresa mais uma vez. É assim que relacionamentos saudáveis funcionam?

Eu não tenho como saber.

- Essa semana vai ser um pouco tranquila, mas a próxima será complicada para mim no mestrado. Eu preciso apresentar meu projeto numa jornada acadêmica, mas eu ainda nem sei direito qual é o meu projeto. Então acho que mesmo que você esteja aqui, nós não conseguiríamos nos ver tanto.

- Tudo bem. Marco uma passagem para semana que vem - ele disse e me abraça mais forte.

Eu fecho os olhos, totalmente contente, e nem percebo quando adormeço.



A semana passa um pouco rápido, mas é no bom sentido. Eu estou tão envolvida no novo laboratório com o mestrado que no final do dia meu cansaço não é vazio porque me dá uma sensação de tarefa cumprida. Então no dia seguinte eu acordo energizada e com vontade de fazer tudo de novo.

Ainda não comecei meus experimentos porque preciso apresentar o projeto já na semana que vem, então o que eu mais fiz foi estudar e conversar com o meu orientador, Luca, que já me mostrou que é muito melhor do que a minha orientadora de Londres. Ele parece ser muito sensato e sempre ouve minhas preocupações e sugestões, então por enquanto só tive sinais de que ele é um bom orientador.

O único lado ruim dessa semana é que eu sairia com o Eduardo, mas aparentemente um parente do empresário para quem ele trabalha morreu e ele precisou levar o cara em cima da hora para os Estados Unidos. Queria eu ter um piloto particular para me levar para os lugares assim sempre que eu precisasse.

Por causa desse imprevisto, nós só vamos conseguir nos ver depois que ele voltar de Vancouver daqui duas semanas, mas tudo bem. Nada parece ter mudado e eu não acho que ele esteja planejando desaparecer nesse meio tempo.

Nós até tivemos um pequeno atrito no começo da semana quando estávamos conversando por mensagem e ele acabou adormecendo às 8 da noite - eu não sabia - e quando eu acordei às 6 da manhã e percebi que ele ainda não havia nem visualizado a minha mensagem, eu supus o pior: ele estava me ignorando e partindo para outra. Então eu enviei uma mensagem um pouco dramática e quando ele acordou às 10 da manhã - quem vai dormir às 8 e acorda às 10? - ele ficou chateado e nós discutimos um pouco sobre a questão de “não projete seus traumas em mim.” No final ficou tudo bem e me serviu de lição para realmente deixar meus traumas amorosos de lado.

É difícil começar relacionamentos depois dos 25 anos porque vocês dois já estão traumatizados e carregando uma bagagem considerável, então mesmo sem querer você acaba projetando esses medos na outra pessoa.

Então que bom que nós conseguimos conversar sobre isso sem muito estresse. Eu considere isso um bom sinal, inclusive. Ele sabe conversar.

Se tivesse sobrado alguma dúvida se as coisas estavam resolvidas entre nós, ela desapareceu quando ele comentou que quer me apresentar para os pais dele quando voltar de Vancouver. Confesso que eu achei um passo muito grande para se dar tão no início, mas resolvi arriscar. Aceitei o convite e não fiquei pensando demais no assunto. Não vou estragar nada pensando demais. Vou apenas deixar as coisas acontecerem. Isso vai contra todos os meus instintos, mas eu não ganho nada questionando tudo.

Por isso, tenho acordado muito leve e focada também, como é o caso de hoje. Eu me arrumo para ir para o laboratório e quando estou quase saindo, recebo uma mensagem do Eduardo com uma foto de Vancouver vista pela janela do avião.

Com um sorriso no rosto, eu respondo:

Bom dia para você também. Que bom que você já chegou. Como estão a família e a cidade?

Tenho tempo de pegar a chave do carro e andar até a porta até ele responder.

Achei que conseguiria fugir do tempo fechado em Toronto, mas aqui está chovendo. Quanto à família, meu pai abriu a boca e agora todo mundo está sabendo que eu estou saindo com você e queriam que você tivesse vindo junto.

E você? Quais são os planos para hoje?

Eu ainda estou sorrindo, embora ache que isso esteja indo rápido demais. Então respondo:

**Quem sabe da próxima vez eu vou junto ;)
Hoje eu vou participar da primeira reunião do laboratório e depois vou ensaiar minha apresentação do projeto com o meu orientador.**

Envio a mensagem e vou para o carro. O tempo está chuvoso, como o Eduardo comentou, então levo um pouco mais de tempo do que o normal

para chegar no laboratório. Mesmo assim, chego antes do meu orientador e me sento no sofá perto da sala dele.

Enquanto espero, pego meu celular para responder a mensagem que ele me enviou enquanto eu estava dirigindo. Envio e abro o *Instagram* para passar o tempo, o que rapidamente se mostra ser uma péssima ideia. A primeira foto que eu vejo é uma do James. Não foi postada por ele porque eu silencieiei as publicações dele (dessa forma eu consigo ver só o que eu quero, quando eu quero e não sou pega de surpresa).

Essa foto foi o Alex que postou e há outras pessoas na imagem, obviamente, mas o primeiro rosto que me chama atenção é do James.

Eu me lembro desse dia da foto. Foi no aniversário do Alex quando nós fomos para a casa de férias dos pais dele no interior. Eu estava do lado da pessoa tirando a foto naquele momento.

Lembro também que me diverti nessa viagem e que James e eu estávamos muito próximos, mas só porque eu estava deixando que ele fizesse o que ele queria, por mais que me magoasse. Pensando nisso dessa forma eu me sinto uma idiota. Como é que eu permiti isso? Por que é que eu me coloquei nessa posição?

Era tão óbvio. Ele deixou muito claro que não só não queria nada comigo, como também não me respeitava. E eu continuei ali, mesmo quando eu me dizia que iria me afastar porque no fundo eu tinha esperanças. Essa é verdade. Eu nunca admiti para mim mesma, mas hoje é óbvio. Eu fiquei porque um pedacinho de mim acreditava que em algum momento as coisas iriam mudar.

Eu respiro fundo, permitindo que a realização da minha própria estupidez tome conta de tudo e, em seguida, eu tento deixá-la ir embora porque eu não posso fazer mais nada sobre isso, posso?

Vejo que James comentou na foto do Alex e clico no perfil dele com a intenção de excluí-lo de vez.

Quando a página abre, eu noto algo diferente, mas não sei dizer exatamente o que é. O que eu sei é que o perfil dele parece esquisito. Rolo a tela para baixo tentando entender o que mudou e acabo encontrando uma foto nossa em Nova York. Olho para a foto por alguns segundos me sentindo nostálgica, mas antes que eu sinta mais alguma coisa, eu finalmente me dou conta do que está diferente.

Eu lembro que logo depois dessa foto ele havia postado uma com a namorada, mas ela não está mais aqui. Deslizo a página mais para baixo -

ignorando as poucas fotos em que eu apareço e as que eu tirei dele - e percebo que ele apagou todas as fotos que tinha com a namorada, até as mais antigas de antes de nos conhecermos.

Eles terminaram?!

Bem, só tenho um jeito de descobrir.

Procuro o nome dela nas pessoas que ele segue e ela não está lá. Depois procuro por ela nos seguidores dele e também não a encontro.

Eles realmente terminaram e eu não sei o que fazer com essa informação.

Parte de mim está tomada por curiosidade. Eu quero muito perguntar para ele o que aconteceu porque deve ter sido algo muito sério. Mesmo em Londres quando eles estavam “terminados”, ele ainda mantinha as fotos com ela nas redes sociais, então se agora ele tirou todas é porque foi algo muito mais definitivo. Foi ele que terminou ou foi ela? Quando foi isso? Como ele está?

Eu quero muito saber de tudo isso, mas não é mais da minha conta. Eu abri o perfil dele para excluí-lo da minha vida de maneira completa e permanente e não para trazê-lo de volta.

Então clico em “parar de seguir”, volto para o meu perfil e o excluo também dos meus seguidores.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estou triste em fazer isso. É claro que estou. Só porque você sabe que a pessoa não faz mais bem para você não quer dizer que você não sinta falta dos bons momentos.

Ouçõ passos se aproximando e levanto a cabeça. Vejo Luca andando na minha direção e imediatamente afasto James dos meus pensamentos e me sinto mais animada. Eu tenho mais o que fazer.



Mais uma vez, o dia é cansativo e eu chego em casa exausta, mas no bom sentido. Consegui fazer tudo que precisava, inclusive desenhar melhor meu projeto com o Luca. Agora só preciso montar o pôster da apresentação, o que eu pretendo fazer hoje mesmo para resolver isso logo.

Depois de tomar banho e jantar, respondo as mensagens que a Geórgia me mandou e vejo que o Eduardo me mandou uma enquanto eu estava no banho. É só uma foto da mão dele segurando um copo de cerveja num estádio. Ele não escreveu nada, mas imagino que se ele estiver em um

jogo, ele não perderia tempo escrevendo nada. Ele não é muito de ficar no celular, o que eu acho ótimo. Então respondo rapidamente porque imagino que ele também não vá me responder de imediato e vou para o meu computador montar o pôster.

Meu projeto, no momento, é sobre avaliar o potencial de alguns fatores secretados por células-tronco sobre o ciclo celular de células cancerosas com o intuito - esperança - de controlar a proliferação dessas células. É muito parecido com o que eu fazia em Londres, mas lá as drogas que eu testava não eram biológicas e não tinham nada a ver com células-tronco.

Como eu ainda nem comecei a fazer meus experimentos, essa primeira apresentação é totalmente teórica e básica. Porém, eu já acompanhei projetos de mestrado e doutorado na faculdade o suficiente para saber que o trabalho final raramente é o mesmo desse começo, mas você precisa fingir que aquela conclusão que você conseguiu sempre foi a que você quis. Então, por enquanto, esse é o objetivo. Daqui alguns meses pode ser que mude, dependendo dos primeiros resultados.

Quem nunca fez um pôster de trabalho científico pode achar que a parte mais difícil é pesquisar para apresentar as informações mais atuais, mas não é. A pior parte sempre é tentar enfiar todas as imagens e informações no tamanho de pôster que a organização do evento exige. É quase impossível e é a parte que mais me irrita.

Preciso mudar tanto a organização do pôster que quando termino são quase 11 da noite. Eu não estou completamente satisfeita com o resultado final, mas vai ficar assim agora. Envio para o Luca e se ele achar que algo está ruim, ele vai me pedir para mudar e amanhã eu lido com isso. Se eu continuar mexendo nesse pôster possivelmente vou acabar jogando meu computador contra a parede.

Eu me arrumo para dormir e quando vou ajustar o despertador no celular, percebo que o Eduardo nem visualizou minha mensagem ainda. Ele não é de ficar muito com o celular - principalmente se estiver num jogo - então não me preocupo, mas por algum motivo que eu não sei explicar qual é, eu abro a nossa conversa de novo e olho para a foto que ele me mandou mais cedo. Eu observo o copo de cerveja de novo, mas só agora presto atenção no estádio ao fundo e ele parece muito familiar, o que é estranho porque eu nunca visitei nenhum estádio em Vancouver. Por que eu sinto que conheço esse lugar?

Eu continuo observando a foto até que finalmente reconheço o ambiente. Não é um estádio de Vancouver. É o *Rogers Centre* aqui em Toronto mesmo. Eu não sou fã de esportes, mas eu reconheço o maior estádio da cidade onde eu nasci e moro a vida inteira.

Eduardo está em Toronto? Ele fez um bate e volta? Ou será que eu estou confundindo e não é o *Rogers Centre*?

Desconfiada, eu saio da nossa conversa, faço uma busca rápida no *Google* e clico nas imagens do estádio para comparar com a foto do Eduardo. As arquibancadas, o gramado, o telão... Eu analiso várias fotos, mas tudo combina. É o *Rogers Centre* sim.

O que isso quer dizer? Por que ele me mandaria uma foto em Toronto se ele está em Vancouver?

Meus instintos já querem confrontá-lo sobre estar em Vancouver mesmo, mas eu me controlo. Ele nunca me deu motivos para desconfiar dele, então acho que é melhor primeiro dar uma chance para ele se explicar.

Digito uma mensagem para ele três vezes, escolhendo as palavras certas com cuidado. Não quero soar acusadora, mas quero que ele perceba a minha preocupação. No fim, me contento com:

**Ué. Você já voltou para Toronto?
O que você está fazendo no Rogers Centre?**

Envio a mensagem e espero, na expectativa de que ele esteja com o celular na mão, veja a notificação e me responda, mas nada acontece. A tela do meu celular apaga e continua assim por mais alguns minutos. Ele não vai me responder. Seja lá o que ele esteja fazendo - ou onde ele esteja - ele está ocupado, aparentemente. Quando ele puder, ele vai me responder. Não posso fazer nada sobre isso agora e eu estou com muito sono. Amanhã eu descubro o que está acontecendo.

Ajusto o meu alarme, coloco o celular no criado mudo e caio no sono assim que me deito na cama.



Acordo na manhã seguinte com o despertador e quando o desligo, percebo que o Eduardo ainda não me respondeu. Abro a nossa conversa e ele ainda não visualizou minhas mensagens desde ontem à tarde, o que é

muito estranho. Ele nunca ficou tanto tempo assim sem me responder. Por um instante eu considero o fato de ele ter precisado voar, mas todas as vezes que isso aconteceu ele me avisou que ficaria sem me responder porque estaria voando. Além disso, ele está de férias.

Minha desconfiança está crescendo mais e eu já estou quase totalmente convencida de que ele realmente está em Toronto, que me mandou aquela foto sem querer e agora está pensando numa desculpa convincente. O problema é que eu não consigo imaginar um motivo para ele mentir sobre isso.

Então ao invés de ficar confabulando possíveis motivos, me concentro em me preparar para o meu dia. Se ele não me responder até eu voltar para casa no final da tarde eu penso no que fazer.

Chego no laboratório antes de todo mundo e instantaneamente estou mais calma. É incrível o efeito de um simples laboratório no meu humor.

As pessoas começam a chegar e eu ainda não decorei o nome de todas, mas a grande maioria é muito simpática. A minha favorita é outra estudante de mestrado chamada Anna. Falei com ela apenas uma vez, mas ontem na reunião ela apresentou o projeto dela e o chefe do laboratório - um homem que eu já percebi ser meio arrogante - perguntou detalhes de um possível resultado de um experimento específico e ela respondeu: “Eu não fiz o experimento ainda. Como é que eu vou saber?”

Eu achei incrível a coragem dela de responder isso e ser sincera. Eu detesto quando fazem esse tipo de pergunta. Já nos forçaram a apresentar um projeto logo de cara sem termos tido tempo para fazer um mísero experimento inicial e já querem detalhes sobre o que nós esperamos do experimento e o que vamos fazer para resolver possíveis problemas imaginários de um experimento que ainda nem fizemos. É ridículo.

Uma coisa é sugerir um problema no projeto e perguntar qual é o seu plano B para o projeto caso esse problema aconteça. Outra bem diferente é perguntar detalhes de um experimento que você nunca fez. Uma coisa é perguntar aquele clichê de “qual você acha que é o gargalo do seu projeto?”, ou seja, qual você acha que é o experimento mais crítico, que vai demandar mais do seu tempo e que se der errado pode mudar o seu projeto? Você precisa ter noção desses aspectos do trabalho, mas você não precisa detalhar cada resultado que você espera conseguir. A metodologia já não é um resumo disso? Considerando que a primeira etapa dê certo e eu consiga

tais resultados, eu passo para a segunda que é para complementar o que a outra não poderia me oferecer e assim por diante.

Sei lá. Às vezes eu acho que os cientistas fazem perguntas idiotas só para verem você com cara de idiota lá na frente sem saber o que responder.

Então depois que ela respondeu aquilo, eu soube que queria ser amiga dela. Nós não fazemos parte do mesmo grupo de pesquisa, mas a bancada dela é bem próxima da minha e eu sei que vamos nos dar muito bem.

Quando Luca chega, ele me chama para a reunião do grupo de pesquisa de câncer. Somos eu, ele, outro pesquisador do laboratório chamado Frank, dois alunos de doutorado e uma pós doutoranda. Eu tento acompanhar as discussões, mas elas estão alguns níveis acima do meu QI e da minha experiência profissional e eu passo a maior parte da reunião anotando no meu caderno temas que eu preciso estudar mais para poder entender o que eles estão falando.

No final eu contemplo a lista enorme e é um pouco desesperador, mas eu vou dar um jeito de saber o que tudo isso quer dizer.

Eu desço para o laboratório de novo e checo meu celular. Para a minha surpresa, Eduardo me respondeu, mas é uma mensagem muito esquisita.

Hahahaha. Não voltei não.

Estou em Vancouver ainda, mas eu não quero que algumas pessoas saibam que eu estou aqui, então meu amigo me mandou essa foto em Toronto e eu ia mandar para essas pessoas, mas enviei para você sem querer.

Eu fico encarando o celular sem saber o que pensar. Que tipo de explicação é essa?

Eu acertei a suposição de que ele havia me mandado a foto por engano, mas ele só percebeu agora? Para mim, isso tem cara de que ele mandou errado e passou esse tempo todo pensando em como se safar dessa, como eu já suspeitava ontem.

Se antes os meus instintos já estavam em alerta vermelho, agora eles estão gritando na minha cabeça a todo volume.

Mas se é mesmo apenas uma desculpa, o que isso quer dizer? Ele está em Toronto e não quer que eu saiba? Por quê?

Eu volto na nossa conversa para checar os horários que ele me respondeu e analiso se é possível que ele tenha feito um bate e volta ou se seria impossível e ele está mesmo em Vancouver.

A última mensagem normal de ontem foi à 1 da tarde. Depois ele me enviou a foto às 8:30 da noite. Considerando o tempo de voo, o fuso horário e tempo de embarque, de desembarque e de deslocamento...

Talvez fosse possível ele já estar em Toronto às 8:30 da noite se ele estivesse dentro do avião à 1 da tarde quando me mandou a última mensagem, mas não faz sentido. Por que ele chegaria de manhã em Vancouver e já sairia no começo da tarde? Ele não iria passar a semana com a família?

Abro a foto de novo e tenho quase certeza absoluta de que essa é a mão dele. Não dá para ver muito dela e não é como se eu o conhecesse há muito tempo, mas eu tenho a impressão de que é a mão dele sim. Não é a mão de um estranho.

Nada faz sentido. Se ele estiver falando a verdade, por que ele demorou esse tempo todo para “perceber” que mandou a foto para a pessoa errada? Se ele estiver mentindo, por que mentir? E ele acha que eu sou tão burra assim a ponto de acreditar nessa desculpinha de que a pessoa na foto é um amigo dele?

Meus dedos estão pairando em cima do teclado enquanto eu penso no que responder, mas como decidir o que dizer se eu nem sei o que pensar dessa mensagem dele?

Então, para a minha surpresa, ele me manda outra mensagem:

Eu estava pensando que quando eu voltar para Toronto na sexta, nós podemos ir jantar naquele lugar que você queria ir. Depois eu posso apresentar você para a minha mãe. Ela quer muito conhecer você.

O quê?!

Ou ele é muito ingênuo ou muito engenhoso e acha que eu sou burra.

Continuo sem saber o que responder - agora mais do que antes - e sou atacada pela sensação de que encontrei outro James. Ele simplesmente fingiu que estava tudo normal e jogou outro assunto no meio para me distrair, exatamente como o James fazia. Principalmente naquele dia que eu voltei para depois de passar a semana na casa da Sarah. Quando ele viu que

eu estava abaixando a guarda, ele fingiu que tudo sempre esteve bem e disse bem naturalmente “depois você me conta onde esteve a semana toda.”

Meu Deus. Será que eu saí de um para encontrar outro?

Ainda não sei o que fazer a respeito disso, mas resolvo responder qualquer coisa para o Eduardo ficar satisfeito. Se ele estiver mesmo mentindo, eu preciso responder para ele achar que me convenceu e se ele estiver falando a verdade eu não quero que ele ache que eu estou desconfiada. Não quero correr o risco de estragar tudo.

Então digito rapidamente:

**Ah, que pena. Achei que você tinha voltando já.
Podemos sair na sexta sim 😊**

Envio a mensagem e por enquanto é isso. Não faço ideia do que vai acontecer nos próximos dias, mas o que eu posso fazer? Ir até a casa dele e confrontá-lo? Acho que até poderia, mas vou dar uma chance para ele se recuperar desse vacilo. Afinal, eu quero muito que ele esteja falando a verdade.

Eu estou torcendo por ele porque, assim, indiretamente eu estou torcendo por mim também. Já não bastam os erros que eu cometi com o James? Eduardo precisa estar falando a verdade.

33.

Londres, Inglaterra

Tentar ser a melhor pessoa que eu poderia ser com o James pareceu difícil no começo, mas após os primeiros dias eu percebi que seria muito simples por dois motivos: 1) depois que eu pedi para ele esquecer que eu havia dito sobre gostar dele, a Verônica nunca mais apareceu. Eu não sabia o que havia acontecido, mas o James de repente voltou a passar todo o tempo livre dele comigo e eu não ouvi mais nem a voz da Verônica; 2) o motivo 1 me mostrou que o James realmente havia usado Verônica para se vingar de mim de alguma forma e isso era uma prova de que ele não se importava comigo de verdade, então não faria diferença se eu estivesse só fingindo que estava tudo bem.

Porém, eu basicamente havia voltado à estaca zero fingindo que não sentia nada por ele. Tudo isso para voltar exatamente ao lugar de onde eu saí. Que piada horrível.

A única diferença era que eu não me sentia mais na obrigação de aceitar convites para sair simplesmente para agradá-lo. Eu só saía quando tinha vontade mesmo - o que era bem raro - e ele nunca questionava quando eu recusava.

Mesmo assim, eu precisava ficar em estado de alerta o tempo todo para não deixar o jeito carinhoso do James encontrar seu caminho de volta para o meu coração e me dar a falsa impressão de que estava tudo bem.

Eu conseguia fazer isso quase sempre. Não era mais tão difícil porque eu já estava me acostumando a nunca demonstrar fragilidade perto dele, mas às vezes eu nem percebia que eu abaixava a guarda.

Lembro que um dia eu quase desisti e minha motivação quase se tornou pó. Eu estava no apartamento dele e quando ele se aproximou para me dar um abraço - o que sempre foi muito comum entre nós - eu me afastei. A expressão de choque e mágoa no rosto dele quase estraçalharam meu coração. Eu quis pedir desculpa e abraçá-lo por 15 minutos, mas sabia

que não era uma boa ideia. Então eu só fui para o meu apartamento. Nem falei nada. Não sei o que ele concluiu daquilo e não gastei tempo tentando descobrir.

E como sempre, depois ele agiu como se nada tivesse acontecido, então o quão magoado ele poderia estar? A única pessoa que saía magoada era sempre eu, então eu fazia o que era melhor para mim.

Talvez não fosse mais tão difícil manter a distância física e emocional, mas era cansativo manter minha guarda em pé o tempo todo. A minha motivação para fazer isso perfeitamente era saber que se eu vacilasse, nem que fosse por um mísero segundo, o preço que eu pagaria depois seria alto.

E isso aconteceu duas semanas depois de termos feito as pazes. Eu acho que eu estava confiante demais e acabei abaixando a guarda sem perceber. Foi só um pouquinho, mas foi o suficiente.

Nós estávamos no apartamento do James com Alex, Júlia e mais um amigo do James cujo nome eu esqueci porque o conheci apenas naquele dia e depois nunca mais vi. Nós havíamos jantado e estávamos jogando baralho, conversando e dando risada. A atmosfera estava tranquila e leve.

Até que no meio do jogo, James pegou as minhas pernas e as colocou no colo dele. Pareceu uma atitude inconsciente dele e porque eu fui pega de surpresa, não reagi de imediato.

E aquele foi o momento em que eu vacilei. Eu deveria ter tirado minhas pernas do colo dele no mesmo instante, mas não fiz isso. Achei que não teria problema e as deixei ali.

Com uma das mãos, James segurava suas cartas enquanto a outra estava apoiada na minha canela e de vez em quando acariciava minha perna. Eu não estranhei porque era algo normal para nós.

O jogo seguiu e James parecia tão confortável quanto eu naquela posição. Eu não queria interromper o nosso contato e era exatamente por isso que eu jamais deveria ter abaixado a guarda.

Eu ganhei o jogo, obviamente. James nunca conseguiu ganhar de mim e sempre ficou frustrado por causa disso.

Quando todo mundo foi embora, eu fiquei para ajudá-lo a organizar o apartamento. Nós conversamos sobre o assunto do condomínio na época que era uma foto íntima de algum morador homem que surgiu no mural de avisos e ninguém sabia de quem era porque a imagem era apenas da cintura para baixo. O síndico imediatamente culpou o James pela baixaria porque

ele não gostava do James há muito tempo, já que o James havia causado alguns problemas no condomínio, embora todos tivessem sido coisas pequenas de bêbado como barulho e algumas coisas sujas e estragadas. James sempre assumiu a responsabilidade e arcou com os custos de consertos e limpeza, mas o síndico não confiava nele - ele foi a única pessoa que eu conheci que não gostava do James.

- O síndico já se convenceu de que a foto não é sua? - eu perguntei enquanto o ajudava a lavar a louça.

- Sei lá, mas ele insistiu tanto que até eu me questionei se não poderia ser eu - ele respondeu e eu dei risada.

- Com certeza não era você - eu disse de impulso.

James se virou para mim, curioso.

- Como você tem tanta certeza? - ele perguntou.

- Porque eu vi o da foto e o seu também. Não era seu. - eu falei sem pensar no que estava falando. Foi só quando eu notei a expressão divertida no rosto do James que me dei conta do caminho que a conversa havia tomado.

- Não só viu - ele comentou e deu risada quando eu desviei o olhar, envergonhada.

Eu tentei disfarçar por alguns segundos, mas não me aguentei e comecei a rir também. Esse foi o segundo momento em que eu vacilei. Ouvir a minha risada em sincronia com a dele me dava a falsa sensação de que nós éramos bons amigos e que estava tudo bem. Então eu acabei entrando no clima e brinquei:

- Exatamente. Por isso eu sei que o da foto não era seu. O da foto era maior.

De maneira dramática, James soltou na bancada o copo que estava secando, colocou uma mão no peito fingindo ter sido atingido no coração. Eu dei risada de novo.

Ainda rindo um pouco, eu fui pegar meu celular na mesa para ir para casa e quando passei pelo James, ele bateu uma toalha na minha bunda de brincadeira.

Eu me virei para ele, ainda com o resquício de um sorriso, mas eu estava confusa. Isso não era comum.

- O que foi isso? - eu perguntei.

Ele deu de ombros e sorriu.

- Eu gostei desse seu shorts.

Eu olhei para baixo para checar qual shorts eu estava usando. Era um vermelho e branco curto demais para usar na rua, mas em casa eu o usava com frequência.

- Eu gosto dele também - eu disse de maneira ingênua, sem entender a indireta. James sempre foi muito discreto nesse aspecto, então não imaginei que ele fizesse um comentário daqueles com segundas intenções.

Mas, então, quando eu tentei continuar meu caminho até a mesa, ele me segurou pelo punho gentilmente.

- Oli - a voz dele era macia e baixa.

Eu me virei para ele e encontrei seu olhar. Meu coração acelerou ligeiramente quando eu notei nos seus olhos a mesma intensidade daquela noite no hotel.

Então eu entendi o que estava acontecendo, entendi o comentário dele e entendi também que era tarde demais para mim. Eu só não entendi por que aquilo estava acontecendo naquele momento. Eu nem me lembrava mais quanto tempo fazia que James não olhava para mim daquele jeito. A última vez havia sido no ano novo pelo que eu me lembrava e parecia que aquela minha rejeição havia mudado algo entre nós, que, obviamente, voltou a ficar em evidência. Quanto mais eu olhava para ele, mais a tensão entre nós crescia.

E eu ainda não havia puxado meu braço para o James soltar meu punho. Eu não queria fazer isso. Eu gostava do toque dele mais do que queria de admitir.

Como se sincronizado com os meus pensamentos, James soltou meu punho e subiu a mão gentilmente até o meu ombro.

- Eu vou para casa. Preciso tomar banho e lavar o cabelo ainda - eu decidi dizer para tentar quebrar o clima entre nós e fugir, mas não pareceu surtir efeito.

- Oli - ele disse com a voz macia de novo.

- Eu vou para casa - eu repeti antes que ele pudesse falar mais, mas eu não sei se falei para ele entender que eu precisava ir, ou para mim mesma.

- Eu tenho um chuveiro - ele disse e eu arregalei os olhos em choque.

O que ele estava fazendo? Ele nunca havia agido daquela forma.

- E eu preciso tomar banho também - ele continuou.

Meu coração acelerou mais um pouco quando a ideia se passou pela minha cabeça e eu já podia sentir o resto do meu corpo respondendo.

Acariciando meu braço, James se aproximou mais e eu tentei dar um passo para trás, mas eu não queria, então acabei ficando no mesmo lugar. Qual era o meu problema? O que James tinha que me fazia grudar no chão daquele jeito enquanto ele se aproximava?

- James, isso... - eu comecei num sussurro, mas parei porque a quem eu estava enganando? Eu queria aquilo. Então apenas fechei os olhos.

Eu não sei quem beijou quem primeiro. Pareceu algo mútuo, como se aquela força que existia entre nós tivesse puxado cada um de um lado.

Ao mesmo tempo que eu estava curtindo o momento, uma voz no fundo da minha cabeça me lembrava que aquilo aconteceria apenas uma vez e que era totalmente sem sentimentos porque sabia que James não sentia nada por mim e eu não iria me deixar levar.

Sem sentimentos, eu repeti na minha cabeça enquanto sentia a água morna na minha pele junto com os toques do James...

Sem sentimentos, eu repetia a cada beijo, cada toque, cada suspiro...

Sem sentimentos... ele acariciou meu cabelo e beijou a minha testa.

Sem sentimentos... nós estávamos deitados na cama com as pernas entrelaçadas e dando risada.

Sem sentimentos... ele me puxou para perto e me abraçou mais forte.

Sem sentimentos.

Eu era a única mentirosa ali?

34.

Toronto, Canadá

O despertador toca pela terceira vez e eu respiro fundo antes de desligá-lo e me levantar. Eu fiquei acordada até mais tarde ontem fazendo ajustes no pôster e sabia que seria muito difícil acordar hoje cedo, mas eu também sabia que se deixasse para fazer as edições hoje, eu ficaria com preguiça e seria muito mais trabalhoso, então preferi sacrificar algumas horas de sono. Luca me deixou ficar em casa hoje para ensaiar a apresentação e eu só vou esperar o ok dele dessa última versão do meu pôster para mandar imprimir e adaptar o que eu vou falar.

Vou até o banheiro ainda meio sonolenta e, por algum motivo, na minha cabeça estão se passando as memórias daquela noite de recaída com o James. Eu tento não me olhar no espelho para não sentir mais vergonha do que eu já estou sentindo só de me lembrar da situação. Eu não acredito que eu cheguei a romantizar a situação e me perguntar se ele realmente não sentia nada por mim. É claro que não sentia. Por que eu ainda estava me perguntando isso? Não era óbvio?

Por que só depois essas coisas começam a ficar claras? Por que quando tudo acontece nós não conseguimos pensar com clareza e ver as coisas como elas são? Por que nós insistimos em romantizar cada detalhe?

E pensando melhor, ele me manipulou direitinho, não foi? Na verdade, ele nem precisou se esforçar muito. Apenas esfregou a Verônica na minha cara, tirou toda a minha paz, esperou até que eu erguesse a bandeira branca - o que ele sabia que eu faria desde o começo porque em 99% das vezes era eu que fazia isso - esperou a poeira abaixar, foi se reaproximando aos poucos e aproveitou a oportunidade assim que ela se apresentou. Eu acho que está na hora de aceitar o fato de que eu não sou tão esperta quanto eu imaginava.

Quando vou lavar a mão fica mais difícil não me olhar no espelho, então eu encaro meu rosto sonolento e envergonhado, mas me lembro da

minha determinação em apenas deixar as memórias chegarem e irem embora porque me culpar pelos meus erros não me leva a lugar nenhum, já que eu não posso mudar o passado.

Então respiro fundo e tento colocar essa memória em uma gaveta onde ela vai ficar guardada para sempre. Não é como se ela fosse ruim. É óbvio que não, mas eu não vou focar nesse detalhe para não correr o risco de me apegar a ela.

Eu fecho a torneira e até consigo sorrir para mim no espelho, orgulhosa, mas o momento dura pouco porque de repente eu sou atacada por um detalhe dessa memória.

- A calcinha - eu murmuro para mim mesma, indignada e mais envergonhada ainda - Por quê?

Eu fecho os olhos de novo, respiro fundo e me ouço dar uma risada curta e quase desesperada. Parece que eu estou enfrentando a manhã seguinte de arrependimento depois de beber. A diferença é que é um ano depois e eu não estava bêbada. Eu sabia o que eu estava fazendo.

Na manhã seguinte - eu não dormi com o James naquela noite - eu precisei ir ao apartamento dele buscar minha calcinha que havia ficado no chuveiro. Às vezes eu era muito grata pela tranquilidade do James e por ele nunca precisar falar sobre nós porque eu só apareci lá de manhã enquanto ele estava tomando café da manhã, falei que ia no banheiro, ele respondeu apenas “tudo bem” e depois eu saí com a calcinha na mão em silêncio. Ele não puxou assunto, eu também não e nós dois simplesmente fingimos que não havia acontecido nada. Foi ótimo.

Mas 1 ano depois, eu fico até arrepiada de vergonha.

Seco minhas mãos, balanço a cabeça para me livrar da memória, abro os olhos e tento não rir da minha cara no espelho.

Vou para o quarto e tento deixar toda essa situação no passado. Reclamação com James, meu shorts, o chuveiro dele, minha calcinha, aquela noite... Vou trancar a gaveta dessa memória à chave inclusive. Chega.

Abro minhas cortinas e vou checar meu celular. A primeira mensagem me lembra que, embora o James esteja no passado, talvez eu tenha encontrado um outro no meu presente. É uma mensagem do Eduardo.

Bom dia, Oli! Como você está?

Meu pai chegou hoje aqui, então vou passar o dia com ele.

Eu mal termino de ler a mensagem e já abro o *Facebook* para pesquisar o perfil do pai dele. Eu sei que parece meio - talvez totalmente - neurótico da minha parte, mas meu instinto nunca mente e eu não engoli aquela história da foto ser de um amigo dele. Alguém engoliria?

O perfil do pai dele carrega e a publicação mais recente é de 2 horas atrás. É uma *selfie* dele no parque. Eu acho que sei que parque é esse, mas antes que eu ache que estou realmente ficando louca, vejo que ele colocou a localização na publicação: Toronto, Canadá.

Ou seja, o pai dele está em Toronto e não em Vancouver.

Não é impossível que ele tenha ido andar/correr no parque às 5:30 da manhã e logo depois embarcado para Vancouver, mas eu duvido muito porque eu analiso as outras postagens dele e ele posta sobre absolutamente tudo, principalmente em relação aos filhos. Está na cara que a irmã do Eduardo é a filha preferida, mas ele posta muito sobre o Eduardo também. Por isso acho que se ele tivesse ido mesmo para Vancouver passar uns dias com o filho e a família, ele teria postado algo sobre o assunto.

Ou seja, o Eduardo está mentindo de novo, mas por quê? O que ele ganha com isso? Por que incluir o pai na mentira? Até onde ele sabe, eu aceitei a história da foto do amigo dele, então por que continuar elaborando a mentira?

Volto para a mensagem dele pensando no que vou responder - se é que vou responder.

Eu já estou quase em luto pelo fim de um relacionamento que eu realmente achei que daria certo, mas também estou curiosa. Eu quero ver até onde ele vai com essa história e decido responder:

**Que bom!
E o que vocês vão fazer?**

Deixo o celular na cabeceira e vou tomar café da manhã para não ficar esperando a resposta dele como se eu não tivesse uma vida.

Passo a manhã ajustando minha apresentação do pôster depois que o Luca aprova minha última versão e depois vou almoçar com a Geórgia no restaurante da minha mãe.

Geórgia também passou no mestrado dela e está começando agora, mas a diferença é que ela foi para a área da bioinformática, então ela não vai muito para o laboratório e trabalha mais em casa.

Ela me conta sobre o projeto dela animada e eu finjo entender porque eu não sei nada sobre inteligência artificial. A única coisa que eu sei é que se ela está empolgada, eu também estou.

Eu estou tão envolvida na nossa conversa que até esqueço do Eduardo por um momento. Só me lembro dele quando Geórgia vai ao banheiro e vejo uma mensagem dele quando checo meu celular.

Na verdade, é só uma foto. Para responder a minha pergunta sobre o que ele ia fazer com o pai, ele me enviou uma foto dele num clube de tiro com o pai.

- O que você está vendo aí? - Geórgia pergunta de repente.

Eu não havia percebido que ela já estava de volta.

- Eduardo - eu digo simplesmente e estou prestes a guardar o celular quando ele me envia um vídeo.

- Já decidiu se ele está mentindo mesmo? - Geórgia pergunta.

- Não sei, mas ele me mandou um vídeo agora.

Eu apoio o celular na mesa para Geórgia assistir o vídeo comigo. Eu o coloco para tocar e nós assistimos alguns segundos de tiros. Eduardo está de costas para a câmera atirando e lá no fundo eu vejo uma bandeira do Canadá e o nome do lugar onde ele está: *Target Sports Canada*.

Essa é a minha chance de descobrir com certeza se ele está mentindo - e é a chance dele também de me provar que eu estou errada. Eu nunca quis estar tão errada na vida.

Eu pauso o vídeo e foco no banner com o nome do lugar.

- Geórgia, procura esse lugar no *Google* - eu peço.

Ela pega seu celular, digita, espera alguns segundos e vira a tela para mim.

Eu clico no mapa e ali está a localização.

- Ele está em Toronto mesmo - eu digo com um suspiro.

- Pode ser que exista alguma filial em Vancouver - Geórgia oferece com esperança e digita no celular de novo.

Eu espero enquanto ela pesquisa e por dentro estou torcendo para que ela encontre uma filial em Vancouver.

Por favor, por favor... que ele não esteja mentindo.

Mas nada disso faz sentido. Se ele estiver mesmo mentindo, por que me enviar o vídeo mais acusatório possível? É possível que ele não tenha se dado conta que o nome do lugar estava no vídeo? É um banner bem

considerável, então duvido que alguém não repararia, principalmente se é alguém que está querendo esconder sua verdadeira localização.

Ou ele acha que eu sou muito burra porque supostamente acreditei naquela desculpa esfarrapada da foto e ele ficou mais confiante e enviou o vídeo assim mesmo.

Ou ele quer ser pego na mentira mesmo porque quer terminar comigo e não sabe como fazer isso, embora toda essa mentira pareça bem mais complicada e elaborada do que simplesmente me dizer: não quero mais ficar com você.

- Achou alguma coisa? - eu pergunto para a Geórgia.

- Não - ela responde, soando decepcionada também. - Pelo jeito ele está em Toronto mesmo.

Eu me sinto como a Tyra Banks naquele episódio de *American's Next Top Model* quando ela gritou com aquela participante Tiffany: “Eu estava torcendo por você! Todos nós estávamos torcendo por você! Como você se atreve?” Eu quero gritar exatamente isso para o Eduardo.

- Eu imaginei - eu suspiro. - Ele disse que o pai estava lá, mas eu chequei o *Facebook* do pai dele e ele tinha acabado de postar uma foto no *High Park*.

- Por que ele está mentindo? Não faz sentido.

- Não sei - eu admito. - E olha o tamanho dessa mentira, olha o esforço que ele está fazendo para me convencer que está em Vancouver. Eu imaginei que talvez ele estivesse tentando terminar comigo, mas se esse for o caso, por que ele fica fazendo planos para quando ele voltar dessa viagem?

- Parece meio psicopata - Geórgia murmura.

- Parece mesmo - eu concordo. - Mas um psicopata burro. Por que ele me mandaria um vídeo com o nome do lugar no fundo? Ou ele acha que eu sou burra?

- Boa pergunta - ela diz. - O que você vai fazer?

Antes que eu possa responder, meu celular vibra na mesa e nós olhamos para a tela. Eduardo enviou outro vídeo.

- Vou aproveitar que ele está com o celular na mão e me fingir de desentendida para ver como ele se sai dessa.

Eu pego o celular e digito:

Que legal!

Mas eu percebi uma coisa estranha.

Eu envio a mensagem e ele me responde imediatamente:

O que foi, amor?

- Amor? É sério? - eu digo, indignada.

- Oli, ele é louco - Geórgia diz e eu tenho que concordar com ela.

Eu digito uma resposta rapidamente para garantir que ele não vai largar o celular.

Esse lugar onde você foi atirar com o seu pai é em Toronto, não é?

Eu envio e nós esperamos.

A tela do celular apaga e nós continuamos olhando para ela, esperando que ela acenda de novo, mas nada acontece.

Não sei quanto tempo ficamos ali esperando, mas eventualmente eu percebo que ele não vai me responder. Ele deve ter lido a mensagem e decidido simplesmente ignorar. É muito mais fácil do que inventar mais uma desculpa. Ou ele vai me responder amanhã às 10 da manhã com uma desculpa esfarrapada.

- Eu não estou acreditando - Geórgia quebra o silêncio indignado.

- Nem eu.

- E se você ligar? Ele está perto do celular - ela sugere.

- Ele não vai atender. Quem atenderia?

- É - ela concorda e suspira. - Que droga, Oli. Eu estava torcendo por ele.

- Eu também, mas -

Eu paro de falar porque noto a tela do meu celular acendendo. Meu coração acelera por um segundo até eu ler a notificação e ver que é só um e-mail de propaganda.

Quando eu ergo os olhos, vejo que Geórgia também estava olhando para o meu celular. Ela me dá um sorriso um triste.

- Mas eu tenho mais o que fazer - eu completo meu raciocínio, me sentindo decidida. Eu não vou perder meu tempo me sentindo mal por um

palhaço desses. Espero que ele nem me responda e só desapareça da minha vida.

Meu celular vibra de novo e imediatamente, Geórgia e eu olhamos para a tela.

Droga. Talvez eu não esteja tão decidida assim.

Felizmente - eu acho - é só uma mensagem do Luca e a realidade cai sobre mim de novo. Eu realmente tenho mais o que fazer. Preciso ensaiar minha apresentação do pôster e cronometrar meu tempo.

- Eu também preciso ir - Geórgia diz quando vê a mensagem. - Você quer que eu passe pela rua dele e jogue alguma coisa nas janelas dele?

Eu dou risada.

- É o mínimo que ele merece - eu digo.

- Sim, mas não perca mais seu tempo com ele - ela diz e se levanta. - Fique bem e qualquer coisa me manda mensagem, tudo bem?

- Claro. Obrigada, Geórgia.

Ela me dá uma abraço antes de sair e eu ainda fico um tempo no restaurante fiscalizando se tudo está de acordo.

Enquanto eu checo os funcionários e o caixa, eu também tento entender o que eu estou sentindo. Eu não estou apaixonada por ele, então não é como se eu esteja arrasada, mas eu estaria mentindo se dissesse que estou tranquila. Eu estou decepcionada, o que às vezes é pior do que estar triste. Eu poderia não estar apaixonada por ele, mas eu realmente acreditava que isso poderia acontecer e que iria dar tudo certo.

Quando eu garanto que está tudo sob controle no restaurante eu vou para casa tentando absorver a decepção e a frustração de mais um relacionamento fracassado.

Acho que eu até poderia tentar conversar com ele para entender o que está acontecendo, mas algumas coisas não merecem uma segunda chance. Se ele está mentindo assim agora, não quero nem imaginar no futuro. E o cara é piloto. Como é que eu vou ter certeza sobre a localização dele? É melhor cortar o mal pela raiz agora antes que eu deixe esse comportamento crescer e me envolver por inteira.

Chego em casa e me permito alguns minutos deitada na cama de olhos fechados antes de trabalhar na minha apresentação. Eu preciso organizar esses pensamentos antes. Caso contrário não vou conseguir me concentrar.

Eu estou segurando meu celular e quando o sinto vibrar, abro o olho e checo a tela, mas ainda não é o Eduardo. Eu suspiro e fecho os olhos de novo.

Eu não acredito que eu fui estúpida o suficiente de cair no papinho barato dele, mas mais do que isso: eu não acredito que eu cheguei a achar que a vida estava me presenteando por eu ter finalmente conseguido me afastar do James. Que idiota. Como se a vida nos desse brindes toda vez que fazemos algo certo.

Crianças pensam assim. São as crianças que ganham presentes quando se comportam bem. Adultos não. A vida não é uma mãe e um pai ditando regras e te parabenizando quando você guarda seus brinquedos, come seus vegetais ou escova os dentes. A vida é simplesmente a vida.

Eu não ganhei nada por ter feito a coisa certa me afastando do James e nem vou ganhar. Eduardo foi simplesmente Eduardo. Ele não tinha nada a ver com o James.

James está tão impregnado na minha vida e nos meus pensamentos que eu cheguei até a achar que um desconhecido foi colocado na minha vida por causa dele. Quão idiota e infantil é isso? Pelo jeito, eu ainda tenho um longo caminho para me desfazer de fato do James. Era bom demais para ser verdade.

Eu respiro fundo uma última vez e me levanto. Eduardo precisa ficar para trás e quando eu resolver esse negócio do pôster eu penso sobre como vou dar o próximo passo para longe do James.

35.

Londres, Inglaterra

Meus últimos 3 meses em Londres foram tranquilos em se tratando do James e em comparação aos meses anteriores. Eu finalmente aprendi a lidar com ele e o segredo era simplesmente ficar quieta e deixar que ele fizesse o que ele queria. Eu sei que é deprimente, mas deu certo. Não discutimos mais e ele passou a agir como agia no começo quando havia acabado de me conhecer.

Então com o James estava tudo certo. No entanto, em se tratando do meu estágio, eu queria gritar e atirar as coisas pela janela, mas acho que todo mundo em algum momento já se sentiu assim em relação ao seu trabalho.

Como eu estava para sair do laboratório, minha chefe, Alice, me pediu para treinar a próxima estagiária que entraria no meu lugar. Eu, inocente e querendo ajudar, aceitei, mas hoje eu sei que estagiário não treina estagiário e eu nunca mais vou fazer isso. Eu me recuso. A responsabilidade de treinamento é dos coordenadores do laboratório e não da estagiária.

Mas eu não sabia disso na época, então topei treinar e desde o primeiro dia eu percebi que a menina apresentava uma grande dificuldade de entendimento de instruções básicas. Eu tentei ser paciente até onde deu. Segurei minha língua até quando ela finalmente percebeu que eu era canhota - eu não acreditei que já fazia uma semana que ela estava me acompanhando no laboratório e ainda não havia reparado que eu fazia tudo com a mão esquerda. Ela literalmente gritou:

- Credo! Você é canhota!

Eu fiquei alguns segundos sem saber o que dizer e como reagir.

- E qual é o problema? - foi o que eu consegui responder.

Ela fez uma careta e disse:

- É muito ruim ver as pessoas usando a outra mão.

Eu queria responder: “E eu acho muito ruim ver as pessoas não usando o cérebro, mas não saio falando por aí”, mas achei melhor ficar quieta. Então apenas ignorei o comentário e continuei explicando como preparar o meio de cultivo das células.

Depois dessa, minha paciência com ela ficou no limite e eu precisava de todo meu autocontrole para conseguir usar um tom de voz comedido com ela.

Até um dia em que eu a deixei trocar o meio de cultivo de uma garrafa. Até então, ela havia apenas me assistido fazer tudo. Eu ainda não tinha confiança em deixá-la mexer nas células sozinha, mas eventualmente percebi que a melhor maneira para ela absorver bem o conceito de “você precisa tomar muito cuidado para não contaminar o cultivo” era deixá-la colocar a mão na massa.

Então eu fiquei sentada ao lado dela no fluxo laminar - para quem não é da área, o fluxo laminar é um equipamento onde nós trabalhamos com as células porque ele oferece um ambiente estéril - e fui observando passo por passo.

Quando ela abriu a garrafa de cultivo e deixou a tampa virada para baixo na superfície do fluxo, eu disse suavemente:

- Lembre-se de deixar a tampa sempre virada para cima para diminuir a chance de contaminação.

Eu sei que em alguns laboratórios é instruído que você deixe a tampa virada para baixo, mas em todos onde eu trabalhei, eu sempre deixei a tampa para cima e foi isso que ela me viu fazer todas as vezes e como eu a ensinei a fazer. E mesmo assim, ela ainda não havia conseguido absorver uma instrução tão simples. Porém, como eu sei que você pode ficar nervosa na primeira vez que está fazendo isso sozinha e, por isso, pode se confundir, eu só a lembrei e não briguei.

Ela virou a tampa para cima e, em seguida, foi verter o meio de cultivo da garrafa no recipiente de descarte. Quando ela encostou o bico da garrafa na borda do recipiente, eu disse:

- Lembre-se de nunca encostar o bico da garrafa em nenhum lugar para não correr o risco de contaminar. Se você ainda estiver se sentindo insegura, você pode retirar o meio com a pipeta. Não tem problema.

Eu já havia demonstrado e explicado aquilo várias vezes antes, mas, de novo, era a primeira vez dela. Ela provavelmente estava nervosa. Pelo menos foi o que eu me disse para manter a calma.

As pipetas estavam no fundo do fluxo e a garrafa estava no meio do caminho, então sem nem hesitar, ela pegou a garrafa pelo bico e nessa hora eu não me aguentei. Eu me levantei e gritei:

- Não pegue a garrafa pelo bico! Quantas vezes eu falei isso? E alguma vez você me viu pegando a garrafa pelo bico? Deixa que eu faço. Você vai contaminar tudo.

E como se eu já não estivesse estressada o suficiente, ela me olhou com desdém e respondeu:

- Mas só isso já vai contaminar?

Eu nem me dei ao trabalho de responder. Era como falar com uma porta. Ela não absorvia absolutamente nada. A atividade mais simples que existe num laboratório de cultivo de células é trocar o meio de cultivo. Você leva mais tempo, se paramentando, limpando o fluxo laminar e organizando os materiais do que trocando o meio de cultivo de fato. E nem isso ela conseguia fazer. Ela fazia tudo exatamente ao contrário do que eu instruí.

Então quando eu cheguei em casa naquele dia eu estava exausta e irritada. Geralmente quando eu estava mal humorada eu tentava evitar o James para não correr o risco de não conseguir manter minha fachada de “está tudo bem” e estragar a nossa paz - embora eu soubesse que era apenas uma falsa sensação de paz.

Mas naquela semana James estava doente e eu estava devolvendo o favor de quando ele cuidou de mim. No fundo, eu queria dizer para ele chamar a Verônica para cuidar dele, mas achei melhor não. Não quis arriscar o clima de trégua entre nós porque eu sabia que essa trégua se apoiava numa corda bamba e qualquer variável a mais nesse cenário seria o suficiente para a coisa toda explodir na minha cara de novo.

Além disso, eu estava grata pela Verônica nunca mais ter aparecido. Claro, a cada dia que passava sem a presença dela, mais eu tinha certeza de que James havia tentado esfregá-la na minha cara de propósito e por um algum tipo de vingança. Parte de mim se sentia mal pela Verônica, mas a outra estava grata por finalmente ter conseguido uma resposta do James, por mais que ela tenha sido totalmente negativa. Ele sempre agiu como se fosse imune a mim, então descobrir que ele não era foi parcialmente um alívio.

Por isso, embora eu estivesse irritada naquele dia, eu passei no meu apartamento para deixar as minhas coisas e depois fui para o do James checar se ele precisava de algo.

- Oi, Oli - ele me cumprimentou com a animação usual dele, embora sua voz estivesse um pouco fanha por causa do nariz trancado.

- Oi, James. Como você está?

Ele estava deitado na cama, mas se sentou quando eu entrei no quarto.

- Melhor. Agora só estou com dor de garganta e de cabeça.

- Você quer que eu traga algo para você tomar? - eu ofereci.

- Já tomei. Obrigado - ele sorriu e eu notei que apenas o fato de estar perto dele já amenizou meu humor. Eu já estava me sentindo mais leve.

- Que bom. Você precisa de alguma outra coisa? - eu perguntei e já estava prestes a sair do quarto.

- Por enquanto não - ele disse. - Mas você pode vir se sentar aqui e me contar por que você parece mal humorada.

Eu parei no meio do caminho e forcei um sorriso. Era em momentos como esse que eu não podia me permitir abaixar a guarda.

- Acho que estou só cansada - eu decidi dizer. - O dia foi longo.

- É aquela menina que você está treinando? - ele adivinhou. - Porque eu acho que você não deveria estar a treinando e deveria avisar sua chefe que ela não vai dar conta.

Eu suspirei.

- Ela mesma. Ela é tão... burra. Eu sei que é feio falar algo assim, mas ela é impossível. Parece que ela não absorve nada do que eu falo.

- O que ela fez hoje?

- Tudo ao contrário do que eu disse para fazer - eu disse, frustrada. - Sinceramente, eu estou torcendo para que o cultivo que ela fez hoje contamine. Talvez assim ela se dê conta que precisa levar isso a sério. Se não contaminar, acho que eu vou chegar mais cedo amanhã para cuspir naquele cultivo para ter certeza de que vai contaminar.

James deu risada.

- Oli, avise sua chefe que você não vai mais treinar essa menina - ele disse. - Você está estressada demais e não é sua função.

- Eu sei, mas como eu vou falar isso sem fazer parecer que estou apenas falando mal de menina?

- É muito simples. Diga que ela parece não levar o trabalho a sério ou que ela não é adequada para a vaga. O resto é responsabilidade da sua chefe. Ou você pode simplesmente treinar do jeito que dá e pronto. Você está indo embora e o laboratório não é seu mesmo.

Eu pensei por um instante antes de responder. Do jeito que o James falava parecia ser realmente muito simples.

- Eu vou dar mais uma chance para ela - eu decidi. - Eu tenho 99% de certeza de que o cultivo dela de hoje vai contaminar. Se mesmo assim ela não perceber que precisa melhorar, então eu falo com a minha chefe.

- Isso. Se você se sente mais confortável assim, é uma boa estratégia - ele concordou. - Mas lembre que ela não é responsabilidade sua, Oli. Você não precisa resolver os problemas dos outros.

De novo, ele estava certo. Naquele momento eu me lembrei por que eu havia me tornado amiga do James. Ele era esperto e todos os problemas pareciam muito simples e objetivos na sua cabeça, então a solução para eles era sempre simples também.

Mas acho que o que mais me surpreendia era o fato de que ele me conhecia tão bem e só deixava isso transparecer quando me aconselhava. Eu tinha mesmo a tendência de tentar resolver o problema dos outros e assumir responsabilidades que não eram minhas e, embora isso pareça ser muito óbvio, poucas pessoas notavam isso. James era mesmo muito mais observador do que eu imaginava, o que às vezes me deixava preocupada. O quanto eu deixava escapar das coisas que eu não queria que ele soubesse e mesmo assim ele percebia?

Melhor não pensar nisso.

Então antes que eu abaixasse totalmente a minha guarda por causa daquela conversa, eu tentei finalizar o assunto para ir embora.

- Sim. É o que eu vou fazer - eu sorri. - Obrigada, James. Então se você não precisar de mais nada, eu vou para casa comer.

- Você quer comer aqui? - ele ofereceu. - Nós podemos pedir alguma coisa. O que você acha?

Eu hesitei por um instante e foi óbvio. James percebeu e sua expressão mudou um pouco. Eu gostava de pensar que era porque ele queria passar tempo comigo e ficou chateado que eu não queria passar tempo com ele, mas naquela altura eu já sabia que ele apenas queria uma companhia qualquer. Não importava se era eu ou outra pessoa. Nada do que o James sentia era sobre mim especificamente. Se é que isso faz sentido.

Mas eu queria uma companhia também e, sinceramente, eu sentia falta dele. Nós estávamos passando bem menos tempo juntos e às vezes eu sentia falta da nossa proximidade. Eu sentia falta do meu amigo.

- Pode ser - eu decidi.

Nós pedimos uma pizza e ficamos conversando no quarto dele. Naquele momento, tudo parecia normal e leve, como era no começo antes de tudo. Nós estávamos rindo e compartilhando histórias. Foi mais difícil manter minha guarda em pé por causa disso, mas eu dei o meu melhor. Eu jamais poderia me dar ao luxo de ser vulnerável perto do James - caso contrário minha calcinha acabaria no chuveiro dele de novo.

Nossa conversa acabou nos levando para histórias antigas da adolescência e fotos da época. Eu mostrei algumas que eu tinha no meu celular e James as analisou em silêncio o tempo todo, exceto por um “nossa” isolado que ele soltou numa das fotos, mas eu não entendi o que ele quis dizer com aquilo. Ele só falou de novo na última foto:

- Você era a típica patricinha, não era?

- Acho que sim - eu admiti. - Mas só até meus 15 ou 16 anos. Depois eu cresci.

- É. Nós não seríamos amigos na escola. Tenho certeza.

- Por que não?

- Você nunca falaria comigo.

Eu fiquei em silêncio por um momento, absorvendo a imagem que ele obviamente tinha de mim. Era isso que ele pensava de mim? Que eu era arrogante e esnobe?

- Para a sua informação, eu era amiga de todo mundo, ok? - eu disse, tentando não soar irritada, mas acho que fracassei porque a postura do James mudou de relaxada para atenta. Ele parou de sorrir e abriu a boca para responder, mas eu o interrompi antes que ele conseguisse. - Eu não era do tipo malvada. Eu não acredito que é isso que você pensa de mim.

- Não foi isso que eu quis dizer - ele disse. - Mas nosso grupo de amigos com certeza não seria o mesmo. Eu não estou pensando mal de você...

- Tudo bem - eu o interrompi de novo e me levantei da cama. - Nós nunca vamos saber, não é? Eu preciso ir.

- Oli - James chamou enquanto eu andava até a porta, mas eu ignorei.

Eu já havia passado tempo demais com ele e precisava ficar sozinha.

É disso que eu estou falando sobre a nossa trégua ser apenas uma fachada. Eu ainda estava magoada e sabia que não podia confiar nele, então qualquer coisa que ele falasse meio diferente já era o suficiente para me irritar e eu precisava sair de perto para não brigar com ele por um motivo besta e acabar no meio da terceira guerra mundial.

- Oli - ele me chamou com mais veemência, embora sua voz tivesse falhado um pouco por conta da dor de garganta.

- O quê? - eu me virei para ele antes de sair do quarto.

- Obrigado. Você fez o meu dia - ele disse numa voz suave e com um sorriso.

Por um instante eu fiquei sem reação. Esse comportamento dele era típico. Quando eu ficava minimamente irritada ou incomodada com algo que ele havia feito ou falado, ele tentava me amolecer com palavras bonitas. O pior é que isso funcionava na maioria das vezes porque ele me pegava de surpresa. Mesmo naquele momento depois de tudo que já havia acontecido, eu senti um sorriso se formando no meu rosto e meu coração ficando maisquentinho. Eu não sabia se ele estava sendo sincero ou apenas tentando me manipular como sempre, então apenas disse:

- De nada.

Ele continuou sorrindo e eu me virei rapidamente e fui para o meu apartamento.



Nossa amizade se tornou muito cotidiana e para qualquer um olhando de fora pareceria muito tranquila, mas isso era resultado de um esforço fenomenal da minha parte. Na maior parte das vezes eu queria gritar e jogar coisas porque por mais que o James não levasse ninguém para casa, é claro que ele saía com outras pessoas - lê-se mulheres - e de vez em quando eu via alguma mensagem no celular dele e me lembrava que eu não era absolutamente nada para ele. Eu era apenas a vizinha para quem ele pedia favores quando precisava, principalmente quando ele viajava a trabalho.

Por exemplo, um dia ele me mandou:

Oli, um amigo meu vai chegar amanhã e vai ficar no meu apartamento. Você pode abrir a porta e dar a minha chave para ele, por favor?

Eu respondi automaticamente:

Ok. Que horas ele chega?

Eu esperei um pouco e quando ele respondeu, eu dei um grito e quase perdi a motivação de ser uma boa pessoa.

Ele deve chegar às 6:30 da manhã.

Eu respirei fundo, coloquei um sorriso no rosto para não perder o hábito e digitei:

Tudo bem.

Obrigado, Oli. Vou mandar seu número para ele.

E no final ele acrescentou um coração. Eu nem respondi. Eu ainda não era uma pessoa tão evoluída assim. Toda a minha boa vontade já estava esgotada naqueles poucos minutos de conversa. Ele queria que eu me levantasse às 6:30 da manhã de um sábado para abrir a porta para um amigo dele? No que ele estava pensando? Eu realmente era a vizinha que regava as plantas dele, não era? Se bem que você não pede para a sua vizinha levantar às 6:30 da manhã para regar suas plantas, pede?

Mas eu não podia reclamar. Eu precisava manter a fachada e fingir que estava tudo ótimo e que eu era tão imune quanto ele. Então, no sábado lá estava eu abrindo a porta para o amigo dele - que era o Jonathan, o amigo de Nova York. Se na época eu soubesse que ele era bonito, eu não teria descido de pijama e descabelada, mas paciência. E eu estava com tanto sono que nem me lembro direito do que aconteceu. Eu apenas entreguei a chave para ele e subi para o meu apartamento de novo.

Mas os favores daquele dia não terminaram por aí. Eu passei o dia em *Notting Hill* para comprar souvenirs de Londres para levar para o Canadá, o que melhorou restaurou meu bom humor por completo, mas foi por pouco tempo porque quando eu estava chegando em casa, James me mandou outra mensagem.

Oli, você pode pegar meu computador no meu apartamento, por favor? Eu preciso que você veja algo para mim.

Eu considerei dizer que não estava em casa porque era sábado e tinha planos, mas a quem eu estava tentando enganar? Então fui até o

apartamento dele, bati na porta e quando Jonathan atendeu, eu me perguntei por que ele não pediu para o amigo dele ajudá-lo. Por que eu? Mas nada do que James fazia ou falava fazia sentido, então não pensei nisso e só fiz o que ele me pediu.

Quando estava saindo, agradei o Jonathan, mas parei na porta. Eu não iria fazer isso de graça. Fui até a cozinha, abri o congelador e sorri quando encontrei a caixa de *Magnum*. Abri a caixa e peguei um sorvete, mas antes de fechar o congelador, pensei melhor e peguei a caixa inteira.

Jonathan estava sentado no balcão e quando eu me virei notei que ele estava me observando.

Eu sorri e disse:

- Se ele perguntar, quando você chegou aqui não existia caixa nenhuma de *Magnum* no congelador, ok?

Ele deu risada e respondeu:

- Eu não vi nada.

- Obrigada - eu pisquei para ele e voltei para casa carregando o computador do James e a caixa de *Magnum*.

Em casa, eu me sentei no chão da sala e abri o computador. Enquanto esperava as próximas instruções do James fiquei olhando para a tela do computador dele. Se a Sarah estivesse ali, ela me diria que eu tinha todo o poder nas minhas mãos e poderia fazer o que eu quisesse para me vingar dele, e eu confesso que estava muito tentada a xeretar as coisas dele. Eu tinha certeza de que se eu abrisse seu e-mail e seus documentos eu encontraria muita coisa interessante, mas eu já conhecia o James o suficiente para saber que tudo que eu descobria sobre a vida privada dele me magoava.

Inclusive, no canto superior direito da área de trabalho dele havia uma foto da tela de uma ligação por vídeo. A pessoa na foto era a ex-namorada dele e a data na foto dizia que ela era de poucos dias antes, então eles continuavam se falando normalmente e aquilo era aviso suficiente para eu ficar longe de qualquer coisa que ele não me pedisse para abrir.

Eu segui as instruções dele, enviei os documentos que ele queria que eu enviasse e assim que terminei fui devolver o computador no apartamento dele para ficar longe da tentação.

Ele voltou para Londres no início da semana, mas nós mal nos vimos. Eu estava ocupada tentando treinar a outra estagiária (o cultivo dela daquele dia acabou contaminando como previsto e depois disso ela pareceu levar as

coisas mais a sério) e ele estava cheio de trabalho, mas quando conseguimos passar tempo juntos foi, como sempre, intenso.

Na sexta-feira, ele me convidou para ir à inauguração do bar de um conhecido com ele, Alex e Júlia. Eu aceitei porque não seríamos apenas nós dois, mas no dia, Alex desmarcou porque estava com amigdalite e como a Júlia havia passado muito tempo com ele, achou mais seguro ficar em casa também.

Então acabou sendo só eu e o James. Fazia muito tempo que nós não saíamos juntos sozinhos. Pelo que eu me lembre isso só aconteceu naquela noite que meus pais chegaram e naquela época a nossa relação estava bem diferente. Então eu não sabia o que esperar, muito menos como me portar. Com o Alex e a Júlia era muito mais fácil, mas sendo só nós dois era meio esquisito. Eu tentei agir naturalmente e até hoje não sei se deu certo.

Nós fomos a pé porque o bar era perto de casa e a noite estava agradável. James estava tagarela como sempre, então perceber que ele não havia estranhado a situação como eu me deu confiança e tranquilidade e eu fui relaxando no caminho.

Quando chegamos, o lugar já estava bem cheio e parecia animado, o que me animou também. James me guiou até o bar e eu fiquei perdida com a grande quantidade de tipos de cerveja disponível. Além da diferença de tipos, havia cervejas com sabores variados, desde chocolate até cereja.

- Cuidado que essas cervejas artesanais têm mais álcool do que as normais, Oli - ele me avisou. - Sei que você não é de beber muito, então vai com calma.

Eu revirei os olhos. James me subestimava tanto às vezes que eu realmente me perguntava o que ele via quando olhava para mim.

- Eu sei beber, James - eu respondi. - Nunca passei mal como certas pessoas.

- Justo - ele disse com uma risada.

Nós pedimos uma cerveja cada e encontramos uma mesa num canto para nos sentarmos. Após alguns segundos que para mim foram um pouco constrangedores, o papo começou a fluir e o amigo do James apareceu. Nós conversamos com ele um pouco, pegamos mais uma cerveja cada e continuamos a conversa.

Eu não sei quantos copos de cerveja cada um de nós bebeu. Eu só sei que eu provei pelo menos 3 tipos diferentes e que quando estava prestes a

terminar um copo, eu estava de pé conversando com o James e comecei a me sentir tonta.

Eu via James falando, mas as palavras dele começaram a se tornar confusas para mim e eu estava com dificuldade de focar no rosto dele. Eu achei que era exagero da minha parte - o que foi um erro imenso - e terminei o copo mesmo assim.

James continuava falando e eu vi a expressão no rosto dele mudando um pouco quando ele me olhou com mais atenção.

- Oli, você está bem? - ele perguntou.

- Não - eu admiti. - Eu acho que estou bêbada.

- Como? Você bebeu só três copos.

- Eu sei, mas eu estou bêbada.

- Você quer ir para casa?

Eu pensei em recusar, mas quando tentei dar um passo, perdi o equilíbrio e James precisou me segurar.

- Acho que sim.

James terminou o copo dele em mais um gole comprido e enganchou o braço dele no meu. Ele me guiou até a saída e no caminho parou para se despedir do amigo dele. Eu não lembro como foi a conversa nem se eu participei. Talvez eu tenha falado alguma coisa, mas talvez não.

Quando saímos, James me perguntou se eu estava bem para andar e eu garanti que sim. Também não me lembro do caminho até em casa, se nós conversamos ou se aconteceu algo. A próxima coisa que me lembro é de estar parada na porta da frente do nosso prédio. James hesitou por um instante e quando eu olhei pelo vidro, descobri por quê.

Apesar de já ser madrugada, nosso síndico estava no hall verificando as caixas de correio. Ele não era fã de moradores bêbados e a culpa era do James e dos amigos dele. Foi antes de eu me mudar, então eu não sei exatamente o que aconteceu. Eu só sei que alguém vomitou na escada, alguém - que eu acho que foi o próprio James - quebrou uma lâmpada e alguém acionou o alarme de incêndio de propósito. Desde então, o síndico tem uma política muito rígida sobre bêbados e principalmente sobre o James.

- Oli, finja que você está sóbria - James me instruiu.

- Ok - eu me endireitei automaticamente, embora o mundo estivesse rodando para mim e minhas pernas não parecessem tão estáveis.

James me olhou com atenção por um instante.

- Muito cuidado - ele disse.
- Pode deixar - eu sussurrei.

Ele abriu a porta para mim e meu primeiro passo foi certo, mas no segundo meu pé tropeçou na moldura da porta e eu me desequilibrei totalmente. James precisou me segurar, mas porque ele também não estava mais 100% sóbrio, ele se desequilibrou e nós dois batemos na parede com um barulhão. Eu comecei a dar risada e James tentou se segurar, mas não conseguiu.

O síndico se virou e nos olhou por cima do óculos não parecendo nem um pouco impressionado.

- Se um de vocês vomitar, os dois vão limpar - ele disse. - Se um de vocês quebrar algo, os dois vão pagar.

James parou de rir por um instante para assentir, mas em seguida voltou a rir comigo e nós seguimos para as escadas. Não me lembro do caminho completo enquanto subíamos, mas em certo momento eu senti o carpete áspero no meu pé e quando olhei para baixo vi que estava sem as sapatilhas. Eu me virei para o James para descobrir o que havia acontecido com elas e notei que ele estava as segurando em uma das mãos. Eu devo as ter tirado em algum momento sem perceber. Eu estava bem mais bêbada do que eu imaginava.

Quando chegamos na minha porta, eu fui pegar minha chave e percebi que estava sem a bolsa também, mas antes que pudesse entrar em pânico, notei que James estava com a minha bolsa também e já estava destrancando a minha porta.

- Você vai ficar bem, Oli? - ele perguntou enquanto abria a porta.

- Sim - eu respondi, mas junto com a palavra, uma ânsia de vômito subiu pela minha garganta e eu saí correndo para o banheiro.

Eu me agachei na frente do vaso sanitário e comecei a vomitar. Não ouvi James me seguindo, mas na minha visão periférica eu o vi se agachar ao meu lado. Ele me ajudou a segurar meu cabelo e ficou ali enquanto eu vomitava.

Quando eu achei que havia terminado, puxei a descarga, me afastei do vaso e sentei no chão com as costas apoiadas na parede. Fiquei com os olhos fechados por alguns segundos e quando os abri, encontrei James me olhando com uma expressão divertida.

- O que foi? - eu consegui perguntar.

- Eu sei beber. Eu nunca vomitei - ele disse fazendo uma imitação da minha voz.

Eu dei uma risada curta e fui interrompida por mais uma onda de ânsia. Eu voltei para o vaso sanitário e vomitei mais.

De novo, quando achei que havia terminado, puxei a descarga e me sentei no mesmo lugar de antes. Eu respirei fundo, repentinamente exausta. Eu não sabia que vomitar cansava.

James estava agachado no mesmo lugar também e eu me virei para ele.

Ele ainda parecia estar achando aquela situação divertida, mas então o olhar dele caiu para a direção das minhas pernas e quando eu o segui, percebi que a minha saia estava levantada, deixando parte da minha calcinha à mostra.

Gentilmente, James esticou uma mão e abaixou a saia. Eu me lembro de achar a atitude dele tão estranha. Quero dizer, não era nada que ele nunca tivesse visto - às vezes eu até tentava não pensar em tudo que ele já havia visto e dos ângulos pelos quais ele viu - então eu não entendi por que ele se preocupou em não deixar minha calcinha à mostra.

Mas ao mesmo tempo eu reconheci o cuidado e o respeito naquela atitude e quando eu olhei para ele de novo, eu fui tomada por uma onda de afeição e gratidão tão grande que eu quase disse “eu te amo.” Felizmente, eu consegui me controlar.

- Obrigada - eu acabei sussurrando.

James deu um sorriso pequeno e continuou ali do meu lado pacientemente. Eu fui tomada mais uma vez por uma onda de afeição e dessa vez não consegui me controlar. Provavelmente era o álcool falando.

- James, posso fazer uma pergunta?

- Claro.

- Por que...

Eu comecei a falar e parei. Não sei se faltou coragem ou se meu bom senso me segurou, mas eu pensei de novo. Eu queria perguntar por que ele não queria nada comigo. Era algo que eu havia feito? Era porque ele não gostava de mim? E se fosse isso, então por que ele não gostava de mim? Ou era por outro motivo? Eu queria muito entender, mas talvez a resposta fosse outra que eu não havia considerado. E se eu não gostasse da explicação? E se esse assunto estragasse tudo de novo entre nós? Eu estava indo tão bem. Eu não podia me arriscar.

- Por que o que, Oli? - ele pressionou após um instante.

- Nada. Esquece.

Ele suspirou, incomodado.

- Oli, você sabe que eu sou curioso. Você não pode começar a falar e parar.

- Não era nada - eu disse.

James revirou os olhos e suspirou mais uma vez.

- Tudo bem. Você está melhor? - ele perguntou.

Eu levantei um dedo no ar, indicando para ele esperar, e parti para a terceira onda de ânsia, mas dessa vez eu senti que era a última.

Quando terminei, eu estava me sentindo mais leve e menos tonta.

- Acho que agora sim - eu disse.

- Que bom - ele se levantou e esticou a mão para me ajudar a levantar também.

Eu me lembro de escovar meus dentes, andar até o quarto, trocar de roupa e me deitar na cama. De acordo com o James na manhã seguinte, assim que eu me deitei, eu apaguei. Ele até tentou falar comigo mais uma vez, mas eu não respondi mais.

36.

TORONTO, CANADÁ

Eu não acredito que faz mais de 6 meses que eu voltei de Londres e ainda estou exatamente no mesmo lugar. Eu tinha tantas expectativas. Eu achei que voltar resolveria todos os meus problemas com o James, mas aqui estou eu ainda pensando nele, me lembrando de tudo e morrendo de vontade de perguntar para ele: “Por quê? O que foi que faltou para dar certo?” Sou eu? É você? Qual é o problema?

Eu achei que estava conseguindo progredir, mas depois do Eduardo parece que tudo voltou ao que era. Eu voltei a me perder um pouco no tempo e passo mais tempo perdida nas minhas memórias do que vivendo.

E quando eu não estou pensando no James, acabo pensando no Eduardo porque ele não me respondeu mais. Duas semanas já se passaram e pelo jeito ele simplesmente leu a minha mensagem pela barra de notificação e ignorou. Eu não tinha nenhum tipo de sentimento profundo por ele, mas também não é como se eu fosse totalmente indiferente a ele. Quero dizer, se a situação fosse ao contrário e ele me acusasse de mentir, mesmo que eu estivesse mentindo, eu iria pelo menos responder algo, fosse para continuar a mentira ou explicar a situação. A questão é que eu faria alguma coisa, mas ele não fez absolutamente nada. Não tentou se defender, não tentou se explicar e nem tentou continuar a mentira.

Eu nem esperava que ele me pedisse desculpa ou me explicasse seus motivos. Eu só esperava que ele reconhecesse a minha existência, mas acho que até isso é pedir demais hoje em dia. Essa é a parte que machuca. Ele não se importava o suficiente nem para reconhecer que eu existo.

Mas essa mágoa está quase passando. Eu estou ocupada no laboratório porque depois da apresentação do pôster comecei de fato a fazer meus experimentos, ou pelo menos comecei a testar protocolos para iniciar os experimentos e tudo isso é muito mais interessante e importante do que ficar me sentindo mal pela falta de consideração do Eduardo.

Então meus dias têm sido divertidos e emocionantes enquanto estou no laboratório e depois ficam confusos porque fico oscilando entre o Eduardo e o James. Mesmo com o Eduardo quase totalmente fora dos meus pensamentos, ainda sobra o James, que agora se tornou um sentimento misto entre saudosismo, frustração e mágoa.

Às vezes o saudosismo e a saudade falam mais alto por conta das memórias boas, como aquela noite que eu voltei bêbada para casa e não conseguia parar de rir com o James. Então nesses dias eu abro o *Instagram* dele e fico vacilando entre adicioná-lo de novo ou não. Eu quero adicionar, mas sei que é melhor não, então deixo o celular de lado e vou fazer outra coisa. Eu espero que com o tempo eu pare de sentir necessidade de fazer isso. Talvez eu só precise continuar firme na minha decisão para que um dia isso aconteça.

E em outras vezes as memórias ruins ficam em evidência e eu me pego pensando em quão estúpida eu fui porque era óbvio que ele não sentia nada por mim. Quero dizer, a maneira como ele não precisava pensar duas vezes antes de me magoar, como ele nunca levou meus sentimentos em consideração, como ele sempre fez o que era melhor para ele sem pensar em mim e sem se sentir culpado por isso. Assim como o Eduardo, a única coisa que eu esperava do James era que ele reconhecesse a minha existência e uma única vez me respeitasse. Só uma vez eu queria que ele me mostrasse que eu não era só uma coisa do passado que atrapalhava a vida dele. Só uma. Não era pedir muito, era?

Na época eu tentava me convencer que James não gostava de mim para não me arriscar ter esperanças e isso refletia na minha atitude com ele. Mais para o final eu já estava sendo bem ríspida com ele e não me importava em demonstrar a minha irritação porque já que ele era egoísta demais para me respeitar e me deixar em paz, talvez se eu fosse grosseira, ele eventualmente se afastaria naturalmente. Não foi isso que aconteceu.

Então aqui estou eu quase um ano depois ainda sem saber o que fazer com todos esses sentimentos e memórias. É muito frustrante.

Mas, como eu disse, eu tenho coisas mais importantes e emocionantes no momento, como meus experimentos e eu preciso ir para o laboratório agora.

Eu chego ao instituto de manhã cedo animada como sempre. Geralmente eu sou a primeira a chegar, mas hoje Isabel - uma pós doutoranda da Portugal - já está no laboratório quando eu entro. Eu a

cumprimento educadamente e vou até a minha bancada sem puxar conversa. Todos os integrantes desse laboratório parecem ser simpáticos, assim como a Isabel, mas eu ainda não sou muito próxima deles. Eu estou ficando amiga mesmo da Anna, aquela mestranda que respondeu o chefe do laboratório na prévia da apresentação do pôster.

Visto meu jaleco e vou para o laboratório de cultivo de células que precisa ser separado do laboratório normal por questões de biossegurança.

Ontem eu deixei as minhas células sem um componente importante do meio de cultivo - alguns fatores de crescimento - porque ele interfere nas leituras dos experimentos que eu preciso fazer, então hoje eu quero ver se elas passaram bem a noite e ainda estão vivas. Caso elas estejam bem, é esse protocolo que eu vou usar quando for fazer o experimento de fato. Caso contrário terei que pensar em outra opção para que esse componente não interfira nas leituras.

Felizmente, sob o microscópio elas parecem bem. Eu já havia feito um teste antes e elas ficaram 15 horas sem os fatores de crescimento e, embora tivessem sobrevivido, elas estavam bem fracas. Por isso, eu resolvi testar deixar apenas 12 horas de incubação. Precisei ficar até depois do meu horário no laboratório, mas fazer o quê? E parece que deu certo. Elas estão com uma aparência melhor.

Então eu passo a manhã fazendo algumas análises para garantir que elas estão mesmo bem e perto do horário do almoço leio o artigo para a reunião da tarde. Agora que a época de apresentações passou, as reuniões semanais do meu grupo de pesquisa são sobre discussão de artigos.

No caso de hoje, o artigo é muito complexo para mim, mas eles vão me dar um folga já que eu ainda sou aluna de mestrado e é a minha primeira reunião oficial de discussão, certo? Por isso, mesmo não conseguindo absorver todos os detalhes do trabalho, eu não fico preocupada. Até porque eu acho que consegui entender os pontos principais.

Eu almoço com o Luca e com todos os integrantes do laboratório porque aprendi que aqui que eles gostam de fazer isso juntos e eu vi isso como um bom sinal e fiquei aliviada porque, como eu havia conversado com a Geórgia quando estava pensando em vir para cá, a fama do instituto é de ser um ambiente muito hostil. Porém, até agora eu só conheci pessoas gentis e simpáticas. Pode ser que eu tenha dado sorte de não cruzar com ninguém ruim ainda.

Esse otimismo me acompanha durante o almoço inteiro e até o início da nossa reunião à tarde.

- Todos tiveram tempo de ler o artigo de hoje? - Luca pergunta quando nos sentamos ao redor da mesa na sala de reuniões.

A pós doutoranda e os dois alunos de doutorado acenam que sim com a cabeça.

- Olívia? - Luca pergunta.

- Sim - eu digo.

- Ótimo - ele diz com um sorriso. - Alguém quer começar fazendo um resumo do artigo?

Eu considero me voluntariar porque essa é a parte fácil e já contaria como a minha participação da reunião e diminuiria minhas chances de ser perguntada sobre algo complicado depois.

- Eu posso fazer - o doutorando cujo nome eu ainda não decorei é mais rápido do que eu e fala antes que eu consiga me decidir. A única coisa que eu havia notado sobre esse doutorando era que ele adorava vestir roupas em tom de marrom. Dificilmente eu o via usando alguma cor diferente. No máximo ele usava um bege ou um preto, mas normalmente as roupas e mochila dele eram em tons de marrom.

- Tudo bem. Pode começar então - Frank diz. Ele é o outro pesquisador do grupo e eu sei que é orientador desse doutorando também.

- Bem, o artigo é um estudo inglês sobre o uso de subprodutos de células-tronco para o tratamento de infartos.

Ele pausa por um instante para organizar seu raciocínio e logo em seguida continua a explicação. Nitidamente ele é muito bom em decorar porque ele cita até as siglas que os autores deram para cada grupo controle e cada grupo experimental. No final ele cita até o nome das proteínas que foram identificadas nos subprodutos celulares sem nem precisar checar o artigo ou qualquer tipo de anotação. Eu não consigo fazer isso, mas que bom para ele que ele consegue então.

No entanto, os pesquisadores não demonstram qualquer tipo de reação extra por causa disso. Cada um está olhando para a sua própria cópia do artigo e ninguém interrompe o doutorando também.

- Muito bom - Frank diz no final. - Foi um bom resumo, Benjamin.

Isso. Esse era o nome dele. Benjamin.

- Agora, Olívia. - Franz diz de repente e se vira para mim.

Eu me endireito na cadeira para me preparar, mas ainda estou tranquila. Eu não consigo imaginar o que ele vai me perguntar, mas não estou preocupada.

- O que você achou do artigo? Alguma crítica? - ele pergunta. - Na sua opinião, você acha que há algum controle faltando? Você acrescentaria mais algum? Ou tiraria algum deles por ser redundante?

Ok. Eu não estava esperando por esse tipo de pergunta e agora estou nervosa. Eu não faço a mínima ideia. Quem sou eu para criticar o artigo desses pesquisadores ingleses que nitidamente sabiam o que estavam fazendo?

Eu lambo os lábios, nervosa. Isso parece a minha entrevista do mestrado quando eu fui pega de surpresa pelo Luca me pedindo para resumir o artigo dele.

- Hm... - eu murmuro para fingir que estou montando meu raciocínio, mas a verdade é que eu realmente não sei o que dizer. Eu não tenho conhecimento suficiente para criticar esse artigo. Por que eles estão fazendo isso comigo? É um tipo de rito de passagem?

Todos estão olhando para mim com expectativa e eu estou torcendo para que alguém - talvez o Luca - resolva intervir e diga algo como “Brincadeira. Era só para assustar você um pouco. É claro que nós não vamos fazer você criticar um artigo complexo na sua primeira reunião oficial. Você é só uma aluna de mestrado ainda. Fique tranquila. Benjamin, o que você acha do artigo?”

Mas eles continuam me olhando, então acho que não é brincadeira. Eles realmente estão esperando que eu responda.

Eu sabia que deveria ter me voluntariado para começar resumindo o artigo. Eu deveria ter sido mais rápida do que o Benjamin. Que droga.

De qualquer forma, acho que a minha única saída é ser sincera agora. Bem feito para mim.

- Bem, o artigo não é totalmente da minha área, então eu não sei julgar a parte de análise da melhoria da função cardíaca dos camundongos, mas a parte de cultivo celular, seleção e isolamento das moléculas de interesse me parece ter sido bem planejada e executada. Eu acho que não acrescentaria nem tiraria nenhum controle.

Eu tentei parece tranquila enquanto falava, mas minha voz soou meio trêmula até para mim, então com certeza os outros notaram também.

- Muito bem - Frank diz. - Realmente é um estudo muito bem executado, mas um dos controles me deixou incomodado.

- Um? - Luca diz e dá risada. - Eu mudaria quase todos os controles.

Ah, que ótimo. Eu errei tudo então. O estudo pelo jeito é uma porcaria e eu não soube identificar.

Pelo próximos 10 minutos eu só fico ouvindo Frank, Luca e a pós doutoranda discutirem por que os controles do estudo são ruins e como eles mudariam e eu não entendo muita coisa. Felizmente, o Benjamin também parece um pouco perdido e não fala nada, então eu não estou sofrendo sozinha. E viram só? Não adiantou nada ele decorar todos aqueles nomes de proteínas.

Para o meu alívio, a reunião não dura muito depois disso. Ninguém mais me fez perguntas e eu fiquei apenas ouvindo e anotando. No final, cada um mostrou um artigo que trouxe para escolhermos qual vamos discutir na semana que vem e selecionamos o do Luca.

Volto para o laboratório um pouco desanimada por ter dado palpite errado na reunião, mas assim que visto meu jaleco já recupero meu bom humor. Aproveito o resto do dia para atualizar as anotações sobre as minhas observações de hoje sobre as células. Com isso pronto, começo a planejar um experimento inicial para mostrar para o Luca e pego meu celular para calcular a concentração ideal das células.

A última coisa que eu fiz no meu celular foi checar o *Instagram*, então assim que o desbloqueio, a primeira coisa que eu vejo uma publicação da Júlia.

Há 4 pessoas na foto: Júlia, Alex, James e alguém que eu não conheço.

O choque de ver o rosto do James depois de tanto tempo já é o suficiente para me desestabilizar um pouco, até porque eu não o sigo mais nas redes sociais, então fazia muito tempo que nem via fotos dele.

Mas o que realmente aperta o meu coração é a legenda que diz: encontro de casais.

A desconhecida aparentemente é uma nova namorada do James e se eu estava em dúvida sobre ter superado o James, nesse momento eu descubro que eu realmente não superei porque eu me sinto exatamente da mesma maneira que me senti quando o vi com a Verônica, quando lia nomes femininos no celular dele e quando descobri que ele havia voltado com a ex-namorada.

Mesmo sabendo que não devo, eu clico na marcação da suposta nova namorada do James para abrir o perfil dela e, para a minha surpresa, ele é aberto, mas instantaneamente eu desejo que ele fosse privado porque a primeira foto é com o James. Então é oficial: James está de namorada nova.

Mais do que isso, é oficial que o problema era comigo. Ele troca de namorada facilmente e não demora para mostrá-las para o mundo, mas comigo a história era completamente diferente. Ele não demonstrava nada por mim na frente dos outros. A única vez que ele fez isso foi no aniversário do Alex, mas eu acho que foi mais porque foi o dia que ele finalmente percebeu que eu iria embora dali 2 meses.

Pensando melhor agora, James realmente não queria nada comigo e sempre deixou isso claro, não deixou? Eu é que romantizava tudo e criava esperanças sozinha. A culpa disso tudo é mesmo minha. Fui eu que me coloquei nessa situação. Meu Deus.

37.

Londres, Inglaterra

A sua internet não está funcionando?

Eu mandei a mensagem para o James e esperei por alguns minutos, mas ele não respondeu.

James estava mais uma vez viajando, mas pela primeira vez não era a trabalho. Ele havia ido com Alex, Júlia e mais dois amigos para Malta e eu fiquei em casa porque precisava trabalhar. James até me convidou para ir com eles e eu até poderia tirar um final de semana dos meus experimentos e viajar, mas achei melhor não fazer isso por 2 motivos: 1) eu queria terminar o treinamento da estagiária que iria entrar no meu lugar o quanto antes e 2) não achei uma boa ideia viajar com o James. Caso algo acontecesse, para onde eu iria escapar? Em Londres eu pelo menos conseguia me esconder no meu apartamento e estava tudo resolvido, mas numa viagem isso seria impossível. Então achei mais prudente ficar em casa.

Porém, isso significava que eu me tornei a amiga que rega as plantas de novo. James havia me pedido para enviar um documento do computador dele para alguém que eu nem sabia quem era, então lá estava eu no apartamento dele, mas não conseguia conectar o computador na internet.

Esperei o James me responder por alguns minutos até que decidi levar o computador dele para o meu apartamento e usar a minha internet.

Fiz o que ele queria que eu fizesse e fui viver a minha vida.

Naquela tarde eu fui para Cambridge com a Sarah e o Will. Eu estava quase indo embora de Londres e não havia conhecido quase nada da Inglaterra, então quis aproveitar aqueles últimos 2 meses para passear um pouco.

Nós fizemos um pequeno tour da cidade e fizemos o passeio de *punt* pelo rio e isso me custou 17 libras e eu achei um absurdo, mas no final acho até que valeu a pena. É um passeio bonito pelo rio Cam e você vê todas as

instalações das faculdades que fazem parte da Universidade de Cambridge. O guia era divertido também, então foi um bom investimento.

Quando voltei à noite para casa chequei meu celular e só então notei que o James havia visto a minha mensagem, mas não me respondeu. Eu suspirei frustrada, mas a nossa relação era assim naquela época. Era tão cotidiana que ele nem se dava mais ao trabalho de responder as minhas mensagens.

Deixei meu celular na bancada da cozinha e foi quando vi o computador dele ali. Resolvi ir devolver de uma vez e assim que coloquei o computador na mesa da sala dele notei o modem da internet ao lado da TV. Eu notei porque estranhei que as luzes estavam apagadas.

Então fui até ele e percebi que ele estava desligado. Era por isso que a internet não estava funcionando. Bem, quem nunca deixou um detalhe desses passar, não é? Se não deixássemos, os profissionais de TI estariam sem emprego.

Voltei para o meu apartamento, decidi manter o bom humor - e talvez provocar o James um pouco - e mandei outra mensagem para ele:

**Está funcionando sim, Oli.
Eu só desliguei o modem.**

Fui dormir exausta, mas antes de cair no sono percebi que fiquei esperando que o James me respondesse. Quando ele não fez isso, eu me peguei lembrando que no começo, quando eu havia acabado de chegar em Londres - e antes daquela noite no hotel - James me respondia em questão de poucos minutos. Ele nunca estava ocupado demais. E mesmo quando o assunto acabava e ele não precisava responder, ele arranjava um jeito de continuar a conversa.

Então não consegui conter a breve onda de tristeza que me atingiu naquele momento quando percebi que James realmente só me deu toda aquela atenção no início porque tinha segundas intenções. E agora que ele já havia conseguido tudo que queria de mim, ele nem se dava ao trabalho de responder as minhas perguntas. Felizmente, adormeci rapidamente mesmo assim porque eu já sabia que eu não podia fazer nada sobre isso e que já estava no fim. Dali 2 meses eu estaria de volta ao Canadá e nada mais disso importaria.

O dia seguinte era uma segunda-feira, então de manhã eu estava me arrumando para ir para o laboratório quando recebi uma mensagem do James.

Oli, esqueci que eu preciso devolver algo da Amazon e é só até hoje.

Você pode levar no correio para mim?

Está na minha mesa no quarto e está etiquetado já. É só levar. Por favor?

- Ah, claro. Quando você precisa de alguma coisa, você lembra que eu existo - eu resmunguei mal humorada para mim mesma.

Eu considerei não fazer esse favor para ele, mas no final das contas seria emocionalmente mais barato fazer. Afinal, eu ainda queria manter a paz entre nós, por mais que fosse uma paz apenas aparente. Então fui até o quarto dele, peguei a caixa e decidi que passaria rapidinho no correio na hora do almoço, mas não respondi a mensagem dele.

No laboratório a situação estava um pouco estressante porque eu estava me ensaiando para falar para a Alice que eu achava que a nova estagiária não era boa. Ela começou a levar os experimentos mais a sério depois que aquele cultivo dela contaminou, mas mesmo assim eu não achava que fosse dar conta e por mais que eu concordasse com o James de que aquilo não era problema meu, eu ainda estava incomodada e achava que eu deveria pelo menos avisar a Alice.

De manhã eu dei o meu melhor para fazer meus experimentos e treinar a estagiária e assim que pareceu um horário aceitável para ir almoçar, eu fui até o refeitório com o Will e depois passei no correio que ficava a uma quadra do instituto postar a devolução do James.

Quando voltei pro laboratório tirei uma foto do recibo e enviei para ele. Pronto. Cumpri minha obrigação para manter a paz.

Eu estava me preparando para voltar aos experimentos quando senti meu celular vibrar no bolso do jaleco. Eu o peguei e fiquei surpresa quando vi que era uma resposta do James.

Muito obrigada, Oli!

No aeroporto eu compro aquele chocolate que você gosta.

Ele até acrescentou um coração no final da mensagem, mas eu só revirei os olhos e guardei o celular no bolso sem responder. Típico. Todo charmoso e querido quando quer alguma coisa.

De qualquer forma, eu tinha mais o que fazer. Peguei um papel e uma caneta para explicar o planejamento do experimento para a estagiária.

- Então, vamos lá - eu disse para ela com um sorriso. - As células ficaram incubando com a solução durante o almoço e agora nós precisamos colocar 100 mil células em cada tubo para a análise. Por isso, como nós temos uma solução de 5 mL com 1 milhão de células, como vamos diluir essa solução para colocarmos 100 mil células em cada tubo?

Eu anotei os números no papel e ela ficou olhando para os números sem responder. Eu achei que ela estava tentando calcular de cabeça, mas quando ela abriu a boca foi para dizer:

- Nossa, eu ainda acho muito ruim ver você escrevendo com a mão esquerda.

Eu queria responder alguma coisa grosseira, mas achei melhor não. Então peguei meu celular do bolso para usar a calculadora e mais uma vez fiquei surpresa quando vi que o James havia me respondido. Pelo jeito ele estava sem nada para fazer nem tinha ninguém com quem conversar. Era a única explicação.

Nossa, me ignorou.

Claro, quando ele me ignorava não era problema nenhum, mas quando eu ignorava...

Eu resolvi responder rapidamente e aproveitei a distração momentânea para não gritar com a estagiária.

Foi mal. Esqueci de responder.

Enviei a mensagem e achei que a conversa terminaria ali, mas ele respondeu logo em seguida:

Grossa.

Se ele estivesse na minha frente naquele momento, eu teria o jogado pela janela junto com a estagiária.

Pelo jeito a vida estava testando a minha paciência naquele dia. Eu queria gritar com os dois e pedir para eles me deixarem em paz, mas eu não podia fazer isso.

Então respirei fundo e primeiro respondi o James.

Não era para ser grossa.

Depois que eu enviei a mensagem eu pretendia abrir o aplicativo da calculadora para continuar a explicação do experimento para a estagiária, mas James foi mais rápido e me respondeu instantaneamente.

Tudo bem. Eu me acostumei já.

Quando eu li aquilo, não me aguentei. Como ele ousava me chamar de grossa depois de tudo?

- Pegue sua calculadora e faça as contas que eu preciso resolver uma coisa - eu disse para a estagiária e digitei uma resposta para o James.

Você que foi grosso e me ignorou!

Ignorei não. Para com isso.

Então rapidamente eu tirei foto da tela da parte da nossa conversa em que ele me ignorou e enviei para ele.

Ah, foi para valorizar a sua inteligência hahaha.

Eu encarei a tela, incrédula e chocada. De onde essa pessoa havia surgido? Por que ele estava agindo assim? Ele realmente não tinha mais interesse algum em mim.

Antes que eu pudesse responder, ele simplesmente me enviou uma foto do mar cristalino de Malta. Eu não entendi nada e a minha paciência se esgotou naquele momento.

Vai se foder, James.

E antes que ele pudesse falar mais alguma coisa, guardei o celular e voltei minha atenção para a estagiária. Pelo tanto de cálculo que ela havia anotado no papel ela não sabia nem fazer uma regra de três e eu ainda teria muito trabalho pela frente.



James voltou na noite seguinte. Eu estava sentada na mesa do meu quarto trabalhando no meu computador. Eu precisava escrever um relatório final de estágio para entregar para a Alice e para o meu coordenador no Canadá e achei melhor já começar porque sabia que iria me dar trabalho.

Eu ouvi o James chegando em casa, mas ignorei. Ele não falou mais nada depois daquela minha última mensagem e eu até achava bom. Talvez ele tivesse entendido que era para me deixar em paz.

Porém, alguns minutos depois ouvi uma batida na minha porta da frente e logo em seguida ela se abriu.

- Oli?

Pelo jeito ele não entendeu minha última mensagem então.

- No quarto - eu respondi, mas não me virei para a porta quando o ouvi entrar porque estava concentrada e não queria dar muita atenção a ele.

Mas isso não importou porque James me abraçou por trás. Eu parei de digitar no mesmo instante e nem consegui reagir.

Ainda me abraçando, ele beijou minha bochecha e eu continuei imóvel.

- Tudo bem por aqui? - ele perguntou.

- Tudo - eu consegui dizer. - Você está bêbado?

- Não. Por quê? - ele perguntou de maneira inocente e realmente não havia nada na sua voz ou no seu hálito que indicasse que ele havia bebido recentemente.

- Por nada - eu menti e tentei voltar a escrever meu relatório.

Mas apenas tentei porque James ainda estava me abraçando e quanto mais tempo o contato entre nós se mantinha, mais meu coração amolecia. Então, eventualmente, eu percebi que estava feliz por ele ter voltado e que havia sentido falta dele nos últimos dias. Não que eu fosse admitir isso para ele.

- Já jantou? - ele perguntou e me soltou. Meu coração idiota queria pedir para ele voltar, mas eu me controlei.

James se encostou na mesa ao meu lado e eu olhei para ele pela primeira vez.

- Hmm... voltou bronzeado - eu comentei, tentando não demonstrar que eu estava mesmo impressionada. Aquele tom de pele combinava com ele.

Ele deu risada.

- Você precisa ver as minhas costas. Queimei tudo. Essa camiseta está me matando.

Eu revirei os olhos.

- Parece criança que não sabe usar filtro solar.

Ele deu de ombros.

- Você não me respondeu. Você já comeu?

- Não. Ainda não. Você quer pedir algo?

- Acho que vou cozinhar alguma coisa. Quer também?

- Eu quero, mas também quero escrever boa parte desse relatório ainda hoje, então não vou poder ajudar você.

- Tudo bem - ele disse e me deu um beijo na cabeça. - Eu faço para nós dois. Já volto.

- Lembra de trazer meu chocolate também! - eu gritei quando ele saiu do quarto.

Eu o ouvi dar risada e logo em seguida a porta da frente se fechou.

Voltei minha atenção para o meu computador e me concentrei tanto que nem ouvi os barulhos no apartamento do James enquanto ele cozinhava. Quando achei que havia escrito o suficiente fui tomar um banho para relaxar e quando saí, ouvi James na minha cozinha, então fui até lá para ver o que ele estava fazendo.

Ele estava sentado à mesa sem camisa mexendo no celular. Na mesa havia dois pratos com dois hambúrgueres que pareciam muito mais apetitosos do que os que você come por aí nos restaurantes.

- Você não precisava trazer tudo aqui - eu disse para ele.

- Eu não queria atrapalhar você e pedir para você ir até o meu apartamento - ele abaixou o celular e sorriu para mim. - E eu estava sem cebola e salada para o hambúrguer, então vim assaltar a sua geladeira.

- Ah, tudo bem. Obrigada então - eu disse e só então notei que ele estava sentado de uma maneira meio rígida na cadeira porque ele não estava usando o encosto - Suas costas estão doendo? - eu adivinhei.

- Bastante - ele admitiu.

Antes de me sentar eu fui até ele para ver suas costas que estavam mesmo muito vermelhas.

- Se você quiser, eu tenho um hidratante para você. Vai refrescar bastante - eu ofereci e fui me sentar na frente dele.

- Seria ótimo. Eu não vou conseguir dormir assim.

- Depois eu empresto para você então.

Ele sorriu para mim e eu sorri em resposta.

Nós comemos quase em silêncio, exceto pelas vezes em que ele queria me contar alguma coisa da viagem. Eu ouvi com atenção e interesse. A atmosfera entre nós já era tranquila e familiar de novo.

- Você terminou o que você estava fazendo? - ele perguntou quando terminamos de comer.

- Não. Eu só comecei.

- E o que é?

- É um relatório de atividades que eu preciso entregar antes de ir embora, então eu achei melhor já começar porque depois não sei se vou ter paciência e cabeça para escrever, mas acho que o texto está meio confuso.

- Você quer eu leia e te diga? - ele ofereceu.

Eu fui pega de surpresa com a oferta - já perceberam quantas vezes James me pegou de surpresa?

- É um pouco longo, mas se você quiser, eu aceito a sua opinião.

- Então eu ajudo - ele disse sorrindo e levou seu prato para a pia.

- Pode deixar que eu lavo a louça - eu ofereci. - Você cozinha. Eu lavo. Esse é o acordo, certo?

Ele sorriu para mim.

- Obrigado. Seu computador está no quarto?

- Sim. O arquivo ficou aberto. Pode ir lendo que eu já vou lá.

Ele foi até o meu quarto e eu fui até a pia sem entender o que estava acontecendo porque não havia planejado passar tempo com o James hoje, então eu estava um pouco preocupada. Quando ele me pegava despreparada era quando eu acabava fazendo besteira.

Lavei a louça e quando terminei respirei fundo antes de ir para o meu quarto.

James estava deitado de barriga para baixo na minha cama com o meu computador. Suas costas vermelhas ficaram mais em evidência nessa posição e eu não consegui conter uma risada.

- O que foi? - ele perguntou. - Você está rindo de mim?

- Sim - eu disse e fui até o banheiro pegar o hidratante.

- Não consigo deitar de costas nem me encostar na cadeira. Essa posição é a melhor.

- Eu imagino - eu respondi quando voltei para o quarto.

Eu me sentei do lado dele na cama e abri o hidratante. Coloquei um pouco na minha mão e gentilmente comecei a espalhar o hidratante pelas costas dele. Eu tentei me concentrar ao máximo na minha atividade, mas era difícil não me distrair com os músculos se contraindo ligeiramente quando James se mexia.

Ele não era exatamente musculoso, mas seus ombros eram largos - eu diria que depois das mãos, os ombros dele eram a parte mais atraente do corpo dele - e ele já havia passado por uma fase de academia antes de me conhecer, então alguns músculos ficavam em evidência dependendo de como ele se mexia.

Felizmente, de vez em quando ele me perguntava algo do meu relatório, como o que eu queria dizer em alguma frase ou se algo era para ser daquele jeito mesmo ou se eu havia errado e, conseqüentemente, me forçava a me manter no momento ao invés de sonhar acordada.

- Eu vou dormir daqui a pouco desse jeito - ele comentou em certo momento.

Eu dei risada e belisquei delicadamente uma parte do seu ombro que não estava queimada.

- Não durma antes de terminar de ler o meu relatório.

Ele deu risada também e eu continuei espalhando o hidratante nas suas costas por mais tempo do que o necessário. Eu não sabia quando teria outra chance assim, então precisava aproveitar.

Eventualmente, achei que estava começando a ficar na cara que eu estava enrolando e ele já tinha terminado de ler meu relatório, então contra a minha vontade, eu anunciei que havia terminado.

- Melhor? - eu perguntei.

- Muito - ele disse e até sua voz soava mais tranquila. - Obrigado, Oli.

Eu deixei o hidratante de lado e James se afastou para abrir espaço para mim na cama. Ele ainda estava deitado de barriga para baixo e me observou enquanto eu me deitava do lado dele.

- Obrigado de novo, Oli - ele disse com a voz baixa e apertou meu joelho delicadamente.

- De nada - eu respondi, notando que a mão dele continuou na minha perna, mas eu não iria tirá-la dali.

Ele começou a me contar mais histórias da viagem e, como sempre, como se fôssemos dois ímãs, enquanto conversávamos fomos nos aproximando mais e mais até que eu estava acariciando seu braço e uma das pernas dele estava em cima das minhas.

- Você está com cara de sono já - ele sussurrou e eu fechei os olhos.

- Uhum - eu murmurei, me sentindo como se pudesse adormecer exatamente naquela posição porque era muito confortável.

- Eu vou deixar você dormir então.

Ele começou a se mexer e eu quase apertei seu braço para fazê-lo ficar, mas sabia que era melhor que ele fosse, então só o soltei.

Porém, James também não parecia pronto para deixar o contato acabar totalmente e ao invés de se levantar, ele se moveu para cima de mim e me abraçou. Cada centímetro dos nossos corpos estava encaixado perfeitamente. Eu mal sentia o peso do James e eu nem sabia como isso era possível porque ele não estava se apoiando em nenhum lugar. O seu corpo estava completamente em cima do meu. Naquele instante parecia que nós éramos só uma pessoa.

Eu nunca havia sentido nada como aquilo. Era a posição mais confortável do mundo. Nada parecia fora do lugar. Então eu o abracei também e continuei de olhos fechados para aproveitar melhor a sensação. Eu não queria me mexer e James parecia tão indisposto a sair daquele posição quanto eu.

Senti sua respiração ficar mais tranquila, como se ele também estivesse adormecendo e a única coisa que se passou na minha cabeça naquele momento foi que eu não podia ser a única sentindo aquilo. James não podia ser tão imune quanto parecia ser. Ele deveria estar sentindo aquele conforto e aquela paz.

E por um segundo eu me perguntei se amigos sentiam aquilo. Parecia impossível.

Antes que eu pudesse me controlar, eu dei uma risada irônica baixinha.

- O que foi? - James sussurrou.

- Nada. É só porque está muito confortável aqui - eu murmurei.

- Está uma delícia - ele concordou e nós ficamos em silêncio de novo até que o celular dele se intrometeu no nosso momento e começou a vibrar

na cabeceira.

James respirou fundo se esticou para pegar o celular.

- É a minha mãe - ele disse e gentilmente começou a sair de cima de mim.

Eu quase pedi para ele ficar mais porque não queria que aquilo acabasse.

- É aniversário de 50 anos do meu pai e eu prometi que estaria presente para o parabéns - ele explicou.

- É claro - eu sussurrei, tentando esconder a decepção no meu tom.

Antes de me soltar totalmente, James deu um beijo na minha testa e me agradeceu de novo. Minha única resposta foi sorrir porque eu estava em transe, hipnotizada, em outra dimensão, ou qualquer outra palavra que você quiser usar para descrever meu estado de perfeita paz.

E foi assim que a minha memória favorita com o James deixou de ser aquele beijo no meio da noite e passou a ser aquele abraço.

Eu não sabia de nada na época, mas sabia que aquelas duas memórias eram a minha prova de que existia algo entre nós além de amizade e era impossível que só eu sentisse aquilo. James sentia também. Ele sabia.

Talvez eu devesse ter falado algo naquele momento. Talvez eu devesse ter confrontado o James sobre isso. Talvez as coisas tivessem sido diferentes se eu tivesse feito isso. Talvez não.

38.

Toronto, Canadá

- **O**livia? - uma voz masculina chama e eu percebo que estou encarando a tela do meu computador tão fixamente que ela está até embaçada.

Eu pisco para fazer minha visão voltar ao normal e me viro em direção à voz e vejo Luca me olhando.

- Ah, oi. Desculpa, eu estava concentrada.

- Eu percebi - ele responde com um sorriso. - É o planejamento do experimento que você queria me mostrar?

- Isso. Eu estou quase terminando - eu digo, tentando esconder o nervosismo.

Eu nem lembrava que havia dito para o Luca passar no laboratório checar meu planejamento e agora não tenho quase nada para mostrar para ele. Se bem que se eu lembrasse não teria adiantado muito porque a minha nova descoberta sobre a minha relação com o James chegou como um furacão e eu nem tive chance. Precisei prestar atenção.

Então eu me concentro rapidamente de novo para finalizar a organização dos controles para mostrar para o Luca. Enquanto isso ele bate papo com as outras pessoas do laboratório.

Quando eu termino, eu o chamo e ele analisa o meu protocolo em silêncio por alguns minutos.

- Muito bom - ele diz. - Para mim parece adequado.

- Eu até queria acrescentar uma etapa antes de sequenciamento de DNA - eu digo.

- Por qual motivo?

- Porque uma vez na faculdade uma colega estava usando células doadas por um pesquisador de outra universidade e ela começou a usar assim que recebeu porque confiou que as células eram o que ele dizia que eram. Depois de 1 ano com experimentos dando errado, ela resolveu sequenciar o DNA das células e viu que tanto as células controle quanto as

que deveriam ter as mutações genéticas eram iguais e era por isso que ela não conseguia fazer os experimentos darem certo. Então eu acho mais seguro primeiro garantir que as células que eu vou receber estão adequadas. O que você acha?

- Eu acho uma ótima ideia - Luca concorda. - Muito bem pensado, Olívia. É melhor prevenir.

- Eu só não sei se temos um sequenciador aqui no instituto. Temos?

- Não temos, infelizmente - Luca diz. - Mas nós somos parceiros da Universidade Minnesota. Eles têm um sequenciador de terceira geração e quando precisamos de algum sequenciamento pedimos para eles fazerem. Eu posso entrar em contato com eles e ver isso para você.

- Ótimo - eu sorrio. - Obrigada, Luca.

- Vou tentar ver isso já para a gente começar a andar com o seu projeto porque eu estou empolgado - ele diz com um sorriso largo, não deixando dúvidas de que ele estava sendo sincero.

A animação dele é contagiosa, então eu sorrio mais do que já estava sorrindo.

Luca estava se demonstrando ser uma pessoa muito doce e pura e eu gostava mais dele a cada dia. Parecia que eu havia escolhido o orientador certo.

- Muito obrigada. Precisa que eu ajude com isso? - eu ofereço.

- Por enquanto não. Eu acho que da última vez eu falei com uma tal de Melanie. Devo ter o contato dela ainda. Vou na minha sala checar e assim que tiver notícias falo com você.

- Ok. Obrigada de novo - eu digo e ele sorri de novo antes de ir para a porta e sair do laboratório.

Enquanto espero pela resposta do Luca, sigo com as minhas funções no laboratório, o que eu acho ótimo porque quero me distrair do James. Porém, sou apenas parcialmente bem sucedida nessa tarefa. Por um lado, consigo me manter focada enquanto ajusto o pH do novo meio de cultivo que eu fiz, mas, por outro, tenho tempo livre no momento de filtrar a solução porque tudo que eu preciso fazer é ficar sentada esperando a filtração, de tempos em tempos acrescentar mais solução e cuidar para a garrafa de coleta não extravasar. Então isso significa que o James se infiltra nos meus pensamentos facilmente.

Eu imaginei tudo o tempo todo. James sempre deixou muito claro que não queria nada comigo e que não sentia nada por mim. Até as mensagens

dele ficaram mais raras e ele não se esforçava mais para puxar assunto comigo. Por que eu ignorei isso? Era tão óbvio.

E mesmo assim eu me iludi imaginando que ele sentia algo, como naquele momento no meu quarto quando ele voltou de Malta. Eu achei que existia algo entre nós, por mais efêmero e superficial que fosse, eu realmente acreditei que existia algo naquele momento, mas não havia nada.

É por isso que ele continuava agindo normalmente e não se preocupava com os meus sentimentos. Ele realmente não se importava com eles porque, analisando melhor agora, ele nunca os pediu nem nunca me encorajou a tê-los. Eu é que fui besta e romântica demais.

Todo esse caos existiu apenas na minha cabeça. É por isso que James estava sempre tão tranquilo e não entendia por que eu ficava magoada, chateada e distante. Ele estava certo e eu estava errada.

Enquanto eu observo o meio de cultivo filtrando sou quase arrastada por uma maré de constrangimento pensando em tudo que eu inventei na minha cabeça porque eu também puxei o James comigo. Eu até fecho meus olhos por um instante e me arrepio de vergonha de mim mesma.

Mas poderia ser pior, não poderia? Pelo menos eu fiquei quieta em todas as vezes que cogitei perguntar algo sobre nós para o James. Por exemplo, aquela vez no meu banheiro quando eu estava vomitando e queria muito perguntar para ele por que nós não dávamos certo. Ou naquela a vez que ele voltou de Malta e nós estávamos deitados no meu quarto e eu quase perguntei para ele se ele também sentia o que eu estava sentindo. Na época eu me perguntei se algo teria sido diferente se eu tivesse dito alguma coisa naquele momento e por algum tempo eu acreditei que se eu tivesse falado algo, tudo teria sido diferente. Hoje eu sei que não. Então ainda bem que eu fiquei quieta. Poderia ter sido muito pior.

Eu abro os olhos de novo e respiro fundo tentando não me lembrar de mais nenhuma vez que me envergonhei por ter sido romântica demais. A única coisa me mantendo na realidade é o barulho alto da bomba à vácuo do filtro. Se não fosse por isso, minha cabeça estaria de volta a Londres me lembrando de tudo que eu queria esquecer e me fazendo passar mais vergonha ainda.

Por entre o barulho da bomba à vácuo, ouço a porta do laboratório abrindo. Eu estou sentada à frente do fluxo e viro a cabeça para ver quem está entrando.

- Oi, Olívia - Luca diz parecendo animado.

- Oi, Luca - eu desligo a bomba para poder ouvi-lo melhor e me viro para ele de novo.

- Conseguir conversar com o pessoal de Minnesota e o que você acha de ir até lá aprender a usar o sequenciador? Pensei que você poderia ver se é um equipamento que vale a pena e qualquer coisa podemos comprar um. Já passou da hora de termos um sequenciador de DNA por aqui. O que você acha?

- Eu acho uma ótima ideia. Eu adoraria aprender a usar um sequenciador - eu digo com animação.

- Perfeito. Termine o que você está fazendo e depois vá até a minha sala para organizarmos isso - ele responde com a mesma animação.

- Ok. Pode deixar.

Luca sai e eu ligo a bomba à vácuo de novo para terminar a filtração. Agora animada pensando sobre qual será o melhor dia para ir até Minneapolis, eu observo o líquido sendo filtrado e escorrendo na garrafa.

Mas a minha animação dura pouco porque assim que termino a filtração e desligo a bomba, novamente somos apenas eu, o silêncio e meus pensamentos, que me levam para onde eu não queria: James beijando a Verônica na frente de todo mundo no meu aniversário.

Essa é a maior prova de que ele nunca quis absolutamente nada comigo porque nunca demonstrou nada sobre mim na frente dos outros - exceto, como eu disse, no aniversário do Alex, mas isso foi apenas porque eu estava quase indo embora de Londres. Até a Verônica ele beijou na frente dos outros.

Até a Verônica!!

Não que ela fosse uma pessoa ruim ou que não merecesse ser tratada com respeito, mas quem era ela? Alguém que apareceu lá em casa uma noite e pronto. Enquanto isso eu estava ali todos os dias inventando desculpas para ele e tentando esconder meus sentimentos para que a situação ficasse mais confortável para ELE.

E agora ele mal terminou com a ex namorada e já encontrou outra. Essas são as maiores provas de que quando o James quer, ele faz acontecer. Então se a nossa relação nunca passou de algo casual que ele até fingia que nem existia...

Meu Deus, eu definitivamente imaginei tudo que o James sentia por mim. Ele nunca gostou de mim. Ele mesmo disse isso quando me falou que eu era algo do passado e que só atrapalhava a vida dele. Mesmo depois

disso eu continuei ali tentando forçar um significado romântico para as atitudes dele achando que no fundo ele gostava de mim, pelo menos um pouquinho. Eu sou a pessoa mais iludida do mundo.

39.

Londres, Inglaterra

Eu acho que qualquer um que me visse com o James nos meus últimos meses em Londres concluiria que nós éramos melhores amigos porque era isso mesmo que parecíamos. Nós estávamos sempre juntos e a dinâmica entre nós era muito natural e tranquila. Então eu entendo como as pessoas nos viam. Até porque eu mesma me peguei me sentindo como se tudo estivesse bem algumas vezes.

Porém, eu não poderia me deixar enganar. Eu sabia que isso era apenas porque meus sentimentos estavam sendo completamente ignorados. No momento que eu os colocasse na mesa de novo e pedisse para que o James os respeitasse, nossa relação inteira se reduziria a pó.

Talvez até o James tenha começado a achar que éramos melhores amigos porque um dia quando estávamos voltando de um *pub*, ele resolveu me contar sobre as mulheres das quais ele tinha gostado. Eu não sei por que ele achou que era uma boa ideia conversar comigo sobre aquilo. Eu ignorei a maior parte do que ele falou - era uma questão de autopreservação - e só murmurei vagamente nos momentos propícios.

Era estranho, mas naquela época eu sabia que ele estava em contato de novo com a ex-namorada quase diariamente. Às vezes eu o ouvia no telefone ou sorrindo para o celular e eu sabia. A voz dele até mudava quando ele falava com ela. Então ele também nunca mais tentou nada comigo. Fazia sentido em parte. Se ele estivesse investindo novamente na ex, ele não iria querer se envolver com outra pessoa, mas parecia que isso valia apenas para mim porque ele saía atrás de outras normalmente. Parecia que era só comigo que ele havia imposto esse limite. Para ele, eu realmente era só uma companhia e para quem ele corria quando ele estava ansioso, estressado ou só preocupado.

Eu sabia, inclusive, que ele ainda estava saindo com a Verônica. Ela nunca mais apareceu no apartamento dele, mas um dia eu estava limpando

meu quarto e abri a janela na hora que James estava saindo do prédio e ela estava esperando por ele lá embaixo. Eu observei por tempo suficiente para decidir que não queria saber se ele iria beijá-la ou não. Então não sei dizer se isso aconteceu.

De qualquer forma, o problema realmente era eu. Ele só não queria nada comigo mesmo e só hoje isso fica claro. Queria ter me dado conta disso na época.

Mas não me dei conta e me deixava levar por qualquer coisa minimamente carinhosa que o James fizesse, embora ele fosse uma pessoa naturalmente carinhosa com todo mundo. Eu não era especial. Nunca fui.

Na semana do aniversário do Alex, nós fomos passar o final de semana na casa de veraneio dos pais dele em Birmingham. Era quase uma chácara com piscina e um terreno enorme e como o tempo estava bonito naquela semana, Alex convidou todos nós.

Naquela época, Alex e Júlia estavam meio que em um relacionamento e não se desgrudavam. Onde Alex ia, Júlia também ia e vice e versa. Era incrível e os dois pareciam se dar muito bem e estavam muito felizes. E por uma fração de segundo eu senti uma pontinha de inveja deles.

Quer dizer, eles eram grudados demais para o meu gosto, mas eles me mostraram que o eu queria existia. Então eu não estava louca de querer o que eu queria. Meu erro foi na escolha do amigo pelo jeito.

O plano para o aniversário do Alex era irmos na sexta-feira e como éramos em 8 pessoas (eu, James, Alex, Júlia, a prima da Júlia que também estava no meu aniversário, uma amiga do Alex cujo nome eu vivia esquecendo e outros dois amigos do Alex) decidimos alugar dois carros.

Na hora de decidirmos quem iria em cada carro, eu quase me voluntariei para ir no carro do Alex, mas James foi mais rápido e sugeriu uma organização de forma que eu ficasse no carro dele. Quando ele se virou para mim e perguntou se havia problema, o que eu iria dizer? “Não quero passar mais de 2 horas com você em um carro”? Claro que não. Até porque realmente fazia mais sentido que eu fosse com ele já que éramos vizinhos.

Então no carro do Alex foram ele, a Júlia, a prima da Júlia e a outra amiga do Alex. No carro do James estávamos eu, ele e os dois amigos do Alex, sendo que um deles também se chamava James. Para não me confundir - e nem confundir a Geórgia na hora de contar essa história - eu o chamava de James 2 e o James original eu chamava de James Original, obviamente.

Alex e o grupo do seu carro saíram logo na sexta-feira de manhã, mas eu tinha uma reunião com a Alice e o chato do Gabriel à tarde e James também precisava trabalhar, então nós saímos apenas no final do dia.

James Original fez jantar para nós e James 2 chegou logo em seguida. Como sempre quando James Original cozinhava, era eu que lavava a louça depois. Naquele dia, enquanto fazia isso fiquei conversando com o James 2. Ele tinha cabelo e olhos escuros também, mas era mais alto e usava óculos. Ele também parecia ser uma boa pessoa e nós começamos a conversar sem dificuldade, principalmente depois que eu descobri que ele tinha família em Toronto e que conhecia o restaurante da minha mãe.

- Quando você foi lá? - eu perguntei enquanto lavava um prato.

- Deve fazer uns 3 anos ou mais - James 2 respondeu, parecendo pensativo.

- Que engraçado pensar nisso. Nós provavelmente nos cruzamos em algum momento porque eu sempre fico por lá no almoço.

- Provavelmente. Uma baita coincidência - ele concordou. - Eu lembro também que comi um prato com mignon que foi incrível. Nunca mais comi um igual.

- Eu acho que sei de qual você está falando. É um com molho de cogumelos e servido com purê de batata e salada, certo?

- Esse mesmo! Só de pensar já me dá fome. Vocês ainda servem?

- Sim. É o prato mais pedido até hoje.

- Imagino. Você sabe fazer? - ele perguntou com interesse.

- Mais ou menos - eu admiti.

- Como assim?

- Eu sei fazer o purê de batata e a salada - eu sorri e James 2 deu risada.

- Do que vocês estão falando? - James Original perguntou quando chegou na cozinha.

- Do restaurante da minha mãe e da minha quase inabilidade de cozinhar - eu respondi e peguei o último copo para lavar.

- Você sabe cozinhar - James Original disse e repentinamente me abraçou por trás. Era normal que ele fizesse isso se nós estivéssemos sozinhos, mas na frente de outra pessoa? Uma voz baixinha no fundo da minha cabeça me disse que poderia ser ciúmes porque eu estava me dando bem com o James 2, mas eu provavelmente estava imaginando coisas, como sempre.

Mesmo assim, eu confesso que eu esfreguei aquele copo por mais tempo do que necessário para prolongar o abraço.

- As coisas que você cozinha, cozinha muito bem - James Original continuou e ainda me abraçando.

- Obrigada - eu sorri e finalmente aceitei que já havia esfregado o copo por tempo demais e o enxaguei e o coloquei no escorredor.

O celular do James 2 tocou naquele momento, me lembrando que existia outra pessoa no cômodo. Os abraços do James Original sempre me faziam sentir como se não existisse mais nada no mundo e eu nunca entendi como ele fazia isso.

- Obrigado pela louça - James Original disse.

Então, me surpreendendo mais ainda, ele beijou minha bochecha antes de me soltar.

Eu tentei me convencer que era apenas ele sendo ele mesmo e que não era porque era eu, mas meu coração amoleceu mesmo assim.

Enquanto eu organizava e secava a pia, notei que James Original estava mexendo no celular.

- Alex me mandou o endereço - ele disse. - Vou colocar no GPS no seu celular já que você é minha copilota.

Eu me virei a tempo para vê-lo sorrindo ligeiramente e olhando em volta procurando pelo meu celular. Eu tentei não associar o sorriso de satisfação dele com o fato de que eu seria a copilota dele, mas eu adorei a maneira como ele falou aquilo. Meu Deus, eu sou ridícula.

- Onde você deixou seu celular? - ele perguntou.

- No meu apartamento. Não trouxe para cá, mas já vou buscar.

- Pode deixar. Eu busco, Oli - ele ofereceu e foi para o meu apartamento.

Eu terminei de organizar a pia e James 2 desligou o celular dele.

- O David chegou em casa já - ele anunciou. - Então acho que podemos sair daqui a pouco.

- Nossa. Acho melhor eu terminar de me arrumar, então - eu disse.

Sequei as minhas mãos e fui para o meu apartamento.

Sabe quando você acha que uma caixa está pesada e usa bastante força para levá-la, mas na verdade ela está leve e por isso você acaba erguendo-a mais alto do que esperava? Foi mais ou menos isso que aconteceu quando tentei abrir porta do meu apartamento.

Eu girei a maçaneta esperando que ela abrisse, mas, para a minha surpresa, ela não abriu e eu me bati com força contra ela.

Fiquei olhando para a porta por um instante sem entender e quando prestei mais atenção, ouvi a voz do James bem baixinha do outro lado, como se ele estivesse conversando com alguém.

- James? - eu chamei.

O cochicho dentro do apartamento cessou e ele respondeu em um tom normal:

- Já vai, Oli.

Eu encarei a porta de novo, mas dessa vez com incredulidade.

Já vai? Como assim? O apartamento era meu. O que ele estava fazendo trancado lá dentro?

Enquanto esperava, tentei entender o que estava acontecendo. Por mais que sua voz estivesse baixa, eu reconhecia aquele tom. Ele estava falando com a ex-namorada no telefone.

Minha incredulidade se tornou indignação e depois raiva em questão de poucos segundos. O apartamento era meu e eu estava do lado de fora esperando o James terminar de falar com a ex-namorada. Não podia ser verdade. Como foi que eu cheguei naquele ponto? Onde foi que eu peguei o caminho errado para naquele momento estar do lado de fora do meu próprio apartamento esperando o cara de quem eu gostava terminar de conversar com a namorada?

Eu sei que tecnicamente ela era ex-namorada, mas a quem queremos enganar? Eles nunca terminaram de verdade.

Finalmente, ouvi a porta sendo destrancada e quando James a abriu, eu fiz questão de deixar minha irritação transparecer no meu rosto.

- Foi mal, Oli - ele disse. - Eu tranquei automaticamente, mas pode ficar à vontade - ele sorriu, nitidamente querendo brincar com a situação, mas eu me mantive séria.

- Que bom, até porque o apartamento é meu, não é? - eu disse sem esconder a irritação.

- Nossa. Já chega assim dando patada, é? - ele tentou usar um tom brincalhão, mas no fundo eu conseguia ouvir que ele estava curioso para entender a minha reação. Aqui entre nós, eu não sei se ele apenas se fazia de desentendido ou se realmente não entendia.

- Você estava falando com a sua namorada? - eu o provoquei enquanto seguia para o meu quarto. Eu sabia que ele não gostava quando eu

fazia esse comentário, então por isso eu fiz. Eu nunca fui santa. Eu também tenho meus limites e James os ultrapassava constantemente, então eu me sentia no direito de às vezes provocá-lo de propósito.

Deu certo. Eu o ouvi suspirar e por mais que não estivesse olhando para ele, eu sei que ele revirou os olhos também.

- Eu não tenho uma namorada, Oli - ele respondeu com o tom impaciente de sempre quando eu fazia esse comentário.

- Só você que não sabe, então - eu disse do meu quarto. - Eu vou terminar de me arrumar e depois nós saímos.

- Ok - ele disse simplesmente e eu contive um sorriso.

Ele estava mesmo incomodado com o meu comentário. Como eu disse, ele me deixava irritada com frequência - e por motivos bem mais sérios - então eu tinha o direito de irritá-lo também. Além disso, alguém tinha que fazer com que ele visse que o que ele estava fazendo não era certo. Falando com a “ex” daquele jeito e com aquela frequência enquanto saía com a Verônica e tantas outras? Era feio. E eu não acreditava que eu havia me apaixonado por esse tipo de homem, sendo que é o tipo que eu mais desprezo. A vida tem um senso de humor muito questionável.

Eu ouvi James saindo do meu apartamento e eu comecei a me arrumar pensando como é que no começo eu achava que ele era uma pessoa sensata. James era muita coisa, mas definitivamente não era sensato. Talvez ele até pudesse ser no começo, mas talvez eu tenha feito algo ou dito algo que o magoou e ele havia se tornado o oposto de alguém sensato. Ou talvez isso não fosse culpa minha e ele só quisesse me impressionar no começo e agora que ele já havia conseguido tudo que queria não se dava mais ao trabalho de fingir.

De qualquer forma, quando ele foi ao meu apartamento novamente para ver se eu estava pronta, já estava tudo bem de novo.



Birmingham, Inglaterra

E continuou tudo bem a viagem inteira. Nós passamos para buscar o David - o outro amigo do Alex - e na estrada, ele e James 2 adormeceram no banco de trás, então James Original e eu ficamos praticamente sozinhos a viagem inteira.

Foi uma viagem tranquila. James Original e eu conversamos um pouco, cantamos um pouco e não nos desentendemos em nenhum momento (nem quando eu errei a interpretação do GPS e fiz o James pegar uma saída errada).

Pensando bem, o fato de não termos nos desentendido não me surpreendia. James e eu vibrávamos na mesma frequência na maior parte do tempo. Pelo menos eu acho que essa é a explicação mais plausível para nós termos nos conectado tão bem e tão rapidamente.

E era isso que me deixava preocupada às vezes. Algum dia na minha vida eu encontraria alguém que vibrasse na mesma frequência que eu de novo? Alguém algum dia faria o mundo desaparecer por simplesmente me abraçar? Alguém me deixaria em paz por simplesmente estar no mesmo cômodo que eu? Eu achava isso tão improvável que talvez fosse até impossível. Já é raro encontrar uma única pessoa assim, então duas deveria ser de fato impossível.

Mas eu não queria pensar naquilo naquele final de semana. Primeiro porque era a comemoração do aniversário do Alex, a pessoa que sempre me defendeu. Segundo porque eu queria aproveitar meus últimos 2 meses na Inglaterra sem me preocupar com o que aconteceria depois. Quando fosse a hora de lidar com todos esses questionamentos, eu inventaria alguma solução. Por enquanto, eu iria simplesmente deixar para lá. Aproveitei até aquelas horas no carro com o James sem me preocupar com nada.

A casa dos pais do Alex ficavam nos arredores de Birmingham e era maior do que eu esperava. Na verdade, eram duas casas: uma principal maior e uma que era apenas dois quartos, uma sala pequena e um banheiro. Havia um jardim enorme e uma piscina.

Alex nos mostrou a casa e disse:

- O primeiro quarto tem duas camas, na sala há um sofá cama e o outro quarto tem a cama de casal. Vocês podem decidir como vão querer dividir.

- Acho que vou ficar no quarto com a cama de casal, então - eu falei, mas na mesma hora, James também falou:

- Oli, eu e você podemos ficar no primeiro quarto.

Nós nos olhamos em silêncio por um instante e eu acho que vi uma faísca de decepção no olhar dele. Minha primeira reação foi querer dar um abraço nele e pedir desculpa, embora eu não tenha feito nada de errado. Felizmente, antes que eu pudesse fazer isso, James disse:

- Melhor assim. Mais privacidade para você.

Ele pegou sua mochila e foi para o quarto da frente e eu fui para o outro, tentando conter meu sorriso de satisfação. Era bom não ser a pessoa rejeitada pela primeira vez.

Porém, mais do que isso, era bom saber que o James não ressentia cada segundo que passava comigo, como eu imaginava às vezes.

Naquela noite estávamos muito cansados para fazermos alguma coisa, então depois da divisão dos quartos, nós conversamos apenas um pouco e depois fomos dormir, mas o dia seguinte foi mais agitado.

Então, à noite estávamos sentados à mesa perto da piscina comendo e conversando. Outros amigos do Alex chegaram e ficamos sem cadeiras. James Original não pensou duas vezes em me puxar gentilmente para o seu colo.

Meses antes isso jamais aconteceria. Em público, ele fazia o máximo possível para fingir que nem sabia o meu nome, mas se você o visse naquele momento me abraçando, apoiando a cabeça nas minhas costas e respirando, você acharia que ele estava apaixonado por mim. Eu também acharia isso. Sinceramente, eu achei isso e precisei me controlar.

Mesmo quando todo mundo começou a se dispersar, a sentar na beirada da piscina com os pés na água, James e eu continuamos sentados ali. Eu pensei em me levantar, mas não queria e James parecia não querer também, então apenas me ajeitei no colo dele de forma a conseguir colocar um braço ao redor do seu pescoço e o abracei.

Ele apoiou a cabeça no meu peito, suspirou mais uma vez e murmurou:

- Eu estou tão confortável que acho que vou dormir daqui a pouco.

Eu sorri e suspirei também.

Nós ficamos ali aproveitando a presença um do outro por algum tempo enquanto as conversas e risadas soavam ao nosso redor. Eu fiquei mexendo no cabelo dele e tentando entender como aquilo era possível. Como era possível eu me sentir tão confortável no colo dele e ao mesmo tempo me sentir como a pessoa mais insignificante do universo qual ele abria a boca? Como eu podia desejar que aquele momento durasse para sempre e ao mesmo tempo querer fugir para o outro lado do mundo só para não precisar ouvir a voz dele? Eu nunca entendi.

Então suspirei mais uma vez e apoiei minha bochecha na cabeça dele e fechei os olhos, guardando aquele momento e a sensação da pele quente

dele contra a minha...

- Eu vou sentir falta disso - eu disse sem querer.
- Eu também - ele concordou com um sussurro.

A resposta dele encheu meu coração e eu fechei meus olhos para imaginar um cenário em que os sentimentos dele fossem genuínos. Eu achava que nós daríamos um bom casal e quanto mais eu pensava nesse cenário, menos eu entendia por que nós não estávamos juntos.

A risada alta de alguém me trouxe de volta à realidade e eu abri os olhos assustada. Eu não acreditei que havia me deixado levar. Isso nunca poderia acontecer.

Então eu me desvencilhei dos braços do James e me levantei rapidamente.

- Eu estou cansada. Vou dormir.

Eu nem dei tempo para ele responder e já segui para a casa. Eu não queria que ele tivesse tempo para me pedir para ficar ou perguntar qual era o problema porque eu não queria me dar uma chance de arranjar uma desculpa para ficar.

Eu não pretendia dormir imediatamente porque só queria sair do colo do James. Felizmente, coincidentemente, Júlia e a prima dela estavam seguindo para a casa também e eu acabei caminhando com elas e depois nós ficamos conversando e bebendo os drinques clássicos do Alex até tarde.

Por isso, eu ainda estava acordada quando o James apareceu na sala. Eu notei que ele me olhou por alguns segundos a mais do que o necessário, provavelmente notando que eu havia mentido sobre querer dormir. Eu apenas sorri e ele sorriu também, mas eu sabia que ele sabia que eu queria um espaço. Então ele apenas colocou o celular para carregar e saiu de novo.

No dia seguinte eu passei a maior parte do tempo com o Alex e a Júlia. Mal interagi com o James e isso era proposital. Às vezes eu olhava para ele e o pegava olhando para mim, o que me deixou surpresa, mas não tanto quanto ver um traço de desânimo nos olhos dele. Ele desviava o olhar rapidamente, então eu não tinha tempo para pensar mais sobre o que aquele desânimo poderia significar - e se era mesmo desânimo. Eu poderia estar apenas imaginando o que eu queria ver. Eu queria que ele sentisse a minha falta, que ele quisesse a minha companhia, então poderia ser apenas minha imaginação mesmo.

E poderia ser mesmo porque quando eu prestei mais atenção, eu vi que ele estava próximo demais da prima da Júlia. Eles estavam rindo muito

e a maneira que eles estavam encostando no braço do outro...

Felizmente, eu não precisei assistir àquilo por muito tempo porque voltamos para Londres no final da tarde. Porém, James me deu uma cena bônus enquanto eu, James 2 e David esperávamos por ele no carro.

Um pouco mais à frente do carro, perto do outro carro, James estava conversando com a prima da Júlia e eu conhecia aquele pose dele e aquele olhar no seu rosto. Não era uma conversa puramente amigável.

Eu estava me controlando para não abrir a janela e gritar para ele vir logo porque eu sabia como isso pareceria e não queria perder a minha dignidade.

- Eu deveria ter comido depois do almoço - James 2 reclamou de repente. - Será que vamos poder parar na estrada para comer algo? Vocês chegaram a comer depois do almoço?

- Sim - David respondeu enquanto digitava no celular.

- Eu também - eu disse.

- Será que o James já comeu? - James 2 perguntou.

- Ele está tentando - eu disse de impulso.

James 2 e David levaram um instante para entender meu comentário e, então, se viraram para mim, surpresos, e deram risada.

Eu continuei séria porque para mim não era uma piada. Eu não havia planejado fazer o comentário em voz alta, mas eu estava sendo 100% séria.

Quando James Original finalmente entrou no carro, James 2 e David já haviam se recomposto e eu estava quase dormindo. Eu não seria a copilota do caminho da volta porque as horas reduzidas de sono nas últimas duas noites haviam me alcançado. Acabei dormindo a viagem inteira.

40.

Londres, Inglaterra

Depois que você mora tanto tempo em um lugar, como um ano, mesmo que você saiba desde o começo que é apenas temporário, você nunca acha que o dia de ir embora vai chegar. Mesmo que você já tenha comprado a passagem e a data esteja marcada no seu calendário há meses. Você não absorve a informação e não se prepara. Pelo menos foi o que aconteceu comigo.

Eu continuei vivendo a minha vida como sempre, como se ainda tivesse muito tempo em Londres. Não sei o quanto disso era resultado de ter me acostumado com a cidade e me sentir em casa e o quanto era o meu cérebro bloqueando a informação porque não queria aceitar que a hora de ir embora estava chegando.

Na segunda-feira após a comemoração do aniversário do Alex eu fui para o laboratório como sempre, mas dessa vez apenas para descobrir que a estagiária havia mexido nos meus cultivos de células e, portanto, contaminado todos. Antes de viajar na sexta-feira eu fiz uma garrafa de cultivo de células para ela e disse que dali para frente ela iria cuidar apenas da garrafa dela porque eu queria ver se ela conseguia manter uma cultivo de células vivo e sem contaminar por uma semana.

Acontece que ela não sabia seguir instruções básicas e quando foi para o laboratório no final de semana - acho que ela queria mostrar serviço porque não havia motivo algum para ela fazer isso - ela tentou trocar o meio de cultivo da garrafa dela e trocou das minhas também, por mais que eu tivesse dito 3 vezes: “mexa apenas na sua garrafa daqui para frente.”

Então quando eu cheguei no laboratório na segunda-feira de manhã encontrei todas as minhas garrafas de cultivo contaminadas. Eu precisei me segurar muito para não ir atrás dela e jogar aquelas garrafas na cara dela. Eu estava cultivando aquelas células há semanas - algumas até há meses - e em um dia ela estragou tudo. Precisei jogar tudo fora e contar para a Alice que

os experimentos que estavam planejados para aquela semana teriam que ser cancelados.

Eu achei que a Alice seria compreensiva, mas ela me deu um sermão de 10 minutos, sendo que a culpa nem era minha. Então eu me arrependi de não ter contado para ela antes que a estagiária era incompetente. Eu deveria ter dedurado a menina na primeira oportunidade. Bem feito para mim.

Naquela semana também, James foi em mais uma das suas viagens à trabalho e eu precisei admitir para mim mesma que senti falta dele. Principalmente quando chegava em casa cansada e ele não estava na porta ao lado. Um dia quando eu cheguei em casa, eu fiquei parada por um momento na frente da minha porta olhando para a dele e desejando que ele estivesse ali. Acho que aquele foi o meu primeiro vislumbre da minha vida sem o James e eu não gostei.

Era estranho e eu não sabia explicar, mas a minha relação com ele mudou de novo naquela época. Nós mal conversávamos, mas ainda passávamos muito tempo juntos. Era quase como se não houvesse mais nada a dizer, mas nós ainda queríamos a companhia do outro. Então eu fiquei muito surpresa quando ele me enviou uma mensagem no dia que ele voltaria de viagem. Coincidentemente, eu havia aberto o *Instagram* e a primeira foto que apareceu foi uma que o James havia acabado de postar.

Nossa. Eu estou com saudades.

Eu tentei não sorrir, mas não consegui. Quem seria imune a esse tipo de confissão? E como eu já estava com o celular na mão, respondi logo em seguida.

Eu acabei de abrir o Instagram e vi sua foto e estava pensando nisso também.

Ele também respondeu instantaneamente:

Muito conectados ;)

Ainda sorrindo, eu estava digitando uma mensagem quando ele enviou outra e meu sorriso morreu na mesma hora.

Meu voo foi cancelado e eu estou no aeroporto esperando há 2 horas já e não consigo outro voo.

Eu sou muito iludida, não sou? Por que eu achei que ele estava sendo sincero? Quando é que ele foi sincero comigo? Como sempre, qualquer coisa que ele sentisse por mim era resultado de outra. Nunca era um sentimento genuíno. Então eu apaguei a mensagem que eu estava digitando e escrevi outra:

**Ah, entendi.
Por isso você veio dizer que está com saudade.**

Como assim?

Você está aí sem fazer nada e precisava de uma distração.

**Ai, Oli. Eu disse que estava com saudade porque estou.
Isso independe da situação.**

Sei. Você estava só entediado.

Não falo nunca mais então.

Eu parei de responder nesse momento e ele também não me mandou mais nada até voltar. Eu imaginava que ele estava irritado comigo e mesmo não podendo vê-lo naquele momento, eu sei que ele enviou aquela mensagem suspirando e revirando os olhos. Eu não me importava. Ele não iria mais me manipular com aquelas palavras fracas e vazias.

Eu estava ciente que James e eu havíamos nos tornado aquele casal irritante dos filmes que você xinga porque não se senta para conversar e tem certeza de que se ele fizesse isso, o filme duraria uns 30 minutos a menos. Eu mesma xingava esses casais, mas depois que descobri que conversar exige duas pessoas, também descobri que é muito mais difícil fazer isso na vida real, então na verdade os filmes não estão apenas enrolando quando

por 1 hora e meia de história o casal não se entende. É assim que acontece na vida real também. A diferença é que nos filmes a história geralmente tem um final feliz e na vida real quase nunca é assim.

No entanto, assim que James voltou de viagem, tudo voltou ao normal. Como de costume, ele agiu como se nada tivesse acontecido e eu também. A diferença é que ele estava muito mais carinhoso naquela época. Ele vivia me enchendo de abraços e beijos e parecia querer passar mais tempo comigo. Então, no final de semana depois que ele voltou, eu quis ir passear na *Portobello Road* e ele foi junto, algo que ele nunca havia feito, por mais que eu tivesse feito esse passeio inúmeras vezes antes.

E foi um ótimo dia. A rua estava animada como sempre e dessa vez havia uma mulher na esquina do *Starbucks* desenhando postais de Londres. Ela estava em pé com um cavalete e desenhando com um lápis. Eu parei para ver porque os postais que estavam em exposição eram lindos.

- Bom dia, queridos - ela nos cumprimentou com uma voz doce.

- Bom dia. Eles são lindos. Esse da *Tower Bridge* é incrível - eu disse.

- É apenas 2 libras. Você deveria levar para a sua namorada - ela disse para o James.

Eu abri a boca para dizer que ele não era meu namorado, mas notei que meu braço estava enganchado no dele, então entendi por que ela teria essa impressão.

E James respondeu antes de mim também, mas para a minha surpresa, ele também não se deu ao trabalho de corrigir a mulher.

- É uma boa ideia. Você gostou, Oli?

- Sim, mas não se dá postal sem escrever algo atrás - eu respondi brincando.

- Eu escrevo algo depois - ele disse com um sorriso e deu o dinheiro para a mulher.

Nós continuamos passeando, mas como eu disse, nós não conversávamos muito na época, então nossa caminhada era um pouco silenciosa com apenas alguns comentários isolados. Porém, eu não me importava porque eu gostava da companhia dele e James parecia confortável com isso também. Acho que a companhia realmente era o suficiente e o que importava.

Nós almoçamos juntos em um *pub* com vista para a *Tower Bridge* mais tarde, demos mais uma volta pela região que eu também adorava (eu

não consigo pensar em alguma parte de Londres da qual eu não gostava) e só então fomos para casa.

No metrô, o balançar do trem pareceu colocar meus pensamentos em ordem e repentinamente eu me dei conta de algo. Fiquei tão surpresa que pensei em voz alta.

- Eu vou embora daqui um mês - eu disse, encarando meu reflexo na janela do outro lado do trem. - Um mês.

Pelo reflexo, eu também vi James enrijecer um pouco e ele ergueu o queixo ligeiramente, então me virei para ele e o vi com um olhar distante como se nem estivesse mais naquele momento.

- Não quero falar sobre isso - ele murmurou e pegou o celular do bolso para se distrair. - Tem tempo ainda.

Então eu lembrei que ele não gostava desse assunto e que nós quase já brigamos por conta disso e tentei aliviar o clima.

- Bem, eu espero que seja tempo suficiente para fazer os passeios turísticos que eu adiei fazer. Eu nem subi na *Tower Bridge* ainda. Não fiz o passeio de barco pelo Tâmesa e nem fui na *London Eye*. Sempre deixei essas coisas para depois porque eu tinha um ano inteiro para fazê-las, mas agora parece que não fiz nada e já estou indo embora.

- Você foi no *Sky Garden*, então a *London Eye* não vale a pena - James disse e guardou o celular.

Pelo jeito eu havia conseguido fazer com que ele relaxasse.

- A vista do *Sky Garden* é muito melhor e é de graça - ele continuou.

- É mesmo? Bom saber. Então nem vou perder meu tempo naquela fila gigantesca da *London Eye*.

- Não vale a pena - ele concordou. - Mas subir na *Tower Bridge* pode ser legal. Eu também nunca fui. Talvez um dia a gente possa almoçar nesse *pub* de novo que você gostou e depois subimos.

- Por mim perfeito - eu disse com um sorriso enorme. Felizmente, James estava olhando para baixo e não podia vê-lo. - Mas eu também quero ir no *Sky Garden* de novo para me despedir de Londres. Podemos ir no mesmo dia. Faz tempo que eu fui com a Sarah.

- Combinado - ele respondeu e olhou para mim com o seu sorriso amigável de sempre.

Ele jamais faria esses planos comigo meses antes, mas eu precisava me controlar. A única coisa que essa mudança queria dizer era que ele havia entendido que o tempo dele comigo estava no fim e nada mais.

- Um mês - ele murmurou e suspirou.

Eu me virei para ele e dei um sorriso, mas não era um sorriso feliz. Ele imitou o sorriso e olhou para os seus pés, como se eles fossem muito interessantes. Eu enganchei meu braço por no dele e apertei sua mão.

Ele apertou a minha em resposta e passamos o resto do caminho de mãos dadas como se fosse normal.

Enquanto o metrô balançava - às vezes sutilmente, às vezes nem tanto - e avançava rapidamente pelos trilhos, eu me peguei desejando poder ficar em Londres para sempre. Afastei todas as memórias ruins que eu tinha com o James e fiquei apenas com as boas e quando isso acontecia era impossível querer ir embora.

Olhei para baixo, para as nossas mãos juntas, e percebi que talvez fôssemos dois covardes medrosos demais para dar o primeiro passo. Ele com medo de se envolver em algo incerto e eu com medo de ser rejeitada, mas no meu caso eu tinha total razão em me sentir assim porque eu já havia sido rejeitada por ele inúmeras vezes, mesmo que tenha sido indiretamente. Não vamos contar quantas vezes exatamente, ok?

Mesmo assim, eu nunca disse com todas as letras que queria ficar com ele, disse? Apenas concluí que ele não queria nada, mas nunca considerei o fato de que ele poderia ser covarde também e jamais iria admitir que queria algo comigo ou que ele poderia pensar a mesma coisa que eu achando que eu não queria nada com ele.

Ou talvez eu estivesse certa desde o começo e eu fui apenas uma companhia enquanto a namorada dele estava fora.

Eu nunca vou saber e talvez seja melhor continuar assim.



Um mês depois, ou dois dias antes de completar um mês, Londres parecia uma sauna. Quer dizer, a temperatura estava aumentando gradualmente há algum tempo, mas aquela última semana foi excepcionalmente quente, apesar de já ser quase metade de agosto. Às vezes eu andava de biquíni pelo apartamento e meu ventilador de mesa se tornou meu melhor amigo. Eu o carregava para onde eu fosse.

Sair de casa era algo que eu fazia apenas quando era extremamente necessário, como ir ao mercado, ou se eu não precisasse usar o metrô. Um dia eu cometi o erro de pegar o metrô e parecia que eu realmente havia

chegado ao inferno. Mal conseguia respirar por causa do ar abafado e seco. Então meus últimos dias em Londres foram passados quase todos em casa com James logo ao meu lado.

Eu fiz meus últimos passeios turísticos com ele nos dias mais frescos e nos dias muito quentes, James vinha direto para o meu apartamento após o trabalho. Às vezes nós conversávamos por horas e às vezes jogávamos Uno. Ele nunca ganhou de mim e isso o deixava frustrado. Eu achava engraçado, principalmente porque eu não havia notado até então que ele era competitivo.

A nossa convivência era puramente de amizade e eu estava grata por isso porque era o que nós fazíamos de melhor. Eu adorava passar tempo com ele e eu acho que ele também gostava da minha companhia porque ele continuava aparecendo no meu apartamento para passar tempo comigo.

Lembro que comecei a fazer minhas malas apenas três dias antes de voltar ao Canadá. Claro, rapidamente percebi o erro imenso que eu havia cometido porque de jeito nenhum iria conseguir enfiar todas as minhas coisas naquelas poucas malas. Então comecei a doar roupas e sapatos sem pensar muito para não me atrasar. Coloquei roupas em sacos à vácuo e fui amontoando todos eles dentro das malas do jeito que dava.

Depois de conseguir fechar uma mala, eu estava exausta. O calor piorava a situação, embora a janela do quarto estivesse aberta e o ventilador estivesse na velocidade máxima. Eu estava vestindo apenas um top de academia - eu nem sabia por que eu tinha um top de academia sendo que eu não frequentava uma, mas provavelmente na época que eu comprei achei que frequentaria - com um shorts e meu cabelo estava preso num rabo de cavalo. Mesmo assim, minha nuca estava suada e quando me levantei do chão depois de fechar a mala, minhas pernas estavam praticamente grudadas no piso por causa do suor.

Tomei um banho gelado rapidamente, vesti outro top - que também foi uma surpresa quando encontrei - com outro shorts, coloquei o ventilador na mesa de cabeceira virado para a cama e me deitei com as pernas apoiada na parede. Estava calor demais para dormir, mas talvez no final da tarde ficasse mais fresco e eu conseguiria pelo menos desligar o ventilador.

Fechei os olhos para organizar meus pensamentos e minha lista de afazeres. Eu já havia entregado os relatórios finais para a Alice e, portanto, não tinha mais nenhuma obrigação no laboratório. Eu já havia comprado tudo que queria e pagado tudo que precisava. Parecia que estava tudo

resolvido e pronto para ser deixado para trás, mas eu ainda não me sentia como se estivesse voltando para casa. Talvez porque meu cérebro ainda não tivesse processado a informação completamente. Talvez porque eu realmente me sentisse em casa em Londres.

Após alguns minutos, ouvi James chegando em casa e sorri para mim mesma automaticamente. Saber que James estava logo ali havia tornado toda essa experiência em Londres menos solitária, apesar de tudo.

Eu sabia que sentiria falta disso quanto voltasse para o Canadá, mas tentei não pensar naquilo naquele momento. Eu lidaria com isso quando fosse a hora.

Então apenas me concentrei nos barulhos no apartamento ao lado. Ouvi o chuveiro sendo ligado por alguns minutos - James provavelmente precisava de um banho gelado também. Quando ele foi desligado não demorou muito para eu ouvir a porta abrindo e fechando e depois a minha porta sendo aberta.

- Oli? - aquela voz familiar chamando meu nome ainda tinha o poder de transformar meu cansaço em paz. Quando você gosta de alguém até o seu nome soa diferente na voz da pessoa.

- No quarto!

Ouvi a porta da frente fechando e depois os passos familiares do James pelo piso da minha sala até chegarem no quarto. Eu virei a cabeça para a porta e o vi parado ali na entrada. Ele estava vestindo apenas um shorts e um chinelo. Seu cabelo ainda estava úmido por causa do banho recente, mas com o calor do dia ele provavelmente iria secar em 2 minutos.

James estava olhando em volta com uma expressão estranha.

- O que foi? - eu perguntei.

- É tão estranho ver suas prateleiras vazias - ele respondeu, ainda olhando em volta e parecendo um pouco triste.

- Faz até eco - eu disse e nós dois ficamos ouvindo minha voz ecoando provando que eu estava certa.

- Assustador - ele disse, tentando um tom brincalhão, mas deixando transparecer a preocupação. - Você já fechou uma mala - ele comentou quando notou a mala imensa e gorda ao lado da mesa.

- Com muito sofrimento - eu disse. - E eu já peguei tudo que queria da minha cozinha, então se você quiser pegar algo para você, fique à vontade.

- Você vai levar aquela sua xícara com o escrito de Paris?

- Acho que não.
- Então eu vou pegar - ele disse com um sorriso tímido e andou até a cama.

- Por quê? - eu perguntei.
- Porque me lembra muito você - ele respondeu sem encontrar o meu olhar e se sentou do meu lado.

Eu senti o cheiro do shampoo dele misturado com o seu cheiro normal e precisei me concentrar na voz dele para não ser hipnotizada pelo meu olfato.

- Quando eu vinha aqui de manhã cedo e via a xícara na mesa com a marca do seu batom rosa que você sempre usa eu sabia que você já estava acordada e pronta para sair. Era bom saber que você já estava acordada e nós poderíamos sair juntos - ele continuou explicando. - Mas se a xícara estivesse sem a marca de batom era porque você estava se arrumando ainda ou havia saído com pressa.

Eu senti um sorriso se esticando nos meus lábios por saber que James prestava atenção em mim - ou pelo menos na minha xícara - mas o que aquilo me disse mesmo era que havia toda uma vida que o James havia vivido e da qual eu não sabia absolutamente nada. Nós vivemos basicamente a mesma coisa, mas a experiência dele foi totalmente diferente da minha. O que mais ele notava, pensava e sentia que nunca havia me contado? Eu queria muito saber, mas achei também que era tarde demais para isso.

- Eu não sabia que você me controlava assim - eu decidi brincar.

Ele sorriu e finalmente olhou para mim.

- E era sexy ver a xícara com batom - ele admitiu.

Eu dei uma risada alta e ele me acompanhou.

- Eu não fazia ideia de que uma xícara com batom poderia significar tanta coisa - eu comentei quando parei de rir.

- Agora você sabe - James murmurou com o tom ainda divertido e começou a se deitar do meu lado.

Eu fechei os olhos e senti a cama se mexendo enquanto James se deitava, mas senti, principalmente, o calor do seu corpo quando ele finalmente se acomodou ao meu lado. Como sempre, eu queria me aproximar o máximo que eu conseguisse. Com os olhos fechados parecia que eu estava ainda mais ciente da força que insistia em nos aproximar e era

muito mais difícil me controlar, então abri os olhos e fiquei olhando para as nossas pernas no alto apoiadas na parede.

A distração era apenas parcialmente bem sucedida porque a eletricidade entre nós era muito intensa. Nossos ombros estavam quase encostados e eu tive a impressão de que James havia deixado aquele espaço mínimo entre nós de propósito, como se ele também sentisse essa necessidade de ficar perto, mas cuidava para não se aproximar demais.

Eu queria tanto perguntar se ele também sentia o que eu estava sentindo, mas não conseguia fazer as palavras saírem da minha boca. Elas ficavam travadas na minha garganta, quase como se fossem grandes demais para passar e sair.

Então, quando eu abri a boca não sabia o que eu estava prestes a dizer.

- Como foi seu dia? - eu me ouvi perguntando.

Uma saída neutra, superficial e segura.

- Quente - ele disse. - E estressante.

- O que aconteceu? - eu perguntei e me virei para ele.

James estava de olhos fechados e suspirou antes de responder.

- Semana passada um cliente havia pedido um relatório, mas quem recebeu o pedido não repassou para mim, então hoje meu chefe veio me cobrar porque o relatório já deveria estar pronto, mas eu nem sabia que precisava fazer um - ele colocou uma mão sobre os olhos e respirou fundo, como se estivesse tentando se acalmar.

- Mas se não repassaram o pedido para você a culpa não é sua - eu disse.

- Sim, mas o cara dos projetos jurou que havia me encaminhado o e-mail com o pedido e que eu que provavelmente não vi, então eu passei a manhã inteira provando que ele não havia me enviado nada.

- E ele assumiu a culpa quando você mostrou que ele não enviou nada?

- Que nada - James tirou a mão dos olhos e olhou para os nossos pés.

- Eu tive que fazer o relatório para hoje porque a demanda continuou existindo e ainda precisei dar conta de tudo que eu realmente tinha que fazer hoje.

Ele terminou com um suspiro profundo e alto.

- Mas chega. Não quero mais pensar nisso - ele disse. - Quais são os seus planos para amanhã?

- Vou só fazer a minha outra mala. Acho que antes vou precisar comprar mais daqueles sacos à vácuo e vou almoçar com a Sarah e o Will, mas fora isso não tenho nada planejado.

- E à noite? O que nós vamos fazer?

- Como assim?

- É a sua última noite em Londres - ele explicou. - Você não quer fazer alguma coisa?

- Eu não tinha pensado nisso dessa forma - eu admiti e olhei para o teto.

Como o tempo havia passado tão rápido? Parecia que havia sinto ontem mesmo que eu conheci o James na calçada na frente do prédio e ele me ajudou a subir com as minhas malas.

E agora eu já estava planejando a minha última noite.

- Você não pode ir embora sem aproveitar a sua última noite - James disse, agora soando mais animado.

- Eu não estou com vontade de sair - eu disse. - Também não queria que fosse algo grande ou muito empolgante.

- Então nós ficamos em casa e pedimos sua pizza favorita. Vai ser como qualquer outra noite - ele sugeriu. - Eu posso chamar o Alex e a Júlia se você quiser.

Eu me virei para ele e sorri, genuinamente feliz. Era uma boa ideia.

- Ótimo - eu disse. - Vou falar com a Sarah e o Will também.

Eu já havia combinado de almoçar com eles no dia seguinte para me despedir, mas do jeito do James parecia melhor. Não sei por que eu não havia pensado nisso. Acho que era uma forma de não encarar a realidade. Se eu simplesmente fosse embora não iria parecer verdade, mas se eu fizesse um evento, por menor que fosse, e me despedisse, eu teria que lidar com as emoções e, sinceramente, eu não sabia como iria me despedir do James.

Nós ficamos conversando por mais alguns minutos naquela posição até que uma brisa fresca começou a entrar pela janela. Então eu desliguei o ventilador e nos deitamos da maneira convencional na cama.

Como o calor havia dado uma trégua, James e eu mudamos nossas posições. Nós estávamos virados um para o outro e eu apoiei a minha cabeça no ombro dele e uma mão no seu quadril. Enquanto isso, ele acariciava meu cabelo suavemente com uma das mãos e a outra estava segurando a barra do meu shorts. Seus dedos encostavam levemente na

minha pele. A brisa entrava em intervalos pela janela tornando a temperatura do quarto perfeita.

Conforme James e eu fomos conversando, nossas vozes foram ficando mais baixas e preguiçosas e eventualmente nós adormecemos daquele jeito. Eu queria poder ter tirado uma foto daquele momento, mas por mais que eu tivesse usado a melhor câmera do mundo, ela não teria sido capaz de captar a brisa fresca entrando pela janela, o cheiro do James, sua mão suave no meu cabelo, o calor do seu corpo embaixo da minha mão e jamais seria capaz de captar a paz que eu estava sentindo. Momentos como esse ficam apenas na minha memória porque jamais poderia ser traduzidos em uma simples imagem ou em meras palavras. Eu encontrei uma grande dificuldade em tentar descrever esse final de tarde no meu quarto para mim mesma, então eu não me surpreenderia se vocês não vissem nessas palavras a mesma importância que eu vi e senti.

Uma vez um professor da faculdade disse que algumas obras de arte não podem ser explicadas porque assim que você tenta as reduzir a simples palavras, elas perdem o significado. E depois de tantos anos eu finalmente entendi o que ele quis dizer. Aquele momento com o James, assim como tantos outros, permanecem apenas na minha memória porque colocá-los em palavras os estragaria. Algumas coisas não foram feitas para serem explicadas, apenas sentidas e lembradas.

41.

Londres, Inglaterra.

No dia seguinte James foi trabalhar e eu fui comprar os itens de viagem dos quais eu precisava. O dia não estava tão quente quanto o anterior e, por isso, usar o metrô não foi um problema. Ainda bem.

Conforme eu caminhava pelas ruas, descia as escadas da estação e aguardava na plataforma, eu me sentia estranha. Eu sabia que era minha última vez fazendo aquelas coisas, mas não conseguia sentir nada. Eu acho que me dissocieei completamente da situação para poder lidar com ela.

Cheguei em casa perto do horário do almoço, esquentei uma refeição pronta do mercado no micro-ondas e comecei a arrumar minha segunda mala. Recolhi todos os meus pertences da sala e coloquei as decorações originais no lugar de novo. Quando terminei e olhei em volta parecia que eu havia voltado no tempo. O apartamento estava exatamente igual ao que era quando eu cheguei ali um ano antes toda apressada e sem nem suspeitar que o vizinho teria um papel de protagonista na minha vida.

É verdade o que dizem sobre você ser a única coisa que muda quando mora fora. A vida na sua cidade natal continua seguindo sem você e a vida na cidade de onde você está voltando vai continuar sem você, como se você não tivesse existido. Olhando para o apartamento como ele era um ano antes, como se eu nunca tivesse passado por ali, eu percebi que isso era verdade e que a única diferente ali era eu.

Eu ainda tinha um tempo até todo mundo chegar, então liguei a TV para assistir alguma coisa e continuar lidando com aquela noite como se fosse qualquer outra. Ouvi James chegando no final da tarde e ele passou no meu apartamento apenas dizendo que estava exausto - e ele parecia mesmo - e que iria dormir um pouco antes.

Ele acordou quando o Alex chegou e logo em seguida os outros chegaram. James pediu a pizza e em poucos minutos nós estávamos

sentados ao redor da mesa no meu apartamento conversando e dando risada enquanto Alex preparava as bebidas, como sempre.

A única diferença daquela noite era que o James não se preocupou em manter distância de mim. Ele fazia questão de se sentar do meu lado e me abraçava quando dava vontade. Se os outros achavam isso estranho, então não demonstraram.

Em uma das poucas vezes que James não estava do meu lado, ele estava no sofá conversando com o Alex e eu o observei por alguns instantes. Por fora ele parecia como o meu apartamento: como se eu nem tivesse existido. Mas e por dentro? Ele continuaria como se eu não tivesse existido? Eu esperava que não. Eu esperava ter deixado algo de bom e bonito na vida dele, como ele também deixou na minha, apesar de tudo. A verdade é que James me deu coisas que nenhum outro homem havia me dado antes: companhia, carinho e intimidade. E eu realmente o amava por isso.

Will se aproximou de mim naquele momento e disse,

- Oli, eu estava pensando e queria dizer uma coisa antes de ir.

- Oi, Will. Diga.

- Eu estava pensando em você e no James - ele abaixou a voz. - Pensei em tudo que você me contou e acho que finalmente entendi o que você aguentou.

Eu franzi as sobrancelhas, confusa, porque não sabia aonde ele queria chegar com aquilo.

- Eu acho que você foi muito guerreira. Se tivesse sido comigo, se alguém tivesse me dito as coisas que ele disse para você, eu acho que teria passado dias na cama.

Eu dei risada.

- E você acha que não fiz isso? - eu disse. - Passei várias noites sem dormir também.

- Você não deixou transparecer então - ele disse com um sorriso. - De qualquer forma, eu acho que você lidou com a situação muito bem e acho que você precisa saber disso.

Eu o encarei por alguns segundos sem palavras. Era um alívio ouvir aquilo de alguém e eu não sabia que precisava daquilo até aquele momento.

- Obrigada, Will - eu disse e apertei sua mão. - De verdade. É muito bom ouvir isso. E o fato de você ter demonstrado tanta empatia assim significa que você é um amigo de verdade. Obrigada por isso também.

Will me abraçou e eu precisei engolir algumas lágrimas.

- Eu preciso ir agora, Oli, mas volte para casa sabendo que você fez tudo e mais um pouco e quase ninguém no seu lugar conseguiria fazer isso.

Dessa vez eu não consegui conter o choro e algumas lágrimas escorreram.

- Muito, muito, muito obrigada, Will - eu disse enquanto o abraçava de novo.

Ele se despediu de todo mundo e foi embora. Eu fui para a cozinha pegar algo para beber e James me viu secando algumas lágrimas. Ele foi até mim, me deu um beijo na testa e depois voltou para conversar com o Alex no sofá.

Eu me virei para voltar para a mesa e dei de cara com a Júlia olhando para mim. Ela havia visto a minha interação com o James e quando eu me sentei à mesa de novo, ela perguntou:

- Como vocês estão?

- Bem. Nada fora do normal - eu respondi com um sorriso.

Alguns meses antes eu havia bebido um pouco mais do que deveria e contei para a Júlia sobre tudo que aconteceu comigo e com o James. Quer dizer, contei quase tudo. Eu deixei de fora a parte de que eu gostava dele de verdade. Ela ficou genuinamente pasma porque disse que não fazia ideia de que tudo aquilo havia acontecido. Ela suspeitava, mas jamais teria sonhado com tudo aquilo.

E naquele momento ela resolveu trazer o assunto à tona de novo.

- Quando você me contou de vocês, eu estranhei muito porque ele nunca me falou de você - ela disse. - Ele me contava da ex e daquela outra que ele gostava. Esqueci o nome dela agora.

O fato de o James nunca ter falado de mim só comprovava que eu nunca fui grande coisa para ele, mas eu tentei não pensar nisso.

- Quer dizer, ele não me falou de você porque provavelmente não sabia se podia - ela tentou se corrigir.

- Eu pedi para ele não contar - eu admiti. Eu não sabia o quanto a hesitação do James em falar sobre mim tinha a ver com o meu pedido e o quanto era ele simplesmente não se importando o suficiente.

- Ah, então foi isso - Júlia disse com um sorriso.

- Carla - eu disse após uma pausa.

- O quê?

- Não era o nome daquela outra que ele gostava? - eu me lembrava de ter visto aquele nome no celular dele algumas vezes.

Júlia pensou por alguns instantes.

- Não. O nome também começava com C, mas não era Carla.

Eu peguei um pedaço de pizza que havia sobrado e comecei a comer para não dar risada. Era realmente difícil saber o nome de todas as mulheres da vida do James.

- De qualquer forma - Júlia continuou - eu lembro que ele contou para ela que gostava dela e meio que foi um drama. Foi no ano novo, eu acho.

Eu parei de mastigar por um instante porque eu me lembrava perfeitamente do ano novo. A diferença é que agora eu entendia tudo. Entendia por que ele pareceu tão carente quando chegou e por que depois de tanto tempo tentou fazer com que algo acontecesse entre nós. E pela primeira vez eu fiz a coisa certa e fui embora.

Além disso, agora tudo se encaixava. James havia trocado o status do *Facebook* por causa dela. Eu sabia que ele não teria feito aquilo se ele não tivesse outras intenções, se não tivesse outra pessoa esperando por ele. Eu sabia que não tinha sido por mim. Foi por ela, quem quer que ela seja.

Eu engulo a pizza com dificuldade porque ela desce com essa nova informação que mais uma vez comprovava a pouca importância que eu tinha para ele. Quantas mais comprovações a vida me daria? E por que eu continuava me surpreendendo?

- Oli, você deve saber que eu fiquei com o James uma vez - Júlia murmurou.

No fundo eu sempre soube, mas ouvir as palavras era como um soco no estômago. E por que ela estava me contando isso?

- Sim - eu disse quando percebi que ela estava esperando uma resposta.

- Mas foi só isso - ela garantiu. - Eu juro. Foi muito estranho, mas foi depois do ano novo e acho que vocês não estavam mais juntos, estavam?

- Não.

- Ufa! - ela colocou a mão no peito e suspirou, parecendo aliviada. - Eu nunca teria ficado com ele se soubesse de vocês na época. É sério, Oli. Eu nunca faria uma coisa dessas.

- Não se preocupe - eu disse com sinceridade. - Ficou no passado.

- E não leve isso tão a sério. James fica e transa com qualquer uma - ela disse e imediatamente congelou e se corrigiu. - Não querendo dizer que

você é qualquer uma.

Eu dei risada, meio sofrida, meio honesta.

- Eu já sabia que eu não era especial, Júlia. Nada do que você está me contando é novidade ou inesperado.

- Bem, que bom? - ela disse meio incerta e fez parecer uma pergunta.

- Eu não quero estragar sua última noite, mas também não quero que você vá embora se culpando por isso. A gente sabe que é tudo culpa dele - ela acrescentou em um sussurro.

Eu dei risada de novo.

- É bom ouvir isso - eu admiti.

- Imagino - ela sorriu e depois pareceu mais séria. - Mas, Oli, eu falei sério quando quis dizer que não era para você achar que era qualquer uma. Eu lembro quando você se mudou para cá e James simplesmente mudou. Na época eu não sabia o que era, mas ele parecia muito mais empolgado e alegre. Depois ele contou que tinha uma vizinha nova e eu liguei os pontos, mas quando eu conheci você voltei a não entender nada porque você não parecia como alguém que daria atenção para ele.

- Você não foi a única que pensou assim - eu murmurei e mordi outro pedaço de pizza.

Ela deu risada.

- Pois é, mas a questão é que talvez nem ele saiba o que ele sente por você. Ele ainda precisa amadurecer muito nesse aspecto, mas não ache que é culpa sua. Eu conheci o James antes de você chegar e posso garantir que o que quer que você tenha feito ou dito teve um aspecto positivo nele. O Alex concorda comigo.

- Obrigada, Júlia - eu decidi dizer após um instante. - Mas tentar ver o lado bom disso tudo foi o que me enfiou nessa confusão em primeiro lugar, então... - eu dei de ombros, sem saber mais o que dizer.

- Eu entendo - ela concordou. - Eu só não queria que você se culpasse e me odiasse - ela deu um sorriso tímido.

- A culpa não é sua também. Você não tinha como saber.

Alex se levantou do sofá naquele momento e sugeriu um jogo e por dentro eu agradeci a interrupção. Eu sabia que a Júlia tinha boas intenções, mas eu não queria mais ficar naquela conversa.

O resto da noite se desenrolou como qualquer outra e foi perfeita. Eu chorei um pouco me despedindo da Sarah e quando me despedi do Alex

disse “obrigada” acho que 23 vezes porque queria que ele entendesse que eu realmente era grata por ele.

Então éramos apenas James e eu mais uma vez. Ele me ajudou com a organização do meu apartamento e contrariando meu bom senso, eu perguntei:

- James, você pode dormir comigo hoje? Como uma despedida. Vai ser a última vez.

Quando eu fechei a boca nem acreditei que havia falado aquilo, mas antes que eu pudesse me arrepender, ele respondeu:

- Claro, Oli.

Então minha última noite em Londres foi passada da minha maneira favorita. Eu não quis pensar nas consequências porque quais consequências poderiam existir? Eu estaria do outro lado do oceano em algumas horas. Além disso, James iria me esquecer assim que eu fosse embora. Eu acreditava muito nisso nessa época e até contava com isso.

Ao mesmo tempo que essa realização apertava meu coração, ela também me libertava. Eu sabia que a distância era algo necessário. Nossa amizade estava indo bem nos últimos meses porque eu estava me mantendo firme no meu plano de ser a melhor pessoa do mundo, o que significava que meus sentimentos estavam sendo ignorados.



Eu dormi muito bem naquela noite, como geralmente era quando James estava comigo. Ele acordou cedo para ir trabalhar e eu fiquei mais um pouco na cama olhando para o meu quarto e me despedindo emocionalmente. Era engraçado como aquelas quatro paredes continham mais memórias preciosas do que as do meu quarto em Toronto.

Passei a manhã organizando meus pertences menores e checando todas as gavetas e armários para garantir que eu realmente havia recolhido tudo.

James voltou no horário do almoço para se despedir. Eu estava no meu quarto já com a minha bolsa e olhando em volta checando pela terceira vez se eu não havia deixado nada para trás e ouvi a porta do James abrindo e fechando. Depois ele apareceu no meu quarto parecendo mais sério do que eu já havia visto.

- Eu escrevi uma coisa atrás - ele disse e eu vi o postal da *Tower Bridge* na mão dele. Eu havia me esquecido daquele postal até aquele momento.

- Ah, obrigada - eu disse sem demonstrar nenhuma emoção porque achei que ele havia escrito algo genérico ou algo que já havia me dito 12 vezes antes e que eram apenas palavras vazias.

Guardei o postal na minha bolsa sem ler e James não pareceu incomodado com a falta de importância que eu dei para aquele gesto. Ele simplesmente pegou as minhas malas e saiu para levá-las para baixo. Era engraçado como nós havíamos fechado o ciclo perfeitamente. Um ano antes foi o James que me ajudou a trazer minhas malas para cima e agora era ele que estava as levando para baixo de novo. Era um simbolismo bonito. Triste, mas bonito.

Eu ainda fiquei alguns minutos me despedindo emocionalmente do meu apartamento e guardando seus detalhes na minha memória, mas não queria me estender para não começar a pensar em coisas que eu não queria, então respirei fundo, saí e fechei a porta pela última vez.

Antes de descer, olhei para a porta do James e dezenas de memórias encheram a minha mente. Eu coloquei a mão no meu peito, como se estivesse tentando manter meu coração inteiro - tão inteiro quanto ele estava na época - e engoli o choro.

Eventualmente, descí as escadas e encontrei James na porta do prédio me esperando. Eu me lembro perfeitamente daquele momento porque ele estava com os braços cruzados, mas parecia que ele estava fazendo força com eles, como se estivesse tentando se segurar inteiro, assim como eu tentei fazer poucos segundos antes. Seu rosto também estava diferente. Ele estava completamente sério e fechado.

Eu me aproximei e notei outro detalhe sobre o rosto dele: seus olhos estavam marejados. Então, como sempre, meus pés me carregaram para ele sem a minha permissão, e eu o abracei com força.

- Se você chorar, eu vou chorar também - ele murmurou quando me abraçou.

- Tarde demais - eu disse porque notei que as lágrimas já estavam rolando livremente pelo meu rosto.

Eu tentei conter meu choro porque não queria que James soubesse o quanto eu sentia por ele, mas foi um esforço inútil. Eu soluçava mais do que eu achei que era possível.

Eu queria ficar ali naquele abraço para sempre. Eu queria aquele cheiro, aquele conforto, aqueles braços, aquele coração batendo contra o meu para sempre.

Eu não sei quanto tempo nosso abraço durou, mas foi o suficiente para o táxi que o James chamou chegar.

Nós nos soltamos e eu estava tão concentrada nos meus próprios soluços que não havia me dado que James estava chorando também. Surpresa, eu vi as lágrimas escorrendo pelas suas bochechas e senti um universo de coisas e a maior delas era alívio por ver que ele sentia algo por mim (ele não choraria se não sentisse nada, certo?).

Então eu notei a manga da sua camiseta encharcada com as minhas lágrimas.

- Desculpa por isso - eu disse, tentando sorrir.

- Não tem problema. Vai secar - ele respondeu sem tirar os olhos de mim.

Eu aproveitei aqueles segundos para memorizar seu rosto, seus lábios cheios, sua barba por fazer, seu nariz, seus olhos escuros, suas bochechas agora molhadas com lágrimas, seu cabelo... Memorizei cada centímetro dele e naquele momento eu também eu vi meus últimos 12 meses. Eles foram uma montanha-russa não só para mim, mas para o James também e as lágrimas dele provavam isso. Ele foi até o alto mais alto e baixo mais baixo comigo.

E mesmo assim, no dia seguinte ele estava ali de novo. Independentemente do motivo, ele estava lá pronto para entrar na montanha-russa comigo de novo. Seu humor permanecia intocado e ele continuava me olhando da mesma forma. Nós tivemos nossos momentos, não tivemos? Eu esperava que ele se lembrasse dele ao invés dos ruins.

- James, desculpa por... - eu comecei a dizer, repentinamente tomada pela necessidade de pedir desculpa pelas vezes que eu fui insensível com ele, mas ele colocou um dedo sobre a minha boca.

- Você não tem que pedir desculpa por nada, Oli - ele disse de maneira bem séria, mas com os olhos suaves. Enquanto eu olhava, uma lágrima solitária escorreu de um deles. - Você não fez nada de errado.

Meu choro se intensificou naquele instante e quando James me abraçou de novo, eu solucei alto. Eu sabia que me despedir dele seria difícil, mas não sabia que seria tão difícil assim. Eu acho que nenhum de

nós dois havia se dado conta do quanto sentia pelo outro até aquele momento. Eu mesma fui pega de surpresa e eu já sabia que gostava dele.

Eu mergulhei no abraço como sempre, mas aquele era diferente. Era um abraço de despedida de fato. Um abraço resignado com data de expiração e, como sempre, ele acabou antes do que eu queria, mas dessa vez eu sabia que era hora. Eu não poderia ficar ali para sempre, por mais que quisesse.

Nós nos afastamos de novo, mas uma das minhas mãos desceu pelo braço dele até a sua mão e eu a segurei. Ele apertou a minha mão, como se também não estivesse pronto para deixar o contato acabar totalmente.

- Tchau, James - eu consegui dizer por entre as lágrimas que estavam desfocando a minha visão.

- Tchau, Oli - ele respondeu com a voz rouca por causa do choro e eu me forcei a soltar da mão dele.

Eu me virei para a rua e entrei no táxi tentando não olhar para trás. Eu me sentia como se alguém tivesse me aberto, como numa necropsia, e me deixado assim.

O carro acelerou e eu notei o motorista me olhando pelo retrovisor parecendo ligeiramente preocupado por causa dos meus soluços de choro, mas felizmente ele não fez perguntas.

Eu achava que não pararia de chorar nunca. Toda vez que eu achava que havia conseguido, uma nova onda de lágrimas chegava e eu não conseguia contê-las. Era a pior sensação do mundo e eu nunca havia me sentido daquela forma. Foi como se realmente eu estivesse aberta numa necropsia, mas agora arrancaram meu coração e além de não terem me devolvido, continuaram a me deixar ali aberta e vazia. Eu não entendia o que era aquele sentimento, mas era muito mais do que eu esperava.

Acho que o que mais doía naquele momento foi ter o ponto final de vez. Nada mais iria acontecer entre nós. O que aconteceu era tudo o que iria acontecer. Todos os meus desejos mais secretos seriam para sempre apenas isso: desejos.

Quer dizer, conscientemente, eu sabia que James e eu jamais poderíamos ficar juntos, mas naquele momento eu percebi que no fundo eu ainda esperava que isso acontecesse em algum momento.

Eu não entendia aquele sentimento de estar aberta numa mesa sem coração, mas sabia que depois que se eu conseguisse me fechar de novo - isso teria que acontecer em algum momento, por mais que ali, sentada

naquele táxi, eu não conseguisse imaginá-lo - eu sabia que eu não seria mais a mesma. Mais do que isso, eu sabia que a vida nunca mais seria a mesma. Eu nunca mais poderia chegar em casa e bater na porta do vizinho para bater papo e falar sobre o meu dia. O vizinho também nunca mais apareceria na minha casa do nada para me contar alguma novidade ou simplesmente passar tempo comigo. São sempre dos momentos mais rotineiros e simples que nós sentimos mais falta, não são?

Eu balancei a cabeça e tentei me recompor porque não aguentava mais chorar. E eu não sabia, mas chorar cansa. O corpo inteiro fica pesado, o que no meu caso não fazia sentido porque eu também me sentia vazia.

Respirei fundo e olhei pela janela o resto do caminho até o aeroporto, mas não processei nada da paisagem que eu via. Tanto é verdade que o motorista precisou me avisar que havíamos chegado e quando saí do carro vi que ele já havia tirado minhas malas do porta-malas. Eu não sabia para onde a minha cabeça havia ido porque ela foi sozinha e não me levou.

Fiz meu *check-in*, pedi meu reembolso do imposto dos últimos 3 meses e fui para o meu portão. Sentei em um banco e peguei meu celular da bolsa. Naturalmente, James havia me mandado uma mensagem.

Chegou bem?

Sim. Já estou no meu portão.

Que bom.

Ele continuou digitando, então eu esperei.

Meu Deus, Oli.

Eu nunca senti a ida de alguém como estou sentindo a sua. É assustador.

As palavras na tela do celular começaram a ficar embaçadas por causa das lágrimas que encheram meus olhos de novo. Meu coração só não se despedaçou pela zilionésima vez porque ele havia ficado lá em *Holborn* com o James. Eu teria que encontrar outro para mim.

Deixei que algumas lágrimas escorressem para conseguir enxergar direito e digitei uma resposta.

Eu sei. Para mim está sendo assim também.

Ele respondeu logo em seguida.

Não sei se isso me deixa melhor ou pior.

Só sei que não consegui voltar a trabalhar e nem consegui ficar em casa sem você lá.

Então tive que sair, mas todo lugar que eu pensei em ir me lembra você também.

Eu respirei fundo e olhei para o teto para não chorar de novo. De certa forma, era isso que eu sempre queria - tirando o drama, obviamente - mas os motivos e a situação eram totalmente errados. Não era para as coisas terem acontecido dessa forma. Eu não sei quando foi que elas ficaram tão confusas e tão erradas. Não sei como foi que nós chegamos aqui. Não era para ele falar essas coisas apenas agora.

Eu me senti perdendo o controle das lágrimas de novo, mas não aguentava mais chorar, então olhei para o celular de novo e digitei:

James, eu não consigo fazer isso agora.

Não aguento mais chorar.

A gente se fala quando eu chegar em Toronto, pode ser?

Esprei a resposta dele com o celular na mão. A tela apagou e pouco tempo depois acendeu de novo.

Queria poder te dar um abraço, Oli.

Eu não gosto quando você chora, mas acho que eu preciso descansar também.

Boa viagem!

Ele acrescentou vários corações no final da mensagem e eu apenas respondi com os corações. Guardei o celular na bolsa de novo, apoiei a cabeça na parede atrás de mim e fechei os olhos para tentar relaxar.

42.

Minneapolis, Minnesota, Estados Unidos

Eu abro os olhos assustada quando ouço meu despertador. Eu estava sonhando com os meus últimos dias em Londres e foi um sonho tão realista que fico preocupada quando não consigo reconhecer meus arredores imediatamente. Eu preciso de alguns segundos para me localizar.

É junho de 2017 e eu vim para Minneapolis ontem à noite porque hoje de manhã combinei de ir até o laboratório na Universidade de Minnesota para sequenciar o DNA das minhas células. Então esse teto e essas paredes são do meu quarto no hotel em Minneapolis.

É isso. Ufa.

Desligo o despertador e me levanto ainda me sentindo um pouco deslocada, mas não do presente e, sim, do passado. Algumas memórias de Londres ainda estão caminhando pela mente, quase como se tentando descobrir para onde ir e ficar, e é quase como se eu não me reconhecesse nelas. Elas parecem uma vida passada. É um sentimento esquisito.

Enquanto eu me arrumo para o dia sou surpreendida por alguns flashes de memórias como sempre, mas dessa vez eles parecem tão distantes. Acho que parte disso é porque são memórias que eu realmente não me lembrava que tinha e a outra parte é porque por algum motivo eu não me sinto mais conectada à pessoa que eu era nessas memórias.

Por exemplo, a cena que está na minha cabeça agora é de um dia normal em que eu estava almoçando com o James no apartamento dele. Não havia nada de especial naquele dia, então acho que é por isso que a memória ficou escondida até agora, mas ainda é uma lembrança gostosa e até engraçada. James havia cozinhado para nós e o cardápio incluía um purê de mandioca, mas como ele sabia que eu não gostava, ele fez um purê de batata em separado para mim. Ele tentou me fazer provar o outro, mas eu recusei. A verdade é que eu realmente nunca havia provado purê de mandioca, mas não me parecia atrativo.

O almoço seguiu normalmente e eu achei que o James havia desistido de tentar me fazer provar o tal do purê, mas repentinamente, ele disse que havia um pássaro tentando entrar pela janela. Eu estava de costas para a janela e como naquela época aqueles pássaros apareciam com frequência nos nossos apartamentos e reviraram nossos lixos, eu me virei para trás para espantá-lo. Consequentemente, eu fiquei de costas para o meu prato de comida e James sorrateiramente colocou um pouco do purê de mandioca em cima do meu garfo. Hoje eu sei que não havia pássaro nenhum. Ele só disse isso para me distrair e me trair.

Assim que eu me virei para a mesa de novo, James estava com aquela expressão inocente e disse apenas "Ele foi embora assim que você se virou."

Eu acreditei e peguei meu garfo para voltar a comer, mas como James havia colocado o purê de mandioca no meu garfo, essa foi a primeira coisa que eu comi. Eu senti a diferença no gosto, mas como não imaginei que ele me trairia dessa forma, achei que fosse o purê de batata mesmo e comentei: "Nossa, o que você colocou diferente nesse purê? Está muito bom."

Na mesma hora James começou a gargalhar e eu nunca havia o visto rir daquele jeito. Ele me contou o que havia feito, disse "Viu como você é só fresca?" e passou dias dando risada disso - e eu aprendi a nunca mais dar as costas para o meu prato de comida perto dele.

Eu não sei por que eu me lembrei disso agora, mas dou uma risada baixinha visualizando aquela cena de novo e o quanto nós dois demos risada da situação.

Outra cena que repentinamente me vem à cabeça é de um dos meus últimos dias em Londres. Por causa do calor, eu estava deitada de barriga para baixo na minha cama com as janelas abertas e o ventilador ligado tentando não derreter. James chegou e deu um tapinha na minha bunda e se sentou do meu lado como se fosse a coisa mais normal do mundo. Eu até olhei para ele sem entender porque não era típico dele fazer aquilo do nada, mas ele começou a me contar algo do dia dele e eu só aceitei e foi mais um daqueles momentos rotineiros, normais e nada de especiais.

Mas eu descobri que são esses momentos simples que quando somados tornam as relações tão especiais e únicas. Acho que é por isso que ele surgiu de repente na minha mente de novo. Normalmente nós lembramos dos momentos mais importantes e marcantes justamente porque eles são marcantes, mas os pequenos são tão importantes quanto.

Esse flash de memória termina e outro começa. Eu estou jantando com o James em um restaurante que não consigo me lembrar exatamente onde era. Nós passamos o dia juntos passeando por Londres e quando nós estávamos terminando o jantar, ele se virou para mim e disse “Obrigada pela companhia, Oli.”

Foi um momento tão ordinário que eu entendo por que não me lembrava dele, mas por que eu me lembrei agora? Eu lembro inclusive que eu dei de ombros e nem respondi porque naquela época eu já havia aprendido desconsiderar tudo que o James falava, mas agora me lembrando do tom que ele usou, da expressão no rosto dele.... Meu Deus, ele até apertou a minha mão carinhosamente.

Ele estava sincero, não estava? Talvez ele não ressentisse a minha presença tanto quanto eu imaginava. Talvez ele não tivesse sentimentos profundos por mim, mas talvez ele gostasse de passar tempo comigo. Essa possibilidade é tão impossível assim? Até porque aquela não foi a única vez que ele me agradeceu pela companhia. Ele fazia isso com certa frequência, não fazia? Eu apenas nunca considerei a possibilidade de que ele estivesse sendo sincero.

Mas, pensando bem, eu sei por que eu fiz isso. Eu sei por que eu menosprezei tudo que ele fazia e falava. Eu precisava me convencer de que ele não gostava de mim porque eu achava que isso me protegia e fazia de mim uma pessoa mais forte, mais madura, e me ajudaria a seguir em frente, mas não foi isso que aconteceu.

A verdade é que eu me convenci tanto disso porque tinha vergonha de admitir que sim, eu queria tudo e tinha esperanças que isso aconteceria. Eu esperei, e esperei, e esperei que ele mudasse de ideia. E toda vez que ele não mudava, eu me dizia “eu já sabia que ele não sentia nada por mim”, mas no fundo eu não sabia. No fundo, eu ainda me sentia como uma adolescente rejeitada pela primeira vez. Eu fiz isso para me proteger, mas acabei me destruindo mais ainda e talvez até estragando alguns momentos e memórias e talvez até magoado o James algumas vezes. Essas memórias repentinas de hoje são provas de que eu não me lembro de tudo que aconteceu, então pode ser que eu não me lembre dos momentos em que eu o magoei. Talvez ele lembre. Talvez não. Acho que não importa agora.

O que importa é que eu só consigo ver isso agora porque eu tenho todos os pontos para ligar. Antes eu tinha só alguns, então era impossível ver o cenário completo e entender o que estava acontecendo. Então talvez

seja hora de finalmente parar de me culpar e apenas aceitar que eu fiz o que eu fiz, James fez o que fez e que ficar remoendo tudo isso e me culpando não vai mudar o que aconteceu.

Talvez eu tenha mesmo romantizado a situação e inconscientemente esperado algo do James e sido a única culpada pela minha frustração. Talvez tudo tenha acontecido apenas na minha cabeça e na dele eu tenha sido realmente apenas uma vizinha passageira - ou algo do passado, como ele mesmo disse -, mas isso não muda o que eu senti e isso sim é real e eu sei que é. Para mim, cada risada, cada toque, cada beijo, cada conversa, cada abraço, cada momento compartilhado foi real. Meus sentimentos e a minha experiência foram reais. Eu não vou resolver nada tentando ignorar ou menosprezar isso.

Eu entro no elevador, aperto o botão do térreo e me olho no espelho por alguns instantes. O rosto me encarando é apenas parcialmente familiar e eu ainda não consigo entender por quê. Incomodada com a sensação, eu dou as costas para o espelho e fico olhando para as portas do elevador.

No caminho para a universidade, as memórias que estavam caminhando pela minha mente mais cedo parecem encontrar seu lugar. Aos poucos cada uma delas encontra seu lugar na minha mente e sossega. James entrando no meu quarto com um sorriso para me contar algo, James cozinhando nossas refeições enquanto eu apenas ficava sentada conversando com ele, nós deitados na cama conversando até tarde da noite, nós andando por Londres em dias comuns... Cada uma delas se assenta em uma gaveta especial do meu cérebro e eu sei que vou mantê-las ali com carinho.

As memórias ruins também parecem encontrar seu caminho. Elas se escondem, mas não exatamente. Eu sei que elas estão ali, mas elas não ocupam tanto espaço e nem são mais tão escandalosas. Eu consigo encará-las sem me despedaçar. Eu consigo lidar com elas.

Essa realização me faz sorrir e eu enxugo uma lágrima que começa a escorrer, mas é uma lágrima de felicidade porque eu consigo pensar nos momentos ruins, como no meu aniversário quando James beijou a Verônica na minha frente, e continuar inteira. Pela primeira vez, essas memórias chegam e vão embora sem levar nada de mim.

Então eu estou sorrindo enquanto o táxi passeia pelas ruas da Universidade de Minnesota. O câmpus é enorme, repleto de prédios e muito

bonito. O céu azul de um dia de verão ajuda a deixar o cenário mais atraente, mas é nítido que ele está apenas realçando o que já é bonito.

Eventualmente, o motorista para ao lado do prédio de Biologia Celular e Molecular e eu desço para caminhar até a entrada. A fachada do prédio é de tijolo à vista, mas o térreo é quase todo envidraçado. Eu passo pela escultura de uma estrutura molecular (ela representa a estrutura de alguma molécula real? Eu não sei) e entro no prédio. Eu converso com um recepcionista simpático dizendo que preciso ir até o laboratório de genética para encontrar uma pesquisadora chamada Melanie. Ele a conhece, o que me dá um certo alívio porque até então eu poderia ter me perdido e chegado no lugar errado, e me manda ir até o terceiro andar.

O elevador está esperando por mim e eu vou até o terceiro andar. Lá eu sigo as placas indicando qual laboratório é qual até que encontro o de genética. A porta está aberta e há 4 pessoas lá dentro, mas todos parecem muito concentrados, então eu dou uma batida de leve na porta e o homem na bancada logo ao lado da porta olha para mim.

- Oi - eu digo com um sorriso. - Eu estou procurando a Melanie. Eu sou a Olívia do Instituto de Bioquímica e Biologia Celular de Toronto.

- Ah, é claro - o homem responde com um sorriso também. - Mel, a Olívia chegou - ele se encosta na cadeira para chamar a mulher de cabelo castanho que está de costas para nós na bancada mais à esquerda.

A mulher se vira e quando me vê diz:

- Oi, Olívia. Pode entrar. Eu estou terminando uma coisa aqui e já falo com você - ela se vira de novo e fica de costas para mim e eu não consigo ver seu rosto direito, mas algo nele é familiar.

Ela também parece ter reconhecido algo no meu rosto porque logo em seguida, ela se vira de novo e me olha com mais atenção. Então, finalmente, nós nos reconhecemos.

- Meu Deus, foi você que me ajudou no voo de Londres ano passado!
- ela diz.

- Nossa! Que coincidência. Eu não liguei os pontos - eu respondo, feliz com a situação.

- Eu também não. Quando me disseram que o seu nome era Olívia eu nem pensei nessa possibilidade - ela concorda e me encontra no meio do caminho.

Ela me dá um abraço como se nós fôssemos amigas há muito tempo e, sinceramente, é o que parece. Ela é familiar para mim de uma forma que

vai além daquele curto encontro no aeroporto de Londres.

- Isso é perfeito - ela diz animada. - Vamos começar logo. Suas células chegaram ontem à noite e eu já as guardei. Foi fácil embarcar com elas?

- Mais ou menos. Até conseguir embarcar eu fiquei com medo de ter esquecido algum documento e estragar tudo. Elas chegaram bem? Não descongelaram?

Eu trouxe as células em frascos congelados no avião comigo e como elas constituem material biológico, precisei preencher diversos formulários e passei dias revendo todos porque cheguei até a sonhar que me barravam na hora do embarque porque eu não tinha todos os documentos e as células acabavam descongelando e morrendo. No final deu tudo certo e assim que eu cheguei no meu hotel eu liguei para um entregador da universidade de Minnesota que é contratado especificamente para entregar amostras biológicas e ele trouxe as amostras para o laboratório. Acho que elas teriam passado bem a noite no hotel comigo, mas eu não quis arriscar e acabar as perdendo e, conseqüentemente, perdendo a viagem.

- Elas estão bem sim. Você as guardou perfeitamente - Melanie me garantiu enquanto íamos até a bancada dela. - Eu tenho um jaleco aqui para você e você pode deixar sua bolsa no meu armário.

Enquanto eu guardo minha bolsa e visto o jaleco eu analiso a bancada dela. Ela é parcialmente organizada, como qualquer bancada de laboratório, mas o que me chama a atenção é a foto do plano de fundo do laptop dela. Ela está vestida de noiva ao lado do seu noivo - agora marido - e o rosto dele também é um pouco familiar para mim.

- É verdade. Você estava noiva quando nos conhecemos em Londres - eu digo.

- Sim. Casei 2 meses atrás - ela diz animada e também olha para a foto no computador com óbvia admiração. - Na verdade, eu acabei de voltar para o laboratório e é minha primeira semana usando meu jaleco novo com o meu nome de casada.

Eu olho para o nome no jaleco dela: Melanie Becker.

Então olho para o homem na foto de novo e finalmente o reconheço.

- Primeiro, parabéns. Seu vestido era lindo - eu digo com sinceridade.

- Mas desculpa perguntar, seu marido é Luke Becker?

- Sim!

- Nossa. Que coincidência - eu penso em voz alta antes que consiga me controlar.

- Por quê? Você o conhece?

- Não pessoalmente, mas enquanto eu morava em Londres a empresa dele organizou um evento para comemorar o início de um novo projeto. Algo assim?

- Isso mesmo. Você foi? - ela pergunta com curiosidade.

Eu sorrio para mim mesma, mas sem saber o que o sorriso significa porque a memória daquele evento para o qual o James me convidou e depois me desconvidou sem me avisar está agora bem nítida na minha cabeça e eu estou esperando que ela me destrua, como sempre.

Mas nada acontece. Mais uma vez, uma memória ruim chega, permanece por alguns instantes e depois vai embora sem levar nada de mim. Então quando eu respondo, minha voz soa segura e desapegada, exatamente como a de alguém que superou a situação da qual está falando.

- Não fui, mas meu vizinho em Londres trabalhava na empresa que fez parceria com a empresa do seu marido e ele foi.

Eu não senti necessidade de acrescentar os detalhes não só porque não fazia sentido compartilhar todo aquele drama com a Melanie - que, embora me pareça muito familiar, ainda é uma desconhecida - mas também porque eu não queria mais me estender na história. Eu não quero ficar no passado. Eu quero ficar no presente. Isso é novidade também e uma ótima notícia para mim. Além disso, eu não sabia como iria me referir ao James até me ouvir o chamando apenas de “meu vizinho.” Acho que no final isso foi o que sempre fomos.

- Nossa, que coincidência mesmo - Melanie concorda. - É até engraçado. Quem diria, não é?

- É muito engraçado - eu digo e depois mudo de assunto. - Bem, vamos começar?

- É claro. Já enrolamos o suficiente. Vamos começar pelo protocolo. Eu enviei para você, certo?

- Certo.

Rapidamente eu mergulho na tarefa do momento e como sempre acontece quando eu estou em um laboratório, eu entro na minha bolha de felicidade onde só o meu experimento do momento importa. O mundo externo é simplesmente o mundo externo, incluindo o James.

A manhã vai passando e quanto mais tempo eu passo com a Melanie mais eu me vejo nela, pelo menos a minha versão antes do James. Ela é uma pessoa leve, otimista e alegre. Então quando nós fazemos um intervalo no meio da manhã, eu penso mais nisso e começo a compreender por que eu estava me sentindo deslocada nessa manhã e por que eu não estava me reconhecendo completamente.

É verdade que James me deu muita coisa. Ele certamente me ensinou muito, tanto sobre a vida quanto sobre mim mesma, mas ele também levou alguns pedaços de mim e eu consigo identificar exatamente as feridas que ele deixou nesses espaços agora vazios. E para lidar com eles, para não me deixar levar pelas coisas que o James falava e fazia, eu precisei me tornar mais insensível e pessimista. Eu precisei me tornar outra pessoa.

Mas agora aos poucos eu estou sentindo esses espaços vazios sendo preenchidos novamente pela pessoa que eu sempre fui. É por isso que eu não me reconheço mais nas memórias com o James. Eu era outra pessoa e agora eu estou lentamente me lembrando de quem eu realmente sou. Eu posso ser livre de novo. Eu não preciso mais cuidar com tudo que eu digo, não preciso mais me preocupar com o que ele está pensando ou sentindo para só então decidir como eu vou agir. Eu posso ser eu mesma.

E agora que eu estou sendo preenchida de novo, é como se alguém finalmente estivesse me fechando depois daquela necropsia horrorosa do dia que eu me despedi do James em Londres.

O timer toca avisando que o tempo de incubação das células chegou ao fim e, conseqüentemente, o nosso intervalo também.

- Oba! Agora chegou a melhor parte - Melanie diz animada. - Vamos?

- Sim - eu respondo com a mesma animação dela e voltando para dentro da minha bolha de felicidade sigo a Melanie de volta ao laboratório.